

9  
2 29-56

# ANNUARIO

DO

# ENSINO

DO

# ESTADO DE S. PAULO

-----

PUBLICAÇÃO ORGANIZADA  
PELA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA, COM  
AUTORIZAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO

-----  
1.º VOLUME  
-----



1917

SÃO PAULO

# RELATORIO

APRESENTADO AO

Exmo. Snr. Dr. Secretario do Interior

POR

Oscar Thompson

DIRECTOR GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA



SÃO PAULO

Nas zonas Oeste e Noroeste, cuja população rural é, na sua grande maioria, descendente de estrangeiros, a principal preocupação da escola deve ser o ensino da língua, como primeiro factor de assimilação, e o conhecimento dos homens e da terra brasileira. Ainda mais: — a educação dos alumnos anormaes deve ser iniciada immediatamente, não como uma mera questão de ensino, mas para solução de um problema economico, quiçá, ethnico, pois o alumno anormal, quando homem feito, irá augmentar a despesa publica com a manutenção das cadeias, dos manicômios e dos asylos, se não fôr, em tempo, convenientemente educado. Socorrido, porém, no momento opportuno, transformado em normal, elle se intregará, como elemento de ordem e de progresso, na communhão social. A feição, pois, do actual Anuario, será inteiramente nova, sob os aspectos já descriptos. Do proximo anno em diante, vae elle iniciar a critica dos trabalhos das nossas escolas e dos nossos professores. Começará por apontar quaes os professores dedicados e quaes as escolas que estão na altura do nosso progresso educativo; e, da mesma maneira, publicará a relação das escolas de cada zona escolar que não satisfizeram á sua missão, por culpa do respectivo professor. Assim procedendo, não terá o Anuario o fito de condemnar, para sempre, os professores relapsos, mas de chamar, publicamente, a sua attenção, para o cumprimento de seus deveres, afim de que elles se modifiquem e se tornem optimos elementos do nosso apparelho educativo.

Infelizmente, este anno, a Directoria da Instrucção Publica não está aparelhada para dar publicidade a esse trabalho, que pretende iniciar no anno proximo.

A inspecção das escolas, realizada o anno passado, foi, apesar de algumas lacunas, satisfactoria. Para isso, dividiu-se o Estado em 18 zonas escolares, sendo confiada a inspecção de cada uma a um inspector.

Devido a molestia grave, o inspector Carlos Gallet esteve afastado, durante todo o anno, do exercicio do cargo. Os inspectores Benedicto C. Côrte Brilho, Arnaldo de O.

pelos srs. inspectores escolares, em 1917.

mappas exhibidos mensalmente)

COMISSÕES										Observações
Em escolas normaes	Em grupos escolares e escolas reunidas	Em escolas isoladas	Em escolas particulares	Em camaras municipais	Em visitorias de predios	Em syndicancias ou em processos	Em elaboração de pareceres e informações	Comunicações apresentadas	Servicos diversos	
—	3	—	—	—	1	1	43	11	4	
—	12	—	2	—	—	1	23	1	—	
—	1	—	—	—	—	1	41	1	1	
—	3	—	1	9	2	3	74	6	4	
—	9	—	—	5	—	3	39	—	5	
1	8	10	—	5	—	6	108	20	23	
1	1	—	1	1	4	—	42	2	—	
—	1	2	1	1	2	3	57	—	1	
—	8	—	—	—	3	—	43	9	—	
—	11	2	31	19	—	—	23	2	1	
1	8	3	1	21	2	7	97	12	44	
3	2	1	—	2	2	5	20	5	8	
5	8	—	—	—	—	6	12	1	8	
1	2	1	1	1	—	2	38	7	7	
2	2	2	1	—	—	1	14	3	—	Exerce o cargo em comissão
—	9	9	8	12	1	6	67	41	4	
—	7	1	3	3	4	6	65	4	6	
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Em gozo de licença durante o anno
1	5	5	1	—	4	—	13	8	4	Deixou o cargo em Setembro.
—	3	—	—	—	—	3	40	—	—	Deixou o cargo em Julho.
—	3	1	—	—	—	—	9	4	—	Deixou o cargo em Maio.
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Deixou o cargo em Março.
15	96	37	51	79	25	54	868	137	120	

Durante o anno de 1917, manteve o Estado 170 Grupos Escolares (inclusivè 3 escolas-modelo) dos quaes 30 na Capital e 140 no interior, com a matricula de 99.249 alumnos, inclusivè 182 alumnos do Jardim da Infancia.

Funcionaram, na Capital, em dois periodos, 27, e, em um periodo, 3 Grupos; no interior, 93 em dois periodos e 47 em um periodo.

O total de classes nos 110 Grupos foi de 2.339, e a matricula de analphabetos attingiu á cifra de 34.800 alumnos.

O Seminario das Educandas teve a matricula de 100 alumnos e o Instituto Disciplinar de 184.

Dos 187 municipios do Estado, 113 são dotados de um ou mais Grupos Escolares, conforme a densidade da população. O numero de classes varia de 8 nos menores e de 42 nos maiores. Em 74 municipios, ainda não foram installados Grupos Escolares.

A matricula nas escolas do Patronato Agricola foi de 3.647 alumnos.

O numero de escolas reunidas foi de 16, com 82 classes, e 10 funcionaram na propria séde do municipio e 6 em districtos de paz. A sua matricula foi de 3.068 alumnos.

O numero de escolas isoladas, diurnas e nocturnas, de séde e de bairro, foi de 1604, com a matricula de 55.767 alumnos e o numero de analphabetos de cerca de 16.730.

Não houve no Estado, em 1917, municipios sem escola. 567 escolas particulares tiveram a matricula de 47.657 alumnos. As municipaes de 12.533.

A matricula nas escolas primarias publicas e particulares do Estado foi de 222.205 alumnos e de 229.543 em todos os estabelecimentos de ensino.

**Movimento de papeis na portaria durante o anno de 1917**

Papeis entrados . . . . .	9111
Officios expedidos . . . . .	2304
Cartas expedidas. . . . .	2696
Circulares. . . . .	1198
	<hr/>
	15.309

**Publicações expedidas**

Modelo de lições . . . . .	120
Orientação do Ensino . . . . .	350

Palestra de Parker . . . . .	10
Collectanes das Aves . . . . .	14
Arte de Ensinar . . . . .	4
Como ensinar leitura e linguagem. . . . .	756
Educação das crianças anormaes . . . . .	131
Decreto «2005» . . . . .	125
Relação de livros adoptados . . . . .	45
Musica pelo methodo analytico . . . . .	2
Programma para admissão ás Escolas Normaes . . . . .	580
Regimento interno nos Grupos Escolares . . . . .	122
Hymnos escolares. . . . .	15
Regulamento das escolas de bairro . . . . .	5
Memorias de um burro . . . . .	15
Collecção de publicações . . . . .	32
» » » completas . . . . .	6
Laboratorio de pedagogia experimental . . . . .	8
Programmas do curso da Escola Normal . . . . .	18
» de grupos escolares e modelos . . . . .	298
Estudo da Natureza nas escolas. . . . .	36
Annuario do Ensino. . . . .	635
Consolidação das Leis do Ensino . . . . .	25
Manual do Escoteiro (Baden Powell). . . . .	200
Constituição Federal. . . . .	24
Don't . . . . .	24
Hygiene Escolar e Pedagogica . . . . .	196

Terminando estas informações, cumpre-nos agradecer-vos a honrosa confiança que em nós depositastes encarregando-nos de dirigir os serviços da Instrução Publica no Estado de S. Paulo, certo de que, assumindo esse cargo, no dia 10 de Maio, procuramos, desde então, com todo o esforço e lealdade, pôr em execução os vossos planos e idéas, maximè no que toca á fiscalização dos nossos estabelecimentos de ensino, augmento de matricula e a outras questões de alta importancia pedagogica, sendo que algumas foram plenamente resolvidas e outras apenas estudadas, como se verá adeante, pela exposição que fazemos.

Cumpre-nos ainda scientificar-vos de certos assumptos para os quaes mais de uma vez chamastes a nossa attenção. Não tivemos absolutamente tempo para os estudar, tal a complexidade dos serviços a nosso cargo.

E' de justiça declarar-vos o nosso reconhecimento pela cooperação intelligente e efficaz prestada por todos os inspectores escolares, que envidaram o maximo de esforços para que nossa tarefa estivesse na altura dos vossos desejos. Não devemos deixar tambem de agradecer a cooperação do sr. Francisco Antunes da Costa, secretario desta Repartição, e de seus auxiliares, pela diligencia que puseram em servir-nos. Finalmente, ao sr. dr. Vieira de Mello, chefe da Inspeção Medico-Escolar e aos seus dignos auxiliares as nossas congratulações pela orientação que estão dando ao serviço que lhes compete.

Attenciosas saudações.

OSCAR THOMPSON.

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1917.

# RELATORIO

Apresentado ao

Exmo. Sr. Dr. SECRETARIO DO INTERIOR

---

## **DA ESCOLA NOVA**

A escola nova, como primeira das condições de efficiencia educativa, que lhe compete, no preparo e formação de um individuo feliz, deve cuidar da sua personalidade physica. Mas não basta conservar sã a parte somática do educando — importa mais curar o que a tem imperfeita ou apresenta tendencias para a imperfeição.

Infelizmente, o papel da actual escola, no que diz de perto com a sua funcção sanitaria, não é ainda tão amplo, como houvera mister. Urge, pois, sejam abandonados os estreitos moldes da hygiene escolastica vigente e substituida a familia nos cuidados com a saude das crianças; e este escopo só o conseguirá a escola nova, quando, para cada grupo de educandos, dispuser de um medico vigilante, com todos os modernos recursos á mão, para os applicar, e, depois do indispensavel estudo individual, separá-los em classes distinctas de individuos robustos, doentes, fracos e debeis. Dest'arte, em grupos homogeneos, serão mais facilmente adaptados programmas especiaes, exercicios adequados, lições ao ar livre, passeios, etc., e estadia em colonias de ferias.

De par com os cuidados medicos, dedicará a escola tempo sufficiente, em campo aberto ou coberto, mas em absolutas condições de propriedade e hygiene, a todos os jogos desportivos moderados, que redundem em beneficio do robustecimento physico, tudo perfeitamente conjugado com methodos de ensino que não fatiguem ou enfadem; com disciplina magistral, baseada numa austeridade amavel, que faça que o educando veja no educador um companheiro de estudos. Dentro destas normas, proporcionará a escola saude ao educando, sob a condição, porém, de ensinar-lhe a mantê-la, o que conseguirá com a diffusão de preceitos de hygiene, e, principalmente, dos ensinamentos da puericultura, que porão — estamos certos — um dique á mortalidade infantil, a qual concorre para a nossa estatistica demographo-sanitaria com uma grande cifra annual.

A saude physica será, pois, uma das preoccupações da escola nova, que empresta da antiga civilização grega o velho lemma — *mens sana in corpore sano* — para seu labaro.

Tão verdade é o que estamos expondo, que o Governo do Estado, pela Lei n.º 1541, de 30 de Dezembro, de 1916, remodelou a inspecção medico-escolar, de maneira a que ella se collocasse á altura das exigencias do que entendemos por escola nova.

Fez esse departamento do serviço publico, durante o anno que hoje finda: na Capital, 545 visitas a escolas publicas, 273 a escolas particulares, 47 a collegios e internatos, 1.998 a salas de aula, 155 a dormitórios, 11.795 inspecções medicas geraes, 5.421 exames medicos individuaes, 1.478 vaccinações contra a variola, 9.680 revaccinações, 1.188 prelecções sobre hygiene individual, collectiva e pedagogica, sendo expedidos, em igual periodo, 4.384 boletins medicos, 1.582, boletins dentarios, 23 intimações para melhoramentos em estabelecimentos escolares, e determinadas 63 evicções de alumnos affectados de molestias transmissiveis.

No interior — 64 municipalidades já conseguiram organizar a inspecção medico-escolar subordinada á Inspectoria congenere da capital, e cerca de vinte municipalidades trabalham por que possam, no anno proximo, entregar-se á mesma tarefa.

Segundo os dados que vieram do interior, foram feitas 270 visitas a escolas publicas; 3 a escolas particulares; 542 a salas de aula; 8.817 inspecções medicas geraes; 2.578 exames medicos individuaes; 2.181 vaccinações contra a variola;

2.569 revaccinações; 187 prelecções sobre hygiene individual, collectiva e pedagogica, sendo expedidos 256 boletins sanitarios e 5 intimações para melhoramentos em estabelecimentos de ensino e determinadas 19 evicções por molestias transmissiveis.

A inspecção medica estabeleceu, nesta Capital, cinco dispensarios dentarios gratuitos, que trabalham, diariamente, cuidando da hygiene da boca, inclusivè da obturação dos dentes.

No interior, com o mesmo fim, installaram-se identicos dispensarios nos seguintes Grupos Escolares: Brodrowsky, Amparo, e Parahybuna, estando em via de installação um na Escola Normal de Pirassumunga, doado pela Municipalidade.

Sendo frequentes, nesta Capital, os casos de amigdalites e de vegetações adenoides, que, como se sabe, perturbam, extraordinariamente, o desenvolvimento physico e mental das crianças, instituiu, tambem, a Inspecção Medico-Escolar o dispensario "Maria Theodora Arantes", a cargo do dr. Schmidt Sarmento, que, gratuitamente, trata e opera as crianças affectadas daquellas molestias.

A Inspectoria Medico-Escolar está constantemente preocupada com serios estudos de hygiene e enfermidades infantis, devendo, dentre estas ultimas, destacar-se a hiperplasia da thiroide ou bocio, pela influencia que esse estado morbido pode exercer sobre o desenvolvimento intellectual e physico do escolar. A frequencia dessa affecção, entre nós, despertou a attenção da Inspectoria e tem constituido assumpto de estudo no dispensario "Maria Theodora Arantes", não se havendo chegado, porém, até o presente, a qualquer conclusão positiva acerca da sua causa.

E' pensamento, ainda, da Inspectoria ampliar os serviços clinicos do dispensario "Maria Theodora Arantes" no Grupo Escolar «Prudente de Moraes», transformando-o numa polyclinica, onde os escolares pobres, affectados desta e de outras enfermidades, possam ser tratados convenientemente, e se façam os estudos decorrentes, com rigor scientifico, para que correspondam a uma aspiração social, aos fins da escola nova.

Com o ideal de saude, a escola nova deve formar o espirito, não como outrora, sómente através da intelligencia, mas pela cultura simultanea da intellectualidade, da sentimentalidade e da volição.

A escola actual ainda ensina a todos a mesma coisa. Todas as vergonteas humanas são collocadas no mesmo nivel,

e sua maxima preocupação é instruir. Nestes ultimos tempos, porém, um impulso novo tenta alargar os horizontes da escola, cujo fim principal é dar á sociedade um homem que seja util a si proprio e e aos seus semelhantes.

Accresce, que, na escola actual, a instrucção se dirige á collectividade, e, por isso, continua ella a desconhecer a alma da criança e as suas tendencias, tornando-se-lhe, assim, impossivel dirigir a sua actividade individual e social.

Além disso, a intelligencia, o sentimento e a vontade—velho trinomio psychico—são não faculdades distinctas e independentes:—estão intimamente ligadas no remate do homem moral, intellectual e autonomo. Quaesquer lições sobre esta ou aquella disciplina não se dirigirão, como outrora se suppunha, separadamente para a intelligencia, para o sentimento ou para a vontade. Não se pode tripartir, a bel-prazer, o espirito do educando para lhe desenvolver, de-per-si, cada uma das partes. Verse sobre que versar, ha-de a lição influir, com mais ou menos peso, sobre aquelle trinomio. Ninguem será jamais capaz de desenvolver uma das partes psychicas do educando, pondo de lado as outras duas. Assim procedendo, terá para o educador a lição outra importancia e para o educando outro valor:—será, ao mesmo tempo, desejada, sentida e instructiva. A ordem, na classe, far-se ha naturalmente; a vivacidade substituirá a monotonia e a falta de attenção; e a ansia de aprender será a suprema aspiração de todos os espiritos.

Na classe considerada hoje homogenea, ou melhor, perfeitamente igual em preparo, não seremos capazes de encontrar dois tipos em condições psychicas identicas.

Como, pois, estabelecer uma bitola uniforme para a direcção de todos?

A acção do educador ha de ser adaptada a cada um, porque proceder de outra maneira é ir de encontro á natureza psychica do educando. Respeitando-se este factor de absoluta preponderancia, desaparecerão das classes os indisciplinados, as frequentes notas más, que mais irritam do que corrigem; as reprovações, que mais desabonam o mestre do que o alumno. O mestre versado na moderna psycho-pedagogia ha de conseguir verdadeiros milagres com os seus alumnos:—em vez de apresentar, no fim do anno lectivo, como tropheu do seu preparo, grande numero de reprovados, que nada, portanto, aproveitaram do seu ensino, approvará em massa a classe, porque, conhecendo, individualmente, os alumnos, cuidou, em

tempo, de sanar lacunas do seu espirito, de substituir ou corrigir, em cada um, as falhas da natureza e de descobrir-lhes a vocação.

E' que da educação vocacional ainda se não preoccupa a actual escola, que deixa tudo á discricção da familia, senhora de proceder, communmente, e com certa estreiteza, á escolha da profissão do filho. Eis a causa de desillusões, disequilibrios, descontentamentos de profissão, de lutas sociaes e outras difficuldades que, a todo o momento, servem de entrar o progresso da sociedade e fazer infeliz o homem.

Muito ao contrario, pensará a escola nova na educação individual, porque se lhe impõe, em primeiro lugar, o estudo da criança, para a sua posterior educação; porque se lhe recommendará, em summa, que sonde e cultive a sua vocação por todos os meios possiveis.

Não poderá, pois, essa escola deixar de proceder ao estudo da criança na sua manifestação mental, na sua potencia de imaginação, na sua força de juizo, no seu dynamismo intellectual, nos seus pendores. Sem este estudo, não poderá o educador conhecer os typos de educandos, nova bussola do ensino novo.

Esse estudo deverá ser feito gradualmente, proporcionalmente, do primeiro ao ultimo dia de aula, sem interrupção, com o mesmo methodo para todos, como manda a psychologia individual.

## DOS PROGRAMMAS

A maneira de executar os programmas escolasticos constitue outros tantos meios psychologicos de investigar a natureza da mente do educando. Programmas não fazem mestres nem escolas, pois optimo programma de ensino pode ser pessimamente executado, assim como deficiente programma brillantemente desenvolvido. O segredo pedagogico está no maior ou menor preparo do mestre e no seu methodo de ensino. O programma tem de adaptar-se a cada alumno, segundo o seu typo. Variando os typos, naturalmente deve o mestre moldar a execução do programma a cada um del'es. Só assim será elle entendido, sentido, e, portanto, executado para todos os alumnos, indifferentemente.

Quem é tudo em educação, diz Vasconcellos (Lição de Pedologia e Pedagogia, pag. 11), é a criança; é o seu conhecimento que deve ser aprofundado. O melhor programma só

dará resultados quando a maneira de o ensinar se adaptar ao espirito, ao typo mental e physico do alumno. E' por isso que o melhor professor será aquelle que melhor conhecer os seus alumnos. Hoje, em todos os países, procura-se subordinar os methodos e os programmas de ensino, assim como a habilitação dos professores, ás necessidades individuaes physico-psychicas da criança. Assim, pois, a execução do programma, é o primeiro passo para dirigir, de modo proveitoso, os trabalhos psychicos de cada alumno. Mas o temperamento intellectual do alumno pode apresentar quatro typos diversos. E' sabido que, sob o tecto da mesma sala, educadas pelo mesmo mestre, vivem, numa doce garrulice, crianças que mais se impressionam e melhor assimilam as lições, quando estas, de preferencia, ferem as suas vistas—são os typos visuaes; outras, porém, se commovem, mais profundamente, com os sons; conservam, com mais facilidade, aquillo que ouvem—são os typos auditivos. Nessa mesma sala, banhada de muita luz e de ar puro, ha os que mais encanto, mais prazer encontram no trabalho intellectual, que demanda movimentos—são os typos motores. E, por ultimo, os indifferentes, que se subdividem em dois grupos:—o dos fortes, que é, ao mesmo tempo, visual, auditivo e motor, em alto grau, desenvolvendo-se sempre, harmonicamente, o qual constitue o melhor especime de alumno, devido á versatilidade de seu espirito; e o dos fracos, antithese do primeiro, dotado de intelligencia sem colorido, alheio a tudo e a todos—grupo este formado pelos insufficientes.

Como, pois, desenvolver o programma de ensino uniformemente para alumnos de temperamento intellectual tão diverso? Basta citar um exemplo, para demonstrar, á evidencia, que a execução do programma varia segundo esses grupos. Assim, no ensino da leitura aos analphabetos, o grupo de indifferentes fortes aprenderá a ler com muito mais facilidade, e, portanto, em menos tempo, do que os visuaes. Estes levarão vantagens sobre os auditivos, sobre os motores e sobre os insufficientes. Até os processos de ensino para a execução do programma devem estar de accôrdo com o temperamento intellectual de cada um, muito embora se esforce o professor, empregando todos os meios possiveis para que os alumnos de todos esses grupos se aproximem dos chamados indifferentes fortes.

E' sabido ainda que, nalguns educandos, a associação de idéas se opera por contraste; noutros, por processo logico.

Os primeiros são os fantasistas, que, quando possuem alto desenvolvimento sentimental, mais pendor revelam para as artes, em geral. Os segundos, são os logicos — os que procuram sempre os efeitos das causas. Por que não satisfazer o professor, na execução do programma, a estas manifestações?

Sob o ponto de vista imaginativo, encontram-se entre os alumnos os de imaginação reproductora, isto é, o typo mnemonicico, cujos vôos não se levantam além da esphera onde se lhes deram modelos ao estudo:—são alumnos, cuja intelligencia não passa de um disco phonographico ou de uma chapa photographica, isto é, meros reproductores do que viram ou ouviram; e constructores fantasticos, de imaginação viva, prompta, devaneadora:—seus trabalhos tem sempre notas pessoas e o cunho de sua individualidade. Uns e outros não sentirão da mesma maneira o programma. Os primeiros, limitar-se hão, exclusivamente, á sua reproducção; os segundos, darão mais amplitude á parte do programma explicada pelo mestre.

No campo do sentimento concreto, pode o alumno ser egoista ou altruista: manifesta-se exaltivo, quando é impressionavel, vivaz, ardente o seu espirito; euphorico, se vê tudo roseo e está sempre contente; bonachão, que a tudo se adapta, tudo lhe corre bem, nada o incommoda: depressivo, se é um timido, um melindroso, um taciturno.

Em sua relação com a intelligencia, o sentimento assume formas varias. Assim, pode ser logicó e estheticó.

Que são os grandes estadistas, os jurisconsultos, os sociologos, senão vigorosas intellectualidades servidas por grandes sentimentos?

E não é, sómente, na alta esphera intellectual que se encontram esses espiritos. A criança, que tem methodo e ordem na vida, destina tempo para estudos e folguedos; traz, constantemente, bem disposto tudo quanto lhe pertence—é um typo logico. O operario, que, no exercicio da sua profissão manual, divide o tempo para attender ás suas diversas occupações, e trata, com igual carinho e desvelo, todos os pormenores do seu mister, é dotado de espirito logico. O estheticó tem o seu sentimento voltado para as artes. Fora da arte, nada, nada lhe é grandioso nem majestoso. Para estes, a execução do programma deve merecer do mestre o maximo cuidado, afim de não perturbar tão bellas características do espirito, que revelam individuos destinados a representar grandes papeis na sociedade.

Organizada a comissão, deverá ella, por intermedio do Director Geral do Ensino, enviar um officio á Associação Brasileira de Escoteiros, communicando-lhe a installação e funcionamento, afim de ser considerada entre as filiaes que constituem aquella associação directora.

As demais providencias referentes ao proseguimento dos trabalhos de definitiva organização do escotismo escolar, deverão obedecer ás instrucções constantes do «Manual do Escoteiro» e a outras que, opportunamente, vos serão enviadas por esta Directoria Geral.»

Distribuimos, tambem, por todos os directores dos Grupos Escolares, o «Manual do Escoteiro», de Baden Powell, e instrucções impressas sobre a sua organização, sobre a maneira de os nossos Grupos Escolares e Sociedades do interior se filiarem á «Associação Brasileira de Escoteiros.»

Por sua vez, os srs. inspectores escolares, com todo o entusiasmo e empenho, puseram-se á frente, nos nossos municipios, das Sociedades já organizadas e das que estavam em organização, afim de lhes dar um cunho definitivo.

Noutras cidades, onde a idéa ainda não havia chegado, trataram elles, directamente, da organização de associações de escoteiros, de maneira tal, que, em todas as localidades do interior, foram estabelecidas associações deste genero, nas quaes esta Directoria muito confia.

Está tambem em estudo a organização da Associação Brasileira de Escoteiras, a cuja frente se acha a distincta senhorita paulista, d. Maria Guedes Penteadó, auxiliada por Miss. Crampton.

Demos tambem conhecimento aos directores dos nossos estabelecimentos de ensino da seguinte circular:

(Da Secretaria Geral da Associação Brasileira de Escoteiros)

São Paulo, 26 de Setembro de 1917.

Ref. - 1103.

Ao Illmo. Sr.

Dr. OSCAR THOMPSON,

DD. Director Geral da Instrução Publica do Estado de São Paulo.

CAPITAL

Illmo. Snr.,

A «Associação Brasileira de Escoteiros», por meu intermedio, vem consultar essa Directoria se, no intuito de unifor-

mizar e coordenar todos os trabalhos que por ella tão proficuamente estão sendo desenvolvidos em favor do escotismo, seria possivel transmittirem-se a todos os directores e professores do corpo de ensino publico, por meio de circulares, as seguintes instrucções, relativas á organização e funcionamento de agrupamentos de escoteiros:

1.<sup>a</sup>)— Os agrupamentos de escoteiros deverão ser formados com estricta observancia das instrucções contidas nos nossos Estatutos, especialmente das que se referem á remessa immediata das actas das assembléas, em que se decidir a sua formação, seguida dos pedidos de filiação da comissão, dos escoteiros inscriptos e acompanhada da lista de nomes dos directores eleitos;

2.<sup>a</sup>)— Nenhum agrupamento poderá receber denominações differentes das de *Commissões Regionaes* ou *Commissões Districtaes*, segundo a cidade em que se der a fundação do agrupamento já existir ou não qualquer trabalho regularmente constituido nesse sentido, sendo que, no caso de *Commissões Districtaes*, estas deverão reunir-se ás *Commissões Regionaes*, com as quaes manterão correspondencia, devendo estas, por sua vez, corresponder-se com a «Associação»;

3.<sup>a</sup>)— Para a formação, inscripção e funcionamento de *Commissões Regionaes* ou *Districtaes* deverão ser observadas, estrictamente, as instrucções contidas nos nossos folhetos de inscripção de commissões;

4.<sup>a</sup>)— Para a inscripção de escoteiros deverá igualmente ser dada rigorosa observancia ás instrucções contidas nos folhetos de inscripção de escoteiros;

5.<sup>a</sup>)— Os fardamentos de escoteiros são exclusivamente fornecidos pelo Conselho Superior da A. B. E., isto, não só no intuito de uniformidade, como ainda no do menor custo do material;

6.<sup>a</sup>)— Os trabalhos praticos do escotismo deverão obedecer ao seguinte criterio:

Toda a direcção technica, em qualquer ponto do Estado, ficará subordinada ao Director Technico Geral, tenente-coronel Pedro Dias de Campos;

São considerados sub-directores technicos todos os inspectores escolares;

São considerados sub-directores technicos regionaes todos os directores de Grupos.

São considerados mestres-escoteiros todos os professores;

Onde não houver Grupos, os professores isolados serão mestres-escoteiros regionaes, subordinados aos sub-directores technicos regionaes, de accôrdo com a divisão escolar.

Estes instructores voluntarios, tirados do apparelho escolar, dividirão a sua tarefa com os commandantes de destacamento de cada cidade, a cujo cargo ficará a instrucção technica relativa a evoluções em conjunto, gymnastica sueca, «box», signaes, jogo de pau, etc.

Além dos instructores voluntarios, tirados do apparelho escolar, as *Commissões Districtaes* ou *Regionaes* poderão admitir outros que não pertençam ao referido corpo, visto como é intuito da A. B. E. dar a maior elasticidade possível á organização e instrucção do escotismo. Todos, porém, ficarão subordinados á Directoria das *Commissões Regionaes*, existentes ou que se fundarem.

A parte administrativa das *Commissões Districtaes* ou *Regionaes* caberá ás pessoas gradas que forem eleitas para a Directoria.

Assim, em synthese, os trabalhos ficarão distribuidos da seguinte forma:

a) — Parte technica relacionada com a pedagogia, a cargo de professores;

b) — Parte technica, relacionada com a educação physica, movimentos de conjunto, etc., a cargo dos commandantes de destacamento;

c) — Parte administrativa (Recursos, propaganda, etc.), a cargo das Directorias.

7.<sup>a</sup>) — O Conselho Superior da A. B. E. chama especialmente a attenção para os seguintes pontos:

*Politica e Religião — Manifestações pessoas* — A «Associação Brasileira de Escoteiros» é inteiramente alheia a qualquer corrente politica ou religiosa, podendo, por conseguinte, a ella se filiar — sem distincção alguma — individuos de quaesquer crenças, quer politicas, quer religiosas.

Outrosim, nenhuma distincção deve ser estabelecida entre os seus membros pelo facto de pertencerem a esta ou

aquella corrente de pensamento politico ou religioso, pois, no seu seio, jamais devem ter guarida questões referentes a estes dois assumptos.

Não haverá tambem distincção de côres ou meios de fortuna, sendo que a unica distincção deve derivar do merito individual de cada escoteiro, por suas qualidades de caracter.»

«Torna-se tambem indispensavel a abstenção completa de manifestações individuaes, especialmente ás pessoas de quem os escoteiros puderem depender para qualquer assumpto, visto como o escoteiro deve cultivar com carinho a independencia de caracter e a altivez.

Faz-se necessario todo o desvelo pela educação civica dos moços. As *Commissões Regionaes*, sem exercer a mais ligeira insinuação quanto á forma pratica de cumprir os seus deveres civicos nem quanto a preferencia de partidos, devem chamar constantemente a attenção dos jovens, para o inilludível dever que teem de exercerem os seus direitos como cidadão e de cumprirem as suas obrigações para com a Patria.»

*Doações* — As doações feitas por particulares ou pelos poderes publicos devem sê-lo em nome das *Commissões Regionaes*.

*Exercicio de tiro* — Os exercicios de tiro devem ser praticados somente pelos escoteiros maiores de quinze annos.»

## INSTRUCÇÕES GERAES

a) — Serão tomadas medidas, tendentes a organizarem-se os horarios, de modo que os escoteiros possam concilliar os deveres que teem fora da «Associação» com aquelles a que estão sujeitos como seus membros;

b) — Os horarios de exercicios e trabalhos serão organizados de maneira que os escoteiros possam cumprir os seus deveres de religião, suas tarefas escolares e obrigações de trabalho;

c) — Cumpre frisar que a A. B. E., embora neutra e estranha a assumptos, que não sejam os prescriptos pelos seus Estatutos e regulamentos internos, não é absolutamente hostil ou prejudicial a esses assumptos, que, na maioria dos casos, podem constituir deveres dignos de todo respeito e acatamento;

d) — Embora neutra — e não hostil ou prejudicial — com referencia a taes assumptos, a A. B. E. não limitará o seu

acatamento por esses deveres, senão dentro dos limites es-  
trictos, para que só aquelles que sincera e lealmente queiram  
cumprir obrigações estranhas aos seus propositos, possam  
cumpri-los.»

Reaffirmando a V. Exa. os nossos já reiterados protestos  
de elevada estima e distincto apreço, somos, attentiosamente,

De V. Exa.

Cr.º Att.º e Ob.º

*Mario Cardim.*

No proximo anno, o sr. Col. Pedro Dias de Campos,  
instructor geral dos escoteiros, pretende executar, em todo o  
Estado, o programma abaixo:

#### ESCOTEIRO NOVIÇO

Em seguida á inscripção, que será feita pelo preenchi-  
mento das formalidades regulamentares, o escoteiro noviço  
será incorporado, passando a ser instruído de accordo com o  
seguinte programma:

- 1.º Responder, satisfactoriamente, por que deseja ser  
escoteiro;
- 2.º Reptir, de cór, o juramento e o Codigo do esco-  
teiro, sabendo explicá-los, claramente;
- 3.º Repetir e explicar a divisa do escoteiro (Sempre  
Alerta!);
- 4.º Explicar a origem e a significação do emblema do  
escoteiro (flôr de lirio);
- 5.º Conhecer as differentes peças que constituem o  
uniforme do escoteiro;
- 6.º Conhecer as insignias dos escoteiros graduados;
- 7.º Conhecer os signaes de reconhecimento do esco-  
teiro: tres dedos extendidos e o aperto de mão. Explicar  
quando deve usá-los;
- 8.º Saber de cór o Hymno Nacional, o Hymno á Ban-  
deira e a Canção do Escoteiro;
- 9.º Conhecer a historia da bandeira nacional e a sig-  
nificação das armas da Republica;

10.º Conhecer a Chorographia elementar do municipio  
a que pertencer o noviço (superficie, população, producção,  
exportação, commercio, etc.);

- 11.º Fazer tres especies de nós;
- 12.º Preparar e accender uma fogueira com vento forte;
- 13.º Escola individual do escoteiro; manejo do bastão;  
evoluções da escola de partido;

Satisfeitas estas provas, o noviço terá o direito de usar o  
uniforme-modelo da A. B. E., e prestar o juramento regulamentar.

A cerimonia do juramento do escoteiro noviço será mar-  
cada pela Directoria das Commissões Regionaes, de accôrdo  
sempre com o director tecnico, para uma data apropriada.

#### ESCOTEIRO DE 2.ª CLASSE

No correr do anno de 1918, para ser promovido á 2.ª classe,  
o escoteiro noviço deverá estudar o seguinte programma:

- 1.º Descrever, summariamente, a organização da A. B. E.;
- 2.º Conhecer os primeiros cuidados, em caso de acci-  
dentes. Aplicar ataduras. Socorros em caso de: desmaio;  
descarga electrica; fracturas; machucaduras; mau geito; esfo-  
laduras; queimaduras com fogo ou agua quente. Saber fazer,  
com bastões e lenços, uma maca para ferido;
- 3.º Indicar o cuidado que se deve ter com o canivete  
ou machadinho;
- 4.º Preparar e accender uma fogueira ao ar livre, não  
usando papel, e dispondo somente de dois phosphoros;
- 5.º Cozinhar 200 grammas de carne, e duas, batatas,  
dispondo apenas dos utensilios do escoteiro;
- 6.º Seguir uma pista de 800 metros em 25 minutos;
- 7.º Percorrer 2 kilometros em 15 minutos, no passo  
de escoteiro, (50 passos normaes, e 50 a correr, alternadamente);
- 8.º Conhecer a rosa dos ventos. Indicar rapidamente  
os pontos cardeaes;
- 9.º Orientar-se pelo sol, pela bussola, pelas estrellas, e  
pelos pontos de referencia;
- 10.º Indicar, com os signaes convencionados, a direcção  
a seguir, utilizando-se do carvão, giz, pedras, gravetos, etc.;
- 11.º Organizar um esboço (*grosso modo*) de um  
trecho de terreno;

12.º Conhecer regularmente o alfabeto «Morse», e os signaes com braços applicados ao semaphorema, enviando e recebendo, sem erro, uma mensagem simples, de dez palavras pelo menos;

13.º Jogo de Box;

14.º No jogo de Kim, depois de ter observado, durante um minuto, 24 objectos diversos, dispostos sobre uma mesa, recordar-se de 16 no minimo (ou pelo menos 2/3 de qualquer numero de 15);

15.º Improvisar abrigos, utilizando-se do tear de campo;

16.º Conhecer as vias de comunicação existentes no municipio e as de ligação com os municipios vizinhos; conhecer os rios e a direcção de seus cursos;

17.º Chorographia elemental do Estado a que pertencer o escoteiro.

18.º Economizar, desde a sua admissão, como noviço, uma quantia minima de 5\$000, a qual o candidato deverá provar estar depositada em uma Caixa Economica, exhibindo caderneta propria;

19.º Evoluções até a escola de pelotão.

#### ESCOTEIRO DE 1.ª CLASSE

Para ser promovido á 1.ª classe, o escoteiro de 2.ª classe aprenderá o seguinte programma:

1.º Praticar conhecimentos mais adeantados dos primeiros cuidados, em caso de accidentes. Indicar a maneira de prevenir o panico: de socorrer, em caso de incendio; de accidente por electricidade ou gas. Auxilio a prestar em caso de cavallo em disparada; cão hydrophobo; mordedura de cobra. Tratamento de luxação; perda dos sentidos; envenenamento; vertigem; apoplexia; insolação; etc.;

2.º Armar barracas e construir abrigos duraveis;

3.º Saber usar do machado para abrir uma acha de lenha ou executar qualquer trabalho de serra, carpintaria ou marcenaria, explicando o processo seguido. Fazer cair, em direcção determinada, uma arvore de 20 centimetros de diametro, no minimo;

4.º Preparar, ao ar livre, dois dos seguintes pratos ou seus equivalentes: arroz, ovos fritos, guisado á caçadora; ou esfolar e cozinhar uma caça;

5.º Ler, correntemente, uma planta carthographica e fazer um esboço topographico expedito, bem intelligivel;

6.º Reconhecer o Cruzeiro do Sul e mais tres constellações, no minimo;

7.º Reconhecer 10 especies de plantas e arvores pela casca, folhas, flôres, frutos ou cheiro; 10 especies de passaros ou aves do mato, pelas suas plumagens, cantos, rastos ou habitos; ou especie de animaes do mato pela sua forma, côr, grito, rasto ou habitos;

8.º Avaliar distancias, dimensões, quantidades, alturas, pesos, com erro inferior a 20 %;

9.º Nadar em rios de pouca profundidade;

10.º Percorrer 2 kilometros, em 10 minutos, e nadar 50 metros. (Se os banhos forem julgados prejudiciaes ao candidato, por declaração medica, poderá esta prova ser substituida por outra, a juizo do instructor);

11.º Dirigir-se, a pé, só ou em companhia de outro escoteiro, a um ponto distante 10 kilometros, e regressar por outro caminho, sempre que fôr possivel. Descrever, satisfactoriamente, o itinerario percorrido;

12.º Transmittir e receber, por meio do telegrapho «Morse», ou de signaes semaphoricos, pelo menos, 16 letras por minuto;

13.º Transmittir e receber, sem erro, uma mensagem de 25 palavras, por ambos os systemas;

14.º Fornecer provas satisfactorias de que tem posto em pratica, diariamente, os principios do juramento e Codigo do Escoteiro. Esta informação pode ser fornecida pelos proprios paes, tutores, professores ou collegas do candidato;

15.º Conhecer tudo que fôr referente á circulação monetaria do Brasil;

16.º Executar duas lições de pau, em conjunto;

17.º Executar as paradas, molinetes e os golpes de jogo de bengala;

18.º Executar duas lições de box em conjunto;

19.º Conhecer a organização da defesa Nacional: Marinha, Exercito, linhas de tiro, forças estadoaes, guarda nacional e reservas;

20.º Serviço militar obrigatorio;

21.º Conhecer, de cór, o artigo da Constituição da Republica que define os direitos e os deveres do cidadão brasileiro;

22.º Chorographia elemental do Brasil;

23.º Apresentar a qualquer commissão Regional ou Districtal um candidato preparado para as provas de admissão a noviço; este quesito só será satisfeito no caso de approvação do noviço;

Satisfeitas estas provas, o escoteiro de 2.ª classe passa a ser escoteiro de 1.ª classe, e recebe o emblema completo.

A instrucção dos noviços deverá obedecer ao programma abaixo.

A instrucção dos noviços da classe de aspirantes a escoteiro (8 a 11 annos), deverá ser pouco intensa, não se exigindo delles nenhuma prova de esforço physico ou de memoria, nem farão excursões a distancias maiores de quatro kilometros, comprehendendo ida e volta.

### Instrucção de Noviços

#### Programma — horario. 1.ª Serie

##### 1.ª LIÇÃO

Recepção e palestra do instructor com o noviço, afim de poder aquilatar o seu grau de instrucção geral, intelligencia e perspicacia.—Palestra sobre as vantagens do escotismo na educação da juventude; sobre as regiões do Brasil onde já existem grupos de escoteiros.

##### 2.ª LIÇÃO

###### 1.º Exercicio

Sentido. Descançar-Ordinario marcha! (decompondo os tres primeiros passos). Continencia a pé firme (decompondo).—Alinhamento numa fileira. (Primeiros principios).—Tomar distancia e reunir.—Posição da guarda para exercicio de box.—Gymnastica: Braços para a frente.—Braços para cima.

###### 2.º Exercicio.

Passo em frente, marcha!—Continencia a pé firme (decompondo.) A' direita (esquerda) alinhar!—Tomar distancia.

—Gymnastica: Braços para a frente e braços para cima.—Continencia individual a pé firme.—Alinhamento em uma fileira.

###### 3.º Exercicio.

*Responder, satisfactoriamente, por que deseja ser escoteiro.*

##### 3.ª LIÇÃO

###### 1.º Exercicio.

Sentido!—Descançar.—Direita (esquerda) volver!—Ordinario, marcha! (decompondo os tres primeiros passos).—Patrulha alto! (decompondo).—Tomar distancias!—Reunir!—Posição da guarda de box.—Braços para cima e pé direito para trás.

###### 2.º Exercicio.

Ordinario marcha! — Trocar passo! — Continencia individual a pé firme.—Braços para cima e pé direito para trás.—Continencia em marcha.—Direita (esquerda) volver, a pé firme! —Oitavo á direita (esquerda) volver, a pé firme.

###### 3.º Exercicio.

Fallar sobre os cuidados pessoas e hygiene.—Cuidado a dispensar ao calçado.

##### 4.ª LIÇÃO

###### 1.º Exercicio

Sentido! — Descançar! — Oitavo a direita (esquerda) volver!—Ordinario marcha! (decompondo os tres primeiros passos).—Patrulha, alto (decompondo).—Tomar distancias!—Passos de jogos de box.—Mãos aos hombros.

###### 2.º Exercicio.

Continencia individual e em marcha.—Direita (esquerda) volver, a pé firme.—Em linha, em uma fileira.—Reunir.—Debandar.—Reunir em duas fileiras, em lugares diferentes.—Tomar distancias.—Mãos aos hombros.—Meia volta, volver, a pé firme.—Modo de apresentar-se a um superior, quando chamado.

3.º Exercício.

Palestra sobre a significação de cada artigo do código do escoteiro.— *Repetir de cor o juramento e o código do escoteiro, sabendo explicá-los, claramente.*

5.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Ordinário, marcha! Trocar-passos. Patrulha-alto.— Meia-volta-volver (a pé firme e decompondo). — Box — Posição de guarda e passo. — Mãos aos ombros e direita volver.

2.º Exercício.

Alinhamento numa fileira. — Meia volta volver a pé firme. Continência individual e em marcha. — Tomar distâncias. — Mãos aos ombros e direita volver. — Ordinário, marcha. — Patrulha, alto. — Alinhamento numa fileira. Sentido. Descançar. — Continência em marcha.

3.º Exercício.

Palestra sobre o código do escoteiro e sua influencia na vida pratica. *Repetir e explicar a divisa do escoteiro «Sempre Alerta».*

6.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Revisão dos ensinamentos anteriores. — Passo ordinário. — Patrulha, alto (decompondo). — Meia volta volver (a pé firme) — decompondo. — Continência, a pé firme (decompondo). — Box. — Mudar de guarda. — Passos. — Mãos aos ombros e direita volver. Ensinar os signaes aos escoteiros. — Estação desviada.

2.º Exercício.

Meia volta volver, a pé firme. — Passos em frente e a retaguarda. — Oitavo á direita (esquerda) volver. — Tomar distâncias. — Mãos aos hmbros e direita, volver. — Estação desviada. — Alinhamento numa fileira. — Reunir em duas fileiras (debandar e reunir). Explicar aos escoteiros o que é inter-vallo e distancia; o que é fila e fileira.

3.º Exercício.

Palestra sobre a utilidade dos exercicios physicos. — Palestra sobre assumptos, á escolha do instructor.

7.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Passo ordinario. — Patrulha, alto (decompondo). — Alinhamento numa fileira. — Trocar passo — Tomar distancias. — Box. — Mudar de guarda — Passos. — Mãos aos ombros. Flexão do tronco para a frente e braços estendidos para baixo. Restabelecimento do tronco e mãos aos ombros.

2.º Exercício.

Passo ordinario. — Patrulha, alto. — Meia volta, volver, a pé firme. Continência em marcha. — Tomar distancias. — Mãos aos ombros. — Flexão do corpo para frente, para baixo e braços estendidos. — Restabelecimentos e mãos aos ombros. — Continência a pé firme (o instructor passando pelo grupo de noviços). Meia volta, volver, a pé firme. — Sentido descançar.

3.º Exercício.

Palestra sobre solidariedade entre escoteiros. — Auxilios que mutuamente se podem prestar. *Explicar a origem e a significação do emblema do escoteiro.* (Flôr de lirio).

8.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Passo ordinario (decompondo os tres primeiros tempos). — Marcar passo. — Patrulha alto (decompondo). — Continência a pé firme (decompondo). — Box. — Passos-mudar de guarda. — Braço para cima — estação desviada. — Braços para baixo e restabelecimento.

2.º Exercício.

Passo ordinario. — Trocar, passo. — Patrulha, alto. — Tomar distancias. Braços para cima e estação desviada. — Braços para baixo e restabelecimento.

3.º Exercício.

Palestra sobre o modo de o escoteiro se conduzir na sociedade.—Seu contacto com o publico. *Conhecer as diferentes peças que constituem o uniforme do escoteiro.* O que o escoteiro deve observar no uso das peças de panno e de couro.

LIÇÃO 9.ª

1.º Exercício.

Passo ordinario. — Patrulha, alto. — Sentido, descansar. — oitavo, á direita (esquerda) volver. — Direita (esquerda) — volver. Flexão do corpo para frente e para trás. — Box. — Passos, mudar de guarda. — Volver, á direita e á esquerda. — Revisão dos movimentos de gymnastica e ligação dos movimentos (decompondo).

2.º Exercício.

A' retaguarda marcha. — Oitavo á direita (esquerda) volver. — Meia volta, volver (a pé firme). — Tomar distancias. — Revisão dos movimentos de gymnastica e ligação dos movimentos (decompondo). — Passos para a frente e á retaguarda. — Repetir as explicações sobre o que é fila e fileiras, qual o intervallo e a distancia (como se obtem o intervallo entre dois escoteiros).

3.º Exercício.

*Conhecer as insignias dos escoteiros graduados.* Continencia a pé firme e em marcha.

10.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Meia volta, volver, a pé firme (decompondo). — Continencia a pé firme. Passos em frente e á retaguarda, individualmente. — Box. Passagem dos pés. — Reunião dos movimentos de gymnastica, na progressão ensinada.

2.º Exercício.

Passo ordinario. — Marcar passo. — Trocar passo. — Patrulha, alto. Apresentação ao superior (quando chamado).

Formação da primeira lição de gymnastica. — Meia volta, a pé firme (decompondo). Como deve proceder o escoteiro que tiver de fallar com um superior ou a elle entregar um objecto.

3.º Exercício.

*Conhecer os signaes de reconhecimentos do escoteiro: tres dedos estendidos e o aperto de mão. Explicar quando deve usá-los.*

Programma da 2.ª Serie

1.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Corrida de velocidade até 100 metros. Revisão dos exercicios anteriores (decompondo), contando; sem decompôr e contando; sem decompôr e sem contar. — Primeira lição de gymnastica.

2.º Exercício.

Coordenação de movimentos para formar as figuras da 1.ª lição de box.

3.º Exercício.

Saber de cór o Hymno Nacional, o Hymno á Bandeira. Palestra sobre as honras e continencias devidas á bandeira. — O que ella representa para os brasileiros.

2.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Accelerado, marcha (decompondo os tres primeiros passos), — Patrulha, alto. — Ordinario, marcha. — Meia volta, alto, (decompondo). — Meia volta, volver, (a pé firme). — Box. — Passagens dos pés. — Mãos aos hombros e estação desviada para trás; nesta posição, braços para cima.

2.º Exercício.

Alinhamento em uma fileira. — Ordinario marcha. — Marcar-passo. — Trocar passo. — Patrulha alto. — Meia volta alto. — Continencia em marcha. — Mãos aos hombros e estação des-

viada, braços para cima. — Alinhamento em uma fileira. — Reunir em duas fileiras. — Mandar numerar por patrulhas. — Debandar e reunir diversas vezes. — Continencia.

3.º Exercício.

Canção do escoteiro. — Palestras moraes e civicas desenvolvidas pelo instructor, assumptos á sua escolha.

3.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Meia volta alto (decompondo) — Direita (esquerda) volver, em marcha (decompondo). — Oitavo á direita (esquerda) — volver. — Continencia em marcha. — Box — extensão dos braços — Passagens dos pés. — A fundo, á frente e tomar a posição de mãos á nuca, curvando a perna esquerda.

2.º Exercício.

Accelerado marcha (decompondo os tres primeiros passos). Trocar passo no passo acelerado. — Passo em frente-marcha. — A fundo, á frente e mãos á nuca. — Explicar e mostrar a differença entre o passo ordinario, o passo de carga e o passo acelerado. — Fazer executar essas tres qualidades de passos. — Dar noções sobre a grandeza e cadencia dos passos.

3.º Exercício.

Palestras moraes e civicas. Assumptos escolhidos pelo instructor. *Conhecer a historia da bandeira nacional e a significação das armas da Republica.*

4.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Accelerado marcha (passar do passo ordinario ao passo acelerado e inversamente). — Ordinario-marcha. — Trocar passo. — Patrulha-alto. — Oitavo á direita (esquerda) volver. — Box — mudar de guarda, rotação dos braços para trás. — A fundo e á frente, girando sobre os calcanhares, e a fundo para a direita; movimento lateral de cada braço.

2.º Exercício.

Passar do passo ordinario ao passo de carga. — Reunir em duas fileiras. — Mandar numerar por patrulhas. — Debandar e reunir (repetir as explicações sobre fila, fileira, inter-

vallo e distancia). — Gymnastica. — A fundo e girar sobre os calcanhares, e a fundo, á direita, e movimento lateral de cada braço — Meia volta, direita (esquerda) volver em marcha. — Continencia a pé firme.

3.º Exercício.

Palestras sobre a bandeira e sobre o Hymno.

5.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Sentido, descansar. — Direita (esquerda) volver (a pé firme) Direita (esquerda) volver em marcha (decompondo) — Passo de carga. — Box: — socco de dorso de mão direita. — Os mesmos movimentos gymnasticos do exercicio anterior e restabelecimento, unindo o calcanhar direito ao esquerdo, e braços para a frente.

2.º Exercício.

Meia volta-alto e meia volta-volver em marcha. Em uma fileira (a direita e esquerda) alinhar. — Apresentação a superiores. — Repetir os movimentos de gymnastica do exercicio anterior. — Meia volta-alto e meia volta-volver em marcha. — Continencia a pé firme.

3.º Exercício.

*Chorographia elementar do municipio a que pertencer o noviço, superficie, população, producção, exportação, commercio, etc.*

6.ª LIÇÃO

1.º Exercício.

Direita (esquerda) volver em marcha. — Meia volta-volver (a pé firme). — Meia volta-volver em marcha (decompondo). — Passo de carga. — Movimentos respiratorios. — Box: — socco em cheio, golpe de pé baixo. — Os mesmos movimentos gymnasticos, retomando a posição de sentido.

2.º Exercício.

Accelerado marcha. — Trocar-passo. — Patrulha-alto. — Oblíquo a direita (esquerda) em marcha (decompondo). — Continencia em marcha. — Accelerado-marcha. — Patrulha-alto. — Trocar passo. — Marcar passo. — Tomar grupo de noviços,

á vontade, e passar por elles para verificar de que modo fazem a continencia. — Repetir os mesmos movimentos gymnasticos do exercicio anterior.

3.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Ensino do Hymno da Independencia; palestra sobre esse ponto historico; palestras moraes e civicas.

7.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Corrida de velocidade até 100 metros. — Revisão dos exercicios anteriores — decompondo e contando; sem decompôr e contando; sem decompôr e sem contar. — 1.<sup>a</sup> lição de gymnastica. — 1.<sup>a</sup> lição de box.

2.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Revisão dos movimentos das lições de gymnastica e de box.

3.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Exercicios de canto de Hymnos e Canções. — Explicação das letras dos hymnos.

8.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Oitavo a direita (esquerda) volver. — Accelerado marcha (trocar passo, meia volta-volver). — Continencia a pé firme. — Box: — soccos, golpe de pé baixo. — Unir os movimentos gymnasticos dois a dois, até final.

2.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Passos em frente e á retaguarda. — Alinhamento em uma fileira. — Unir os movimentos gymnasticos dois a dois até final. — Meia volta-volver a pé firme. — Continencia; os noviços formam grupos e o instructor passa por elles.

3.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Hymno da Proclamação. — Desenvolvimento desse ponto historico.

9.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Ordinario marcha. — Passo de carga marcha. — Accelerado marcha. — Gymnastica. — Box, exercicio preparatorio para

o golpe de pé alto. — Organizar a segunda lição de gymnastica.

2.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Direita (esquerda) volver em marcha. — Meia volta a pé firme. — Apresentação a superiores. — Organizar a 2.<sup>a</sup> lição de gymnastica. — Formar os noviços em duas fileiras e explicar praticamente as definições da escola de partido, filas, fileiras, intervallos, distancias, fracções.

3.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Canções de marcha dos escoteiros e palestras moraes.

10.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Direita (esquerda) — volver em marcha. — Meia volta-volver (a pé firme) Gymnastica. — Box. — Golpe de pé alto para flanco. — Fazer a segunda lição de gymnastica sobre as quatro faces.

2.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Ordinario-marcha. — Passo de carga-marcha. — Accelerado-marcha. — Fazer a segunda lição de gymnastica sobre as quatro faces. — Meia volta-volver a pé firme e em marcha. — Apresentação a superiores.

3.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Canto dos Hymnos e das Canções de marcha dos escoteiros. Palestra sobre escotismo.

Programma da 3.<sup>a</sup> Série

1.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Obliquo á direita (esquerda) — volver. — Meia volta-alto. — Apresentação a superiores. — Golpe de pé alto para o flanco. — Executar a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> lição de gymnastica.

2.<sup>o</sup> *Exercicio.*

Meia volta-volver em marcha. — Meia volta a pé firme. — Ordinario marcha. — Patrulha-alto. — Repetir passo ordinario,

passo de carga, passo acelerado. — Mostrar e mandar executar esses passos, dando explicações sobre a largueza e cadencia, etc.

3.<sup>o</sup> Exercício.

Fazer tres especies de nós. Preparar o noviço para a recepção no seio do partido.

2.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> Exercício.

Direita (esquerda) volver em marcha. — Meia volta-volver (a pé firme). — Gymnastica. — Box: exercicios preparatorios para o golpe de pé alto, golpe de pé alto para o flanco. Sentido. Braço-bastão; descançar.

2.<sup>o</sup> Exercício.

Accelerado-marcha (meia volta) — Apresentação a superiores. — Ordinario-marcha (decompondo) os tres primeiros passos. — Putrulha-alto (decompondo). — Meia volta volver a pé firme. Braço-bastão; descançar-bastão.

3.<sup>o</sup> Exercício.

Respostas que o noviço deve dar ao guia, no acto da recepção.

3.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> Exercício.

Braço-bastão; descançar-bastão; continencia-bastão. Corrida de velocidade até 100 metros. — Recitação do juramento e do codigo. — Exercício de canto dos Hymnos e Canções de marcha.

2.<sup>o</sup> Exercício.

Collocar bastão. Gymnastica com bastão. Exercicios de canto dos Hymnos e Canções de marcha.

3.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão das formulas para recepção. Preparar e accender uma fogueira com vento forte.

4.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão dos ensinamentos da 1.<sup>a</sup> serie — Movimentos a pé firme e em marcha.

2.<sup>o</sup> Exercício.

Principios de alinhamento (escola de partido). — Mecanismo de columna de patrulha.

3.<sup>o</sup> Exercício.

Movimentos com bastão, a pé firme e em marcha.

5.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão da 1.<sup>a</sup> serie. — 1.<sup>a</sup> lição de box e de gymnastica sem bastão.

2.<sup>o</sup> Exercício.

1.<sup>a</sup> lição de gymnastica com bastão.

3.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão das formulas para as recepções.

6.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão da 2.<sup>a</sup> serie — Cantos de Hymnos e canções — Movimentos a pé firme e em marcha da escola de partido. Passar da linha a columna e vice-versa.

2.<sup>o</sup> Exercício.

Recapitulação dos ensinamentos theoricos da 1.<sup>a</sup> serie.

3.<sup>o</sup> Exercício.

Escola de partido.

7.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão da 2.<sup>a</sup> serie — Canto de Hymnos e Canções — 2.<sup>a</sup> lição de gymnastica e box com bastão.

2.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão da escola individual do escoteiro.

3.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão da escola de partido.

8.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão da 3.<sup>a</sup> serie — Escola de partido, movimento a pé firme, em marcha.

2.<sup>o</sup> Exercício.

Gymnastica com bastão.

3.<sup>o</sup> Exercício.

Cantos - Recitações.

9.<sup>a</sup> LIÇÃO

1.<sup>o</sup> Exercício.

Revisão da 3.<sup>a</sup> serie.

2.<sup>o</sup> Exercício.

3.<sup>o</sup> lição de box e 3.<sup>a</sup> lição de gymnastica.

3.<sup>o</sup> Exercício.

Prelecção sobre a recepção.

10.<sup>a</sup> LIÇÃO

Preparativos finais para a recepção. Conselhos moraes.

DIPLOMAS DE HABILITAÇÃO

Além dos exames a que estão sujeitos os escoteiros afim de que possam passar de noviços a escoteiros de primeira classe, varios outros exames facultativos existem, para os escoteiros de primeira e segunda classes, afim de lhes proporcionar diplomas de habilitação profissional. Um escoteiro

pode ser escoteiro diplomado de segunda classe, quando tiver adquirido cinco diplomas. Será escoteiro diplomado de primeira classe aquelle que possuir seis ou mais diplomas diferentes. Para obter esses diplomas, os candidatos deverão prestar, com exito, as seguintes provas:

*Ajudante de aviador* — Conhecer: a theoria das espheras, dirigiveis e aeroplanos; o uso e o funcionamento dos apparatus e instrumentos empregados pelos balões e aeroplanos; a maneira de ajudar uma ascensão, aterramento, fornecimento de materiaes em casos imprevistos, segurança e todas as manobras communs de um aeroplano.

*Enfermeiro* — Saber improvisar uma maca e organizar o transporte de um ferido; conhecer: o emprego e o effeito dos principaes medicamentos usuaes que se encontram nas pharmacias portateis; a disposição das principaes arterias do corpo; saber estancar uma hemorragia venosa ou arterial; improvisar canulas e immobilizar um membro fracturado; provocar a respiração artificial; saber as providencias a dar num caso de asphyxia por fumaça, ou submersão, queimadura, envenenamento, existencia de um corpo estranho nos olhos, golpes, choque, hernia, crise convulsiva, ataque de apoplexia, syncope, destroncamentos, etc.

*Astronomo meteorologista* — Saber reconhecer o uso do Thermometro, do Barometro e dos principaes instrumentos.

*Bateleiro* — Saber dar nós e atirar uma corda, manobrar com um barco a remo ou a motor, manobrar com o leme e nadar cem metros com calção e cinquenta metros inteiramente vestido.

*Botanico naturalista* — Conhecer uma duzia de plantas proprias da região; reconhecer cinco plantas pelas suas raizes; reconhecer cinco outras plantas pelas suas folhas e dez insectos da região.

*Cavalleiro* — Saber curar e tratar um cavallo, ensiná-lo, atrelá-lo, montá-lo, forçando-o a tres especies de andadura; saltar uma barreira de altura commum; saber como alimentá-lo e prodigalizar-lhe cuidados em caso de molestia inesperada; conhecer os inconvenientes de uma sella mal posta ou das redeas dispostas em condições erradas; saber conduzir um ou dois cavallos; conhecer os pontos defeituosos de uma atrelagem; descobrir as causas de manqueira e remediá-la.

*Cantor*—Conhecer os elementos da theoria da musica e do canto; saber ler uma aria melodica escripta; conhecer as canções e hymnos patrioticos.

*Carpinteiro*—Conhecer as principaes qualidades de madeiras empregadas em construcções; saber usar o machado e a serra; derrubar uma arvore; saber acamar madeiras.

*Cozinheiro*—Construir um fogão no campo, com terra e pedras; preparar e accender o fogo; fazer café, chá e chocolate. Cozinhar carne no campo. Fazer uma sopa, um cozido, uma omeleta e preparar, por diversos modos, ovos, e improvisar uma refeição. Cortar carne e servi-la; saber reconhecer se uma lata de conserva está avariada; tomar a agua potavel.

*Cyclista*—Saber montar e desmontar rapidamente uma bycicleta; desmontar, reparar e remontar um pneumatico; conduzir uma segunda bycicleta á mão; conduzir um embrulho de 10 a 15 kilos.

*Electricista*—Ter noções geraes sobre os motores electricos, telegraphia, telephone e illuminação; saber repôr em ordem de funcionamento um quadro de distribuição, desmontando; concertar uma campainha electrica ou uma installação domestica de illuminação; conhecer a manobra dosapparelhos de medida.

*Esgrimista*—Possuir noções geraes de esgrima.

*Ferreiro*—Conhecer as noções elementares dos trabalhos de fornos e serralharia; saber ferrar um cavallo; fazer um cravo.

*Geologo-mineralogista*—Reconhecer a natureza e as características de um terreno, os principaes mineraes e as principaes rochas.

*Esclarecedor*—Conhecer o caminho mais curto para ir de um ponto a outro, num raio de dez kilometros, em volta da localidade (no campo) e de dois terços das ruas da cidade. Conhecer os caminhos e as estradas dentro do municipio, de modo a poder guiar alguém, de dia ou de noite; conhecer a direcção das principaes cidades, montanhas, pontes, estações de estrada de ferro, dentro do municipio, e ser capaz de indicar claramente a um estranho o caminho a seguir para atingi-los. Conhecer os principaes recursos proprios da localidade.

*Interprete*—Conhecer uma lingua estrangeira.

*Mecanico*—Ter as noções geraes da construcção e funcionamento de uma machina a vapor; motores electricos e motores a explosão; conhecer o nome das principaes peças dessas machinas. Saber desmontar o cylindro de um motor; fazer andar as diferentes especies de machinas e pará-las; montar uma peça sobressalente.

*Photographo*—Conhecer perfeitamente todas as operações da photographia de amadores.

*Bombeiro*—Saber dar os signaes de alarme aos habitantes e a policia, servindo-se das caixas de aviso; saber entrar em uma casa incendiada; saber como impedir que o fogo tome maiores proporções; desenrolar uma mangueira de incendio e ligá-la aos registos ou bombas; conhecer a manobra de uma bomba e a sua installação; saber onde se acham os registos de agua na região ou districto em que habitar; utilizar-se dos apparelhos de salvação, taes como escada simples, escada dupla; manobrar com extinctores; saber salvar os animaes; retirar uma pessoa asphyxiada; saber improvisar uma corda com tiras de linho ou de panno; improvisar macas; saber manter a ordem e impedir a invasão de curiosos.

*Alfaiate e sapateiro*—Recoser um trecho de roupa descosida, collocar uma das partes quaesquer das vestes; um salto de sapato; cortar um pedaço de couro; pregar pregos.

*Signaleiro-telegraphista*—Ter o conhecimento completo dos signaes usados de dia ou de noite; conhecer o alphabeto Morse para poder expedir e receber um telegramma. Conhecer os principios geraes da radiotelegraphia.

*Atirador*—Collocar seis balas, dentre 8, num circulo de 50 centrimetros, a 200 metros de distancia; saber desmontar e remontar uma carabina de guerra e explicar o seu mecanismo.

### Pontos de exames theoreticos e praticos para elevação de postos

#### MONITOR

O escoteiro de 1.<sup>a</sup> classe obterá as insignias do posto de monitor, depois de aprovado em exames dos seguintes pontos:

##### 1.<sup>o</sup> ponto

- a) Methodo (Escola individual do escoteiro).
- b) Movimento a pé firme (E. I. E.)
- c) Noções (Escola de partido).

2.º ponto

- a) Commando.
- b) Continência individual com bastão (E. I. E.)
- c) Formação do partido.

3.º ponto

- a) Movimentos com bastão a pé firme (E. I. E.).
- b) Alinhamentos (E. de Partido).
- c) Armação da tenda.

4.º ponto.

- a) Signaes de braços e de apitos.
- b) Conversões.
- c) Iniciativa.

5.º ponto.

- a) Movimentos em marcha (E. I. E.).
- b) Utilização das cobertas e relevo do terreno.
- c) Armar tenda com oito escoteiros.

6.º ponto.

- a) Disciplina.
- b) Ensarilhar e desensarilhar bastão.
- c) Continência individual.

7.º ponto.

- a) Armar a tenda com 6 escoteiros.
- b) Movimento em linha.
- c) Uniforme.

8.º ponto.

- a) Responsabilidade.
- b) Recompensas.
- c) Promoções e insignias de commando.

### GUIA

Para ser elevado ao posto de guia, o monitor terá de prestar exames satisfactorios das materias constantes dos pontos abaixo:

1.º ponto.

- a) Considerações geraes sobre gymnastica educativa.

- b) Modo de fazer o partido marchar nos campos e nas estradas.
- c) Como proceder em casos de serviço publico.

2.º ponto.

- a) Fins da gymnastica.
- b) Modo de fazer cobrir uma patrulha ou partido em marcha.
- c) Como proceder em casos de incendio.

3.º ponto.

- a) Papel do instructor de gymnastica.
- b) Eschema, nomenclatura e effectivos dos elementos dos escoteiros.
- c) Como proceder em caso de calamidade publica (inundação, terremoto, etc).

4.º ponto.

- a) Gymnastica educativa individual e collectiva.
- b) Dizer os deveres dos elementos de cobertura em marcha.
- c) Dimensões dos varios utensilios portateis do escoteiro (bastões, pannos das tendas, cordeirantes, etc.)

5.º ponto.

- a) Atitudes de partidos na gymnastica educativa.
- b) Peso de cada utensilio portatil e do conjunto.
- c) Modo de organizar uma cozinha de campo.

6.º ponto.

- a) Exercicios preparatorios para gymnastica educativa.
- b) Dizer a carga maxima de um escoteiro de 12 a 15 annos.
- c) Organização de sentinas de campo.

7.º ponto.

- a) Organização de jogos de gymnastica de applicação.
- b) Signaes e toques de cornetas e tambores (distingui-los).

8.º ponto.

- a) Organização de pyramides.
- b) Hygiene no acampamento.
- c) Organização de um programma de trabalhos de campo.

SUB-CHEFE

Pontos para a promoção aos postos de sub-chefe.

1.º ponto.

- a) Modo de proceder á solennidade do juramento.
- b) Composição do reconhecimento.
- c) Construcção de um pontilhão, utilizando-se de material encontrado nas proximidades do rio.

2.º ponto.

- a) Alinhamento do reconhecimento.
- b) Modo de seguir uma pista (vestígios, pègádas, inducções, etc).
- c) Como deve proceder o instructor para ministrar o ensino civico.

3.º ponto.

- a) Formações e reconhecimentos em linha.
- b) Modo de improvisar uma balsa com material obtido no local.
- c) Modo de ministrar o ensino moral.

4.º ponto.

- a) Formações do reconhecimento em columna.
- b) Improvisar um pontilhão com os utensilios do escoteiro (bastão, panno de tenda, cordeis, etc.).
- c) Modo de ensinar o espirito da cavallaria (serviço do proximo e disciplina para consigo)

5.º ponto.

- a) Passar das formações em linha ás formações em columna.
- b) Modo de improvisar uma balsa com o bastão, panno de tenda e cordeis.
- c) Modo de ministrar o ensino da historia natural — animaes, plantas, etc.)

6.º ponto.

- a) Continencia com bengala.
- b) Modo de receber a bandeira.
- c) Patria e patriotismo (theoria).

CHEFE

Para ser elevado a chefe, o sub-chefe será submettido a exame na escola de pelotão.

TENENTE CORONEL PEDRO DIAS DE CAMPOS,  
director technico.

Para dar ao ensino civico um caracter uniforme, nomeou esta Directoria uma commissão composta dos professores José Azevedo Antunes, Director do Grupo Escolar de S. Joaquim, Roldão de Barros, professor de pedagogia na Escola Normal Primaria annexa á Secundaria da Capital, e Helio de Castro, inspector escolar, commissão essa que se desempenhou da tarefa, apresentando um trabalho escripto, que será publicado em folheto, orientando o professorado sobre o ensino civico em nossas escolas.

O Decreto n.º 1253, de 28 de Novembro de 1904, estabeleceu, no seu Art. 25.º, nas vespas dos feriados nacionaes e na ultima parte do dia escolar, que fossem feitas, em todas as escolas, commemorações civicas.

De accôrdo com essa disposição legislativa, copiada da dos Estados Unidos da America do Norte, todas as nossas datas nacionaes eram commemoradas, de vespera, em todos os nossos estabelecimentos de ensino, com um caracter de lição festiva, dividida em duas partes: — apresentação do facto historico pelo professor e a sua reproducção oral e escripta pelos alumnos, intercalada de recitativos e cantos.

Dest'arte, preparava-se o espirito do alumno para comprehender o facto historico que a nação commemoraria no dia seguinte, e alumnos e professores se consorciariam nas festas populares realizadas no dia da commemoração.

Verificando-se, porém, que seria mais vantajosa a realização dessas commemorações nos proprios feriados nacionaes, deliberou-se que todas as nossas escolas as fizessem nas datas officiaes e com caracter popular.

O resultado de medida tão salutar foi contraproducente. Os nossos professores, allegando que nas datas nacionaes não são obrigados ao «ponto», não deveriam comparecer aos estabelecimentos de ensino, ainda que por uma hora, para realizar a commemoração. Dos srs. directores desses estabelecimentos recebemos, mais de uma vez, communicação de que o corpo docente, quasi em peso, tinha deixado de comparecer aos festejos. Basta citar o facto de, nesta Capital, no dia 12 de Outubro, no Grupo de Belemzinho, terem faltado 24 adjuntos e todos os substitutos effectivos, convocados, pelo respectivo director, para a commemoração da data.

Facto identico reproduziu-se em outros estabelecimentos de ensino, de modo que, não se fazendo a commemoração na vespera do feriado nem no dia, pela ausencia dos professores e dos proprios alumnos, perderam os nossos estabelecimentos de ensino oportunidade de preencher uma das maiores missões educativas que lhes competem.

Para, de prompto, resolver este inconveniente, deliberamos suspender as aulas nos nossos estabelecimentos de ensino no dia seguinte á commemoração de datas nacionaes; mas, dispensando do ponto somente os professores que tivessem tomado parte nos festejos escolares.

O assumpto, pois, precisa ser estudado e resolvido definitivamente.

Estamos certo de que o professorado paulista, dedicado como é, poderá, sem grande difficuldade, nos dias de festa nacional, consagrar uma ou duas horas á educação civica dos seus alumnos, maximè considerando que o Regulamento os obriga a tomar parte em qualquer festa escolar.

#### DA EDUCAÇÃO DO IMMIGRANTE

De 1827 até hoje, entraram do estrangeiro em S. Paulo, para arrotear suas terras, impulsionar suas fabricas e povoar suas cidades, 1.823,293 immigrants, analphabetos, na sua quasi totalidade. Pouquissimo tem feito os poderes publicos estas duas no sentido de os incorporar á população do Estado, e, principalmente, de os interessar na sua vida civica. A educação, pois, do immigrante, sobre ser uma questão pedagogica, é ainda e mais um problema social de maxima importancia para o nosso progresso economico e aperfeiçoamento moral, problema cuja resolução compete ao perseverante trabalho das nossas escolas.

Nos Estados Unidos da America do Norte, constitue ainda o assumpto objecto de acurado estudo, posto que educadores e sociologos o tenham esmiuçado, por todas as faces, e continue o governo a tratá-lo com redobrado interesse. Sigamos as pègádas dos norte-americanos.

Entre nós, como alhures, deve o immigrante ser surpreendido no campo de sua actividade, que, em geral, é a propriedade agricola, a fabrica e os bairros das grandes cidades. Nesse campo se localiza elle, trabalha e produz em beneficio proprio e do Estado. Donde, impõe-se aos poderes publicos:

a) educar seus filhos menores de 12 annos, nascidos aqui ou no estrangeiro;

b) educar os adultos.

Os que se aboletam nas cidades, facilmente se matriculam nas escolas diurnas, quando menores, e nas nocturnas, quando adultos, aprendendo, numas e noutras, a falar a nossa lingua, e recebendo noções elementares de arithmetica, geographia e historia patria: os que se estabelecem nos campos e nas fabricas, distantes dos centros urbanos, vivem, crescem e prosperam, na completa ignorancia da lingua, do meio, dos usos e costumes nacionaes, dos nossos recursos, suppondo que o Brasil é aquella gleba de terra que cultiva e á qual circumscreve a sua actividade. Nessa gleba e nessas fabricas, permanece elle longos annos, com a só preocupação de economizar para o futuro e do commodo regresso á sua patria, inteiramente estranho á vida social e politica do pais que lhe dá hospitaleiro gasalhado e fartura. E' verdade que, em certos bairros, nalgumas fazendas e em poucas cidades, já mantém o Estado escolas, cuja matricula acusa, exclusivamente, filhos de estrangeiros; tão escasso, porém, é, o numero dellas, que a sua influencia, em prol das condições actuaes do immigrante, não chega a ser apreciavel. Urge, pois, cuidar—e seriamente—da educação desse elemento material e ethnico.

A nosso ver, deve essa educação começar desde o instante em que se lhe abram as portas da «Hospedaria», onde se lhe deparem quadros estatisticos da nossa vida agricola, commercial e politica, e receba, através do cinematographo, ensinamentos sobre o Brasil e seus Estados, desenrolando-se-lhe aos olhos filmes que lhe dêem, immediatamente, conta dos nossos recursos e lhe mostrem as nossas culturas, nas grandes e pequenas propriedades agricolas, nos nossos

campos e montes; as nossas vias de comunicação terrestres, marítimas e fluviaes; os nossos bancos e as nossas caixas economicas; quadros da nossa marinha mercante e da de guerra, do nosso exercito em evoluções; retratos de nossos homens de governo, dos nossos principaes estadistas, e, sobretudo, de individualidades estrangeiras que aqui aportaram, como elle, meros immigrants, e que, á força de trabalho e economias, adquiriram fortuna, bem-estar e posição social. Ainda mais: devem desvendar-se-lhe, na tela cinematographica, em plena flagrancia e actividade, as nossas escolas e as nossas officinas, afim de que se lhe desperte o interesse pela propria educação e pela dos filhos. Assim, o immigrant já sairá da «Hospedaria» com uma idéa approximada do pais, dos seus recursos e das garantias que lhe offerece a terra e a acção administrativa.

No campo ou na fabrica, para onde o atirar a sorte, deve elle encontrar a escola genuinamente brasileira, caracteristicamente local, que tenha por base o ensino da lingua e das tradições nacionaes.

«A lingua falada pelo povo é a primeira característica da sua escola» — disse, numa bella conferencia, o sr. João Augusto de Toledo, lente na Escola Normal de S. Carlos — e acrescentou: «é o primeiro e mais importante, porque é o factor energico de nacionalização e um laço estreito de solidariedade. Os que falam a mesma lingua commungam os mesmos sentimentos e tem os mesmos ideaes e as mesmas tradições. Em um pais de immigração, como o nosso, deverá ella merecer do professor o melhor cuidado, porque é um recurso poderoso, do qual podemos lançar mão para assimilar os estrangeiros. Ao ministrá-la a classes numerosas, permittirá o professor que seus alumnos, dentro do objecto da lição, falem livremente. Terá elle, então, oportunidade de lhes corrigir os vicios de pronuncia e os erros de concordancia, bem como de precisar a significação dos termos e polir o torneio da phrase. A escripta e a leitura completarão este trabalho. Seria immensamente util que possuissemos uma literatura adequada aos que concluem o aprendizado elementar: iriam ahi criar habitos de estudo por conta propria, sem auxilio do professor. Será um dia preenchida essa lacuna; hoje é ella sensível e lastimavel. Infelizmente, as escolas espalhadas pelo vasto territorio brasileiro estão ainda longe de satisfazer ás exigencias do ensino. Aqui e ali, por todos os cantos, onde a immigração tem penetrado, nucleos de estrangeiros se tem formado, conservando-se alheios ao nosso pais. Não havendo

escolas nossas, fundam elles as suas; recebem de além Atlantico todos os objectos necessarios e subvenção remuneradora: estudam sua lingua, a historia e a geographia de sua patria; conservam suas tradições e seus costumes; vivem em nossa terra como se vivessem na sua, sempre estrangeiros, legando a seus filhos a mesma alma de seus avós. Este facto, profundamente alarmante, só de ha pouco tempo para cá conseguiu chamar a nossa attenção, sem que tenhamos, entretanto, procurado dar remedio a essa gravissima anomalia».

Para corroborar a opinião de tão illustrado lente, basta citar um facto recentissimo, verificado entre nós: — os japo- neses que se estabeleceram no valle da Ribeira de Iguape, para cultivar o arroz, não encontrando ali escolas brasileiras, onde seus filhos estudassem, installaram, immediatamente, escolas suas, improvisando professor um dos colonos. Apesar de o nosso Congresso ter criado este anno escolas para essa colonia, só serão ellas installadas no anno proximo, e a nossa difficuldade para as implantar naquelle meio serão maiores, pois teremos de enfrentar as que lá existem, genuinamente japo- nesas e dirigidas por professores japo- neses. Filhos de japo- neses, embora ali nascidos e registados, optarão pela escola em que se fala a lingua de seus paes, em que se contam as mesmas historias e as mesmas tradições ouvidas em casa, e não irão á escola brasileira, onde a sua principal difficuldade será aprender uma lingua estrangeira, ignorada no lar, e ori- ginaria e estructuralmente diversa da delles.

A solução, pois, do problema da educação do immi- grante reside na escola, que já o deve esperar na localidade do seu destino, offerecendo-lhe todas as vantagens para a ma- trricula, e accommodando-se, ainda que nos seus primeiros tempos, ás suas necessidades e aos seus habitos. O escopo principal dessas escolas será o de ensinar a lingua portuguesa para mais depressa estabelecer um intercambio affectuoso en- tre nacionaes e estrangeiros.

Bem avisado andou o sr. dr. Secretario do Interior, que, de mãos dadas com o Congresso, estabeleceu na nossa legis- lação escolar as chamadas escolas ruraes, cujo provimento, in- dependendo de formalidades burocraticas, pode ser feito, im- mediatamente, nas zonas ruraes, onde vive, agglomerada, uma população estrangeira, que precisa ser, quanto antes, assimilada ao nosso meio.

As escolas ruraes, pois, virão prestar um extraordinario serviço ao Estado e poderão funcionar de dia para os me-

nores e á noite para os adultos, conforme as necessidades da zona. Deixará, assim, a educação de produzir os seus efeitos salutaes sómente nos grandes centros:—irá no anno proximo agir onde mais della temos necessidade, isto é, nos nucleos de estrangeiros que vivem connosco, connosco trabalham, como estrangeiros.

Já a Lei n. 1.185, de 16 de Dezembro de 1909, criou 30 escolas primarias para servirem aos centros agricolas, das quaes 10 são masculinas, 10 femininas e 10 mixtas.

Destas, foram localizadas e providas sómente 2; uma masculina, na Fazenda Sant'Anna, municipio de Santa Rita do Passa Quatro, e outra mixta, na Fazenda Santa Ignacia, municipio de Rio Claro.

A primeira tem 46 alumnos matriculados e a segunda 24.

Recentemente, a Lei n 1.579, de 19 de Dezembro de 1917, criou 50 escolas muraes, que o governo deverá ir localizando nos varios municipios do Estado, á proporção que lhes fôr dando provimento, independente de concurso.

Por sua vez, a Secretaria da Agricultura, por intermedio do Patronato Agrícola, tem estabelecido escolas com o intuito de educar os filhos de immigrants.

São ellas em numero de 68, e funcionam em nucleos coloniaes e fazendas, ministrando a instrucção primaria a 3.647 alumnos, sendo 1.924 do sexo masculino e 1.713 do feminino.

Sob a direcção geral do sr. dr. Eugenio Egas, que, nesse mister, tem por auxiliar o sr. dr. Silvino Braulio Cesar, as escolas do Patronato procuram seguir o mesmo regimen, ensino e disciplina adoptados nas escolas isoladas do Estado.

Seu programma, que abrange dois annos de curso, comprehende:

- a) noções de lingua portuguesa;
- b) leitura;
- c) calligraphia;
- d) arithmetica elementar;
- e) noções de geographia e historia do Brasil;
- f) rudimentos de ensino agricola.

São regidas por professores diplomados, e, na falta destes, por pessoas habilitadas, mediante prova de idoneidade, verificada em exame escripto e oral, das materias que houverem de leccionar.

Onze dessas escolas foram, em 1917, regidas por professores diplomados, percebendo 2:400\$ por anno, sendo de 1:800\$ os vencimentos dos não diplomados.

Para taes pagamentos, concorre o Estado, auxiliando, pelo Fundo Permanentê de Immigração e Colonização, as Cooperativas, para fins do ensino primario.

Por sua vez, algumas Camaras municipaes concedem a varias escolas subvenções que variam entre 50\$000 e 100\$000, assim estimulando aos professores e procurando manter a sua permanencia nas fazendas em que leccionam.

São condições essenciaes para a criação e provimento de taes escolas: a) matricula de alumnos em numero não inferior a 50, nem superior a 80, nas fazendas, sendo tolerada a matricula de 40, nos nucleos coloniaes; b) offerecimento gratuito de casa para a residencia da professora e de sala apropriada á installação escolar; c) dotação gratuita do mobiliario indispensavel ao numero de alumnos; d) compromisso, por parte das Cooperativas e dos fazendeiros, no sentido de ser garantida a assiduidade dos alumnos matriculados.

Algumas das 68 escolas, em seguida mencionadas, tendo, a principio, funcionado em fazendas, cujos proprietarios não satisfizeram ás condições acima, foram transferidas para os pontos em que se acham actualmente, ficando assim justificada a differença que pode resultar do confronto entre a relação de escolas, apresentada no anno passado, e a actual.

1918	Maria Rosa Alvares	44
1917	Maria Rosa Alvares	43
1916	Maria Rosa Alvares	42
1915	Maria Rosa Alvares	41
1914	Maria Rosa Alvares	40
1913	Maria Rosa Alvares	39
1912	Maria Rosa Alvares	38
1911	Maria Rosa Alvares	37
1910	Maria Rosa Alvares	36
1909	Maria Rosa Alvares	35
1908	Maria Rosa Alvares	34
1907	Maria Rosa Alvares	33
1906	Maria Rosa Alvares	32
1905	Maria Rosa Alvares	31
1904	Maria Rosa Alvares	30
1903	Maria Rosa Alvares	29
1902	Maria Rosa Alvares	28
1901	Maria Rosa Alvares	27
1900	Maria Rosa Alvares	26
1899	Maria Rosa Alvares	25
1898	Maria Rosa Alvares	24
1897	Maria Rosa Alvares	23
1896	Maria Rosa Alvares	22
1895	Maria Rosa Alvares	21
1894	Maria Rosa Alvares	20
1893	Maria Rosa Alvares	19
1892	Maria Rosa Alvares	18
1891	Maria Rosa Alvares	17
1890	Maria Rosa Alvares	16
1889	Maria Rosa Alvares	15
1888	Maria Rosa Alvares	14
1887	Maria Rosa Alvares	13
1886	Maria Rosa Alvares	12
1885	Maria Rosa Alvares	11
1884	Maria Rosa Alvares	10
1883	Maria Rosa Alvares	9
1882	Maria Rosa Alvares	8
1881	Maria Rosa Alvares	7
1880	Maria Rosa Alvares	6
1879	Maria Rosa Alvares	5
1878	Maria Rosa Alvares	4
1877	Maria Rosa Alvares	3
1876	Maria Rosa Alvares	2
1875	Maria Rosa Alvares	1

### Estatística do ensino custeado

N. de Ordem	Relação das Escolas	ANNO DA FUNDAÇÃO	Nome dos Professores
1	Paraiso	1912	Franc. Elisa H. de Camargo
2	Barroca Funda	1915	Anna do Amaral Castro
3	Sertãozinho	1916	Anna Maurer
4	Nova Odessa	1916	Olivia de Barros Silvina
5	1.ª Mixta-Corumbatahy	1914	Amalia Basile de Oliveira
6	2.ª	1916	Ercilia Basile
7	Dr. Urbano.	1917	Sebastiana Vaz de Campos
8	N. Colon. «Gavião Peixoto»	1913	Leonor Aranha Torres
9	2.ª Mixta	1916	Alayde dos Santos Moraes
10	Nova Paulicéa.	1913	Silvina Ernestina Barletta
11	Nova Empresa (sede)	1914	Luzia de Abreu
12	» » Lote 241	1916	Ignez Horta O'Leary
13	» » » 87	1915	Izaura Duarte de Mello.
14	» » » 136	1914	Maria Joaquina de Toledo Piza.
15	» » » 179	1914	Joaquim de Toledo Piza
16	N.C. Pariquera Assu-Iguape	1913	Antonio Leão Barbosa
17	» » » Braço Preto.	1913	Adelina Lustosa de Mattos
18	» » » Nova Crem.	1913	Amelia Dias T. Gödke
19	» » » Séde	1917	Mercêdes Ferraz Motta.
20	» » » Séde	1917	Alice de Abreu
21	» » «Martinho Prado Junior»	1916	Eulalia da Silva
22	» » «Conde Parnah.» Séde	1914	Maria Amelia F. Jordão
23	» » Visc Indaiatuba «Conchal»	1915	Maria José de Oliveira Lima
24	» » » Séde	1916	Adelaide Fonseca de Barros
25	» » » »	1916	Zulmira de Carvalho Motta
26	» » » Tujuguaba	1917	Hermengarda Rhormens
27	» » Nova Noruega — Secção S. Bento.	1916	Maria Luiza Guerra
28	Secção «Quilombo»	1916	Livia da Silveira Mello.
29	«Séde Dumont»	1918	Lucilia Silva
30	» Masculina	1912	Leandro Pierini
31	«Dumont Algodoad»	1912	Nair Barreto
32	» «Peroler»	1912	Assumpta Casella
33	» «Fundão»	1913	Vitalina Guimarães
34	» «Allentino»	1913	Deolindo Soares
35	Cravinhos «Painal»	1915	America de Faria
36	» «União»	1913	Maria José Vieira Fagundes
37	» «São João»	1914	Gabriella Barretto
38	» «São José»	1914	Maria do Rosario
39	» Barra	1914	Otilia Gertrudes Pires
40	Cravinhos	1914	Maria Fagundes Santos
41	» Agua Branca	1914	Ignez de Curtis
42	Flôres	1913	Deolinda F. Coutinho
43	Cantagallo	1913	Maria Magdalena da Cruz
44	Buenopolis	1918	Illyria Rosa Alvaro

### pele Patronato Agricola

TITULO DE HABILITAÇÃO	Alumnos matriculados		OBSERVAÇÕES
	Masculinos	Femininos	
• • • •	24	26	N. Colonial Nova Odessa
• • • •	27	30	» » » »
• • • •	27	18	» » » »
• • • •	38	32	» » » »
• • • •	31	34	» » » »
• • • •	27	23	» » Jorge Tibiriçá
• • • •	28	17	» » » »
• • • •	36	24	» » » »
• • • •	23	27	» » Gavião Peixoto
• • • •	40	25	» » » »
Bacharella	40	30	Séde Nova Paulicéa
• • • •	39	26	» » Europa
• • • •	30	15	N. C. » »
• • • •	28	22	» » » »
• • • •	65	—	» » » »
• • • •	50	—	» » » »
• • • •	27	23	» » Pariquera-Assu
• • • •	25	25	» » » »
Normalista	18	32	» » » »
• • • •	27	23	» » » »
• • • •	18	22	» » » »
• • • •	22	28	» » Martinho Prado Junior
• • • •	26	24	» » Conde de Parnahyba
• • • •	20	30	» » » Indaiatuba
• • • •	29	21	» » » »
Normalista	24	26	» » » »
• • • •	20	30	» » » Parnahyba
• • • •	31	19	Nova Noruega (Nucleo Colonial)
• • • •	—	65	Nucleo Colonial «Nova Veneza»
• • • •	70	—	Coop. «Dumont» Rib. Preto
• • • •	22	28	» » » »
• • • •	26	24	» » » »
• • • •	23	27	» » » »
• • • •	28	42	» » » »
• • • •	24	26	» » » »
• • • •	21	29	» » «Cravinhos»
• • • •	28	22	» » » »
• • • •	32	18	» » » »
• • • •	24	26	» » » »
• • • •	23	27	» » » »
• • • •	20	30	» » » »
• • • •	27	23	» » » »
• • • •	24	26	» » » »
• • • •	30	35	» » » »

N. de Ordem	Relação das Escolas	ANNO DA FUNDACÃO	Nome dos Professores
45	S. Carlos	1915	Maria Benedicta Alves
46	Santo Thomaz	1914	Castorina Machado
47	S. Francisco	1915	Clelia Pesatori
48	Bomfim	1915	Antonietta Baldaquino
49	Fagundes	1915	José da Silveira
50	Alpes	1915	Manuel S. do Amaral
51	Capoeira Grande	1915	Odette Ferraz
52	Atibaia «Arraial dos Sousas»	1916	Hermengarda Zingra
53	S. Joaquim	1916	Alzira Soares Oliveira
54	S. Jorge	1916	Aracy
55	Barra Jaguary	1916	Alzira Aguiar Oliveira
56	Santa Maria	1914	Zulmira
57	Sto. Antonio da Boa Vista	1914	Julieta Machado
58	S. José «Est. Tanquinho»	1917	Nancy Pereira
59	Palmeiras	1916	Benedicta de Toledo
60	Cachoeira	1917	Carmem Salles
61	D. Maria Amelia	1917	Nancy Vieira
62	Guataparã	1914	Ruth Motta Mello
63	Villa Maria	1915	Leonor Ferreira Magalhães
64	Santa Martha	1914	Cybelle N. Pacheco
65	Agua Santa	1917	Marietta M. Freitas
66	Araras	1917	Sara Viegas Tibiriçá
67	Santa Rita	1917	Magdalena Martins
68	Guatucupá	1917	Hortensia Rhormens.

TITULO DE HABILITAÇÃO	Alunos matriculados		OBSERVAÇÕES
	Masculinos	Femininos	
	25	25	Coop. «Cravinhos»
	30	20	»
Normalista	89	21	»
	36	24	»
	50	—	»
	50	—	»
Normalista	24	26	Dr. Lacerda
	29	21	»
	30	20	»
	32	18	»
	18	42	»
	22	28	»
	30	35	»
	31	24	»
Normalista	23	27	»
»	28	32	»
»	24	26	»
	36	34	»
	23	32	»
	18	22	» «Guataparã»
Normalista	30	45	» «Villa Maria»
»	17	38	» «Agua Santa»
	22	28	» «Paes de Barros»
Normalista	20	25	» «Santa Rita»
			» «Santo Antonio»

Para mostrar a importancia que se dá a este assumpto, nos Estados Unidos da America do Norte, não me furto ao desejo de para aqui transcrever alguns topicos de H. Whieaton, no seu trabalho intitulado: — «Recent progress in the education of immigrants», publicado no «Commissioner of Education Report», de 1914.

**O problema** Havia nos Estados Unidos, em 1910, cerca de 2.953.011 individuos de raça branca, nascidos no estrangeiro e de 10 annos para cima, que não sabiam falar o inglês, isto é, 22,8 % de toda a população de pessoas nascidas no estrangeiro. Dos de 21 annos para cima, . . . . 22.505.212, ou sejam 22 % de nossa população branca, nascidos no estrangeiro, soffrem dessa inaptidão. Entre os de idade de 15 a 20 annos, havia cerca de 330.990. Nas populações urbanas, 22 % contra 25,2 % das populações rurais não tinham capacidade para falar o inglês. Em cada uma das cidades de New York, Pennsylvania, Illinois, Massachussets, Ohio, New Jersey, Texas, Wisconsin, Michigan, ha mais de 100.000 nestas condições. No Estado de New York, existem 597.012. Só na cidade de New York encontram-se 421.951 pessoas que não sabem falar o inglês, ao mesmo tempo que, nas oito principaes cidades dos Estados Unidos, o numero total é de 833.404. No decorrer do decenio de 1900 a 1910 — o numero de brancos nascidos no estrangeiro, que se resentiam da mesma falta, attingiu a 1.735.731. A inaptidão para falar o inglês é positivamente um obstaculo para as relações amigaveis entre americanos e estrangeiros. Um grande numero de individuos nascidos no estrangeiro são incapazes de exercer empregos, por esse motivo: isto affecta, tambem, a sua assimilação, visto como nenhuma pessoa nascida no estrangeiro, pode tornar-se cidadão americano sem que fale a lingua inglesa. E' importante remover este obstaculo para a naturalização e assimilação dos estrangeiros, problema que reclama a attenção dos legisladores e educadores. E' este o ponto em que deve começar a educação do immigrante.

**Os brancos illetrados nascidos no estrangeiro** A falta de conhecimentos literarios constitue um serio obstaculo aos nascidos de estrangeiros, difficultando-lhes a capacidade de apprender o inglês. Em 1910, o numero de brancos illetrados, nascidos de estrangeiros, de 10 annos para cima, era de 1.650.361; mais de metade delles eram in-

capazes de aprender inglês. E' razoavel suppôr-se que a quasi totalidade dessas pessoas illetradas não falavam inglês. Desta população, 12,7 % não sabe ler ou escrever lingua alguma. Isto diz respeito apenas a 3 % da população branca nativa. Dos moços de 21 annos de idade para cima, 11,9 %, ou sejam 788.631, são illetrados. Só no Estado de New York, ha 362.025 pessoas de 10 annos para cima.

Em 1910, o numero de illetrados de 10 annos e dahi para cima nascidos no estrangeiro era de 1.650.361; mais da metade desse numero eram incapazes de falar o inglês. E' presumpção razoavel que quasi todos estes illetrados não falavam inglês. Da população branca nascida no estrangeiro, 12,7 % não sabem ler ou escrever lingua alguma.

Seguem, na ordem citada, os Estados de Pennsylvania, Massachussets e Illinois, contando mais de 100.000 cada um. Mais de 245.000 em New York City se resentem dessa dificuldade. Deste modo, os brancos nascidos no estrangeiro e residentes na cidade de New York, no Estado e na Nação, encontram-se nas mesmas condições de falta de conhecimento literario.

**Professores de estrangeiros** As qualidades de professores de estrangeiros adultos tem sido objecto de consideraveis discussões, principalmente por causa das opiniões divergentes que ha com referencia ao uso da lingua inglesa ou da estrangeira, na instrucção. Pretende-se, de um lado, que um professor que usa sómente a lingua inglesa, contrangerá, naturalmente, o alumno a usar daquella lingua, ao mesmo tempo que o professor que fala a lingua estrangeira está apto para usá-la com muita frequencia quando faz explicações, e consequentemente os discipulos deixarão de adquirir o habito de pensar em inglês. Por outro lado, outros ha que entendem que deve ser usada a lingua nativa em primeiro lugar, como um meio de apresentar a ideia; que um professor que é capaz de usar a lingua nativa do estrangeiro se tornará mais sympathico ao alumno e terá uma melhor comprehensão das difficuldades de sua lingua, de seus caracteristicos nacionaes, costumes e experiencias.

E' notavel que poucas cidades jamais tenham experimentado, consistentemente, o segundo methodo, por causa das difficuldades de encontrar professores que sejam especialistas em linguas, taes como: a italiana, a hungara e a polaca. Deste

modo, as escolas officiaes de São Francisco se esforçam por obter professores que falem ao menos duas linguas para o ensino das classes estrangeiras, porém acham que é extraordinariamente difficil encontrar professores com sufficiente preparo nos methodos de ensino. Tem-se notado ser particularmente difficil encontrar professores que falem outras linguas que não a allemã, a francesa e a italiana. Em Seattle, nenhum esforço se tem feito para empregar professores que falem lingua estrangeira. Em New York City já se abandona a pratica de empregarem-se professores nascidos no estrangeiro; os directores de ensino chegaram á conclusão de que taes professores nada conseguem.

A comissão de immigração de Massachusetts faz, sobre este assumpto, os seguintes commentarios:

*E' certo que, se forem empregados professores que não falem linguas estrangeiras, se tornará necessario empregar interpretes para agrupar aquelles alumnos que nada sabem de inglês e ao mesmo tempo auxiliarem os professores da cadeira nas suas primeiras lições.*

Em Buffalo, estado de New York, estão mais adelantados a respeito desta questão. O relatório annual do superintendente, para o anno de 1911, faz a seguinte exposição:

*Para se obter uma classe de professores adultos, mais e melhor preparados para o difficil trabalho de ensinar estrangeiros, nas escolas nocturnas, o «board» julgou conveniente organizar um novo regulamento, exigindo maiores conhecimentos para serem admittidos a exames os que pretendessem esse cargo. O limite minimo da idade foi fixado em 25 annos, e «O candidato, além de prestar exames escriptos de grammatica, rhetorica, orthographia (spelling) e composição, deve tambem provar de modo a satisfazer aos examinadores a sua capacidade para conversar intelligente e fluentemente em uma lingua estrangeira. Estas exigencias devem servir para desenvolver a instrucção dos professores, remover as difficuldades que possam existir para o desempenho do trabalho e dará em resultado tornar mais proficiente o professor.»*

Ha um outro facto, particularmente notavel, com referencia á selecção de professores. Alguns directores de instrucção julgam, aparentemente, ser importante empregar os mesmos professores de escolas diurnas para o trabalho das

escolas nocturnas sob o fundamento de que outros professores não teriam a experiencia necessaria da sciencia e arte da pedagogia.

A differença essencial entre os methodos necessarios á instrucção na escola nocturna, e os empregados na diurna, não é reconhecida. A comissão de immigração de Massachusetts relata que, de 67 cidades do Estado, que mantinham escolas nocturnas de 1912-13, 62 empregaram, praticamente, professores da escola diurna, no trabalho da escola nocturna. A comissão julga isso um serio embaraço e commenta o caso do modo seguinte:

*Nas capitales e cidades onde as classes funcionam quatro e ás vezes cinco noites por semana é claro que o professor da escola diurna não pode offerecer o vigor necessario, o entusiasmo e o preparo especial para ambos os trabalhos; ao passo que, por outro lado, a requisicção que a escola nocturna faz de suas forças os tornam incapazes de ministrar um melhor ensino do que o devem fazer no dia seguinte. Tal systema é oneroso, de ambos os pontos de vista.*

**Depositos para garantir a frequencia regular** Para superar diferentes causas de inassiduidade, muitos directores de escolas exigem um deposito garantidor da assiduidade, sendo a quantia depositada restituída no fim do prazo estipulado, se a assiduidade attingiu a uma certa regularidade.

Até agora, 17 cidades declararam que exigiram depositos: — Philadelphia cobra 50 centimos dos estudantes de classes elementares e 1 dollar dos da alta escola nocturna e commercial. Estas sommas são restituídas, desde que haja uma frequencia correspondente a 2/3 do prazo marcado. S. Luis exige um emolumento de 1 dollar de todas as classes, por um termo de 20 semanas; Boston exige 50 centimos das classes elementares, excluindo os menores que são trazidos á escola pela lei da compulsoria. Kansas City exige 1 dollar de todos os pretendentes que tenham mais de 20 annos de idade: Seattle 2 dollares de todos os estudantes; Newark, 10 dollares dos estudantes de classes elementares que residirem fora do districto, e 25 dollares dos da alta escola vespertina, que tambem não residam no districto. Outras cidades, por exemplo, Detroit, requerem um deposito para compensar o material que se estragar com o uso. Milwaukee reclama o emolumento de 5 cen-

timos por semana dos alumnos das classes de cozinha. Hudson, no Estado de New York, exige o emolumento de 1 dollar, que é restituído, dada uma frequencia de 100 %<sup>o</sup>. Rochester e New York City não exigem nenhum onus. Em Massachussetts pode ser exigido 1 dollar aos alumnos, excepto aos da compulsoria. Esta é uma lei geral, que se applica a todo Estado e a todas as classes de cidades.

**Methodos de ensino** O methodo de ensinar o inglês aos estrangeiros, bem como a educação civica dos mesmos, é um cahos. Cinco methodos de instrução, muito suggestivos, são empregados por varios professores e instructores, por todo o país. São elles — o methodo visual, o dramatico, o de laboratorio, o vernaculo e o grammatical.

O methodo visual é mais largamente empregado do que os outros. E' usado com alguma extensão, praticamente, por todos os mestres. O professor designa algum objecto conveniente, na sala de escola; dá o nome do objecto á classe, e convida cada alumno, individualmente, ou mesmo, toda a classe, a repetir o nome, depois d'elle. Muitos textos são construidos de modo a exemplificar o methodo assim usado, em algumas das primeiras lições. Durante o tempo em que se emprega este methodo, até levá-lo ao extremo, é elle valioso para o ensino do nome dos objectos e as expressões que lhes dizem respeito; torna-se, no entanto, inutil, tratando-se de expressões de movimento e de idéas abstractas.

O methodo dramatico, surgiu á tona nos ultimos annos, após os trabalhos de Guin, amplamente divulgados, e, mais recentemente, os esforços do dr. Peter Roberts da Associação Christã de Moços. O dr. Roberts ideou um manual de mimica, como ponto de partida. Segundo este methodo, o professor procede por meio de algum movimento, ou acto, pronunciando, ao mesmo tempo, a expressão apropriada em inglês, e convidando os alumnos a repetir aquella expressão, depois d'elle, deste modo: «Eu vou á porta, viro o trinco, abro a porta». Este methodo tem provado bem para ensinar expressões relativas ao movimento e á acção, porém é totalmente inadequado para o ensino de expressões que se referam a objectos e idéas abstractas.

Alumnos ha que teem criticado os professores que empregam, no uso deste methodo, demasiadas expressões, durante a lição, determinando confusões no espirito delles.

A principal critica, contudo, é esta — que as expressões ensinadas por esse methodo não são as do uso corrente e da experiencia quotidiana, nem teem valor algum particular para o estudante, de modo a guiá-lo numa conversação.

Até certo ponto, o methodo de laboratorio é o desenvolvimento do methodo visual. Differe d'elle em prevalecer-se não sómente dos objectos ordinarios existentes na sala da aula, como tambem de outros objectos trazidos alli para auxiliar uma conversação e discussão mais detalhadas. O principal caracteristico deste methodo é o de levar a classe a fazer excursão a alguma fabrica, estabelecimentos da cidade, ou a alguma instituição, onde se possam manter palestras praticas e intelligentes relativas ás cousas que alli se fazem. Um professor de uma das escolas de Rochester, Estado de New York, emprega este methodo com pleno exito.

Leva a classe para a rua e mantem conversação com os alumnos, procurando ensinar-lhes expressões que se refiram á direcção, edificios, ruas e arredores, bem como ao posto policial mais proximo e ao quartel de bombeiros, e alli lhes dá instruções apropriadas. Este methodo é, provavelmente, o que mais se aproxima do methodo ideal de ensinar o inglês a estrangeiros.

O methodo vernaculo auxilia o desenvolvimento da lingua nativa do alumno, e baseia-se, para o seu exito, na fluencia e efficiencia que o professor tenha na lingua estrangeira. Alguns professores, nas escolas de São Francisco, Philadelphia, Chicago, Buffalo e Rochester, que são dotados de aptidão para falar linguas estrangeiras, empregam este methodo. O valor d'elle está na facilidade com que as regras da grammatica, os termos technicos, as expressões idiomaticas e os termos concernentes a idéas abstractas podem ser expostas ao alumno. Alguns directores do ensino e educadores teem criticado este methodo sob o fundamento de que ha perigo em o professor usar demasiadamente da lingua nativa do alumno. Isto é, talvez, verdade, até certo ponto; porém, observada uma regra definida de que a lingua estrangeira só seria empregada com o fim de fazer uma explanação necessaria, quando for impossivel expôr a expressão ou a idéa na lingua inglesa, então o methodo vernaculo é, provavelmente, o mais efficiente para imprimir a idéa da expressão inglesa, immediatamente, no espirito do alumno. Uma vez feito isto, é desnecessario usar de novo a lingua estrangeira, e poder-se ha, então, voltar ao

facto importante que diz respeito á instrucção da lingua, isto é, á associação da idéa directa e immediatamente com as expressões que lhe dizem respeito.

Este methodo é apreciado por aquelles que não são educadores, como se demonstrará pelo seguinte extracto da synopse de um relatorio feito em 1909 pelo Clube de Educação Cívica de Philadelphia e pela Associação Investigadora e Protectora na mesma cidade, ácerca das oportunidades educacionaes dos estrangeiros que immigram para Philadelphia:

*Uma escola vespertina merece especial menção neste relatorio. Vinte e seis classes estão em exercicio, uma das quaes se compõe de mulheres e moças. Em seis classes adeantadas, o ensino é feito em inglês. «As outras classes ministra-se o ensino, parte em italiano e parte em inglês. O lente fala muitos dialectos italianos e ensina ás professoras o italiano bastante a habilitá-las para explicações da nova lingua, em italiano. Sendo solido o fundamento, o progresso será rapido, uma vez que os alumnos comprehendam o genio das linguas.»*

A commissão de immigrants de New Jersey, em seu recente relatorio, observa que:

*Algumas outras autoridades, contudo, creem que os professores devem ter algum conhecimento da lingua dos alumnos afim de tornarem bem clara, desde o primeiro momento, a palavra, a phrase ou a idéa, que é apresentada ao alumnos*

Um dos oradores, numa conferencia publica, realizada sob os auspicios da commissão de New York — New Jersey da liga americana de educação civica de immigrants em New York City, em Maio de 1913, referiu-se ao valor deste methodo em termos emphaticos:

*Da minha experiencia colho que ha dois typos de professores que são bem succedidos em seus trabalhos. Primeiro, o homem ou a mulher que fala a lingua dos alumnos e ambiciona, com perseverança, ser mestre de inglês, até o ponto de o ensinar isto é, — um individuo que attingiu ao que nós podemos denominar, — o ponto de vista Americano e que ao, mesmo tempo, obtem dos estudantes de sua classe uma sympathica attenção; segundo, o americano ou a americana que tem as qualidades para professor ou professora, amplas sympathias, poucos preconceitos, o dom de reconhecer*

*os elementos que são communs a todos os povos, e sente que a unica barreira entre elle e os seus alumnos é a da lingua.*

*Na minha opinião, como regra, o primeiro é o melhor. Entre o professor que fala a lingua nativa e o seu alumno não haverá barreira de lingua. É admiravel como até o conhecimento superficial da lingua constitue um valioso auxilio Talvez que ao simples emprego de algumas palavras de saudação, a intelligencia se allumie e desapareçam os obstaculos entre mestre e alumnos. O professor que conhece a lingua do alumno conhecerá também suas condições intimas, e seus costumes, suas tradições, e observancias religiosas que o habilitarão a evitar qualquer offensa que possa commetter ou qualquer falta que algumas vezes possa determinar o afastamento dos estudantes da classe.*

Muitos professores e educadores teem uma falsa noção de que os immigrants adultos possam ser guiados na aprendizagem do inglês mediante a grammatica, conhecimentos phonicos e regras. Taes professores não comprehendem que a maioria dos immigrants que entram para o pais não sómente não se sentem interessados em questões de regras grammaticas, como também não tem nenhum conhecimento formal de grammatica de sua propria lingua, o que constitue um requisito necessario á boa aprendizagem do inglês. Não é raro que uma regra grammatical seja explicada em inglês, e que, no entanto, os discipulos deixem inteiramente de comprehender sua real significação, bem como o seu sentido, sendo levado, por isso, a desgostar-se do curso de instrucção e abandonal-o.

Um outro orador, numa conferencia sobre a educação do immigrant, fez os seguintes commentarios sobre esta forma de instrucção:

*O martellar continuamente sobre assumptos de phonetica fatiga o estrangeiro, cujos ouvidos não estão educados para comprehender as bellezas da lingua inglesa. Deste modo, devemos esforçar-nos por tornar o nosso ensino mais pratico; combinando sempre as palavras com os factos familiares á vida dos alumnos ou ao seu meio social.*

#### DA EDUCAÇÃO DO CABOCLÓ

A educação do caboclo e de seus filhos é, a nosso ver, muito mais difficil e complexa do que a do immigrant. O caboclo, inteiramente avesso á escola, não comprehende a vantagem della para si nem para seus filhos. Vive nas nossas fazendas

da zona chamada norte de S. Paulo e na marítima, insociável, e não em núcleos e colônias, como o imigrante; não tem aspirações nem conforto de espécie alguma; tira dos elementos da natureza, com grande facilidade, tudo quanto é necessário á sua parca subsistência, o que o torna desambicioso. Debilitado, geralmente, pela anquilostomiase, e, em certas zonas, pelo impaludismo; corroído pelo álcool; indiferente aos destinos da Patria, sua educação, embora difficilima, precisa ser iniciada com resolução.

As escolas que se destinarem ao caboclo e a seus filhos, afim de preencherem os seus fins, precisam ter uma organização toda especial. Seu principal escopo não será o trato do livro, mas a sua regeneração moral, o levantamento de suas forças, o desenvolvimento de qualidades latentes, que elle as tem, mas sopitadas pelo descaso e abandono em que tem vivido. A formação de hábitos de trabalho, a abstinencia do álcool, a assistência medica gratuita, a diffusão dos mais elementares principios de hygiene, o conforto do corpo e da habitação, a propagação de novos processos agricolas, constituem as principaes preoccupações da escola que se destinar ao caboclo e aos seus descendentes. Essas escolas, com a organização que planejamos, devem ter uma função profundamente regeneradora, uma função especialmente sanitaria e civica, afim de que della saia o caboclo regenerado na saúde e na alma, de modo que venha a ser no futuro o que foi no passado:—um elemento social de primeira ordem, porque não lhe faltam as tradições da raça, as suas celebres qualidades de resistencia ao meio, as suas extraordinarias aptidões para certos trabalhos agricolas, nos quaes o imigrante, embora aclimatado, jamais conseguiu superá-lo. A organização dessas escolas ha de variar conforme as condições de cada municipio, convindo, talvez, em muitos lugares, o estabelecimento de escolas ambulantes, diurnas e nocturnas, conferencias semanaes, de preferencia aos sabbados, e aos domingos, afim de lhes despertar o desejo de aprender e o habito do trabalho. O cinematographo, ou, em falta delle, uma lanterna de projecção fixa; os conselhos do vigario da parochia em que morar; a distribuição de lotes de terra, nos latifundios incultos, dando-se-lhe assim o sentimento da propriedade e despertando-lhe o amor da terra, mostrando-lhe as vantagens de cultivá-la em beneficio proprio e da collectividade, e que tanto maior será esse beneficio, quanto maior for o seu esforço e o seu trabalho; tudo isso, enfim, ha de contribuir para que milhares de homens, que vivem inteiramente apartados do convívio social, levando em o nosso interior,

uma existencia quasi selvagem, possa ser parte integrante da Patria commum.

Já houve, entre nós, um estadista lembrado para candidato á presidencia da Republica, que, caso fosse eleito, se preocuparia, principalmente, da educação do caboclo brasileiro. As idéas lembradas nessa epoca por esse estadista previdente ainda podem ser citadas hoje, como fonte de informações. Referimo-nos ao dr. Bernardino de Campos, de saudosa memoria, e aqui reproduzimos a sua opinião publicada no *O Paiz*, de 26 de Junho de 1905:

«Estou, antes de tudo, certo de que o brasileiro, que hoje vive indolentemente, correrá ao trabalho, desde que o arrancarmos á ignorancia em que elle vive sepultado, lhe dermos outras idéas, lhe descerrarmos a cortina que o separa da verdadeira felicidade e lhe ministrarmos os elementos para obtê-la. Essa raça forte, valente, acostumada ao clima, conhecedora da terra, uma vez redimida da ignorancia, transformará este pais.

Evidentemente, porém, é preciso que o trabalho não seja para ella um castigo, tanto como para o estrangeiro que atrahimos. Elle deve ser apenas uma condição de prosperidade e de bem estar.»

O sr. dr. J. Papaterra Limongi, no Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, anno V, n. 20, 3.º trimestre de 1916, publica um interessante estudo sobre uma visita feita, no municipio de Tremembé, á Trappa Maristella, cujos colonos são todos caboclos, com excepção de duas familias estrangeiras.

São desse bello estudo os seguintes trechos:

«Actualmente, os serviços que podem ser apreciados na Trappa são o do arado e o do beneficiamento. A colheita está finda. Nos campos, quinze arados revolvem a terra; na machina de beneficiar, os trabalhadores estão constantemente a postos. A animação do trabalho não se interrompe ali em nenhuma época do anno. Os carros de bois cruzam e cruzam as estradas, puxados por animaes sadios e grandes. Oitenta familias de caboclos praticam os mistéres agricolas na lavoura do arroz. Na outra fazenda que os Trappistas possuem, contigua á de arroz, e onde estão formando cento e cincoenta mil pés de café, estão localizadas cerca de cincoenta familias, tambem de caboclos. São algumas centenas de pessoas redimidias ao embrutecimento e á miseria; algumas cen-

tenas de «incapazes» que fazem todo o movimento de duas grandes propriedades modernas, arroteando nada menos de trezentos e cincoenta hectares de arroz, além dos cafesaes, e lançando no mercado uma producção daquelle cereal que orça por uma media annual de quinze mil saccas de cem litros, havendo safras em que esse numero se eleva a dezoito mil. Quinhentos caboclos «indolentes» já se reuniram para a colheita nas varzeas do Byrisal: quinhentas refutações de um preconceito. Esse meio milhar de homens, e com elles outras centenas e centenas de trabalhadores válidos, resistentes, incomparaveis, vivia por ali á lei da natureza, segregados da communhão de seus patricios, totalmente desprezados na avaliação da mão de obra agricola, como se se tratasse de bichos do mato. Ninguem contava com esses homens. Porque a decadencia das grandes fortunas os tinha atirado á miseria, reduzindo-lhes progressivamente a alimentação, — eram «degenerados». E porque não tinham trabalho — eram «indolentes». Foi preciso que um punhado de estrangeiros viesse estabelecer-se naquella região, para que se visse de quanto eram incapazes aquelles párias.»

«Ninguem desconhece a gravidade dos males que o alcoolismo tem causado e ainda causa ás nossas populações ruraes. O que nem todos sabem é a extensão que esse flagello adquiriu no chamado Norte de São Paulo. Posso afirmar com segurança que uma bôa parte dessa preciosa reserva de trabalhadores agricolas constituida pelos caboclos é contaminada pelo alcool desde o berço. O alcoolismo é desgraçadamente um verdadeiro flagello nacional. Por onde quer que se percorram os nossos sertões, encontramos-lo disseminado pela ignorancia, arraigado nos hábitos, e cuidadosa, ferozmente abaluartado pelos interesses commerciaes que o protegem, cultívam e defendem. Bebem todos, em certos lugarejos: desde os mais graduados, até aos menos importantes: e quem não bebe é tido por doente, exquísitão ou maniaco. Bebe-se para evitar a maleita e para combater as febres, para prevenir e curar todos os achaques do corpo. A cachaça é talvez o primeiro cordial da parturiente e do recém-nascido; e para este, dahi por deante, é tudo: desde lombrigueiro até fortificante dos nervos e dos musculos; tanto serve de sudorifero como de refrigerante. Vêm-se individuos já cirrhoticos que ainda bebem, para curar a cirrhose; tuberculosos declarados, que ainda bebem, para curar a tuberculose; paranoicos, de-

generados, epilepticos, que ainda bebem, sempre para sarar. A ignorancia a respeito das consequencias do uso do alcool é, em nossos meios ruraes, uma cousa verdadeiramente pasmosa: é um segundo flagello. E o vicio terrível faz dia a dia novas victimas, não só entre os pobres trabalhadores, mas tambem entre os patrões e os filhos dos patrões. Para ser maior a desgraça, até as mulheres já envolveu no seu torvelinho; de modo que o futuro da raça, em muitos casos, está prejudicado no mais intimo recessos de suas origens.

Alguns «brancos», alguns patrões dão-se ares importantes e resmungam: «Gente viciada, gente perdida. . . » Entretanto, continuam a vender-lhe, a essa gente, o alcool que a vicia e que a perde. A ignorancia e o interesse commercial — eis, pois, quem sustenta o alcoolismo. As providencias a tomar evidenciam-se por si mesmas: ensino anti-alcoolico, principalmente nas escolas ruraes; limitação legal do numero de casas de bebidas, e sua regulamentação».

«Ali na Trappa se póde ver que o aproveitamento do caboclo, a sua transformação de «indolente» em operoso, é uma simples questão de educação, da qual só não se apercebem os rotineiros. Ali se pode ver confirmado o principio já exposto por Alberto Torres, no qual resume a lição da experiencia, relativamente á capacidade de trabalho do nosso homem do campo: o trabalhador nacional é sujeito ás mesmas causas de decadencia que diminuem a actividade do estrangeiro; e, como este, prospera ou decae, segundo as condições que se lhe proporcionam».

Na zona norte, para a educação dos filhos do caboclo, mantem o Estado 212 escolas de bairro, das quaes são masculinas 71, femininas 26, mixtas 115, e na marítima 15, sendo masculinas 5, femininas 4, mixtas 6. Urge augmentar o seu numero.

Os professores, a cujo cargo estão a regencia dessas escolas, devem ter nitida comprehensão da responsabilidade que lhes pesa sobre os hombros. Para educarem o caboclo e seus filhos, não basta permanecerem algumas horas nas salas de aulas, nos bairros, e voltarem immediatamente á cidade: — é preciso que convivam com ellas, que combatam jeitosamente seus vicios, mostrando-lhes as vantagens do trabalho, tornando-se, enfim, seus guias, seus amigos.

## DA EDUCAÇÃO DOS ANORMAES

Cuidando a actual reforma do ensino da educação dos anormaes, impõe-se-nos o dever de vos communicar que o Estado de S. Paulo já possui, á rua Vergueiro, um Instituto de Surdos-Mudos, mantido e dirigido pelo Prof. Nicolau Carusone, instituto esse cuja matricula se elevou, este anno, a 95 alumnos. Funciona elle em boas condições e os seus resultados são muito animadores.

Ainda se dedica á mesma especialidade educativa, o sr. Thomás Vieira dos Santos, illustrado professor português, ex-docente na Casa Pia de Lisboa, que, de preferencia, se dedica ao ensino dos surdos-mudos em familia, com muita distincção e reaes proveitos obtidos pelo seu methodo.

São dignos de estudos os artigos publicados por este professor no «Diario Popular», sobre o assumpto, e tomamos a liberdade de os transcrever, como complemento deste nosso trabalho.

A educação de anormaes já tem preocupado a attenção dos nossos educadores, e os srs. Miguel Carneiro, Basilio de Magalhães, dr. Vieira de Mello e Clemente Guaglio, estudaram o assumpto e publicaram interessantes trabalhos a respeito della.

Na Bahia, o dr. Alfredo C. Vieira, com intelligencia e clareza, trata do momentoso problema, e seu opusculo, intitulado — «Primeiros tentamens para a educação dos anormaes» — merece ser lido e meditado pelos nossos educadores.

Entre os nossos professores, muitos ha que conhecem, perfeitamente, o assumpto, devido á propaganda que aqui fez, em favor da educação dos anormaes, o Prof. dr. Hugo Pizoli, da Universidade de Modena, na Italia, quando aqui esteve, em 1914, contratado pelo governo estadual para inaugurar os estudos de psychologia experimental applicada á educação e organizar, como complemento delles, o laboratorio installado e a funcionar na Escola Normal Secundaria da Capital.

O Prof. Mariano de Oliveira, dedicado tambem a este assumpto, apresentou um relatorio, que ainda não foi publicado, e que, para illustrar o presente capitulo, nós, *data venia*, reproduzimos.

A educação dos anormaes é um trabalho de alta relevancia para o Estado e de extraordinario alcance humanitario, porque ella restitue, tanto quanto possivel, ao homem, aquillo que lhe negou a natureza ou torna-o apto para se aproveitar

das suas energias physicas, moraes e intellectuaes, em virtude de um adextramento todo especial, que lhe cria faculdades novas.

Assim, em vez de os anormaes marcharem para os manicomios, para os asylos, ou para as penitenciarias, pesando nos cofres publicos, parasitariamente, ou na bolsa dos partculares, incorporar-se hão á actividade social, como apreciaveis factores do seu progresso, em todos os seus matizes.

Accresce ainda que a educação dos anormaes veio esclarecer questões innumeradas attinentes á educação dos alumnos normaes. Os methodos e processos applicaveis aos primeiros modificaram os methodos e processos na educação dos segundos. Nem se pode compreender que a escola moderna, apta a educar os anormaes, isto é, a substituir ou corrigir a natureza delles, se considerasse fallida para a educação dos normaes, com os quaes o seu papel é apenas encaminhar a propria natureza.

A criação, pois, entre nós, de institutos para anormaes, como prescreve a recente lei n. 1579, de 19 Dezembro de 1917, é uma medida de alta importancia para o nosso ensino, de grandes vantagens para os alumnos normaes, porque trará como consequencia a vulgarização de methodos e processos para aquelles que hão de repercutir, beneficemente, nas escolas dos normaes.

Toda a difficuldade presente e que ha de desaparecer, dentro em pouco, reside no criterio para conhecer a anormalidade. Nossos professores empregam essa expressão sem o menor exame. Ha annos, iniciámos um estudo sobre alumnos indisciplinados. Após termos dirigido quesitos sobre o assumpto aos professores, organizámos, de accôrdo com as respostas recebidas, uma lista de mais ou menos 85 alumnos indisciplinados.

Estudando os alumnos e inquirindo os professores, sob a causa de tal indisciplina, chegámos a conclusões muito curiosas:— uns alumnos eram indisciplinados porque falavam demasiadamente; outros, porque levantavam, a todo o momento, a tampa da carteira; outros, nunca completavam os exercicios graphics; outros, se erguiam a todo instante das carteiras; ainda outros se rebelavam contra as ordens dos professores.

Foi com grande difficuldade que conseguimos lavar da macula de indisciplinados esses alumnos, macula que lhes era applicada injustamente. Convencemos a todos os professores que se tratava apenas de alumnos typo-motores, cuja direcção,

em classe, precisava de cuidados diferentes e especiaes. Dentre os alumnos examinados por nós, houve um cuja irascibilidade attribuímos á falta de cuidados na casa paterna, pois vinha á escola sem almoço, conservava-se calmo até 1 ou 2 horas da tarde e depois dessas horas, quasi sempre sem mendar, tornava-se irrequieto e esse seu estado muito perturbava o professor. Conselhos aos paes e prohibição de sua vinda á escola sem o almoço, contribuíram, efficazmente, para a modificação do seu caracter.

O criterio, pois, para se conhecer a anormalidade psychica é muito difficil e depende não só da argucia do professor como de pesquisas em classe, em recreio, e, mesmo, em laboratorios, afim de que seja determinada com firmeza e segurança.

Será, entretanto, necessario que se estabeleça um criterio seguro, por onde se possa aferir, com rapidez e segurança, o typo anormal. Enquanto tal não for feito, todas as tentativas de educação dos anormaes peccarão pela base.

A difficuldade capital está em saber, primeiro, o que é normalidade, porque, uma vez determinado este conceito, anormaes serão todos os que se desviarem da norma, ou typo normal. Assumpto é este tanto mais escabroso, quanto não ha quem se julgue inteiramente ou quasi inteiramente normal.

Num trabalho, publicado recentemente na «Revista do Brasil», o sr. dr. Sampaio Doria, illustre lente de psychologia na Escola Normal de São Paulo, fixou este conceito, como conclusão logica de observações rigorosas: *Normalidade, diz elle, é a capacidade de adaptação ás condições da vida.*

«Sem duvida, esta capacidade é um attributo principalmente psychico, e secundariamente physiologico. Mas elle se exterioriza em symptomas visiveis, e na actividade propria, espontanea ou procurada, de cada estagio da evolução infantil. De modo que normalidade e anormalidade são cousas verificaveis, praticamente, por quem tenha, é claro, não só o habito de lidar com a escola, como, principalmente, observação e argucia de psychologo.»

Eis os artigos do professor Thomás V. dos Santos, aos quaes já nos referimos:

«Na nobre e humana cruzada da reforma educativa, ha um problema, quicá o mais importante, cuja solução se impõe de uma maneira urgente—o problema dos anormaes.

Um systema educativo que não reduza ao minimo o numero desses residuos pedagogicos é sem duvida um syste-

ma imperfeito, falho, perigoso mesmo, sob qualquer aspecto que haja de encarar-se.

Nos paes onde se considera o ensino educativo, com um caracter scientifico, como o fulcro, a base duma renovação social, tão desejada pelos espiritos de escol, esse problema tem empolgado as atenções dos grandes pensadores, que não se poupam a esforços para o resolver da mais escrupulosa maneira, assentando toda a sua actividade especulativa nas mais recentes conquistas da anthropologia, da physiologia, e da psychologia experimental. Nomes altamente representativos andam vinculados a este magno problema, tendo-se criado uma opulenta literatura da especialidade, entre nós absolutamente abandonada, como affirma S. Ex., o Snr. presidente do Estado.

Legiões de crianças transitam pelas escolas sem que consigam alcançar os necessarios elementos de combatividade para resistirem aos embates, cada vez mais inclementes e inexoraveis, da vida morderna, cheia de imprevistos, de lutas acerbadas e que manifesta uma bem marcada tendencia para um espirito selectivo, que assignale a cada um o seu lugar, segundo o grau de laborosidade e de aptidão que revele. Essas crianças, mais tarde, são elementos de perturbação, nocivos á ordem social, augmentando a criminologia, como no-lo demonstram, exuberantemente, as estatisticas.

Nos organismos individuaes, como nos collectivos, a grande lei é esta: ascender das formas simples ás mais complexas e diferenciadas. As sociedades de amanhã serão caracterizadas por um rigoroso espirito de selecção, de differenciação funccional, de molde a designar a cada individuo a sua orbita de acção para a harmonia do conjunto. Ai! dos residuos! Ai! dos parasitas! Cada um valerá o que produzir.

No individuo, cada orgão desempenha sua funcção, dentro da qual é autonomo, mais solidarizando com os demais orgãos para um justo e harmonico equilibrio no complicadissimo e melindroso phenomeno da vida. Na sociedade, cada individuo tem, tambem, sua funcção, que deve exercer de modo a contribuir afficazmente para a harmonia do todo.

Ora, a escola deve ser superiormente orientada por este criterio basilar, fundamental, com uma visão limpida, clara, do futuro. Ella deve aproveitar, avaramente, todos os elementos, tanto quanto possivel aproveitaveis; descobrir, encaminhar ou açacalar tendencias, convertendo-as em aptidões utilizaveis

na vida pratica. O alumno que não seja utilizavel no sentido A ou B, sê-lo ha no sentido C ou D.

Os agentes educativos a porem-se em jogo variam consoante a natureza da criança, pelo que é mister fazer um estudo acurado da constituição physio-psychica do alumno, procurando conhecer os estigmas degenerativos, as taras hereditarias, afim de se pautar conscientemente a ulterior conducta pedagogica.

Pretender trabalhar com uma criança, cuja compleição se desconhece, o mesmo é que procurar fazer obra com materia prima de natureza desconhecida.

«As classes — asserta Van Bierviolet — apresentam uma cabeça, um corpo e uma cauda; geralmente a cabeça é composta por dois ou tres individuos, e a cauda, pelo contrario, é muitas vezes notavelmente desenvolvida; as classes são, por vezes, organismos, «microcephalos» (de pequena cabeça) e «macrures» (de longa cauda).»

Isto é de observação quotidiana.

E acrescenta:

«Se num jantar de cincoenta talheres se verificasse que tres pessoas sómente mostravam bom appetite, trinta comiam com repugnancia e o resto nada comia, concluir-se-ia, com alguma razão, que o «menu» era mediocre ou que os convivas tinham o estomago caprichoso e que por isso lhes não convinham os pratos que lhes eram offerecidos ou destinados. O mesmo se pode dizer das classes. Ha intelligencias excepcionalmente vivas que assimilam tudo, como succede com as pessoas que teem o que se costuma chamar estomago de avestruz, que tudo digerem. Outras ha, pelo contrario, que, perante os conhecimentos apresentados, pelos methodos mais correntes, se comportam como dispepticos da intelligencia. Que se faz, em regra, a estas? Castigam-se. Melhor fôra curá-las.»

Diz Claparède: «O professor que entra na pratica da sua profissão sem ter o menor conhecimento de psychologia, vê-se naturalmente reduzido a tentar a fazer experiencias com que os alumnos podem soffrer; é obrigado a experimentar «in anima vili», e algumas vezes essas experiencias são demasiado longas e penosas para as gerações de alumnos que as tem de soffrer... A força de construir pontes que abatem, ou machinas que estoiram e se escangalham, pode um technico sem instrucção theorica acabar por ser um bom constructor

e encontrar empiricamente as formulas que elle é incapaz de calcular. Mas quem quereria semelhante engenheiro?

«Um professor sem educação psychologica está precisamente no mesmo caso, com esta differença, comtudo: que, quando uma ponte tem a abater, no decurso de sua construcção, pode ser reparada immediatamente ou refeita. Emquanto que, se se trata de uma intelligencia ou de um character, que erradamente se forçou ou tratou na sua evolução, só tarde se dá pelo mal; quando elle já se não pode remediar, e nunca em nenhum caso se pode refazer, reconstruir, fazer de novo outra intelligencia ou outro character.»

O professor, portanto, precisa de conhecer, de perscrutar o psychismo da criança e a sua constituição physiologica, e, em instituições especiaes, medico-pedagogicas, seleccionar os anormaes, segundo as estigmas que apresentam. E' claro que, para isso, devem existir professores especializados, porque essa selecção exige conhecimentos scientificos especialissimos e um grande poder de intuição, que, como disse no meu artigo anterior, é a nossa retina espirital.

Ha muitas modalidades degenerativas, que não constituem entidades nosologicas autonomas, mas cujo estudo etiológico é importante.

Não me permite a indole deste artigo apresentar a classificação dos anormaes, tal como eu a entendo. Tenciono publicar, mais tarde, um livro, onde condensarei o que penso sobre este interessantissimo e importante assumpto. Devo, porém, salientar que as doenças do systema nervoso, que se traduzem por perturbações psychicas, sensoriaes ou motoras, constituem uma grande familia morbida, que fornece um elevado numero de anormaes.

\* \* \*

Pode dizer-se que o tratamento medico-pedagogico dos anormaes começou no seculo dezenove, com Itard, o qual tentou educar uma criança, que, durante 12 annos, errou, numa nudez troglodytica, através do bosque de La Caune, criança que a historia ficou conhecendo pela antonomazia de «o selvagem de Aveyron». Em 1824, Belhomme, interno de Esquirol, na Salpêtriére, tambem se lançou neste ensino e quatro annos depois foi organizado por Ferrus, em Bicêtres, (onde ha actualmente um estabelecimento modelar), uma pequena escola. Falret seguiu o exemplo de Ferrus e Felix Voisin fundou, mais tarde

um instituto orthophrenico, que pouco tempo durou. Mas, então, todos os esforços eram isolados e apenas para indicar os processos seguidos, o trabalho de Itard e o livro de Seguin, discípulo daquelle.

Hoje existem, na Europa e na America, excellentes estabelecimentos, em numero consideravel, para educação de anormaes, e cursos, admiravelmente organizados, para especialização de professores, onde se faz o estudo da «pedologia», em todos os seus districtos especulativos, de anatomia, de physiologia, de psychiatria, psychologia, etc.

O regimen de internato é seguido para os «retardados pathologicos. Além dos estabelecimentos especiaes, autonomos, funcionam classes de irregulares annexas ás classes de normaes. A Suissa tinha, já em 1913, 106 classes especiaes com 2.200 alumnos e 34 internatos com 1.650 crianças.

Para impedir um maior incremento a este ensino, diffundindo-o o mais possivel, criaram-se algumas associações peditivas, cuja missão tem sido superiormente fecunda e humana.

No Instituto Medico-Pedagogico de Lisboa, encontrei um apathico typico e de taras bem patentes, ao mesmo tempo um grande adenoideu, a quem se conseguiu, mediante processos interessantes, augmentar satisfactoriamente a energia phrenatriz da vontade. Os irregulares que, com mais frequencia, appareciam, eram os «apathicos», «os typos instaveis e dispersos», os «impulsivos», os «debeis». O «imbecil», tal como o consideram Binet e Simon, nunca appareceu. Mas, em compensação, verifiquei como um «falso anormal» conseguiu, durante muito tempo, illudir a observação do professor, o que me deu ensejo a tirar illações assaz valiosas e curiosissimas.

Terminarei transcrevendo a estatistica do professor Graf, relativa a utilização dos alumnos saídos das escolas especiaes:

Em 1.126 rapazes, 624 estão completamente aptos para a vida (58,5 %); 320 menos aptos (29 %) e 123 são incapazes (11,5 %).

Em 1.132 meninas, 674 estão completamente aptas para a vida (60 %); 308 menos aptas (28 %) e 117 são incapazes.

Destes numeros, tão eloquentes, tire o leitor as logicas e naturaes conclusões.

Nos paises onde a instrucção constitue a pedra angular, a base luminosa e forte do progresso social, de uma organização que, por apanagio, tenha, em suas manifestações dynamicas, um criterio differencial intelligente, tendente a valorizar, tanto quanto possivel, todas as aptidões, ha muito que o problema do ensino dos surdos-mudos foi solucionado, de modo amplamente abnegado e humano.

No flanco da humanidade soffredora tem sido arrastado o inditoso surdo-mudo, que, na remota e diffusa antiguidade, era lançado aos circos, para—repasto das feras esfaimadas, avidas de carne palpitante—satisfazer aos truculentos appetites de outra féra, mais terrivel ainda e implacavel—a multidão insaciavel, ululando, voraz, pelos prazeres sangrentos, num anseio minacissimo e destruidor. E, se não eram os circos, eram os precipicios: arremessavam-no ás fauces hiantes dos abysmos, onde o triste, o precito expiava, dilacerando-se nas arestas penetrantes de fragas e escarpas, o crime de haver nascido; ou, então, considerado como uma punição dos deuses, a estes eram sacrificados pela besta humana, numa volupia refece e ferina, entre o escachoar dos festins cannibalescos.

Segundo um autorizado publicista, «aucune classe de la société n'a plus cruellement souffert».

Ao longo dos tres periodos em que a historia deste ensino se pode considerar dividida, salientando-se cada um delles por características bem definidas, apparecem, por vezes, processos picarescos e ridiculos, como os de Carion e Büchner. Desde a quirolalia, até aos signaes methodicos ha casos muito curiosos. Com o methodo oral, a sorte do surdo-mudo melhorou consideravelmente. E ainda bem. Tem um direito sagrado á nossa solidariedade esse infeliz, que não possui o orgão de defesa social—o ouvido—consoante a definição de Mantegazza.

Em uma serie de artigos, já eu tratei, com um certo desenvolvimento, dos surdos-mudos, neste mesmo sympathico jornal, que timbra por um galhardo e fidalgo espirito hospitaleiro, e que, de coração risonho, recebe sempre todos aquelles que o procuram para debaterem problemas de publico interesse. («Diario», 18 e 26 de Outubro e 8, 17, 28 de Novembro de 1916).

Por isso, agora, tão só para encerrar esta nova serie de artigos, levanto mais uma vez a minha voz em favor desses infelizes, em prol dos quaes eu venho desdobrando, ha dilatados annos, o melhor do meu esforço, sem tergiversações,

nem desfallecimentos, antes, de um modo tenaz, obedecendo ao impulso de uma fé viva e ardente. Falar em nome do surdo-mudo é falar em nome do sofrimento humano.

Que eu saiba, não ha ainda trabalho algum estatístico, que nos dilucide acerca da população surdo-muda no Brasil. Bacoreja-me, porém, que não é pequena, o que se infere do estudo das causas determinantes, accidentaes e predisponentes da surdo-mudez, entidade nosologica para cujo apparecimento contribue uma complexidade de factores etiologicos.

Só á siphilis, que campeia devastadora, paga a surdo-mudez um pesadissimo tributo.

O «methodo oral puro» (ensino da palavra pela palavra), que em todos os paises se adopta, está no seu fastigio, muito havendo contribuido para o seu definitivo triumpho as conquistas scientificas dos ultimos annos, graças ás quaes o mecanismo da palavra articulada é bem conhecido. Os estudos anatomo-clinicos das doenças cerebraes, segundo os methodos de investigação scientifica, tendo por fulcro a observação e a experiencia, augmentaram, por tanta maneira, os nossos conhecimentos, que pode dizer-se já não haver duvidas a respeito. (Broca, Vernicke, Dejerine, Bernheim, Flechsig, etc.). A anatomia, a physiologia e a psychologia ou physiologia psychica, imprimiram um enorme desenvolvimento a este ensino especial.

Por se dizer puro, não vá julgar-se que o methodo oral deve banir o gesto psychologico, que é mister não confundir com o signal mimico. A indução psycho-motora desempenha um importante papel neste ensino.

Falando de surdos-mudos, entendemos o que é mudo porque é surdo, mas que possui os seus apparatus periphericos phono-articulatorios, bem como as respectivas vias nervosas, centripetas, inter-centraes e centrifugas, dotadas da conveniente permeabilidade.

Na Europa e na America existem institutos especiaes, bellamente dotados, com officinas annexas, funcionando, tambem, cursos pedagogicos para habilitação de professores da especialidade, os quaes precisam de ter uma não pequena preparação scientifica. Nesses estabelecimentos effectua-se uma rigorosa e consciente selecção dos alumnos—surdos phisicos, totaes, parciaes; surdos psychicos, duros de ouvido, etc.—afim de se verificar quaes os que, com proficuidade, devem ser submettidos ao regimen orthoacustico, de audição diffe-

rencial (Wolf, Kühnel, Knoblanck, Gradenigo, Eitelberg, Itard, Benedikt, etc.).

Num congresso pedagogico sobre o ensino dos anormaes, demonstrei eu a necessidade de os trabalhos de desmutilização serem acompanhados, parallelamente, dos de desensurdecimento, mediante uma gymnastica especial e methodica, salvo o caso de surdez total, absoluta, que é rara e difficil de reconhecer.

O assumpto é de uma extraordinaria vastidão. No Instituto Medico-Pedagogico de Lisboa eu tive, frequentes vezes, ensejo de verificar que surdos considerados totaes eram susceptiveis de uma reeducação auricular muito satisfactoria e na investigação do campo auditivo-subjectivo cheguei a illações interessantissimas. E' este um ponto da mais alta importancia, apesar de ter sido criminosamente abandonado por alguns professores.

Como já tive occasião de referir num artigo, foi neste modelar instituto que encontrei o typo horizontal de Blazeck, isto é, aquelle em quem a curva da fadiga é horizontal.

Enfim, este ensino está reclamando a attenção acurada dos poderes constituídos e certo estou de que o Estado de S. Paulo, que pretende ser o indice do Brasil em materia de instrucção, o criará, preenchendo, assim uma lacuna que se tem feito sentir de um modo bem doloroso.

Entendo que nas escolas normaes devia existir uma cadeira da especialidade, porque, como muito bem diz um illustre pedagogista, «assim como a anatomia do systema nervoso se tem desenvolvido sobretudo á custa da anatomia pathologica, e assim como a psychologia tem sido esclarecida pela psiquiatria, assim tambem a pedagogia dos escolares normaes tem lucrado e progredido muito á custa da dos anormaes. O ensino dos surdos-mudos, prende-se estreitamente com o ensino da orthophonia».

Entre os anormaes, particularmente os «arriérés», observam-se, com frequencia, varios casos de perturbação da palavra: dysathrias, funcçionaes e organicas, dysphasias, dyslalias, alogias, phonastenias, etc.

Ley encontrou perturbações da palavra em 30 a 35 por cento de crianças anormaes.

Segundo uma estatistica belga, verificaram-se, entre «arriérés», 22,5 p. c. dessas perturbações e em Gand as es-

taticas accusaram, entre anormaes em geral, uma porcentagem de 68,7.

Resalta, desta eloquencia numerica, a enorme importancia que o problema apresenta para a collectividade e para os professores, esses nobres obreiros a quem está confiada uma excelsa missão social, em cujo desempenho se deve desenvolver intelligencia, tenacidade, carinho e abnegação, porque essa missão, acima de tudo, deve ser um apostolado.

Não esqueçamos que a sociedade vale o que a escola valer. As sociedades superiormente organizadas devem caracterisar-se por uma perfeita differenciação funcional—aquillo que em biologia se chama differenciação physiologica, e, em economia, combinação do trabalho.

Assim como, na escola da vida, os individuos são tanto mais perfectos, quanto maior fôr a differenciação physiologica, assim tambem as sociedades são tanto mais intelligentemente organizadas, quanto mais elevado fôr o espirito selectivo que a ellas presida.

Para terminar, seja-me licito reproduzir as palavras seguintes, proferidas por um grande sociologo: «povo em que os anormaes sejam numerosos é povo em que um forte elemento de depressão economica existe, porque esses anormaes representam elementos improductivos, ou de productividade relativamente inferior. A pedagogia moderna procura valorisar taes elementos e tem, realmente, conseguido verdadeiros prodigios».

Eu acrescentarei que a pedagogia moderna tem demonstrado que a maioria dos anormaes possui grandes aptidões em potencial.

Numa proxima conferencia aqui ou no Rio, esplanarei o que penso sobre este ensino—porque ha muito, muitissimo que dizer.

«Dorénavant il n'y aura plus de sourds-muets, il y aura des sourds parlants».

DE L'E'PÉE.

Nas remotas eras, que a investigação não attinge com a necessaria e desejada efficacia uma grande nebulosidade se adensa em torno dos surdos-mudos, cuja historia, nesses longes, é mal conhecida.

Uma luz diffusa, indecisa, frustra-nos todas as tentativas de estudo preciso e claro.

A Humanidade—que podemos considerar symbolisada no Prometheu da mytologia greco-romana—conta, entre os que mais teem soffrido, os surdos-mudos, os quaes atravessaram seculos agrilhoados acerbamente ao seu duplo infortunio, perseguidos, com ferocia, respirando uma atmospheria de anathemas sangrentos, arrastando, emfim, na sua orbita, tremendas miserias, torturas incomportaveis.

Ninguem merece mais a nossa compaixão, a nossa piedade.

Todos os corações generosos devem pedir, clamorosamente, a rehabilitação destes infelizes.

Os espartanos na cruel e obsidiante preocupação da defesa da raça, precipitavam-nos, das escarpas erriçadas do Táygeta, á voragem do Barathro. Roma lançava-os ás aguas do Tibre.

Ainda mesmo nos seculos brilhantes de Pericles e de Augusto, os surdos-mudos viviam sobre um jugo degradante: obrigavam-nos a trabalhos violentos, pesadissimos, batendo-lhes o corpo a latego, se lhes fallecessem as forças.

Mais tarde, os juriconsultos romanos occuparam-se delles, minorando a dureza das suas condições sociaes. Mas, em geral, vedavam-lhes, em leis iniquas e severas, o direito de administrar os bens de testar e exercer cargos publicos.

Os gaulêses, não menos crueis que os espartanos, sacrificavam-nos a Teutatés, o deus insaciavel.

Hippocrates dizia que—«os surdos de nascimentos não podem proferir senão uma especie de sons». Aristoteles affirmava que—«os surdos de nascimento são ao mesmo tempo mudos; aptos a soltar gritos, não podem chegar a pronunciar palavra alguma». Estas opiniões, que Plinio, o Antigo, partilhava, exerceram durante seculos uma influencia deleteria, a que os surdos-mudos devem em grande parte o ostracismo a que foram relegados.

O Christianismo, que chamava a si os humildes, os oprimidos, embora não perseguisse, como a féras, os inditosos surdos-mudos, abandonou-os, suppondo-os possuidos dum demonio causador da surdez, crença que, em 1500, ainda escandecia a mente de Luthero.

No dobrar dos annos, á maneira que se ia realisando um mais largo movimento de solidariedade humana, e se ma-

nifestava uma mais intensa actividade espiritual, tendente a desfazer estultos preconceitos no reactivo irrisistível da razão, da analyse scientifica, os surdos-mudos iam melhorando de sorte, num avanço lento, mas, crescente.

Desde os primeiros ensaios de Ponce em Espanha (sec. 16.º), até ao famoso Congresso Internacional de Milão, em 1880, percorre-se uma gamma toda de progresso ascencional.

Um fremito de piedade agita os corações, na ansia de tornar uteis, de rehabilitar aquelles a quem a Natureza, negando-lhes o ouvido, privou do mais poderoso e terno instrumento de exteriorisação dos movimentos da alma — a *palavra falada*.

Entre a seára dos que, carinhosamente, se lançaram á cruzada bemdita da libertação destes anormaes, avultam, sobranceiros e cingidos de um halo de gloria: Pedro de Ponce e Pablo Bonet, em Espanha; Lana Terzi e Julia Tarra, em Italia; John Wallis, em Inglaterra; Van Halmont e Conrado Amman, na Hollanda; Kerger, Rapkel e Samuel Heinich, na Allemanha; o veneravel Deschamps, os piedosos De L'E'pée e Saint Sernia; Valade Gabel, Itard e Degerand, em França. O celebre Jacob Rodrigues Pereira, judeu portuguez, notabilizou-se em França como desmutisador, tornando-se grande entre os maiores.

\* \* \*

Póde dividir-se a historia do ensino dos surdos-mudos em 3 periodos bem distinctos. O primeiro decorre entre os primeiros ensaios effectuados por Pedro de Ponce, em Espanha e a invenção do signaes methodicos por Charles Michel, de L'E'pée; o segundo começa na invenção destes signaes e termina no Congresso de 1880. O terceiro periodo marca o triumpho difinitivo do methodo oral puro.

Já no Congresso de Paris (1878) o methodo oral ganhára terreno; já um horizonte largo, cheio de luz, apparecêra aos olhos do surdo-mudo, que, assim, se via no limiar duma reabilitação. Eram os prodromos duma nova era, irradiante e fecunda.

Em 1879, o italiano Balestra foi encarregado de ensaiar, no Instituto de Paris, o methodo oral puro, que teve a sua maxima consagração no historico e notavel Congresso Internacional de Milão, em 1880, a que, segundo assera Luis

Casanova, no seu «*Rendiconto per gli anni del 1889 al 1891*», assistiram «*los mas intelligentes y mas calurosos impugnadores del methodo oral puro.*»

Esse Congresso durou seis dias (6 a 11 de Setembro) e foi presidido pelo illustre Julio Tarra, director do *Instituto de Surdos-Mudos pobres de Milão*, tendo servido de vice-presidentes: pela Italia, o padre Marchio, prof. em Sienna e auctor dum spirometro; pela França, Auguste Houdin, director do *Instituto de Surdos-Mudos de Paris*; pela Inglaterra, L. Peet, *Instituto de Surdos-mudos de Nova York*; pela Allemanha, Edmond Treibel, director do *Instituto de Berlim*.

Todos, ainda os mais ardentes partidarios da mimica, se retiraram, terminada a sessão de encerramento, aos gritos de

VIVE LA PAROLE!

Estava, pois, estabelecida a supremacia da *palavra falada* no ensino dos surdos-mudos *pelo methodo oral puro*. Verdadeiramente, nesse Congresso debateram-se as duas fracções da escola oral — a *mixta* e a *pura*; a primeira admittindo a palavra como meio e fim do ensino, é certo, mas permittindo o emprego, embora moderado, dos signaes mimicos da escola francêsa, sempre mais ou menos convencionaes, ainda que se lhe chamem naturaes; a segunda, banindo por completo o *signal mimico*, e admittindo, *unica e exclusivamente*, o *gesto natural*, elucidativo, imperativo, que dá vivacidade e atmospherá á expressão — tal como nós, ouvintes fallantes, o empregamos.

Á primeira questão, a fundamental, que se submetteu á apreciação dos congressistas foi: «Indicar as vantagens do methodo da articulação sobre o dos signaes e reciprocamente; collocar-se no ponto de vista do ensino sem desprezar coisa alguma que se ralacione com a vida social.»

Este ponto foi muito discutido, tomando-se, por fim, a seguinte resolução:

O Congresso, considerando a incontestavel superioridade da palavra sobre os signaes para restituir o surdo-mudo á sociedade e dar-lhe um mais perfeito conhecimento da lingua, declara que o *methodo oral* deve ser preferido ao da mimica para a educação e instrução dos surdos-mudos.»

E depois:

«O Congresso, considerando que o uso simultaneo da palavra e dos signaes mimicos tem a desvantagem de prejudi-

car a palavra, a leitura sobre os labios e a pressão das ideas, declara que o *methodo oral puro* deve ser preferido.»

Os resultados obtidos por este methodo, tanto na Europa como na America, são prodigiosos. E eu, na regencia da minha classe, na Casa Pia de Lisboa, secular e notavel instituição do Estado, tive o ineffavel prazer de, experimentalmente, verificar a excellencia do methodo oral, o unico que satisfaz ao grande fim a attingir: *approximar o mais possivel o surdo-mudo da sociedade e do ouvinte fallante.*

O Estado de São Paulo, que na escola e no seu systema de educação e ensino tem a razão do extraordinario progresso que o superioriza, deve, agora que pensa nos anormaes, lembrar-se dos surdos-mudos, chamando-os a si e convertendo-os em cellulas sociaes uteis, productoras.

O digno Secretario do Interior, criando escolas especiaes para estes infelizes, vinculará o seu nome a uma obra meritoria, altamente humana e democratica.

*«Il importe surtout que l'enfant sourd-muet ne soit pas abandoné à lui même. Il a besoin qu'on s'occupe de lui plus qu'un autre enfant.»* (G. Rouma.)

Torna-se necessario democratizar o ensino, dilatá-lo até aos desherdados da Natureza.

E' preciso bradar bem alto — *clama ne cesses* — que a *sciencia faz fallar o mudo.*

Durante o primeiro dos 3 periodos em que se divide a historia do ensino destes anormaes, a grande preocupação — característica dominante — foi procurar dotar o surdo-mudo com a palavra fallada, viva e sonora. Houve mesmo quem se notabilizasse como desmutizador, apesar da inópia dos conhecimentos scientificos especiaes da época (Ponce, Bonnet, Wallis, Amman, Raphel, Heinick e Pereira). Resultados admiraveis sobredoiraram ingentes esforços, que, na mór parte, tiveram a sua genese em tersos sentimentos de piedoso altruismo.

Depois do caso, algo lendario, do bispo de Hexham (7.º sec.), que, segundo refere o veneravel Béde, na sua historia ecclesiástica, ensinou a falar um mendigo surdo-mudo, que costumava pedir-lhe esmola, transcorreram uns 7 longos seculos.

O primeiro periodo succedaneo desse vacuo de 7 seculos, que não nos deixou noticia do surdo-mudo, se abre com o extraordinario e febril movimento intellectual suscitado pelo Renascimento, que accendeu na historia um fulgurante sulco de luz.

No seu transito doloroso através das idades, o surdo-mudo, como o infimo dos precitos, soffreu tremendamente.

A partir da Renascença, esboça-se um movimento em prol dos escorraçados surdos-mudos: assignala-se um salutar interesse em tornar uteis estes como residuos sociaes, interesse que, gradativamente, se intensifica no rodar dos annos.

A appareição dos signaes methodicos de L'E-pée, com que se abre o 2.º periodo, absorve as atenções e o methodo oral estaciona, perde mesmo algum terreno. Todas as actividades giram em torno deste ponto central: o signal methodico.

O prestigio pessoal do bom e caridoso de L'E-pée é um expoente de monta na valorização do invento, que Cucurron Sicard amplia e modifica.

Todavia, o illustre versalhense, symbolo de bondade, de abnegação, publicou, em 1878, o seu livro — *L'Art de faire parler les Surds-Muets*. E' que elle tambem se entregara ao ensino da palavra, mas em muito pequena escala.

Realiza-se o Congresso de Milão (1880), que, no meu ponto de vista, inicia o 3.º periodo: o methodo oral, consoante já disse, triumphou, ruidosamente, radica-se com vigor e toma o vulto de um verdadeiro acontecimento nos dominios da pedagogia universal.

O surdo-mudo converter-se ha em surdo fallante.

Taes resultados, evidentemente, conseguem-se dos surdos-mudos, que podemos chamar normaes, isto é, dos que são mudos pelo facto exclusivo de que são surdos, possuindo todos os orgãos centraes (sensorios e motores), inter-centraes e periphericos dos restantes sentidos, bem como da palavra falada, com a indispensavel capacidade funcional.

Posta a destrinça — esclarecimento necessario — passo a apresentar, como prometti, as considerações com que o Congresso de Milão demonstra a grande superioridade do methodo oral, que, fervorosamente, recommenda.

Oiçamos, portanto, o Congresso :

1.<sup>a</sup> — «Se a palavra, no ensino dos surdos-mudos, offerece a desvantagem de exigir da parte do professor mais trabalho e mais cuidado que a mimica e a de exigir maior numero de mestres para o mesmo numero de alumnos, ella tem, em compensação, a inapreciavel vantagem de dotar o surdo-mudo de um meio commodo e geral de communicação na vida e de resolver, assim, de um modo tão completo quanto possivel, o problema da sua educação, apresentado, necessariamente, nos seguintes termos :

Aproximar o surdo-mudo o mais possivel da sociedade e do ouvinte fallante».

2.<sup>a</sup> — «Se a mimica tem sobre a palavra a vantagem de exigir menos trabalho, menos cuidados e menos mestres para o mesmo numero de alumnos, tem ella a immensa e incontestavel desvantagem de só dar ao surdo-mudo um meio incommodo e singular de communicação na vida, por consequencia de o conservar isolado da sociedade, em vez de o approximar della, resolvendo, imperfeita e insufficientemente, o problema de sua educação, apresentado nos termos acima referidos».

3.<sup>a</sup> — «Se a mimica tem a vantagem de attingir, facilmente, o numero, a palavra, que, ensinada de um modo definitivo, o attinge tambem, apresenta sobre aquella a vantagem de ter mais presa a intelligencia e de exercer sobre esta uma mais forte acção, attingindo-a mais facilmente».

4.<sup>a</sup> — «As lições são bem melhor e mais rapidamente aprendidas mediante a palavra, isto é, decompondo os textos em elementos sonoros e syllabicos, do que mediante a mimica, isto é, decompondo os textos em elementos dactylogolicos ou alphabeticos, dez vezes mais numerosos que os primeiros; e isto pela razão de que—a impressão mais nitida, mais forte e mais natural, produzida no centro intellectual pela palavra fallada, levanta consideravelmente a acção da memoria, allivian-do-a, e deixando, por esse facto, mais lugar á intelligencia para ella effectuar o duplo trabalho de percepção e de assimilação da idéa e da palavra, das idéas e das phrases».

5.<sup>a</sup> — «Se a palavra lida sobre os labios offerece a desvantagem de ser mais fugaz e de produzir uma sensação mais vaga que a percebida pelo ouvido, a mimica tem a não

menos grave de ser, pela falta de laços e signaes que a sua natureza rejeita, dum vago e descosido desesperadores na sua phraseologia».

6.<sup>a</sup> — «Se a demonstração oral é lenta para os surdos que lêm sobre os labios, ella é contudo precisa e nitida nas suas formas; se a demonstração mimica é mais rapida, em compensação as suas formas são cheias de equivosos e de obscuridade».

7.<sup>a</sup> — «Se a mimica tem para nós a desvantagem de apresentar ao alumno a phrase construida de um modo differente da phrase escripta; a palavra tem, pelo contrario, a vantagem de apresentar-lhe a phrase exactamente semelhante, o que simplifica o estudo da linguagem escripta, que vem, por sua vez, auxiliar o da palavra, e, sobretudo, o da lingua, em geral, offerecendo um ponto de apoio mais solido á vista e por consequente ás operações do espirito, á attenção, á reflexão, ou, como se poderia dizer, á ruminação das idéas e formas expressivas».

8.<sup>a</sup> — «Se a palavra lida sobre os labios tem o grave e, infelizmente, irreparavel inconveniente de não fazer perceber ao surdo fallante senão successivamente e por um mesmo sentido (uma unica porta intellectual aberta: a «vista») as duas ordens de sensações — sensação-idéa ou percepção da coisa e sensação-signal da idéa ou percepção da expressão— que o ouvinte recebe simultaneamente por dois sentidos (duas portas intellectuaes abertas ao mesmo tempo: «vista e ouvido»); a mimica apresenta o mesmo inconveniente ao surdo-mudo, que tem uma só porta intellectual aberta ás ordens de sensações».

9.<sup>a</sup> — «Se a palavra apresenta o inconveniente, que a mimica não tem, de absorver em proveito da educação dos orgãos da voz um certo tempo roubado á educação intellectual, em troca tem a vantagem, sobre fazer aprender melhor e mais depressa, de poder reganhar em proveito da segunda o tempo consagrado á primeira, além de dotar o surdo-mudo com um meio geral de communicação».

10.<sup>a</sup> — «Emfim, a mimica offerece muitas vezes o gravissimo inconveniente, que não tem a palavra, de excitar os sentidos a um elevado grau, provocando a paixão e a crueldade. A mudez, o naturalismo do signal mimico tem, com effeito, a triste propriedade de exprimir certas idéas dum

modo que muito fere a delicadeza, offendendo o pudor e os bons costumes».

\*  
\* \*

Sem invocar as razões physiologicas, que poderosamente militam em favor do methodo oral, todas as vantagens estão, como se vê, do lado da palavra, cujo exercicio favorece consideravelmente uma das mais importantes funcções da vida— a funcção respiratoria.

Do seio deste Congresso emerge para o surdo-mudo um mundo novo; o methodo oral vulgariza-se e os resultados attestam, dum modo incessante e eloquente, a sua sublimidade.

A sciencia— «a sempre amada e a sempre vestal»—realiza mais esta maravilha:

Faz fallar o mudo.

A surdez congenita, impedindo que o centro motor da palavra articulada (3.<sup>a</sup> circunvolução frontal esquerda) seja solicitado, apparece sempre concomitantemente com a mudez.

Se a surdez for adquirida depois de o centro nervoso de Broca haver já sido, durante alguns annos, excitado, de maneira a guardar a memoria das imagens motoras da palavra, o doente pode continuar a fallar: mas—pois que cessa a funcção reguladora do ouvido— a palavra perderá, gradualmente, a nitidez e as nuanças de inflexão. Suppõe-se não haver lesão nos órgãos periphericos da articulação, nem nos outros sentidos, nas suas vias nervosas, centripetas e centrifugas, de transmissão, bem como nos centros cerebraes.

Se a surdez sobrevem numa idade em que não foi possível fixar imagens motoras, guardar, por assim dizer, «clichés» de phrases, não se tendo exercitado, sufficientemente, os apparatus periphericos da palavra, o doente cairá no mutismo.

A surdo-mudez pode, portanto, ser congenita ou adquirida.

A primeira das formas, a congenita, está ligada á hereditariedade, que tem uma consideravel importancia na pathogenia desta entidade nosologica.

Com effeito, pelo estudo dos factores etiologicos se tem verificado a existencia, por transmissão, da surdo-mudez nas linhas directas e collateraes, sendo muito frequente nas uniões consanguineas.

Segundo uma estatistica, que tenho presente, encontram-se 70 % de surdos-mudos na união de tias com sobrinhos, 37 % entre tias e sobrinhos e 18 % entre primos e co-irmãos.

No alcoolismo, nas doenças profissionaes, oriundas do exercicio de industrias toxicas, na tuberculose e doenças infecto-contagiosas podem residir as origens hereditarias remotas ou proximas, da surdo-mudez.

O heredo-syphilismo entra com um elevado contingente. Diz, a respeito, o meu illustre amigo Ary dos Santos, distincto medico aurista:

«Nas intoxicações pathogenicas ha uma que nos deve merecer especial attenção; refiro-me á syphilis pelas perturbações dystrophicas e deformações congenitas occasionadas e que em todas as estatisticas apparecem em numero elevadissimo. O apparecimento de uma surdez de marcha lenta ou rapida durante a primeira infancia e sem causa apparente; as anomalias do desenvolvimento do ouvido interno; a porcentagem elevada de surdos-mudos heredo-syphiliticos; a frequencia da syphilis nos antecedentes hereditarios dos surdos-mudos e as lesões labyrinthicas que levam sempre o doente a uma surdez total ou quasi total, são elementos sufficientemente fortes, para nos convencer do grande tributo que a surdo-mudez paga á syphilis».

Tambem se incluem na categoria das causas da surdo-mudez as grandes differenças de idéa entre os progenitores, e, na opinião de muitos autores, os traumatismos da mãe e do feto e as influencias psychicas durante o período gravídico.

Entre os meus ex-alumnos do Instituto-Medico-Pedagogico de Lisbôa, um havia, surdo-mudo de nascimento, cuja mãe fora pelo marido muito seviciada durante o periodo gravídico. Esse facto foi apontado como causa da surdo-mudez da criança, que sempre manifestou uma notavel aptidão para a caricatura.

Não são raros os casos de surdos-mudos de nascimento, que, durante a vida fetal, soffreram fortes abalos.

A influencia da hereditariedade muito maior será, se, como asserta Féré, a surdo-mudez pertence, effectivamente, á grande familia nevropatha.

As mais frequentes das causas accidentadas são: meningites, convulsões, coriza, esscarlatina, febres infecciosas, otite,

paralysis geral, sarampo, labyrinthite dupla (doença de Vol-  
tolin), diphtheria.

Uma supuração dupla ou lesões cicatriciaes podem, em  
crianças de pouca idade, determinar um grau de surdez con-  
ducente ao mutismo.

O quadro estatístico que segue diz respeito a 51 alum-  
nos surdos-mudos. Nelle se consignam, por ordem de fre-  
quencia, as doenças causadoras da surdo-mudez.

Surdez	} adquirida	Meningite . . . . .	20
		indeterminada . . . . .	8
		convulsões . . . . .	1
		coriza . . . . .	1
		escarlatina . . . . .	1
		febre typhoide . . . . .	1
		otite . . . . .	1
		paralysis geral . . . . .	1
		sarampo . . . . .	1
		congenita . . . . .	16
Total . . . . .		51	

Como se vê, a surdez congenita entra em numero 2,1  
vezes menor do que a adquirida, e, nesta ultima, a meningite  
apparece, como causa, numa porcentagam verdadeiramente  
aterradora.

Apesar de pouco se haver avançado no estudo patho-  
genico das anomalias congenitas, pode afirmar-se que só muito  
excepcionalmente algumas deformações congenitas do pavilhão  
auricular e do canal auditivo externo podem entrar como facto-  
res na pathogenia da surdo-mudez.

E', porém, muito frequente a coexistencia da surdo-  
mudez e de anomalias do pavilhão auricular.

Todos os trabalhos estatísticos demonstram que o sexo  
masculino paga um maior tributo á surdo-mudez.

As estatísticas dizem-nos, tambem, que a surdo-mudez é  
mais frequente nas regiões montanhosas. Assim, emquanto na  
Suissa, na Austria e em Baden apparecem surdos-mudos na  
proporção, respectivamente, de 245, 123 e 122 por cada 100.000  
habitantes, na Belgica e na Hollanda ha, para o mesmo nu-  
mero de habitantes, apenas 43.

Perorei o meu ultimo artigo, affirmando que a popula-  
ção surdo-muda nas regiões montanhosas é maior do que nas  
planas.

E' um facto incontestavel. Assim no-lo demonstram, numa  
convergencia que, até hoje, se tem mantido, inalteravelmente,  
todos os trabalhos estatísticos de que hei conhecimento ou  
noticia.

Ninguem ignora o alto valor dos estudos estatísticos,  
que, em muitos casos, supprem as deficiencias de investigação  
scientifica.

Nesta especialidade, a estatistica é uma fonte perenne e  
fecunda de informação.

Esta parte do nosso estudo, a que diz respeito á distri-  
buição dos surdos-mudos pelos diferentes paises, é uma das  
que mais prendem, pois que sobremodo interessam o medico e  
o desmutizador.

A porcentagem de surdos-mudos oscilla, sensivelmente,  
segundo as condições hypsometricas do solo.

As grandes differenças do nivel do terreno correspon-  
dem, parallelamente, os grandes desnivelamentos entre a po-  
pulação normal e a surdo-muda.

A Suissa, com o seu solo atormentado, dá-nos, para cada  
100.000 habitantes, o elevado numero de 245 surdos-mudos.  
A plana Belgica, a nação martyr, com seu solo amoroso e  
fecundo, agora talado e cruelmente revolvido por «la bête  
humaine» nessa orgia de sangue que nos envergonha a todos,  
apenas apresenta 43—o mesmo numero que conta a Hollanda.

O quadro que segue, attinente a censos um pouco dis-  
tantes, publicou-o, em 1900, o dr. Saint Hilaire, que declarou  
não se haver publicado, ulteriormente, outro, sobre o mesmo  
assumpto; pelo menos até 1913, anno em que fez a de-  
claração.

Infelizmente, o dr. Saint Hilaire não fez no seu trabalho  
a destrinça das duas formas de surdo-mudez—a congenita e  
a accidental ou adquirida—nem nos diz a proporção em que  
cada uma se encontra na constituição do povo surdo-mudo.  
E' um falta muito de lamentar, visto que este estudo é for-  
temente vinculado ao das influencias mesogeneticas.

Eis o quadro da população surdo-muda:

REGIÕES	ANNO	NUMERO DE SURDOS- MUDOS POR 100.000 HABITANTES	NUMERO TOTAL DE SURDOS-MUDOS
<b>EUROPA</b>			
Suissa . . . . .	1870	245	6.544
Austria . . . . .	1890	123	29.217
Baden . . . . .	1871	122	1.784
Suecia . . . . .	1895	116	5.307
Alsacia-Lorena . . . . .	1871	111	1.724
Wurtemberg . . . . .	1861	111	1.910
Hungria . . . . .	1890	109	29.924
Noruega . . . . .	1891	106	2.139
Prussia . . . . .	1880	192	27.794
Finlandia . . . . .	1880	102	2.098
Baviera . . . . .	1871	90	4.381
Irlanda . . . . .	1880	77	3.993
Portugal . . . . .	1878	75	3.109
Dinamarca . . . . .	1890	65	1.411
Grecia . . . . .	1879	65	1.085
França . . . . .	1876	58	11.460
Saxonia . . . . .	1890	57	1.994
Escocia . . . . .	1881	57	2.142
Italia . . . . .	1881	54	15.300
Inglaterra . . . . .	1891	50	14.112
Espanha . . . . .	1877	66	4.425
Belgica . . . . .	1875	43	1.208
Hollanda . . . . .	1889	43	1.977
<b>AMERICA</b>			
Canadá . . . . .	1891	100	4.819
Estados Unidos . . . . .	1890	66	41.283
<b>ASIA</b>			
India . . . . .	1891	69	196.843
<b>AFRICA</b>			
Colonia do Cabo . . . . .	1890	53	802
<b>OCEANIA</b>			
Colonias Inglesas . . . . .	1891	37	1.412

Os países estão enumerados, consoante se vê, pela ordem descendente e decrescente da porcentagem de surdos-mudos. Nitidamente se verifica que essa porcentagem é, nas zonas acidentadas, maior de que nas planas.

A curva demographica da surdo-mudez varia, pois, segundo os relevos geographicos.

No mappa acima, Portugal figura com a cota de 75 surdos-mudos por 100.000 habitantes, num total de 3.109 surdos-mudos.

O censo de 1911 accusa uma população de 3.451 surdos-mudos naquelle país, o qual, nos districtos montanhosos de Castello Branco, Guarda, Villa Real e Vizeu, tem, para cada 100.000 habitantes, respectivamente 104, 83, 74 e 74 surdos-mudos—ao passo que nos districtos de Evora e de Lisbôa, apresenta, respectivamente, 28 e 36, apenas, na mesma base.

As estatísticas, na eloquencia brutal do numero, tambem nos dizem que o sexo masculino paga um mais elevado tributo á surdo-mudez.

Em cada país citado no quadro de Saint-Hilaire — respeitando a ordem de enumeração, existe, respectivamente, ao lado de cada 100 surdos-mudos, o seguinte numero de surdas-mudas: 74, 89, 90, 76, 87, 84; 81, 83, 77, 94, 87, 73, 89; 87, 85, 86, 76, 83. 85; 89, 81, 86, 81, 64, 78.

Vejamos agora a relação dos estabelecimentos officiaes de ensino de surdos-mudos:

REGIÕES	Numero de Institutos	REGIÕES	Numero de Institutos
Europa Meridional		Allemanha . . . . .	70
Portugal . . . . .	4	Suissa . . . . .	14
Espanha . . . . .	10		
Italia . . . . .	46	Europa Noroeste	
Grecia . . . . .	—		
Turquia . . . . .	—	Reino Unido:	
Romenia . . . . .	1		
Servia . . . . .	1	Inglaterra . . . . .	50
Montenegro . . . . .	—	Escocia . . . . .	7
		Galles . . . . .	5
Europa Central		Irlanda . . . . .	3
Austria . . . . .	26		
Hungria . . . . .	12		

REGIÕES	Numero de Institutos	REGIÕES	Numero de Institutos
Europa Noroeste		Europa Oriental	
França . . . . .	63	<i>Russia:</i>	
Monaco . . . . .	—	Russia . . . . .	20
Belgica . . . . .	11	Finlandia . . . . .	7
Luxemburgo . . . . .	—	Livonia . . . . .	5
Hollanda . . . . .	2		
Europa Septentrional			
Dinamarca . . . . .	—	Estados Unidos . . . . .	77
Suecia . . . . .	8	Brasil . . . . .	1
Noruega . . . . .	3	Asia, Africa, Australia	17

O methodo universalmente adoptado é o oral—palavra falada—que tem, sobre todos os outros, uma enorme e incontestavel superioridade.»

«Les yeux du surd devien-  
«nent ses oreilles, comme les  
«doigts des aveugles devien-  
«nent ses yeux.» *T. Denis.*  
«Entre toutes les formes de  
«langage, c'est la parole arti-  
«culée qui contribue le plus  
«à l'évolution du cerveau hu-  
«main.» *G. Rouma.*  
«De todos os methodos de  
«ensino, o que revela manifes-  
«ta superioridade é, indubita-  
«velmente, o oral puro, não  
«havendo, a meu ver, argumen-  
«tos que possam contestar o  
«seu valor.» *Ary dos Santos.*

«O methodo oral, cuja superioridade se encontra, hoje irrefragavelmente, estabelecida e demonstrada, está no zenith.

Embora em alguns surdos-mudos não manifeste grande proficuidade, uma efficacia em toda a sua plenitude, esse methodo extraordinario e maravilhoso fornece, contudo, os elementos indispensaveis para um mais facil e geral meio de comunicação na sociedade.

Demais, estando, como é sabido, a funcção phonatoria estreitamente ligada ao acto respiratorio, com o qual se mantem numa inter-dependencia, a enorme vantagem que decorre do exercicio da palavra articulada é evidente, é axiomatica—resalta dum modo claro, insophismavel. Quando outras razões não houvesse—que ha e muitissimas—esta, só, de per si bastaria a legitimar a preferencia que todos os que, sciente e consciencientemente, desejam lançar-se na trilha deste escabroso ensino, devem dar ao methodo oral, como sendo o que mais tende para o grande escopo a attingir: approximar o surdo-mudo do ouvinte falante.

E' preciso reduzir ao minimo a barreira cruel que se para aquelle deste ultimo. No ponto de vista desta suprema aspiração, que nos deve alentar e aquecer a alma, o *methodo intuitivo oral puro* é completo e de uma perfeição admiravel.

Dotar o surdo-mudo com a palavra falada, banindo a mimica—não o gesto physio-psychico—é o fim do *methodo intuitivo oral puro*, o adoptado nos melhores estabelecimentos da Europa e da America do Norte. Collimando aquelle escopo é que toda a nossa actividade tem de desdobrar-se, numa harmonia synergica. Muitos e enormes obices nos esperam, em tredas emboscadas, para nos interceptarem o passo. Para derrubar esses obices faz-se mister muita perseverança, uma tenacidade de aço, e, sobretudo, uma paciencia irrestricta, uma inquebrantavel e carinhosa dedicação. Luta sem treguas, permanente, com a Natureza.

Mas tambem, transcorrida a escarpa, que de consolos, que immensa satisfação!

Este prazer introduzível já eu o frui, com volupia, sofregamente.

Com que orgulho—santissimo orgulho!—eu ouvi a alguns de meus alumnos dizer, de viva voz, que sabiam falar, ler e escrever!

Nos exames publicos a que, em Portugal, foram submettidos os primeiros surdos falantes, estes leram em voz alta, e em voz alta, responderam ás perguntas que lhes formularam.

Numa sessão festiva em que alguns surdos falantes pronunciaram, de viva voz, pequenos e sugestivos discursos, a assistencia commoveu-se, intensamente, irrompendo de todos os olhos, a flux, lagrimas reconfortantes, lagrimas bem sentidas, de reconhecimento profundo, de intima e vibrante consolação.

Um delles, em voz bem timbrada e com articulação correcta, descreveu, com emoção, uma tempestade no mar: a luta gigantesca dos elementos; as aguas elevando, convulsivas, o dorso, e, depois, cahindo e rolando sobre si mesmas; o firmamento accendendo-se ao rubro branco...

«Mas... ai de mim! Nada ouço, sou surdo!» — concluiu o sympathico surdo falante.

Aquellas palavras cahiram-me na alma como os sons translucidos de um cantico triumphal.

Naquelle momento solennissimo senti ecoarem-me no ouvido estas propheticas palavras de Isaiás: «Então o coxo saltará como um veado e a lingua do surdo cantará.»

\* \*

O surdo-mudo é mudo, porque é surdo. Ha outras formas de mudez, como — a *alogia congenita (idiotia aphasica)*, *aphemia (aphasia motriz)*, *aphasia total* (destruição dos centros da linguagem, sensorios e motores), etc.

Por imitação, aprende a criança a falar segundo um mecanismo que, em suas linhas geraes, é o seguinte: a palavra phonada é transmittida ao ouvido (*apparelho receptor*); registrada pelo aparelho sensitivo da audição (*centro registrador*); o centro superior da linguagem articulada (*centro elaborador*, consciente e voluntario) assimila e coordena a impressão; o centro motor dos musculos vocaes e bucaes (*centro transmissor*) é excitado no sentido da palavra falada, e o aparelho phonatorio (*ap. executor*) entra em actividade.

No surdo-mudo a funcção auditiva não existe; nelle a vista substitue o ouvido. E' um dos pontos basilares do methodo: elevar o expoente da acuidade visual o mais possivel. Graças a uma gymnastica muito especial, o alumno pode adquirir, e em regra adquire, uma hyper-sensibilidade visual. Conheço casos verdadeiramente prodigiosos. Mas, nunca é demais, pois, devemos ter bem presente que o surdo-mudo *ouve pelos olhos*, permitta-se-me a phrase, e carece de possuir uma prompta e fiel leitura *super-labial* que, para elle, é de uma importancia supina.

A *surdez total*, absoluta, é pouco frequente. Segundo Bezold, todas as crianças que, á distancia de 2 metros, não possam ouvir a voz cochichada, devem ingressar numa classe de surdos-mudos ou de *duros de ouvido*, consoante o grau

de surdez. No entanto, sempre que haja restos de percepção auditiva, deve pensar-se na reeducação auricular. Na minha classe de articulação havia um alumno com uns vestigios de percepção auditiva, uns restos que, submettidos a uma gymnastica ortho-acustica methodica, mediante excitações especificas, manifestou sempre extraordinarios resultados. Era um excellente rapaz, falando constantemente, fóra e dentro da classe, muito applicado e attento, quasi o *typo horizontal* de Blazeck.

\* \*

Este ensino, pelo methodo intuitivo oral puro, divide-se em 4 periodos:

1.º — *Periodo preparatorio*; 2.º — *de phonação*; 3.º — *de articulação e leitura, synthetica e analytica, super-labial*; 4.º — *ensino de lingua*.

No 1.º periodo effectua-se a educação dos sentidos e fazem-se os exercicios dos aparelhos periphericos da palavra e respiratorios. A gymnastica respiratoria tem uma considerabilissima influencia não só no ponto de vista do methodo como no da vida do alumno.

Meisner diz ter verificado em autopsias de surdos-mudos, um pequenissimo desenvolvimento pulmonar; e ao pequeno e incompleto desenvolvimento dos pulmões attribuem, entre outros, Schmazl e Kussmaul a frequencia da tuberculose nestes anormaes. O emprego da palavra falada auxilia muito o desenvolvimento dos pulmões e corrige a funcção respiratoria.

De resto, o desmutizador deve estar sempre alerta quanto ao desenvolvimento geral do alumno, que deve, incessantemente, fiscalizar.

O *segmento anthropometrico de Bouchard* e o *coefficiente de robustez de Piquet* fornecem-nos valiosos elementos de informação acerca do desenvolvimento geral.

\* \*

O ensino dos surdos-mudos é assumpto vastissimo e de grande complexidade. Nos meus artigos referi-me, por assim dizer, á parte cortical.

O Brasil, que tem descurado este ensino a muitos titulos importantissimo, deve volver olhos misericordiosos para

o inditoso surdo-mudo. E a S. Paulo, mais do que a qualquer outro Estado, corre o dever de sair da enervante apathia em que se ha mantido relativamente ao ensino destes anormaes, porque S. Paulo é o indice do Brasil em materia de educação e ensino. No progresso intellectual que revela está o seu grande brazão de nobreza.

Na America do Norte, alguns surdos-mudos, convertidos em surdos falantes pelo methodo intuitivo oral puro, são, hoje, professores de linguas vivas e de sciencias no mesmo instituto onde receberam a educação! Admiravel exemplo de abnegação e de solidariedade!

Para terminar, lembrarei as palavras citadas por Roger Ducos no Relatorio apresentado á Convenção, quando se decretou a *obligatoriedade* do ensino dos surdos-mudos em França:

«A Lei deve usar para com o surdo-mudo do direito que a Patria tem sobre seus filhos — deve confiá-los a estabelecimentos especiaes. Não pode a Republica tolerar que crianças necessitadas de uma instrucção extraordinaria, para fugirem da sorte cruel que a natureza lhes preparou, dessa instrucção sejam privadas. O contrario será declarar-se contra o interesse material da Republica. Educado, o surdo-mudo pode ganhar a vida, pois doutro modo será um pesado encargo para sua familia e para a Republica.» Isto o que diz Roger.

Por outro lado, quantos surdos-mudos, que teem uma natural e notavel aptidão para as artes plasticas, seriam uma gloria para a sua Patria, se não fossem criminosamente lançados ao mais revoltante abandono! Quantas aptidões, quantos artistas se não perdem entre surdos-mudos! A pedra de toque por onde se pode aquilatar da civilização de um povo, está no grau de solidariedade social — especie de cohesão molecular — que prende e une os seus elementos constitutivos. Uma organização educativa perfeita será a que menos elementos residuaes apresentar.

Surdo-mudo! Rehabilíta-te! Levanta-te e caminha!

Eis o relatorio do Inspector Escolar, sr. Mariano de Oliveira, ao qual tambem nos referimos.

«Exm.<sup>o</sup> sr. dr. secretario do Interior:

Logo depois de assumir a gestão da pasta do Interior, os olhos perscrutadores de V. Ex.<sup>a</sup> se voltaram para a infancia, para as escolas elementares.

A' observação de V. Ex.<sup>a</sup> não passou despercebida a exiguidade do anno preliminar, a insufficiencia de um programma ao preparo do homem para a vida. A V. Ex.<sup>a</sup> occorreu a conveniencia e necessidade de ampliar esse curso e completar esse programma!

A attenção de V. Ex.<sup>a</sup> se voltou de preferencia para algumas criaturinhas enfezadas, debeis, pallidas, a attestarem, no rosto e no olhar, o cansaço, o fastio, o descoroçoamento, que provêm da insufficiencia de alimentação, da vida do desconforto que as opprime, condições que poderão fazê-las entes inuteis a si mesmos e desasados á sociedade que os terá de manter e supportar.

Esses pequenos infelizes são, em geral, filhos de proletarios que vivem agglomerados, em promiscuidade, entre quatro paredes, em desvãos em que mal penetra a luz e o ar difficilmente se renova, onde jámais se lobriga um raio de sol — tonificante do organismo e destruidor de germens pathogenicos.

Pensou V. Ex.<sup>a</sup> em melhorar-lhes, ao menos, em parte, as condições de vida na escola; em restaurar-lhes as forças e restituir-lhes a saude abalada.

Lembrou-se logo V. Ex.<sup>a</sup> de que na Europa e na America do Norte, principalmente, bom numero de philanthropos se teem compadecido da precaria sorte da infancia, e, com restaurar-lhe a saude, se tornaram bemfeitores da humanidade.

Dahi resultaram estas phrases que se ainda não se concretizaram em factos, brotaram na mente esclarecida de V. Ex.<sup>a</sup>:

Se estas crianças precisam de educação e ensino, precisam muito mais de *ar e luz e nutrição*. O governo paulista não se interessa menos pela infancia do que as instituições particulares; o Governo virá em soccorro das crianças; — restaurar-lhes ha o physico, proporcionar-lhes ha educação, offerecendo-lhes — *Escolas ao ar livre*.

Viu tambem V. Ex.<sup>a</sup>, por ventura nossa, excepcionalmente, alguns pequenos que annos passam pelas classes dos Grupos escolares, martyrizados e martyrizando os professores e a competencia medica de V. Ex.<sup>a</sup> averiguou que esses infelizes ahi não podem permanecer, porque nada aproveitam nas classes ordinarias. E V. Ex.<sup>a</sup> verificou que, no caso presente como em outros, mui judiciosos eram os conselhos de seu venerando progenitor, que, em sua mensagem presidencial, lembrava a necessidade da criação de classes para anomalos mentaes.

São realmente de imprescindível necessidade as *escolas para anormaes*.

V. Ex.<sup>a</sup>, porém, que sabe serem causa de atraso—a deficiência de nutrição, a debilidade congenita, ponderou que muitos delles, sob as arvores, a respirar o ar puro e balsamico, ou sob a acção tónica e vivificante do sol, em pouco tempo seriam, em classes especiaes, crianças fortes e aproveitáveis. Dahi a idéa de seleccioná-las, cuidadosamente, e collocá-las em meio propicio á sua regeneração.

Eis por que venho furtar alguns momentos da attenção de V. Ex.<sup>a</sup> para estas singelas considerações que teem, talvez, pequeno valor:—facilitar trabalho a quem fôr, por V. Ex.<sup>a</sup> distinguido com a incumbencia de organizar as *escolas ao ar livre*.

### RETROSPECTO

Respigando aqui e ali, restolhando a seara pedagógica desde os mais remotos tempos, de longe em longe se nos antolha um educador, um philosopho, um philantropo que realmente pela sorte das crianças se interessa e préga a cruzada do ensino pelas observações da natureza, a educação pelo respeito á personalidade do educando.

A elles, em ligeiros traços, me reporto, para depois occupar-me do assumpto principal.

### GRECIA E ROMA

As mais antigas civilizações do occidente—a grega e a romana, dão-nos os melhores exemplos das aulas professadas em pleno ambiente, á sombra de vetustas arvores, ou sob a acção benéfica dos raios solares.

Os supremos cultores da agilidade e da belleza exigiam para a infancia e para a juventude—ar puro e movimento, abluções repetidas, gymnastica que proporcionavam a correcção e regularidade de linhas, a belleza, que era prenuncio de bondade e as tornava aptas a bem gozar da liberdade.

Roma vence a Grecia na pugna das armas, mas submete-se, em parte, sem que o perceba, ás vezes, conscientemente ao imperio da civilização hellénica e assim adopta os seus principios educativos.

As casas dos patrícios romanos vão, a pouco e pouco, sendo invadidas pelos *pedagogos* que, em posição servil, em-

bóra, vão affeiçoando á sua orientação o character da mocidade romana.

Roma, porém, idolatrava a força com que dominara o mundo: concedeu á força a primazia na educação. Era a *força* o ideal romano a contrastar com o grego que era a *belleza*, identificada ao bem.

Não era a gymnastica (obnoxia aos romanos) mas a caça, a cavalgata, o jogo das armas e mesmo os affazeres agricolas, os meios empregados no desenvolvimento da força.

Em uma coisa, porém, gregos e romanos se harmonizam:—nas *aulas* dadas em *pleno ambiente* ou nas *palestras*.

Com a supremacia do christianismo, adoçam-se os costumes; modifica-se o ideal educativo, cuja influencia attingiu até a poderosa Roma.

Não obstante, nem mesmo na *idade média*, foram os exercicios completamente abandonados. Sob o reinado de Carlos Magno, seculo IX, além do ideal instructivo, era manifesta a preocupação de formar cavalheiros, perfeitos que, em frente dos castellos, sob o applauso da população, exhibiam destreza, força e agilidade.

Ainda nesse período—*as aulas em pleno campo*.

A influencia monacal, a pouco e pouco, vae confinando a escola entre as quatro paredes lobregas dos conventos, onde a luz não penetra e periclita a hygiene da criança. A educação, como instituição social, teve de amoldar-se á organização política do absolutismo; por isso, na escola se implantou o autoritarismo, que anniquila e cretiniza a criança.

Só á *Renascença* cabe, pela palavra de literatos e philosophos, restaurar o ideal grego-romano que, na Italia, resurge, graças á fundação da «*Casa Gioiosa*», em Mantua, sob a direcção de Victorino del Feltro. Tinha elle a nobilissima pretensão de que ali pudesse a criança viver livre, alegre e feliz—aspiração em contraste com a orientação monacal.

Infelizmente, a escola de Victorino del Feltro se manteve aristocratica e seus principios só vieram a ter execução, nos seculos XVI e XVII, com *Rabelais* e *Montaigne*, na França; com *Ratke* e *Comenius*, na Germania e com *Locke* na Inglaterra.

Sejam-me permittidas breves palavras tendentes a caracterizar o ideal desses educadores.

RABELAIS

Preconiza o ensino individual e em satyra tremenda procura profligar, demolir os erros educativos em voga.

A primeira victoria dos methodos irrationaes, obstrusos e cretinizadores é *Gargantua* que leva uma vida de martyrios e termina como um imbecil. *Holophernes* — o preceptor, personifica todos os erros. A segunda phase de sua orientação, menos demolidora, mais constructora, tem como personagens: — um educando de doze annos — Pantagruel — e um preceptor intelligente e dedicado — Ponócrates.

A vida leva-a o alumno consentanea com os seus gostos e necessidades. Está sempre em movimento ao sol ou á chuva, a pé ou a cavallo; passeia, corre, salta, nada; diverte-se, instrue-se, educa-se de manhã á noite. Tudo é motivo de educação e instrucção: o homem, a natureza, a sociedade. Ao envêes de instruir por meio de palavras, que, no alumno, geram o psittacismo e no mestre o verbalismo, instrue por meio das coisas vistas e observadas pelo alumno, que assim vae educando os sentidos.

Os passeios são habilmente aproveitados por Ponócrates que leva o discipulo ao *campo*, ás *officinas*, ao *mercado*, a toda parte em que haja desconhecido que desperte desejo de aprender.

Ponócrates empreende a educação completa, integral — do physico, do espirito e do caracter do educando.

Sem duvida, é exaggerado o plano de estudos de Rabelais; mas, é justo reconhecer que foi elle o primeiro que entendeu dever levar o menino pela escola da observação.

Montaigne encara a educação sob o ponto de vista social. Critica os methodos de ensino e condemna o systema disciplinar de castigos corporaes e *reclusões*.

E' um precursor do ensino educativo, embora não preconize sempre os methodos mais proprios. Dois capitulos de seus *Essais*, no livro I, tem particular importancia para o educador, e, ainda hoje, merecem meditação. Refiro-me aos capitulos XXIV e XXV, respectivamente — *Du Pedantisme* e *De l'Institution des Enfants*. Trata o primeiro da educação a que o segundo prescreve methodos.

Oppõe-se Montaigne a Rabelais. Traça aquelle um *programma restricto* ao que é UTIL, de immediato ou mediato

*uso na vida*, em contraste com o vasto programma irrealizavel do ultimo.

Seguindo Platão considera «boa educação a que proporciona ao corpo e á alma toda a perfeição de que são elles susceptiveis.»

Algumas palavras, quatro ou cinco frases seleccionadas, o caracterizam bem:

«*Savoir est peu de chose; l'essentiel, c'est d'assimiler et de tirer parti de ce qu'on sait.*»

A moderação é o traço dominante de suas theorias educativas. No desenvolvimento mental, prefere a formação do *raciocinio*. Entre os conhecimentos dá mais valor aos que tornam o espirito sensato e firme e as consciencias rectas. São suas palavras:— «*Mieux vaut une tête bien faite, qu'une tête bien pleine.*»

Montaigne affirma que «o grande meio de instrucção é a experiencia e não a sciencia — *livresque* — é a observação das coisas e o commercio dos homens.

Preceitua:— *as coisas devem preceder ás palavras; as idéas concretas* facilitam as abstracções e generalizações.

Tem ainda estas palavras a mais completa oportunidade hoje, apesar de sua vetustez de mais de tres seculos.

*Ratke* ou *Ratech*, na Germania, apesar de alguns des- acertos e exaggeros, deve ser considerado tambem um precursor, quanto a methodos de ensino e, sobretudo, quanto ao respeito á personalidade da criança e a condemnação de castigos deprimentes.

Um de seus aphorismos:— *Tudo sem constrangimento*, porque o constrangimento e a ferula se oppõem á natureza e geram o desgosto pelo estudo.

A seguinte regra é o fundamento logico dos melhores processos de ensino da actualidade:— «Estuda, de principio, o *objecto em si mesmo*, estuda depois as *minucias* e modificações do objecto». Ahí se resume e concretiza a boa norma das lições de coisas. Ahí está synthetizada a orientação do processo analytico que tanto custo deu a fazê-lo propagar e praticar. Este aphorismo, entretanto, tem alguns seculos, é simplesmente do fim do seculo XVI.

Parece doutrinar em pleno seculo XX, quando diz:—

«Procede em tudo por inducção e experiencia».

Vive-se hoje a citar e encarecer a pedagogia norte-americana que, attendendo ás condições psychologicas do alumno,

para evitar a fadiga, recommenda: — lições separadas pelos recreios.

E' a mesma prescripção de Ratke: numerosas recreações são necessarias depois de cada hora de lição—*para repouso do espirito infantil*. Ali se patenteia o escopo de conservar a hygidez da criança; pelo que não faltará quem dê razão á pergunta de W. James:— «Ha realmente uma *nova psychologia?*»

A Ratke succede o extraordinario Comenius.

Suas obras, de mim conhecidas através de traducções, contêm os mais elevados e proficuos ensinamentos, que até hoje se vêm propagando.

Não será exagero afirmar que *Comenius* se avantajava pelo menos um seculo ao seu tempo, quando traça as bases psychologicas da educação.

Sendo o educador mais conhecido em nosso meio technico, ocioso é apreseniar um resumo da sua doutrina. Basta a corroborar a minha asserção, transcrever:—Deve regular-se o ensino pelas leis do espirito, ter em conta a *ordem de apparição e desenvolvimento das faculdades*, appellar para *estimulos correspondentes á idade e ás forças da criança*.

Dos educadores ingleses referir-me hei, apenas, a LOCKE.

Sua orientação educativa está toda compendiada nos «*Ensaio sobre o entendimento humano*» e nos «*Pensamentos sobre a educação*».

Este é um verdadeiro tratado de educação physica, intellectual e moral, collimando um fim:—alojar uma alma sã em um corpo sã, o que traduz a maxima de Juvenal, tão repetida e tão pouca applicada:—*mens sana in corpore sano*.

Possuir estas duas vantagens, diz Locke, é ter grande felicidade no mundo, e, quem as possui não pode desejar coisa maior.

Tem Locke principios admiraveis de que se aproveitou Rousseau, no seu *Emilio*. Exemplos:—«alimentos sãos, roupas leves e commodas, muito ar e muito sol, numerosos exercicios corporaes, frequentes abluções, etc.

Tudo isto se encontra no *Emilio*, o que não surpreende porque a obra de Locke teve, logo após a sua publicação, uma traducção francesa de grande influencia entre os educadores não só de França, senão de outros paises.

Resume em quatro as acquisições necessarias á educação de um gentil homem:—1.º—*virtude*; 2.º—*prudencia*; 3.º—*bôas maneiras*; 4.º—*instrucção*.

Limitada pelo utilitarismo, a educação intellectual é restricta, pois afirma elle:—

«A vida é muito curta para aprender todas a coisas.»

Considera a escola—uma aprendizagem da vida (o que me parece alto conceito) e lhe assignala o fim:

«Formar homens praticos, armados para a luta da vida por uma instrucção util, positiva, real e directamente applicavel.» Que doirado freio aos nossos vôos de sonhadores!!

Os conhecimentos verdadeiramente dignos para elle são os que, se não conduzem a um invento, *ensinam a fazer alguma coisa, melhor, mais de pressa, mais facilmente do que antes*.

Se de seu programma se exclue a musica, a poesia, a esthetica (grande loucura a meu ver) tem elle a grande vantagem de incluir, até para os filhos dos nobres, *a aprendizagem de um officio*.

Quanto nós, brasileiros, teriamos de lucrar, se temperassemos a nossa fantasia, com um tanto dessa orientação eminentemente pratica! Por que, ao menos, ás nossas escolas ruraes não imprimiremos esse caracter pratico? Dirão que isso compete ás profissionaes e eu responderei que os rudimentos de um officio ou arte são poderosos factores educativos e consequentemente nada tem de incompativeis com a escola primaria, que deve ser essencialmente educativa.

Em seu pais, onde sempre foi abuso o emprego de castigos corporaes, Locke, pelo grande respeito e carinho que lhe merece a infancia, clama contra esse abuso que deprime e revolta, e *preconiza*, como meio disciplinar, o *appello ao sentimento da honra*.

E' pelo ar puro, pelo movimento, pela vida do campo em que marcha a criança de cabeça descoberta, que elle pretende habituá-la ás intemperies e enrigê-la.

Locke inspira Rousseau e a maior parte dos pedagogistas do seculo XVII, até os nossos dias. Sendo esses educadores mais conhecidos, abstenho-me de reduzir-lhes as theorias e passo a tratar especialmente.

## DAS ESCOLAS AO AR LIVRE

A instituição — Corpo Medico Escolar — vem prestar-nos serviço relevante na selecção dos diversos deficientes, tímidos, insofridos ou indisciplinados, preguiçosos ou desattentos, retardados todos por differentes causas.

A inspecção medica, sob orientação ou melhor indicação do professor, os dividirá em dois grandes grupos: — um, cujo desenvolvimento compete ao proprio professor; outro, cujo estado de saude depende de prescripção medica, de tratamento, ar puro e luz do sol.

Uns e outros, porém devem ter escolas especiaes; cada um viverá em um meio que lhes assegure o desenvolvimento e a cura.

A todos cabe a denominação geral de retardados mentaes.

Convem pesquisar da causa do atraso mental, que constitua anormalidade. A maioria dos casos tem como origem de hereditariedade e o maior numero de anomalos provem de genitores tuberculosos, syphiliticos e principalmente alcoolatras. Outros teem como causa de sua deficiencia as habitações anti-hygienicas, insalubres, em que vivem, ou a insufficiencia da instrucção que se lhes proporciona.

Apesar da mal compreendida doutrina do professor Pizzoli, que tem levado muito professor noviço a viver descobrindo por toda a parte casos de anormalidade, com que muita vez cada um encobre e disfarça a incompetencia ou falta da dedicação ao ensino, a porcentagem de verdadeiros anormaes da mente é em nosso meio muito menor do que se apregôa.

A compreensão e propriedade de termos em quem versa um assumpto de certa revelancia são condições indispensaveis ao mau entendimento, á clareza da materia em debate.

Rubinovitch, em seu livro «Aliénés et Anormaux» bem define a verdadeira e a falsa anormalidade da criança.

Sirvo-me da versão do illustrado e operoso professor sr. Basílio de Magalhães.

a) *E' verdadeira anormal* — toda a criança cujo desenvolvimento intellectual e moral está em atraso de varios annos, com relação á media escolar das crianças da *mesma idade*, em consequencia de um *pauperismo psychico persistente*, devido á *constituição defeituosa* do encephalo e do organismo.

b) *E' falsa anormal* — Toda a criança cujo desenvolvimento intellectual e moral está em atraso, por causa de um *pauperismo psychico accidental, passageiro*, devido — não á constituição da criança mas a motivos exteriores: — frequencia irregular da escola por doencas, accidentes, maus exemplos, preguiça, vicios; má vista, má audição, vegetações adenoides; miseria physiologica *por insufficiencia de nutrição, de domicilio ou de vestuario*.

E' claro que nesta classificação se excluem os anormaes completos — os *idiotas e embecis*, restricta aos *debeis* ou *atrasados escolares*, capazes, em classes especiaes e por methodos especiaes, de aprender a ler e a escrever, de aprender um officio que lhes permitta ganhar a vida com o seu trabalho.

Entre os da classe B, — falsos anormaes — serão recrutados os alumnos para as escolas ao ar livre.

Definidos os termos com clareza e precisão, é incontestavel o exagero com que por toda a parte, em nossas escolas, vivem a caçar anormaes.

O sr. Clemente Quaglio, em seu folheto «A solução do problema pedagogico-social da educação da infancia anormal de intelligencia no Brasil», cujo titulo, bem extenso, aliás, não traduz esperanças, mas concretiza *realidades*, foi o mais denodado campeão dessa antipathica cruzada, vindo encher-nos de *appreensões* pelo futuro de nossa raça, de nossa nação em plena juventude e formação, que conta, no Estado de São Paulo, em sua população escolar, 13 % de *anormaes*!

Era a porcentagem da Belgica em seus nucleos de população mais densa!

Como se explica ter esse illustre professor chegado a esse resultado assustador, em um Estado de população pouco densa, em que ha leguas e leguas inhabitadas, de bom clima, fertil, onde a vida é relativamente facil, sem grandes vicios inveterados?

Inspeccionava eu os Grupos da Capital, quando por elles perambulou o pesquisador, muito embuido da *verdade* das medidas anthropometricas, e, ligeiramente, pelas salas, submettia á fita e ao compasso a criança, Os campanudos termos: macrocephalo, microcephalo, brachcephalo, etc., soavam a cada instante e a cada instante se registava mais um anormal!

Assim na Capital, em 21.883 alumnos, descobriu o sr. Quaglio nada menos de 2.884 «anormaes de intelligencia».

Como obteve elle dados estatisticos pelas cidades do interior do Estado? Quantos meses gastou elle nessas judiciosas pesquizas pelas cidades onde havia Grupos escolares?

A primeira pergunta não tem resposta, contradizendo a forma classica: «não ha pergunta que não tenha resposta».

A' segunda se responde: nem um mês, nem um dia, nem uma hora. Entretanto, em um total de 98.912 individuos (examinados?) lobrigou ou melhor teve a *inclemencia* o sr. Quaglio de lobrigar ou adivinhar a existencia de 12.058 *feridos por anomalias psychicas*. Isto quer dizer que no interior do Estado e na Capital ha a mesma porcentagem de anormaes — 13 %!

Veja exm.<sup>o</sup> sr. quanto contrasta essa ligeireza, esse acoadamento com a prudencia e cuidados que recommendam os competentes no exame das crianças.

«O medico deve ater-se a um rigoroso methodo de observação da criança, seriar as questões dadas e prolongar o exame quanto possivel, afim de certificar-se de que tocou em todos os pontos caracteristicos». E não é só, adverte que se não examine uma criança qualquer, mas *um escolar* e que é forçoso contar com a influencia da escolaridade. O observador terá em vista não só os *stigmas medicaes*, mas tambem os *estigmas escolares*. Nem sempre eu ou o sr. Quaglio nos sairíamos muito airosamente, em casos da primeira especie. Reduzamos de metade aquella porcentagem para nos approximarmos da realidade.

Se S. Paulo e o Brasil todo estão em muito melhores condições que os velhos paises europeus, não significa que entre nós não haja um certo numero de alcoolatras e tuberculosos, cuja prole, pelos influxos da hereditariedade, não se constitua de degeneres.

Ha ainda em nosso meio, principalmente nas populações ruraes, um factor de anormalidade, de degenerescencia, de amesquinamento physico, de mediocridade, — *os casamentos consaguineos*.

Feitas estas considerações tendentes a repellar excessos e inverdades, vamos ao — assumpto principal.

Ha de facto, em nossos Grupos escolares e escolas isoladas, alguns retardados mentaes — anemicos, escrophulosos, debeis, descendentes de tuberculosos ou de alcoolatras, que, durante annos, perambulam pelas classes, martyrisando-se e

martyrisando os professores, sem nada aproveitar do ensino simultaneo, quando o seu estado requer classe especial, methodo especial.

Bom numero desses pequenos infelizes são calumniados de preguiçosos, e desattentos, quando não passam de doentes a quem a saude restituirá a actividade e a compreensão; limitado numero haverá de verdadeiros anormaes psychicos, da letra A da classificação do grande psychologo Rubinovitch.

Uns e outros são «*anormaes pedagogicos*», capazes, como diz Binet, de aprender a ler e a escrever e mesmo de aprender um officio. A questão é dar-lhes escolas especiaes.

Antes da fundação de taes escolas, para os retardados de diversos generos, é de conveniencia que os directores de Grupos offereçam, aos medicos-inspectores, listas de todos os retardados, de mais de tres annos de curso, matriculados com sete annos completos; outras listas de insofridos, desattentos ou apathicos (*instaveis e asthenicos*); outras dos que lhes pareçam debeis ou anemicos. Assim, o trabalho dos especialistas se reduz, porque se baseia nessa primeira selecção, embora imperfeita, que, entretanto, facilitarà a classificação definitiva.

O tempo é indispensavel a julgamentos seguros, nos dois primeiros casos, e outra coisa não fazemos, ao pedir tres annos de observação do que seguir os conselhos do eminente Binet cujas obras são indispensaveis nas bibliothecas de todos os que se interessam pela educação e futuro da infancia.

As vantagens da inspecção medico-escolar decorrem das seguintes considerações:

Ha nas escolas um certo numero de crianças cujo mal se não descobre á primeira vista e por isso reclamam o exame de um medico. Em alguns casos, a apparencia de simples anemía e debilidade occulta o germen terrivel da tuberculose, praga contra a qual todo o cuidado é pouco.

Na escola, ha, infelizmente, perigo muito maior de contagio do que se julga.

As observações do dr. Giuseppe Savarelli, em relação ás escolas italianas, teem applicação em toda a parte.

Diz elle:

«Quando il fanciullo non frequenta la scuola, la sua vita è meno minacciata dalla tuberculose che dalle altre malattie; ma quan-

*do incomincia a frequentare la scuola, la sua vita è minacciata dalla tise più che da ogni altra affezione».*

As estatísticas europeas confirmam a sua asserção. De facto, o dr. Grancher examinou 4.200 crianças das escolas municipaes de Paris e observou que 16% estavam affectadas de tuberculose.

Felizmente, essa porcentagem, que se traduz em 672 victimas, decresce dos perimetros urbanos para os ruraes.

Não ha negar que, mesmo em nossas escolas, e isso não poderia passar despercebido aos olhos educados de um medico, como V. Ex.<sup>a</sup>, ha crianças debeis, lymphaticas, predispostas á tuberculose.

As casas malsãs de moradia ou de escolas,— não é demais repetir,— a insufficiente nutrição, o perigo de contagio, quando descendem de tuberculosos, fazem periclitar a hygidez da infancia, se adequado socorro se lhe não propicia, se meio são e hygienico se lhe não proporciona com alimentação variada e abundante, ar puro e muita luz directa, que lhe revigore o organismo e o torne capaz de lutar e vencer o inimigo que, traçoeiro, aguarda o momento opportuno de ataque.

Dahi a necessidade inadiavel da installação de escolas ao ar livre — nas montanhas, nos campos, nos jardins e nas praias; dahi a necessidade indeclinavel da intervenção do Governo, que, por meio de seus inspectores medicos escolares, em conferencias, pamphletos, cartazes, por toda a parte, em todos os lugares publicos— nas repartições e secretarias, nas escolas, tornará patente o perigo e bem conhecida a prophylaxia da tuberculose por todos, mas principalmente pelas crianças, menos precavidas e mais sujeitas ao terrivel bacillo, dos seis aos quatorze, periodo em que o apavorante flagello faz mais victimas.

Foi exactamente para obviar a esses graves inconvenientes e perigos, no intento de prenuccio physico debil e portanto predisposto, que o dr. Grancher, em França, tratou de retirar as crianças de seus lares, levá-las ao campo e entregá-las a familias *moral* e *physicamente* sãs, para onde se destacaram professores que ministrassem ás crianças a necessaria instrucção.

Assim se instituiram as *colonias de ferias*.

O meio familiar selecto garantia ás crianças o surto da effectividade, o ar puro dos campos, a liberdade de movi-

mentos ao sol; os exercicios gymnasticos, e, principalmente, os de respiração, lhes proporcionavam robustez; o professor lhes ministrava o ensino; o medico, o tratamento e orientação geral. Nada lhes faltava.

O periodo escolar, nas colonias, não excedia de tres meses. Esse tempo, tão limitado, proporcionava tantos beneficios que muitos países instituiram suas colonias. E' assim que todas as melhores cidades da Italia teem hoje as suas colonias.

As primeiras datam de pouco mais de cincoenta annos.

A *Inglaterra* as instituiu, em 1840, sob a direcção da «Regged School Union» que se encarregava de transportar, para os campos, crianças debeis e pobres, acompanhadas e assistidas de um professor.

Em 1876, em Zürich, o pastor Bion fundou um instituto desse genero. Em um mês, nos montes Appenzil, obtiveram os debeis tanta melhora que, conhecidos os resultados, as colonias se espalharam por toda a Suissa, de onde se propagou a idéa para os Estados Unidos e para o Japão.

A quem sabe que o Japão, em organização escolar e penitenciaria, nada tem que invejar aos países mais cultos do mundo, não surpreende que já possuia as suas colonias de ferias.

Dentre as cidades da Italia convem citar Bergamo onde, em Piazzatorre, fundou Baptista Camozi a primeira, em 1864.

Em toda a parte se verificou que as colonias davam excellent resultado:— *augmento de peso*, boa côr, hemoglobi-nização sanguinea, actividade e até— aproveitamento em estudos.

Infelizmente, as crianças que tornavam para os seus lares, para meios mal sãos, em pouco tempo perdiam a sua hygidez e recaiam em debilidade por deficiencia de nutrição.

Os Estados Unidos do Norte souberam remediar esse inconveniente: instituiram as *colonias nas florestas*, com maior permanencia, e, por fim, no começo deste seculo— *as escolas ao ar livre*. Desde 1903, nesse país eminentemente pratico e providente, as escolas deixaram de funcionar sómente no verão e se estenderam ás outras estações.

De novo, a philantropica idéa transpõe o oceano e se vae implantar sob a direcção de Bendix, em ameno bosque de pinheiros, em Charlotemburgo, a tres kilometros de Berlim.

Abriu-se a escola em 1904 e funcionava de Abril a Dezembro.

Começou com 120 alumnos, filhos de operarios, seleccionados por medicos. Eram meninos *debeis*, *anemicos*, cardiacos, escrophulosos e tuberculosos de 1.º grau.

Junto ao bosque se constituíram pavilhões abertos, com reparos de cortina, destinados a refeições, aulas e abrigo, durante o mau tempo.

Quando o tempo era bom, aulas, refeições, exercicios, tudo se realizava ao ar livre, em pleno bosque, onde havia um mobiliario tosco e fixo que aos dois primeiros misteres se prestava.

Cada classe se compunha de uma vintena de alumnos que alternadamente recebia lições. A duração maxima de cada lição nunca excedia de 25 minutos, e era sempre seguida de recreio.

Com dois professores e os empregados, destinando dois locais a aulas *literarias*, quatro turmas se exercitavam contemporaneamente e assim elevado numero de crianças podia aproveitar dos beneficios das escolas ao ar livre.

O repouso, a sesta durante as horas mais calidas do dia (das 13 ás 15) era julgado indispensavel e assegurava o successo de taes escolas. E' por isso que as alas mais longas dos galpões são alpendres ou varandas em que se collocam *chaises longues* destinadas ao somno reparador de forças. Para que as crianças não brinquem e deixem de dormir, deitam-se, dando ás costas umas ás outras.

Permanecem os alumnos na escola, desde a manhã até a tarde. Fazem o percurso de ida e volta de Charlotemburgo a Berlim em comboio de estrada de ferro, que, *á hora certa*, em pontos determinados, os recebem. (*Isto cria o habito da pontualidade*).

A escola lhes dá alimentação abundante e variada, e, em numero tão grande, que não seria admissivel entre nós. Fazem os alumnos cinco refeições diarias: *duas* leves antes do meio dia; *uma* substancial entre 12 e 13 horas: *duas* outras leves durante á tarde.

Cada alumno contribue com 53 pf. a remunerar alimento e ensino. Tão diminuta quantia diaria, tem um fim: — impedir a gratuidade, porque todos se interessam mais por aquillo que lhes custa alguma coisa.

A's aulas literarias em sua totalidade não se destinam mais de 2 e 1/2 horas. As tardes são aproveitadas em jardi-

nagem e outros trabalhos munuaes, embora durante o dia tenham feito as crianças exercicios gymnasticos e respiratorios.

Resultados:—depois de tres meses deste regimen verificaram os medicos Neufort e Bendix que — 20% dos escrophulosos e doentes do peito estavam curados; o augmento de peso e desenvolvimento muscular era geral; que os anemicos haviam readquirido as bellas côres da saude, os debeis tinham conseguido relativa robustez.

Facto admiravel: essas crianças, que viviam a correr, a brincar em pleno bosque, a cantar, a divertir-se, com duas horas e meia de lições diarias, tinham aproveitado mais do que as suas companheiras das classes das cidades.

Este facto não se verificou tão sómente na Germania e na Italia; tem-se manifestado em todas as escolas ao ar livre.

«Questi innegabili resultati, diz Fratus, dimostrano che la scuola all'aperto risponde «a scopi profilattici, curativi ed educativi.»

Em todas as escolas ao ar livre observa-se a formula do dr. Grancher:

«Dupla ração de ar, dupla ração nutritiva, meia ração de trabalho.»

Só elle considera trabalho para as crianças as lições do programma official.

Na Allemanha, na Italia, na Suissa, quasi por toda a parte, teem tido as sociedades particulares de socorro a tuberculosos a iniciativa da fundação de escolas ao ar livre, que apenas recebem auxilios governamentaes. Na maioria, as familias concorrem com uma quota diminuta para a sua manutenção.

A' sua organização em todos os paises citados presidiu a simplicidade e economia, a fim de que os recursos disponiveis pudessem ser applicados na multiplicação dos institutos. Assim, que algumas, em vez de pavilhões, dispõem apenas de grandes barracas de campanha. Todas tem mobiliario simplissimo—fixo ou movel. O ultimo lembra as nossas cadeiras preguiçosas de fechar, mais delicadas, a cuja frente houvesse uma mesinha.

O mobiliario fixo destina-se ao relento. Deve ser simples, tosco e forte, de tres typos differentes, fixado nos bosques, de modo a prestar-se quer aos trabalhos escolares, quer ás refeições. O outro mobiliario, bancos-carteiras de fechar, sim-

ples, delicados e de tão pouco peso que podem ser transportados pelas próprias crianças de clareira em clareira das mattas, de taboleiro em taboleiro de verdura, esse é o mobiliario que se installa sob os *galpões*, em dias chuvosos.

Esses galpões ou grandes telheiros, simples, singelos, desprovidos de todo aparato de luxo architectonico, são, quasi sempre inteiramente abertos, limitados por meio de gradis: dos beraes pendem, apenas, enormes cortinas que se mantêm quasi sempre, alçadas.

Os que são fechados dispõem de rasgadas, largos e compridas janellas, numerosas, sempre abertas algumas, afim de que as aulas se realizem em pleno ar, em plena luz.

Ao fundo dos galpões muitas tem installações sanitarias, banheiros, vestiarios, gabinete do director, quarto do guarda e cozinha.

Já vae este trabalho muito estirado para quem, como V. Ex.<sup>a</sup>, tem tantos outros assumptos importantes a reclamar a sua attenção. Nem um sobreleva ao referente á escola, á educação da infancia «base unica e indestructivel em que assenta a democracia».

Não obstante, repito os meus desejos e calo sobre a organização de escolas ao ar livre, na França, na Suissa e na Italia, nos Estados-Unidos do Norte e na Republica Argentina.

Tratemos de S. Paulo.

Tem esta cidade tantos lugares apropriados á installação desses institutos preventivos e regeneradores, que os inspectores-medicos poderiam seleccionar os debeis e destinar a grupo de alumnos locaes, que mais condições e melhores offerecessem á reconstituição de sua saude abalada.

As linhas de carris de ferro o de bondes se estendem em todas as direcções e seus horarios permitem a conducção de alumnos, com accesso aos vehiculos das estradas ferreas em duas estações do Braz, duas da Luz, uma do Mercado, uma da Barra Funda, outra da Lapa, além de uma do Ypiranga, tambem aproveitavel.

Quanto aos bondes, destinam-se aos logares mais salubres e pinturescos de nossos arrabaldes.

Ha pontos aproveitaveis que seriam facilmente alcançados a pé.

Sendo os aprestos materiaes das escolas de facil é pouco dispendiosa execução, dispondo a nossa Capital de parques

arborizados pertencentes já á Municipalidade, já a associações particulares, nem uma difficuldade haveria na obtenção de locaes para installação das escolas ao ar livre. Era só escolher.

Assim, salvo juizo dos srs. medicos, cuja seara não pretendo invadir — a *Cantareira*, em montanha de mediana altitude, o dia todo batida de sol, coberta de virente mata, parece-me, seria optimo local para uma escola destinada aos anemicos, pois, hoje está provado que o clima dos lugares altos facilita a hematopoeze, assim como é sabido que excita o systema nervoso.

A conducção seria facilima:— o comboio da Cantareira, de manhã, em sua estação, receberia, acompanhadas de seus professores, as crianças que se destinassem á escola: ás 17 horas, estaria de volta, com elles em demanda de seus lares.

E' claro que essas crianças seriam seleccionadas pelos srs. inspectores-medicos.

Estes especialistas, nestas escolas e nas de anomalos da letra A (anormaes verdadeiros) de que ora não nos occupamos, são de inestimavel concurso ao professor, que muito deixariam de fazer sem a sua orientação.

A elles incumbiria, com o inspector designado, unir-se ao representante da Directoria de Obras Publicas, afim de que, aproveitando a especialidade de cada um, fosse escolhido o local, concertado o plano da construcção (desta e de outras escolas) discutidos os detalhes e resolvido tudo de modo contemporaneo com as necessidades e fins da escola, observadas as condições hygienicas, economicas e pedagogicas.

Na escolha do mobiliario, na classificação e distribuição dos alumnos, na escolha das vestes que lhes são mais convenientes, no regimen a prescrever-lhes, nos exercicios gymnasticos de preferencia indicados para o fortalecimento de determinado orgão, em summa, a presença do medico que se especializou em hygiene escolar é de todo indispensavel nestas e noutras escolas. As gerações que as frequentarem, os paes de familias, todos bemdirão aquelles que os dotarem de tão util e neccessaria providencia.

Feito no meio da verde mata, um amplo galpão de abrigo nos dias chuvosos, com cerca de 15 metros de comprimento, e 8 de largo e 5 de alto, afim de que se pudesse installar sob elle — latrinas, banheiros, gabinete do director, quarto do guarda, vestiario e cozinha provisoriamente o

mobiliario commum de nossas escolas ahi se installaria. Ahi funcionariam as aulas, durante o mau tempo.

Nos dias de sol — aulas, exercicios, refeições, tudo seria feito em plena mata, onde mobilia tosca e simples seria collocada. Sómente o repouso, a sesta de uma hora ou mais das 13 ás 15 horas sempre seria dada no alpendre, ao lado da ala maior do galpão, onde, segundo o parecer do dr. M. Saboia «seriam armadas redes que teem sobre as *chaises-longues* as seguintes vantagens: — occupam menor espaço. lavam-se facilmente e são de pouco preço». Justifica o competente medico o seu parecer com a opinião de Baumgarten de que «o *descanço* em *HAMAC* é *excellente para o systema nervoso*».

S. Paulo, mais do que qualquer outra cidade, precisa tratar de avigorar e enriquecer o physico das crianças para preveni-las contra as mudanças bruscas de temperatura. Sabe V. Ex.<sup>a</sup> e seus pareceres baseados em sciencia de sua especialidade serão ordens, mesmo que partissem de autoridade administrativa, que, admittida a boa nutrição — agua, ar, sol e movimento são os mais poderosos propulsores do desenvolvimento e endurecimento physico assegurador do bom funcionamento mental e, talvez, de muitas qualidades moraes.

Destas considerações decorrem outros onus para o Estado: — fornecer aos alumnos roupas leves, apropriadas, com que permanecerão o dia todo na floresta.

Essa roupa, numerada, fica no guarda-roupa da escola, cujos vestiarios estarão nos extremos dos banheiros. Em um se acondicionará a roupa usual, em outro a escolar. Despida a usual, demandam as crianças a vestuario do extremo opposto e ao atravessar o banheiro recebe a ducha. Veste o uniforme da escola e demanda a area de recreio e gymnastica. Logo após vem o café com leite, pão e manteiga, para ter inicio o trabalho escolar.

Como nos Estados-Unidos, essa roupa seria tal que facilitasse a heliotherapia, que lá se combina á hydrotherapia, dizem, com grande proveito.

Vestidas assim de roupas leves, descalças, com as cabeças cobertas com o chapéu de abas largas, passariam as crianças a maior parte do dia na floresta, a respirar a longos haustos o ar oxygenado, a receber sobre o peito, costas, e braços e pernas, os raios de sol tonificantes e microbicidas,

numa alegria sã e garrulice de ave, num bem estar tão grande, tão felizes que ao vê-las se diria: — por que se não fez isto ha mais tempo?

Ha, porém, uma difficuldade a vencer de que depende a boa orientação da escola e a sorte das crianças que a frequentem: *a escolha de professores*.

Não basta a competencia que o diploma leva a pressuppor; além das indispensaveis qualidades intellectuaes, esses professores devem possuir muita affectuosidade, muito amor á infancia, muita dedicação ao cumprimento de seus deveres e uma nítida compreensão do inestimavel serviço que prestam ao individuo e á sociedade.

Levam uma vida de carinho, de solicitude, de devotamento, a todo o instante, por esses pequenos infelizes que, muita vez, nem a doce ventura tiveram do carinho materno!

Estarão esses professores permanentemente com os alumnos, «occupar-se-ão de sua vigilancia, de sua educação, de sua instrucção, viverão, em summa como diz de Fratus — a propria vida de seus alumnos.»

A sua selecção, pois, é de grande responsabilidade, porque pode comprometter o futuro da instituição.

Entretanto, como esses professores terão de justiça maiores vencimentos, visto só viverem na escola e para a escola, não faltará candidatos ao preenchimento de tão difficil quão honroso cargo.

Parece-me haver um meio de facilitar a selecção: — apellar o Governo para a honorabilidade e responsabilidade do sr. dr. Director Geral da Instrucção Publica e dos srs. inspectores escolares, para que, tendo em vista tão só e unicamente o elevado fim a collimar, indiquem professores e professoras que, pela sua *competencia, bondade e dedicação reconhecida*, estejam realmente em condições de bem desempenhar a alta missão que lhes incumbe. Assim, estou certo de que só serão indicados os mais dignos, os mais capazes.

E' indiscutivel a excellencia da Cantareira para a fundação de uma escola ao ar livre. Ha, porém, como dissemos, muitos outros. Em Roma, fundaram-se oito escolas nos seus jardins urbanos. Por que não faremos a mesma coisa? O Jardim da Luz e o da Praça da Republica poderiam ser melhor aproveitados, se lá se installassem escolas.

Outros pontos ha excellentes: o Parque Antartica, o Bosque da Saude, o Parque da Avenida, etc. Todos estes pontos são de acesso facil pelas linhas de bondes que os servem.

Simplificava-se a locomoção das crianças, marcando-lhes pontos mais ou menos proximos das suas casas e junto ás linhas para embarque de pequenos grupos, fornecendo a Light bondes especiaes a horas certas e previamente determinadas.

Uma vez que os alumnos das escolas ao ar livre só pudessem tomar esses bondes com destino á escola, elles iriam a pouco e pouco adquirindo o precioso *habito da pontualidade*, tão pouco respeitado entre nós.

\*  
\* \*  
\*

Como V. Ex.<sup>a</sup> e o sr. dr. Director Geral tem revelado tanto interesse pela hygidez dos escolares e pelo revigoramento phisico dos que se vão debilitando, ousou lembrar uma mediãa que parece de grande vantagem:

Seja uma *verdade*, uma *realidade* a classificação dos alumnos de modo que os mais debeis constituam *classes especiaes* com *aulas* diarias nas areas de recreio, se o tempo permittir.

E' imprescindivel, porém, que se trate com urgencia de:

- 1.º arborizar as areas de recreio;
- 2.º fazer quadros negros nos pannos dos muros;
- 3.º estabelecer banheiros (a exemplo da Italia);
- 4.º tornar diaria a gymnastica, especialmente a respiratoria.

Não ha nas medidas propostas, em relação aos Grupos, senão pequenas difficuldades removiveis com um pouco de boa vontade de todos e pequeno dispendio dos cofres publicos.

A instituição das escolas ao ar livre, porém, exigirá maior somma de esforços, alguma abnegação até e bem maior despesa, que se vão rasarcir com largos juros e proventos, em proximo futuro, com os grandes beneficios que ellas trarão á infancia paulista cuja saude regeneram.

Praza—seja este quatriennio destinado a proporcionar á infancia esse poderoso elemento de sua felicidade; prasa seja elle o reformador da escola, elevando-a ao nivel a que attingiram as nações mais cultas; praza lhe seja dado: — integrar o ensino com o ampliar do curso primario, o instituir de escolas profissionaes, o reorganizar das normaes e criar varios cursos, varios institutos para anomalos mentaes.

Attendendo ao nobre intento collimado, perdôe a quem ousou tomar a V. Ex.<sup>a</sup> o preciso tempo com a leitura destas despiciendas considerações.

### DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NA ESCOLA PRIMARIA

Uma nova cruzada hoje se préga, na Europa e na America no Norte, para que se introduza e se intensifique a educação artistica na escola primaria.

Por toda a parte, quasi tudo quanto, outrora, o esforço e a intelligencia do homem havia, pertinazmente, accumulado no dominio das artes; quasi tudo quanto, annos atrás, a natureza ostentava de bello e de grandioso, para regalo da vista e estímulos estheticos, tem sido destruido, em nome do progresso ou de uma falsa comprehensão artistica! De modo que, em vez do culto ás bellezas naturaes e ás tradições perpetuadas nos monumentos historicos, criou-se o espirito da megalomania destruidora, decorada de civilização.

Ainda bem que, sempre, contra esse culto da destruição reagiu o dos que entendem que a Natureza, em si ou reproduzida com fidelidade, é a nossa grande mestra, a *alma mater* da perfeição e da harmonia. E a reacção se iniciou, em toda parte, forte e promissora.

Em 1832, na America do Norte; em 1861, na França; bem assim na Allemanha e na Suissa, organizaram-se não só associações, como, tambem, procuraram os governos pôr um paradeiro aos intuitos daquelles que, em nome da Civilização, tentavam substituir pelos artificios da mão de obra as bellezas naturaes, ou deturpar, na sua veneranda ancianidade, os monumentos historicos. Foram, então, tomadas diversas e severas medidas para a conservação desses monumentos, assim como, nas grandes cidades, estabeleceram-se reservas de florestas e respeitaram-se as perspectivas naturaes para se oppôr um dique aos inimigos da belleza, pois, segundo Fleury, o culto da natureza é a base da educação artistica moderna. Não estaria

porém, completa a obra dos governos, com as idéas acima, postas em execução, se não tratassem elles de introduzir, nas escolas primarias, a educação artistica.

Tanto na Allemanha, como na França, como nos Estados Unidos, a educação artistica na escola primaria tem tido adeptos fervorosos, mas nem todos accordam na sua orientação. Pensam e pensam bem que a arte é uma força civilizadora e que a actividade artistica satisfaz á intelligencia; que a arte é uma escola de grandeza, de moralidade e de paz; mas, como ensiná-la? Para uns, pela observação e estudo da natureza, ra flagrancia dos seus aspectos, deve a escola pôr os alumnos em contacto directo com o céu e com a terra, e ser, já nas suas linhas geraes externas, isto é, na sua architectura; já na disposição e ornamentação das salas, um monumento artistico, onde se deparem, profusamente, pelas paredes e salões, estatuas e quadros trabalhados por artistas notaveis, e onde a natureza, fornecendo as suas galas em flores, perfumes e plantas ornamentaes, presida a todos os trabalhos escolares. Assim procediam os Gregos, que, nas proprias aulas de Philosophia, para amenizarem o estudo da materia e serem agradaveis aos seus alumnos, rodeavam de estatuas as salas.

Outros professores entendem que a educação artistica, na escola primaria, deve ser feita pelo desenho, pela musica, pela lingua materna, e, sobretudo, pela historia, pois ao professor desta ultima materia compete, sem desvirtuar os fins da sua cadeira, consagrar, em todas as lições, uma pequena parte do seu tempo ao estudo da historia da arte.

Seja qual fôr, porém, a orientação que tenha de seguir o mestre, não ha necessidade de se consagrar, nas escolas, uma hora especial para este ensino. A educação artistica deve preoccupar, constantemente, o mestre, e elle encontrará sempre, dentro e fora da Escola, motivos para cultivá-la.

E' toda entretecida de simplicidade e não de luxos a verdadeira arte. Assim, desde o edificio da escola, simples, destituído, inteiramente, de luxo, mas bello nas suas linhas geraes, bello nas combinações das cores, e bello pela limpeza, até o vestuario e arranjo das crianças, em tudo, afinal, deve existir accordo mutuo.

Embora constituam minucias os cabellos penteados, a hygiene do rosto e das mãos, as botinas escovadas, ou, mesmo, os pés descalços, mas limpos; os livros bem acondicionados nas pastas ou empacotados; concorrerá tudo isto para a

formação do gosto artistico da criança; e se o professor tiver o mesmo cuidado consigo proprio e com o material escolar; se ornamentar, diariamente, a sua sala de aulas, com flores; se escolher para as paredes do recinto onde trabalhar quadros ou copias de quadros de artistas notaveis; se visitar com a classe as pinacothecas, os museus e as galerias particulares de pintura, não se esquecendo, tambem, de tirar, em todas as lições, proveito daquillo que possa interessar á educação artistica de seus alumnos, prestará um grande, um inestimavel serviço á infancia patricia e criará no espirito infantil o gosto artistico.

Accresce que, com esta orientação, poucas despesas terá o Governo, o mestre e o proprio alumno.

A ausencia da educação artistica nas nossas escolas tem concorrido, extraordinariamente, para o estrago e destruição do material escolar e para a dispendiosa conservação dos edificios em que funcionam as nossas escolas. Sem esta cultura, os alumnos pouca importancia ligam ás suas carteiras:— não sabem ver e apreciar a belleza dellas, resultante da sua singeleza e commodidade; donde, é commum verem-se ellas cheias de pingos de tinta, todas riscadas por dentro e por fora, e não raro, cortadas a canivete. O mesmo succede com as latrinas.

Como inevitavel consequencia desses maus habitos, ao se retirarem das escolas, ficam os alumnos pelas ruas e praças a riscar as paredes, traçando nellas, muitas vezes, figuras e nomes obscenos, e a damnificar a arborização publica. Estes habitos, que tinham desaparecido, por completo, do nosso meio social, começam a resurgir, embora excepcionalmente, nalguns estabelecimentos de ensino. A responsabilidade de tudo isto cabe ao mestre: é elle o primeiro a trazer desordenado o seu material e a ornamentar a sua sala de aulas, nos dias communs ou festivos, de bandeirolas de papel de cor e não se vexe de, para suspendê-las ás paredes, crivá-las de pregos, onde deixam depois de retirados, vestigios indeleveis da sua passagem. O que se vê nas salas de aulas, vê-se nos corredores, nas escadarias, em todo o edificio, devido á falta de gosto artistico e espirito de ordem do director e dos professores.

Taes casos são, felizmente, raros: mas é preciso cohibilos, afim de que se não generalizem. E' por isto que edificios novos, dentro de pouco tempo, estão exigindo reparos e concertos integraes, com graves danos para os cofres publicos.

Os livros escolares, tratados com certo carinho, não só duram muito mais, como despertam no alumno o gosto pela arte. Assim, os exercicios graphicos, bem dispostos, illustrados com desenhos do proprio alumno ou com gravuras decaladas, são excellentes meios de cultura artistica. Accrescente-se a tudo isto o exame de um quadro, de uma estatua; a visita a um jardim; a contemplação das arvores, das flores, das quedas de agua, dos rios, do mar, de todas as opulencias da Natureza, em summa; o canto de hymnos e canções patrioticas; a audição de boa musica; tudo ha-de, forçosamente, concorrer para a formação artistica das nossas crianças.

Hoje, que tão vulgarizado está, e tão desvirtuado, nos seus recursos aducativos, o cinematographo, poderiam as nossas camaras municipaes prestar um enorme serviço á nossa juventude, exigindo que, em todas as cidades, as empresas cinematographicas proporcionassem sessões especiaes ás crianças, exhibindo, de preferencia, filmes artisticos de natureza viva e morta, estrangeiros, e, especialmente, nacionaes, e prohibindo aos menores de doze annos a entrada nas sessões para adultos.

Quando se executar este programma nas nossas escolas, além do beneficio artistico, d'elle decorrente, terão as nossas crianças, os nossos professores e os nossos governos menores despesas pela facilidade em adornar as salas das escolas para as festas escolares, pelo uso de vestuario mais simples do que os actualmente usados por alguns alumnos e pela melhor conservação do edificio.

Transcrevemos para aqui a relação dos Grupos Escolares que, em 1917, tiveram as aulas suspensas por um e mais meses, para concertos. Se a cultura do sentimento esthetico, entre os alumnos, fosse realidade, estamos certos de que esse numero seria muito mais reduzido.

\* **Relação dos predios escolares em que foram autorizadas obras, em 1917**

ESTABELECIMENTOS	NATUREZA DOS SERVIÇOS	Suspensão das aulas	Reabertura das aulas
1 Grupo de Ituverava . .	Reforma da inst. sanit. . .	19 Jan.	1.º Fev.
2 » » Capão Bonito . .	Varios serviços. . . . .	23 Maio	31 Maio
3 » » Ubatuba . . . . .	Diversos serv. urgentes . .	1.º Junho	4 Dez.
4 » » Indaiatuba . . . . .	Reparos urgentes . . . . .	16 »	30 Julho
5 » » V. de P. Seguro . . .	» » » » » » » » » »	12 Julho	27 Agosto
6 » » de Araras . . . . .	Reforma de encanamento .	19 »	30 »
7 » » Limeira . . . . .	Serviços nas instal. sanit. .	1.º Agosto	30 »
8 » » do Carmo . . . . .	Reforma do predio. . . . .	6 »	—
9 » » de Pereiras . . . . .	Serviços diversos . . . . .	9 »	30 Set.
10 » » Palmeiras . . . . .	Reforma do predio . . . . .	27 »	10 Out.
11 » » Atibaia . . . . .	Serviços urgentes . . . . .	31 »	24 Set.
12 Esc. reun. de Jambeiro . .	Diversos serviços . . . . .	30 »	20 Out.
13 Grupo de Aparecida . . .	» » » » » » » » » »	3 Set.	18 Set.
14 » » Sta. Branca . . . . .	Conc. das fossas septicas . .	14 »	2 Out.
15 Esc. reun. de Laranjal . .	Limpeza do predio . . . . .	14 »	15 Set.
16 Grupo de Sertãozinho . .	—	—	—
17 » » Cajurú . . . . .	Con. do mobiliario . . . . .	19 »	26 Set.

\* Não constam desta lista os grupos, cujos concertos foram adiados ou executados exclusivamente em periodos de ferias do segundo semestre.

Relação dos Grupos cujo mobiliario foi substituído em 1917: Grupo Escolar do Carmo e Santo Antonio, da Capital; Grupo Escolar Modelo de S. Carlos; Grupo Escolar «José Alves Guimarães», de Ribeirão Preto; Grupo Escolar «Flaminio Freire», de Limeira; Grupo Escolar «Cardoso de Almeida», de Botucatú.

**DAS BIBLIOTHECAS ESCOLARES**

Possue o Estado de S. Paulo uma bibliotheca publica com cerca de 30.000 volumes e que funciona durante o dia e parte da noite. Por seu lado, as Escolas Normaes já conseguiram organizar bibliothecas para uso exclusivo de seus professores e alumnos. Ha na Capital e no interior 171 bibliothecas com 231.824 volumes.

As bibliothecas escolares que precisamos organizar devem ser destinadas, exclusivamente, aos alumnos das nossas escolas

primarias. A ellas está destinado um grande papel, qual o de fomentar o gosto pela leitura individual. E' na escola, e na escola primaria, que devemos cultivar tão salutar habito; uma vez adquirido elle na infancia, os nossos moços trocarão as noites passadas nos cafés, nos bares e nas ruas, pelo augusto recinto das bibliothecas e trato dos livros. As bibliothecas escolares representam, pois, importantissimo papel na educação moral da nossa juventude.

Eugenio Morel, para mostrar a importancia das bibliothecas, assevera, e com muita razão, que atravessamos uma epoca em que se pode considerar a leitura um serviço publico, municipal, analogo ao dos hospitaes, e ao de luz, agua e exgotos; e que, portanto, deve ser mantido pelo poder publico.

E' sabida a influencia que a leitura exerce sobre nós todos, e, principalmente, sobre a criança. As revistas illustradas tem uma acção muito mais decisiva sobre o seu espirito do que as lições, os discursos e a conversação. A criação das bibliothecas escolares, fomentando o gosto pela leitura sadia, fiscalizaria a escolha de livros a ser manuseados pelas crianças, já quanto á pureza da lingua, já quanto á limpeza do assumpto. Afastar-se-ia assim dos olhos da nossa infancia essa serie de revistas, que exploram, de preferencia, factos e crimes sensacionaes, cuja leitura é nefasta ao espirito infantil. As nossas crianças anseiam por que lhes batam á porta, semanalmente, os vendedores dessas revistas; e os paes, innocentemente, adquirem para uso de seus filhos aquillo cuja leitura deveriam ser os primeiros a lhes vedar.

A criação, pois, das bibliothecas escolares, nos nossos Grupos, traria innumeradas vantagens para a formação moral dos nossos alumnos. Organizadas de accôrdo com o fim a que se destinam, os seus moveis deviam ser adequados ás crianças; os livros escolhidos com criterio seriam destinados aos alumnos de todas as classes, desde os analphabetos, que poderiam passar horas na bibliotheca, manuseando livros de figuras, até os de classe mais adeantada, cuja leitura seria fiscalizada pelo director da escola, mediante a entrega, ao retirar-se da sala, de um pequeno summario daquillo que leu com a sua opinião favoravel ou não.

Como a estadia na bibliotheca deve ser, de preferencia, nas horas em que as crianças não frequentam a escola, deve o seu director, com intuito de despertar o interesse por ella,

transformá-la, não num recinto de conferencias e palestras, mas num suave recanto, onde, a certas e determinadas horas, um dos professores diria ás crianças contos, historietas, que lhes despertassem o prazer de ali ficar. E para que tenham as crianças curiosidade de espontaneamente procurar os livros de contos e historietas, seria vantajoso que muitas das narrativas iniciadas pelo director ou pelo professor se concluíssem no dia seguinte, afim de que os alumnos, de moto proprio, lhes fossem procurar a conclusão nos livros indicados.

As bibliothecas escolares assim installadas seriam uma instituição nova entre nós. Mas se essa organização, neste momento, nos é impossivel, introduzamos já nas nossas escolas para uso dos alumnos das escolas annexas e dos Grupos Escolares um arremedo dessa idéa. Sob os cuidados de cada professor cada sala de aula poderia ter algumas dezenas de livros para emprestimo aos alumnos.

A nova instituição deverá cultivar, nos seus frequentadores, o habito de, mediante declaração escripta, retirar livros da bibliotheca para leitura em casa, por alguns dias. Assim as bibliothecas escolares terão, uma alta função educativa e aperfeiçoadora da cultura moral.

As bibliothecas das Escolas Normaes, tiveram, em 1917, o seguinte movimento:

BIBLIOTHECA	Consultantes	Obras
E. N. da Capital . . . . .	2.778	2.854
Itapetininga . . . . .	5.578	1.309
S. Carlos . . . . .	5.764	1.328
Piracicaba . . . . .	312	542
Pirassununga . . . . .	1.917	398
Casa Branca . . . . .	657	61
Campinas . . . . .	1.480	1.490
Botucatú . . . . .	1.070	210
Braz . . . . .	148	156
Guaratingetá . . . . .	119	61
Total . . . . .	19.823	8.409

## DO NACIONALISMO NO ENSINO COMO BASE DE FORMAÇÃO DA PATRIA NOVA

A escola paulista, ou, melhor, a escola brasileira, deve funcionar no seu meio, rodeada de tudo que diz respeito ao Brasil, preocupando-se, principalmente, no ensino de cada materia, dos homens e das coisas nacionaes, afim de que tenha o alumno, ao cabo da sua missão, sciencia e consciencia do scenario da sua futura actividade profissional. Não haverá mister que o horario dessa escola consigne uma hora especial para esse ensino, nem é possível fazê-lo por essa forma. O que convém é que o professor aproveite, no desenvolvimento de todas as lições, sobre qualquer materia, factos, noções, e, em maxima parte, dados estatísticos referentes ao Brasil.

A materia essencial que ao nacionalismo proporciona meste mais farta para se expandir, é a lingua vernacula; e os livros consagrados ao seu estudo devem ser caracteristicamente brasileiros no fundo e na forma.

Mas, como valer-se desses livros o professor, sem que se torne enfadonha ao alumno a sua leitura? Como ensinar-lhe a lingua através de suas paginas?

O unico processo que se nos afigura efficaz é libertar-se o professor da grammatica, como compendio de estudo, e encaminhar o ensino da materia para o lado pratico e esthetico, isto é, inscrevê-lo neste triangulo:—ler, falar e escrever—produzindo, de cooperação com o alumno, a grammatica occasional, decorrente dos textos escriptos ou oraes, que, no momento da lição, se leiam ou oiçam, sem a pretensa ordem logica, adoptada nos compendios, em virtude de illogicos programmas—illogicos e inuteis—porque somos dos que pensam que o estudo e o ensino de uma lingua viva, como a nossa, em constante evolução, de par com a da sociedade que a fala e que della se serve para todas as suas necessidades, não se pode sujeitar ao arbitrio e ao convencionalismo de programmas.

Este criterio, sobre facilitar ao alumno e ao professor a reciproca tarefa, ainda tem a vantagem de revelar todas as bellezas e opulencias da lingua, que uma falsa disciplina grammatical, eivada de regras e excepções, esconde numa synthese obscura ou nas demasias de uma analyse excessivamente complicada.

Mostrando ao alumno, á luz de uma leitura expressiva parcimoniosamente commentada, as bellezas da lingua, a sua variedade de expressões, os seus monumentos literarios, em

prosa e verso, capaz de lhe despertar emoções vivas por tudo quanto é nosso, procure o professor, sem arremessos enfatuados ou dogmaticos, convencê-lo de que a nossa lingua é uma das mais ricas e louças do mundo, uma das mais harmoniosas e doces, ao serviço de quem a sabe falar e escrever. Filha predilecta do latim modificado no tempo e no espaço, herdou delle o vigor e as energias para a fiel traducção de todos os sentimentos humanos. Disputa primazias com as suas afins ou remotas, e, muitas vezes, as ultrapassa.

A Geographia e a Historia devem ser ensinadas de modo que o alumno fique, desde logo, sabendo que o Brasil, territorialmente, é um dos maiores países do mundo; tem todos os climas e producção rica e variada. Falta-lhe, apenas, para viver de si, por si e para si, produzir o trigo, que, de resto, já os nossos maiores produziram, de sobejo, para o consumo interno; falta-lhe aproveitar as suas minas de carvão e as suas formidaveis jazidas de ferro; explorar as suas minas de petroleo e desenvolver as suas industrias incipientes. Nenhum país possui rede fluvial que se possa comparar á nossa, quer para a navegação interna quer para a utilização da hulla branca; nenhum, tantas e tão vastas florestas ostenta, cujas madeiras, raras e preciosas, teem mil applicações nas industrias e cujas plantas medicinaes, ainda por estudar, fornecerão á nossa therapeutica e ás nossas fabricas poderosos elementos de progresso.

A nossa historia, passada e presente, quer estudada em tempos de paz quer nos tempos de guerra, é um constante desenrolar de acontecimentos exponencias da nossa força e da nossa capacidade para o trabalho e para empreendimentos de ordem material e intellectual. No estudo della, impõe-se nos salientar os esforços de nossos homens eminentes, a começar por José Bonifacio de Andrada e Silva—o Patriarcha—cuja vida publica e privada constituiria o orgulho do povo mais exigente.

Os nossos pendores, como nação, desde o berço da Independencia, são uma prova irrecusavel da firmeza e sinceridade dos nossos sentimentos pacifistas. Nunca provocamos a guerra; sempre nos temos defendido, com indiscutivel heroismo e altivez. A nossa Constituição é uma das mais liberaes que se conhecem:—consagrou, como meio principal de resolver as nossas pendencias internacionaes, o arbitramento, e nos vedou á guerra de conquistas e de expansão imperialista.

Ensinemos ao alumno que o Brasil é uma democracia: que o seu governo é constituído pelo povo; e quando os homens, no poder, não corresponderem á confiança popular, o meio mais efficaz de os castigar é condemná-los, sem tergiversações, ao ostrocismo politico, negando-lhes o voto — a arma mais poderosa e decisiva de um povo livre. E' do direito e exercicio do voto, e, portanto, da escolha dos candidatos, que dependem o bom ou mau governo, o que vale dizer que o povo tem o governo que quer, e como a sua maior aspiração é a de um governo capaz, impõe-se-lhe a livre escolha dos melhores candidatos para a representação politica e o comparecimento ás urnas, nos dias de eleição.

As sciencias physico-naturaes devem, de preferencia, fazer as suas pesquisas no campo experimental da nossa natureza, maximé da nossa fauna e flora, cujos especimens ou não estão ainda conhecidos em sua totalidade ou ainda se não vulgarizaram.

Nenhum pais possui subsolo tão rico como o nosso, de onde já extraímos enorme quantidade de minerio de toda especie, desde o ouro ao cobre, e continuamos a extrai-lo. Quem ha que, dentro e fóra das nossas raias, não conheça os famosos e incomparaveis brilhantes diamantinos e não aprecie a espantosa variedade de nossos beryllos, a começar pela esmeralda, que não era, como ficou ultimamente provado, um sonho dos bandeirantes de Fernão Dias Paes Leme?

A nacionalização das nossas industrias será feita, dentro em pouco, pela cultura da materia prima, que ainda nos vem, em grande parte, do estrangeiro, assim como a do braço já está sendo feita pelas nossas escolas professionaes.

Não pode ser mais opportuno o momento para se dar impulso definitivo a essa nacionalização, porque o insulamento em que nos collocou do velho mundo a conflagração européa nos obrigou ao aproveitamento dos nossos proprios recursos, em homens e coisas, com reaes vantagens.

Urge, pois, para mais ampla utilização do braço nacional, estabelecer em todas as nossas escolas uma propaganda energica a favor da matricula de nossos jovens nos institutos de ensino professional, publicos e particulares. A existencia e os fins da Escola Agricola de Piracicaba, cuja organização deve constituir o nosso orgulho, precisam vulgarizados em todas as nossas escolas, clubes e associações academicas, que deveriam ser obrigados a fazer-lhe, annualmente, uma visita, para assim conhecerem a sua importancia.

No tocante á musica, que tanto contribue para o desenvolvimento civico e patriótico, devemos cultivar, em todos os recantos do Brasil, os mesmos cantos e hymnos, como um dos mais poderosos meios de conservar a nossa unidade nacional e a cohesão de todos os Estados, cohesão essa que nos faz grandes no presente e no-lo fará no futuro.

Na literatura, que, a pouco e pouco, se vae emancipando de moldes estrangeiros, devemos cultivar, muito particularmente, em nossas escolas primarias, o folclore, como um dos poucos elementos que temos de reviver e revigorar as tradições nacionaes. Não invejemos outros povos nem nos vexemos de ser brasileiros. Se temos defeitos (qual o individuo e a collectividade que os não tem?) procuremos corrigi-los, dia a dia, afim de que a planta exotico e daminha do pessimismo não deite raizes de escaracho na alma nacional. Deve até a escola combater com todas as forças esse pessimismo, maximé quando dirigidos aos nossos homens publicos e representativos, e, principalmente, aos nossos governantes. Ensine-se nas escolas o respeito aos poderes soberanos da nação, o acatamento ás suas decisões, porque elles emanam da vontade do povo. Os seus erros e desacertos podem e devem ser criticados, jámais enxovalhados. A primeira manifestação social de um povo educado é o respeito aos seus homens publicos, cuja vida se consagra ao bem-estar e aos progressos da nação. A calumnia, a injuria, os doestos, a verriima, o ridiculo, não alcançam apenas os dirigentes, ainda que, de preferencia os alvejem, mas resvalam para seus autores e tambem os envolvem, em ultima analyse, sob a indevida denominação de povo.

Habituemos o alumno a homenagear, com verdadeira gratidão, a memoria dos homens publicos que já se foram, e com profundo respeito os que ainda vivem connosco; habituemos os mais a manusear os dados estatisticos da nossa importação, da nossa exportação, do nosso commercio interno, da nossa circulação monetaria, da nossa efficiencia militar, em terra e no mar, de tudo, enfim, que possa exprimir a nossa capacidade de trabalho e a nossa grandeza, para que elle se convença de que é justo e louvavel o nosso orgulho de raça autonoma e independente. Façamos, em summa — o professor e o governo — uma geração nova optimista, consciente de si mesma e confiante no futuro da Patria.

Esse trabalho, em maxima parte, pertence ás nossas escolas, de todos os graus, em todos os pontos do Brasil, onde

cada professor, diariamente, deve inspirar-se na oração de Olavo Bilac, dirigida aos professores, na Escola Normal de S. Paulo.

*Senhores Professores:*

Facultando a minha visita a esta Escola Normal, alegrastes o meu coração; o favor do convite veio contentar um dos meus maiores desejos. Sorria-me a felicidade de passar alguns minutos entre vós, se não pela idade, porque ainda não a nobilitou a pátina da velhice, ao menos pelo fulgor de força e de generosidade, que já a recommendou ao carinho e á gratidão de todo o Brasil.

Deste horto de energias e estudos, teem saído centenares e centenares de mudas viçosas, que, transplantadas do viveiro natal, foram florescer e frutificar nas cidades e povoações que esmaltam a forte e bella terra de S. Paulo; e, honra mais alta para vós, os Governos de outros Estados vêm procurar aqui educadores para a sua gente,—tão clara é a fama que rodeia esta «alma parens». Sou avesso ao exaggero dos elogios, como a todas as demasias. Mas quando penso nesta casa, não posso furtar-me a uma inclinação para compará-la, resalvadas as disparidades do tempo e da indole, áquella veneranda Sorbonna, que é ainda hoje o centro da academia universitaria de Paris, e, durante seculos, foi o alfobre dos theologos do mundo. Antigamente, os doutores da Sorbonna formavam todos os doutores da catholicidade, e as suas decisões, em materia de crença, eram artigos de fé. Aqui, os vossos professores estão formando professores para todo o Brasil; e o vosso cuidado no estudo e no methodo, e o vosso fervor no civismo e na probidade já são modelares e exemplares.

Só vos devo louvores e benções, portanto, e não conselhos. Mas todos os applausos, que vos sejam dados, serão avisos e animações para todos os que se destinam á educação da nossa cidade.

A vossa profissão e o spectaculo do vosso esforço dão enternecimento, pela sua abnegação; e medo, pela sua responsabilidade. Já disse o que já disse, em muitos outros, com outra e melhor forma: «A escola é o primeiro reducto da defesa nacional; a menor falha do ensino, e o menor descuido do Professor podem comprometter, sem remedio, a segurança do destino do pais».

Quando um verdadeiro professor primario sente a completa, a clara responsabilidade do seu cargo, a suas alma é invadida de uma anagogia extatica, como o arrebatamento do espirito, que, nos primeiros tempos da vida monastica, transfigurava o asceta. Na sua cadeira de educador, o mestre recebe a visita de um deus: é a Patria, que se installa no seu espirito. O professor, quando professor, quando professa, já não é um homem; a sua individualidade annulla-se: — elle é a Patria, visivel e palpavel, racionando no seu cerebro e fallando pela sua boca. A palavra, que elle dá ao discipulo, é como a hostia, que, no templo, o sacerdote dá ao commungante. E' a eucharistia civica. Na lição, ha a transubstanciação do corpo, do sangue, da alma de toda a nacionalidade.

Este é o mais bello dever, e o mais nobre sacrificio do professor: a abdicación de si mesmo. Abdicación que é conquista e engrandecimento. Porque, depois da investidura, o sacerdote é tudo, quando deixa de ser homem: — é a Nação.

Diz-lhe a Patria, quando lhe dá a honra do sacerdocio; «E's o representante directo da minha força e da minha necessidade. Aqui dentro desappareces: sou eu quem em ti apparece e se afirma. E's a minha pessoa, a minha razão de ser, a minha vontade de viver e de ser forte. Quero viver e ser forte: para isto, é necessario que me defendas. Aqui dentro, sou senhora absoluta, — acima do homem, acima da familia, acima do poder paterno, da idolairia materna. Bendito serás, se te mostrares digno da missão que te confio: serás maldito, se rasgares, por incapacidade ou por desidia, ou por vaidade, o pacto sublime que assignaste comigo! Sustento-te e honro-te, mantenho a tua nutrição, dou á tua existencia conforto e gloria. Em troca disto, has de dar-me homens dignos da humanidade, brasileiros dignos do Brasil, cidadãos dignos de mim. Has de dar-me filhos conscientes e disciplinados, e não filhos desnaturados e perfidos. Elevo-te a este character divino, para que sejas um criador, e não um destruidor — um gerador de patriotas, e não um formador de anarchias. Se fizeres o que deves fazer, serás digno de mim e de ti. Se o não fizeres, terás desperdiçado e infamado o teu tempo e o teu salario, terás perdido a tua honra, terás mentido ao teu juramento, terás assaltado e traído a minha confiança. Aqui dentro, não tens opinião tua, nem interesse teu, nem religião tua: aqui tens apenas a minha opinião sagrada, o meu interesse vital, a minha religião indiscutivel. Lá fora, no teu lar e na rua, na tua vida domestica e na tua vida politica, podes ter o teu arbitrio, o teu credo, o teu partido; mas, quando aqui entras, quando passas o umbral deste templo, és apenas um instrumento passivel da minha acção. E que grande affirmación de vigor é aqui a tua abdicación! que maravilhoso orgulho será para ti o estrangulamento da tua vaidade! Lá fora, como qualquer dos homens, sem a sagração que te dou, serias apenas um filho meu; mas aqui, és ao mesmo tempo meu filho e meu pae, criatura do meu corpo e da minha alma, e criador da minha grandeza e do meu futuro! Entrego-te a minha vida: é preciso que a fixes em immortalidade!»

Esta alta palavra da Patria foi ouvida e aceita nesta casa, pelas almas que aqui estão criando tantas outras almas. A Patria reside immanente neste recinto. Recebei, senhores professores, a minha saudação entusiastica e enternecida. E permiti que, em poucas palavras de amor, eu entregue toda a minha alma aos alumnos e ás alumnas desta radiante officina.

Ha dezoito meses, no Theatro Municipal desta cidade, ouvi, com inolvidavel encantamento, um concerto dos admiraveis corpos coraes da Escola Normal. Houve um momento em que, entre dois numeros da festa, tive a honra de dizer alguns dos meus pobres versos, no meio de vós, meus irmãos e minhas irmãs, no palco esplendido em que vossa mocidade sorria e os vossos sorrisos brilhavam. Desci, entre vós, pelo declive do tablado, rampa de corações em flor, doce vertente em que rios de graça e de esperança rolavam e sussurravam... E desci, enlevado, tonto de musicas divinas. As vossas vozes tinham expirado no final de um dos coros. Mas outra harmonia secreta, que só o meu ouvido percebia, rebentava da vossa multidão, levantando o meu espirito num arroubo de vertigem. E este côro era mais doce e mais claro do que os outros que havieis cantado. Ereis um corpo só,

uma alma só, e uma voz unica. O latejar do vosso sangue e a palpação do abrolhar dos vossos sonhos eram uma symphonia magica: havia naquillo clamores e soluços, vozes humanas e sons de coisas, cachoar de aguas, murmurijs de selvas, barulho de cidades, estralejar de festas, ribombo de tempestades. Toda a nossa vida vibrava em vós, porque ereis toda a nossa terra, toda a nossa historia, e nosso futuro...

Agora, entre vós, continua a embalar-me e maravilhar-me esta musica. Os versos, que, naquella, noite eu vos dizia, eram vozes sahidas de vós: e o que ora vos estou dizendo é um dos acentos do grande accorde que em vós reside.

Guardae e cultivae esta cadencia intima, que é o vosso enthusiasmo e a vossa crença. Conservai e desenvolvei esta vibração harmonica — esperança e coragem, energia e serenidade — hoje encanto natural da vossa juventude, amanhã defesa e resignação para os vossos dias da idade madura, e consolação e gloria para a vossa velhice.

Sêde fortes, bons e alegres, meus irmãos e minhas irmãs, para felicidade vossa e felicidade do Brasil!

**DAS ESCOLAS NORMAES** Mantem o Estado 11 Escolas Normaes, das quaes 3 secundarias e 8 primarias. Destas, uma secundaria e duas primarias na Capital; uma secundaria em Itapetininga, outra em S. Carlos, e primarias em cada uma das cidades de Guaratinguetá, Campinas, Casa Branca, Pirassununga, Botucatú e Piracicaba.

As actuaes Escolas Normaes primarias são constituídas pelas antigas escolas complementares, em virtude da lei n.º 1311, de 2 de Janeiro, de 1912, que as alterou, de accôrdo com o parecer de seus directores, como se vê do Anuario de 1910, pags. 72 e seguintes.

As Escolas Normaes secundarias foram modificadas e melhoradas, tambem de accôrdo com o Dec. n.º 2367, de 14 de Abril, de 1913.

Com o intuito de dar nova orientação ao ensino de psychologia experimental, contratou o Governo do Estado, em 1914, o prof. dr. Ugo Pizzoli, da Universidade de Modena, na Italia, que aqui não só ensinou essas disciplinas aos alumnos da Escola Normal Secundaria da Capital, como fez um curso para directores de Grupos e outro para professores da propria Escola. Deve-se ainda ao referido professor a installação do laboratorio de psycho-pedagogia na referida Escola.

Desejando o Estado uniformizar o seu ensino primario e tambem o preparo dos professores, cogita em equi-

parar a organização de todas as nossas Escolas Normaes, desapparecendo, dest'arte, a differença de diplomas entre os seus graduados.

Para que as altas questões psychologicas e pedagogicas sejam melhor estudadas e para que melhor se preparem os nossos directores e inspectores de ensino, já o sr. Presidente do Estado, em uma de suas mensagens, lembrou a conveniencia da criação de uma Escola Normal Superior, destinada, exclusivamente, áquelles que terminarem o curso nas normaes.

Vem a pêlo lembrar, sobre tão magno assumpto, a opinião do prof. Ugo Pizzoli, exarada, em 1914, numa carta aberta ao Exm.º Sr. Dr. Altino Arantes, então Secretario do Interior.

Ei-la:

«Exm.º Sr.

Reconhecendo a distincção com que aprouve a V. Ex.ª honrar-me, chamando-me para dirigir o curso de psychologia da Escola Normal Secundaria de S. Paulo, sinto que não cumpriria o meu dever se deixasse de manifestar sinceramente o que penso acerca de algumas questões de capital importancia. A de que pretendo occupar-me não só já foi estudada, mas até resolvida, virtualmente, ao menos, por V. Ex.ª. Não importa: restar-me ha o consolo de repô-la em foco e de confiar em que a vivifique V. Ex.ª, levando-a, definitivamente, a effeito.

Dito isto, permittir-me ha V. Ex.ª o relembrar-lhe a grande lacuna que noto no aparelho escolar deste grandioso Estado — lacuna que diz respeito á formação dos profissionaes, que deverão fiscalizar e dirigir as escolas primarias, e, ainda, encarrregar-se do ensino de pedagogia nas Escolas Normaes.

Ninguem melhor que eu terá tido occasião de apreciar o valor didactico, o grande interesse pelo estudo e o espirito de sacrificio dos actuaes inspectores-escolares, directores de Grupos e professores de pedagogia do Estado. Inquestionavelmente, bem merecem todos elles os nossos louvores. Entretanto, convem confessar que se até o presente tem sido facil o escolhê-los na grande massa de educadores, o mesmo se não dará amanhã, quando o Estado, desenvolvendo um mundo novo de novas actividades, tiver de preencher os postos que fatalmente se criarão. Demais — porque não o dizer? — se, até agora, tem sido propicio o processo de escolha, de modo

a fornecer a V. ex.<sup>a</sup> um pessoal estudioso, optimos autodidatas, não será acaso arriscado insistir nesse processo, que poderá de futuro apresentar incognitas, em detrimento do ensino?

Novos requisitos reclama agora a sciencia da educação. E' necessario, portanto, que novos systemas com elles se harmonizem.

Não basta o entusiasmo da autodidaxia: é mister, é urgente mesmo, a criação de um «Instituto Pedagogico Superior» que prepare convenientemente os educadores que se hão de encarregar da direcção geral dos estudos e do preparo, da formação dos professores.

Consinta V. Ex.<sup>a</sup> que eu diga publicamente como desejava ver organizada tal Escola Normal Superior.

\*  
\* \*

Nos seus resultados hodiernos, o problema pedagogico já não compreende sómente a acção directa da familia e da escola, mas ainda a natureza physio-psychica do individuo e a acção do ambiente em que elle vive e se desenvolve. Por isso, o seu estudo, como o fazem as Escolas Normaes, já não é sufficiente para aquelles que deverão formar consciencias pedagogicas. Essas escolas teem limites naturalmente restrictos. Não podem entregar-se á pesquisa de verdades novas, ao exame comparativo das que teem curso, em summa: não podem ver claramente todos os elementos do sempre novo e complexo problema da psychologia infantil.

A função scientifica da Escola Superior, que proponho como necessidade premente, deverá ser, antes de mais nada, pesquisar e colligir factos psychologicos, pedagogicos e sociaes. Nessa Escola, deverão acolher-se e coordenar-se todas as investigações relativas ás bases somaticas, anthropologicas, psychologicas da educação; relativas ao desenvolvimento complexo das crianças; relativas aos fins da educação, aos varios ambientes onde se desenvolve o facto educativo. Deverão ainda colligir-se as experiencias de methodos novos accordes com os dados da pesquisa psychologica; os subsidios didacticos mais racionaes; o material escolar mais esthetico e hygienico. A essa Escola competiria promover estudos sobre as organizações escolares mais reputadas, sobre as legislações, e, enfim, estudar e coordenar a pedagogia «correctiva» — presentemente inefficaz, ou, mesmo, ainda não nascida. E pois que entre

os encargos da autoridade escolar se arrola a missão de formar o espirito de observação, de dirigir as atenções para as necessidades praticas da vida, assim — damos grande importancia a uma disciplina que, por si mesma, não é sciencia, mas arte, a saber: a didactica, que da sciencia pedagogica se nutre, porque vive na escola e pela escola trabalha.

A didactica, comprehende-se, não tomada no sentido ordinario, assaz restricta, de normas e averiguações sobre os methodos, sobre as necessidades de ensinar esta ou aquella materia, sobre o modo de distribuir e graduar as acquisições — mas no seu significado e valor de modo, technica, acção de ensinar.

A pedagogia philosophica e sociologica põe deante dos estudiosos um bom numero de problemas ainda não resolvidos, mas baseados em hypotheses mais ou menos attendiveis.

Pois bem: a nova Escola deverá ensinar a não aceitar de olhos fechados soluções contingentes ou hypotheticas, e, ainda, habituar a adextrar os que a cursarem á investigação critica, de modo a pô-los em condições de ver claramente as relações de coexistencia, de successão constante e invariavel, de causalidade, de similitude ou differença entre os factos humanos e as relações sociaes.

Numa palavra, a Escola Normal Superior deverá abranger do alto o immenso campo da propria Escola, dando relevo a esta, apresentando, harmonicamente, as suas linhas e accidentes topographicos mais importantes.

\*  
\* \*

A experiencia accumulada em vinte annos de ensino; os conselhos de illustres cultores da disciplina pedagogica, e, mais, a observação dos resultados produzidos por estabelecimentos identicos na Italia, me levam a propor as seguintes bases de organização do instituto superior, cuja criação propugno como imprescindivel. Deixando de parte certas minudencias administrativas, entendo que o curso da

#### ESCOLA NORMAL SUPERIOR

se deverá estender por dois annos, com o seguinte programma:

- a) *Literatura nacional;*
- b) *Pedagogia theorica (geral);*

- c) *Philosophia (theorica e moral)*;
- d) *Biologia pedagogica (anatomia, psychologia, anthropologia, hygiene escolar)*;
- e) *Didactica*;
- f) *Psychologia pedagogica (psychologia geral e individual)*;
- g) *Pedagogia «emendativa» (deficiencias sensoriaes, intellectuaes e moraes)*.

Daremos á Literatura nacional, 6 horas por semana;  
á Pedagogia theorica, 6 horas por semana;  
á Philosophia, 3 horas por semana;  
á Biologia pedagogica, 4 horas por semana;  
á Didactica, 5 horas por semana;  
á Psychologia, 4 horas por semana;  
á Pedagogia «emendativa», 2 horas por semana.  
Total, 30 horas semanaes.

A Escola Superior terá sua sede na Escola Normal Secundaria e será dirigida por um reitor, auxiliado por inspectores technicos, podendo as primeiras nomeações ser feitas por livre escolha do governo e o preenchimento das vagas por concurso.

No fim de cada semestre, haverá exames escriptos e oraes, e, no fim do curso, o exame para a obtenção do diploma. Este deverá habilitar para o cargo de director de escolas normaes, de inspector e de professor, quer das escolas secundarias, quer dos gymnasios. O governo deverá dar preferencia, nos concursos para os referidos cargos, aos diplomados pela Escola Normal Superior.

A Escola será provida de um gabinete de psychologia e anthropologia (já o tem) no qual os alumnos se adextrarão na technica psychologica e anthropologica. Disporá de um museu onde se collecciona o material escolar e de uma bibliotheca com character especialmente pedagogico. Conviria tambem que dispusesse de uma Revista destinada a diffundir os trabalhos colligidos pela Escola e acompanhar o movimento pedagogico internacional.

\*  
\*  
\*

Taes as linhas geraes da Escola Normal Superior, que deverá, a meu ver, coroar o aparelho escolar do Estado de São Paulo.

Proponho-a, por julgá-la, como já disse, imprescindivel. Nem sou o unico a tê-la em tal conta — pois muitos, muitissimos são, e de valor; os professores que me acompanham em semelhante opinião, ciosos do progresso pedagogico do seu pais.

E v. exa., sr. dr. secretario do Interior, levando avante a idéa que toscamente exponho, juntará aos tantos que já apresenta, mais este titulo de summa benemerencia, ligando seu nome a emprehendimento de tamanha monta, e, esperamo-lo, de resultados efficacissimos para a cultura nacional.

UGO PIZZOLI,  
da Universidade de Modena.

Subscrevemos com o maior prazer ponderações tão judiciosas sobre a criação do nosso instituto normal superior, e pedimos venia para lembrar alguns factos que reclamam essa medida.

A falta desse instituto para ministrar aos professores instrucção mais elevada tem dado lugar a que elles procurem, para esse fim, as nossas Academias, desviando-se dest'arte a sua actividade intellectual de assumptos pedagogicos. E' verdade que muitos professores, embora diplomados pelas nossas Academias, continuam no magisterio, mas com a sua attenção dividida entre assumptos pedagogicos e os da nova carreira que abraçaram. Isto, diminuindo a sua acção no terreno educativo, é um mal para o progresso do nosso aparelho pedagogico. A criação, pois, do instituto normal superior, além de satisfazer ao desejo daquelles professores, dando-lhes melhor preparo, os encaminhará para posições mais elevadas, conservando-os, portanto, no magisterio, e preparando-os para a reforma do nosso ensino secundario.

As onze escolas normaes do Estado diplomaram, em 1917, 654 professores, dos quaes 250 pertencem ao sexo masculino e 404 ao feminino. Nellas estiveram matriculados 3726 alumnos, sendo que 1239 eram do sexo masculino; e 2487 do sexo feminino.

No correr do anno findo, com o intuito de melhor conhecer as necessidades das escolas normaes do interior, visitamos as de Pirassununga, Piracicaba e Guaratinguetá.

Fizemo-nos acompanhar, nessas visitas, do Maestro João Gomes Junior, professor de musica na Escola Normal da Praça da Republica, a quem confiámos a inspecção do ensino de musica naquelles estabelecimentos.

No proximo anno, estudaremos, em visita, as outras escolas, com o intuito de uniformizar a orientação do seu ensino.

Dos relatorios dos srs. directores das escolas normaes, trasladamos para aqui os seguintes trechos:

**Escola Normal da Capital**

*Orientação do ensino.* — Em geral, o ensino na Escola Normal reveste-se de cunho pratico; e graças á competencia e dedicação do corpo docente, tem produzido resultado satisfactorio.

Nos exames do curso da Escola Normal, organizei questões que, subordinando-se á materia explicada, dessem ensejo a que fossem apresentados trabalhos com desenvolvimento individual. A vantagem das questões assim apresentadas é de obrigar o alumno a pensar, a raciocinar, não se limitando a reproducções textuaes de postillas decoradas.

Relativamente aos exames, vem a proposito fazer-se sentir a necessidade de uma medida que venha pôr cobro á indifferença que se nota, por parte dos alumnos, quando se submettem a essas provas. Os exames, que constituem um meio efficaz de fiscalização do ensino, perdem todo o seu valor pelo facto de não passarem de uma simples sabbatina mensal. Julgo ser conveniente a determinação, para os referidos exames, de um coeeficiente convencional que dê direito á promoção. Com relação ao mesmo assumpto, aproveito a oportunidade para salientar a necessidade de se suspender o funcionamento das aulas por occasião desses trabalhos. Não obstante ser o exame considerado uma simples sabbatina, os alumnos aproveitam-se dessa eventualidade para se afastarem das demais aulas do dia, tornando muito reduzida a frequência, o que acarreta serias difficuldades para o ensino e para a disciplina na Escola. Com dez dias que se reservassem, exclusivamente, para os exames, poder-se-ia superar essa difficuldade.

Seria, parece-me, tambem, de grande conveniencia, que em cada sabbatina ou prova de exame fosse obrigatoria, além da nota da disciplina, em si, uma nota de redacção. Em geral, os alumnos só se preocupam com o assumpto da cadeira, e, em absoluto, não cuidam da linguagem da prova.

O mesmo descaso que se nota relativamente aos exames, observa-se com relação ás notas de sabbatinas. Quando os alumnos conseguem *media fechada*, abandonam, completamente,

os estudos e esquivam-se ás sabbatinas. Poder-se-ia corrigir esse inconveniente, tornando-se indispensaveis, para o effeito da promoção, notas em todos os meses do anno lectivo.

Ha ainda um outro facto que está pedindo uma medida coercitiva. Quero referir-me á faculdade que tem o alumno de requerer sabbatinas ou exames de meses anteriores. Essa facilidade traz um grande inconveniente — não só vae de encontro á ordem, disciplina e boa escripta da Escola, como ainda se torna um acto iniquo, dando vantagem ao requerente, que faz mais de uma sabbatina sobre o mesmo assumpto.

Por não ser justo e ainda por trazer complicações para a escripta da Escola, seria conveniente a determinação de um prazo para a apresentação do requerimento, que, pedimos licença para lembrar, pode ser o de todo o mês immediato áquelle em que alumno perdeu o exame ou a sabbatina.

*Gabinete de Psychologia Experimental.* — Já está prestando magnificos serviços á cadeira de Pedagogia e Psychologia o gabinete de Psychologia Experimental.

Ainda que se não possa considerar completa a sua organização, com os apparatus que possui, já satisfaz ás exigencias das experiencias mais necessarias.

Foram iniciadas diversas experiencias de anthropologia pedagogica e psychologia experimental com satisfactorio resultado. Com auxilio dos apparatus do gabinete, foram feitos exames anthropologicos e exercicios de classificação, exames psychologicos de sensibilidade externa e interna, senso chromatico, acuidade auditiva, senso estereognostico, acuidade e poder gustativo e olphativo, exercicios harmmnicos com a organização de *tests* e outros exercicios para a determinação das zonas cerebraes que actuam em determinadas circunstancias e ainda determinações, por meio de experiencias, dos typos de educandos.

Incontestavelmente, o gabinete está reservado a dar aos professores conhecimentos de que elles necessitam para a solução de problemas pedagogicos de fundamentos psychicos.

*Escola Normal Primaria.* — Com toda regularidade, funcionaram as aulas da Escola Normal Primaria.

Os methodos e processos postos em pratica pelo dedicado corpo docente dessa Escola tem produzido os melhores resultados. Tem tambem sobremaneira concorrido para esse resultado o processo das notas mensaes de applicação.

O professor, para apresentar essas notas, é obrigado a conhecer o preparo e acompanhar o adeantamento de cada um de seus alumnos.

Como consequencia desse facto, vem, naturalmente, a diminuição da porcentagem de reprovados, o que constitue um attestado eloquente da maior applicação por parte dos alumnos.

Tenho empregado nos exames da Escola Normal Primaria o mesmo processo a que me referi na secção da Normal Secundaria e com vantagens bastantes apreciaveis.

*Escola Modelo «Caetano de Campos».* — Funcionou com toda a regularidade a Escola Modelo «Caetano de Campos», com 516 alumnos matriculados e com uma frequencia media de 441.

Os methodos e os processos modernos postos em pratica na Escola Modelo e a dedicacão de seu corpo docente teem-lhe dado bastante renome, sendo essa, acredito a causa do empenho com que são disputadas as vagas que se verificam nesta Escola.

Na Escola, procurei collocar em primeiro plano o papel de educador que compete ao professor; insisti na generalizacão do basico processo intuitivo; procurei despertar o sentimento da Patria, não só através das lições propriamente de educacão civica, como tambem nas aulas de Historia e Geographia; convoquei a reunião dos professores da Escola Modelo com o fim de scientificar-lhes a orientacão a seguir no ensino de cada uma das disciplinas.

O ensino da leitura, no primeiro anno, com a applicação do methodo analytic, continua a dar resultados surpreendentes.

Nas diversas classes da Escola Modelo, os magnificos resultados que se tem apurado se verificam pelas seguintes porcentagens de promoçào:

SECÇÃO FEMININA		SECÇÃO MASCULINA	
1.º anno . . . . .	82 %	1.º anno . . . . .	83 %
2.º » . . . . .	85 %	2.º » . . . . .	85 %
3.º » a . . . . .	93,3 %	3.º » a . . . . .	91,1 %
3.º » b . . . . .	95,7 %	3.º » b . . . . .	93,4 %
4.º » . . . . .	93 %	4.º » . . . . .	94,8 %

*Escola Modelo Isolada.* — Com a orientacão que deve e pode ter uma escola isolada, estão funcionando, com vantagens incontestaveis, no Largo do Arouche, duas escolas.

O ensino ahi é ministrado de modo a corresponder o adeantamento dos alumnos ao preparo exigido nos dois primeiros annos dos Grupos escolares. A matricula, na secção feminina, foi de 51 alumnas, e, na masculina, de 52 alumnos.

Os tres melhores alumnos de cada secção da Escola Isolada Modelo teem, como premio, passar para o 3.º anno da Escola Modelo «Caetano de Campos».

A satisfactoria porcentagem de promoçào foi a seguinte:

Secção feminina . . . . .	82,2 %
Secção masculina . . . . .	75,5 %

*Pratica de ensino.* — A Escola Modelo «Caetano de Campos», a Escola Isolada Modelo e o Jardim da Infancia teem prestado serviços inestimaveis ao ensino, como campo de experiencia para os alumnos da Escola Normal.

A pratica de ensino na Escola Normal tem sido feita sob tres aspectos:

- a) observação.
- b) aula figurada.
- c) aula pratica.

A pratica de ensino por observacão consta em fazer que o alumno normalista observe os methodos e os processos postos em pratica nas diversas disciplinas. O meio de que se dispõe para obrigar o alumno a observar é exigir depois um pequeno relatorio, oral ou escripto, da aula pratica.

A pratica de ensino por meio de aula figurada é feita na propria classe em que o lente lecciona, considerando-se os alumnos como crianças e arvorando-se um dos alumnos em professor.

A aula pratica é a exercida pelos alumnos em uma das classes das Escolas-Modelo annexas á Normal. O lente da cadeira de Methodologia designa um alumno e determina a disciplina para a pratica.

Esses processos de pratica de ensino teem dado muito bons resultados, e os alumnos saem da Escola Normal, não professores consummados, mas com o subsidio indispensavel para enfrentar as difficuldades do ensino.

### Escola Normal de Itapetininga

dem dar.

Tem preocupado muito nossa attenção o excessivo numero de faltas que os alumnos, principalmente as alumnas, podem dar. Para verificar a verdade do que affirmo, basta reflectir sobre o seguinte: no anno proximo findo, teve a E. Normal 202 dias de trabalho, e, portanto, 163 de descanso. As alumnas podem dar até 59 faltas justificadas (justificam ellas todas as 59, em virtude da facilidade com que são dados os attestados medicos), o que corresponde a 119 dias lectivos, porque, em geral, as diversas cadeiras tem apenas 3 aulas por semana. Ora, de 202 deduzindo 119 aos quaes tem direito as alumnas restam apenas 83 dias lectivos, sem contar os dias de faltas dos professores, os feriados extraordinarios e as suspensões de aulas.

O anno escolar fica, portanto, reduzido a 83 dias de trabalho!

Nesses 83 dias, pelo argumento acima apresentado, tem as alumnas 42 aulas em cada materia, não se contando arithmetica, em que ellas tem apenas duas aulas por semana, o que reduz o total a 28 aulas por anno; e algebra e latim, em que tem apenas 1 aula por semana, ficando o anno escolar reduzido a 14 aulas! Dessas 14 aulas, ainda é preciso deduzir a metade do tempo escolar, que é destinada á revisão da materia anteriormente dada. Essas 14 aulas ficam reduzidas a 7 horas de explicação de materia nova, por anno!

Bem se pode avaliar que em tão curto espaço de tempo é humanamente impossivel obter resultado satisfactorio.

Em relatorio anterior, já tive occasião de francamente manifestar o inconveniente da falta de preparo com que se apresentam os candidatos á matricula no 1.º anno. Como isto é geral, contam os examinandos com uma excessiva benevolencia por parte dos examinadores.

Releva notar ainda que a existencia de um programma com as theses numeradas para o exame de sufficiencia muito concorre para a deficiencia de preparo dos candidatos que, em geral, saem dos Grupos escolares sem terminar o curso e em alguns meses se limitam a decorar os pontos adrede preparados de accôrdo com o programma approvedo.

Constando apenas de prova escripta o exame de sufficiencia, facil se torna ao candidato apresentar uma boa prova,

desconhecendo, muitas vezes, completamente, a materia sobre que versa o exame.

Felizmente, porém, a lei n. 1579, de 19 de Dezembro, de 1917, que estabelece algumas disposições sobre a Instrucção Publica do Estado, criou tambem um curso complementar annexo a cada uma das escolas normaes, destinado a completar o ensino primario e a preparar candidatos á matricula no 1.º anno dessas escolas.

Com esta providencia, que esta directoria vem reclamando ha annos, estará sanado o mal e desaparecerá o hiato que existe no aparelho escolar paulista.

### Escola Normal de S. Carlos

Curso civico. — S. Carlos, 27 de Novembro de 1917. Exmo. Snr. Dr. Oscar Thompson, M. D. Director Geral da

Instrucção Publica.

Tenho a honra de communicar a V. Ex.<sup>a</sup> e peço se digne de fazer chegar ao conhecimento do Exm.<sup>o</sup> Snr. Dr. Secretario do Interior que a E. Normal de S. Carlos, querendo acompanhar, de perto, o movimento civico que cada vez mais se accentua em o nosso pais, organizou, por intermedio de alguns lentes, uma serie de conferencias, que aqui se realizaram, na ultima parte do 2.º semestre, attrahindo para o amphitheatro da escola sempre crescido numero de familias e cavalheiros, sem falarmos no dos alumnos, tendo constituido, sem favor nenhum, a referida serie, um dos mais, senão o mais brilhante acontecimento intellectual nos ultimos annos da vida desta prospera cidade. Tal serie se compõe das seguintes palestras, intituladas «Palestras civicas», correspondentes todas a um fim patriotico, qual o de despertar o entusiasmo pelo conhecimento e estudo das coisas patrias e visando, principalmente, pôr em destaque alguns dos pontos capitais do *problema nacional*, hoje em foco: «Bellezas naturaes do Brasil»; «Desertos e climas»; «Devastação das matas»; «Typos brasileiros»; «A alma nacional»; «O problema do urbanismo no Brasil»; «A volta aos campos»; «A hygiene escolar e o futuro da nossa nacionalidade»; «A vida de um brasileiro que é uma lição de civismo (Campos Salles)»; «A lingua patria e a unidade nacional»; «A escola brasileira e o nacionalismo»; «Mestres e soldados».

Dessa serie se encarregaram os Srs. Ezequiel Leme, Francisco Penteadó, Waldomiro Caleiro, Theodorico de Ca-

margo, Astor de Andrade, Dagoberto Salles, Carlos da Silveira, João Toledo, Atugasmin Medici, todos lentes, excepto o terceiro, Secretario da Escola.

Além dessas, outras palestras se realizaram, ainda no fim desse anno, em nosso amphitheatro, sendo uma do Sr. Elisiario Fernandes de Araujo, director do Grupo escolar «Cel. Paulino Carlos», desta cidade, — intitulada «Instituições Patrioticas»; uma do Sr. Sebastião Pontes, lente deste estabelecimento, sobre a data da proclamação da Republica, e outra, finalmente, do director desta escola, em torno á data commemorativa da nossa bandeira.

Ao fazer chegar ao conhecimento do Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior, por intermedio de V. Exa., a realização dessas palestras, tenho tão sómente por fim mostrar ás altas autoridades do ensino em nosso Estado, que o civismo e tudo que diz respeito á cultura dos sentimentos patrioticos da mocidade brasileira, vem encontrando nesse estabelecimento apoio o mais entusiastico com os applausos e sympathia de toda população.

As conferencias foram enfeixadas em folhetos que constituem o segundo volume da Revista da Escola.

Coopera tambem para despertar e manter o civismo da mocidade o conhecimento da vida de seus grandes guias, dos pioneiros das nobres conquistas da Patria — Eis porque desejo ter na Escola, em tamanho natural, a GALERIA DOS GRANDES HOMENS.

O estudo de suas biographias descobre uma especie de concretização, um novo culto, na contemplação dos retratos dos grandes bemfeitores da Patria.

Terei, estou certo, approvação de S. Ex.<sup>a</sup>. se adquirir a photographia dos grandes homens brasileiros, para o nosso Pantheon escolar.

*Gabinete de Psychologia.* — Está ainda bastante incompleto, visto a conflagração ter impedido a importação de aparelhos necessarios.

Entre nós, não se encontram aparelhos precisos, senão raramente, pelo quê bem poucos este anno poderão ser adquiridos.

Do relatorio do encarregado do gabinete de psychologia, transcrevo o seguinte:

Cumpré declarar que, como no anno p. passado, ainda não nos foi possivel extender nossas pesquisas ao campo da

Psychologia; ficamos até agora no dominio da Anthropologia. O problema da fadiga ainda não foi estudado, e isto, principalmente, pela falta de alguns aparelhos e pela imperfeição de outros que possuímos.

O crescimento em estatura e em peso, durante o periodo escolar e o de ferias, não pôde ainda ser estudado.

Entretanto, verificará, V. Ex.<sup>a</sup> do mappa que ora apresento que um bom numero de medias já estão alcançadas, medias estas que podem auxiliar grandemente os professores, no estudo do physico de nossos escolares. Não sendo ainda elevado quanto é de desejar o numero de examinados, principalmente de 14 a 15 annos de idade, torna-se claro que qualquer generalização, feita já, será precipitada. Tiramos 5362 medidas, inclusivè os respectivos indices, correspondentes a 383 alumnos da Escola Modelo e da isolada, sendo 203 do sexo masculino e 180 do feminino. Até o presente, o total de examinandos attinge a 959 alumnos, dos quaes 498 meninos e 459 meninas.

**Escola Normal de Botucatu** E' uma necessidade inadiavel a criação do exame final, tanto oral como escripto para base de promoções no curso normal. Como estão sendo feitas ellas de um para outro anno, ainda deixam muito a desejar: por um lado o alumno só estuda no inicio do anno lectivo quando as materias, por sua natureza, são menos aridas; por outro lado, os professores se vêm na contingencia de desenvolver uma actividade desmedida, nos ultimos meses do anno lectivo, para fazerem que o alumno estude; pois, como é sabido, possuindo elle nota para promoção, devido ao esforço feito no primeiro semestre, crê-se desobrigado dos trabalhos escolares, que devem tornar-se mais intensos no fim do anno, em virtude dos exames finaes. Hoje não é como outróra, em que o estudante queria aprender para ficar sabendo; agora querem todos somente conquistar a nota que garanta a approvação, e, uma vez satisfeito esse desejo, desertam da escola e dos livros. Como prova disso, temos as approvações deste anno de 1917 — na secção masculina da Escola Normal, em 58 alumnos, promovidos houve: 1 approvado com distincção; 4 plenamente e 53 approvados simplesmente. Na secção feminina: em 140 promovidas houve: 18 approvadas plenamente e 102 approvadas simplesmente, não tendo havido distincção. O nivel do ensino tem, pois, decaido, e o

mal advem justamente do regimen de notas. O alumno, sabendo a nota que lhe foi dada, e estando sciente de que ella já mais perderá o seu valor como base de promoção, deserta da escola, assim que já possui o minimo exigido para o accesso ao anno immediato, donde falhas graves em seu preparo, de consequencias funestas para o ensino.

Uma verificação final, pois, se impõe como inadiavel. Só deste modo se conseguiria geral attenção e melhor aprendizado, pois é de todos sabido que as sciencias se ligam em um todo harmonico e cada uma dellas serve de alicerce ás seguintes. Está muito claro que se alguem não aprendeu inteiramente uma, terá que lutar com difficuldades em comprehender a que se lhe segue, immediatamente.

O mês de Novembro, reservado, como está, para o exame do 2.º semestre, poderá prestar-se muito bem para essa prova, supprimida a que nelle se faz, ultimamente.

\* \* \*

Esta epoca de renascimento da cultura nacional, que atravessamos tem sido fertil em ensinamentos de todos os generos. E parece que um dos assumptos que mais teem preocupado a attenção do povo é o culto das nossas tradições. Pois bem, com relação ás classes primarias, embora haja da parte dos professores muito boa vontade para cumprir o seu dever, falta-lhes entretanto o elemento indispensavel: um manancial onde possa haurir os ensinamentos precisos e adaptados á classe, pois não ha na nossa bibliotheca livros relativos a tal assumpto, senão um ou outro trabalho literario, quasi sempre de valor exorbitante e difficil de se obter. Além disso, seria muito de desejar um compendio destinado ás classes elevadas, onde o gosto pela leitura começasse a apparecer com as leituras das narrativas empolgantes e vivas.

Não raras vezes, o professor do Grupo se vê em serios embarços para satisfazer a curiosidade infantil, sempre avida de novidades. Um exemplo: Quando D. Julia Lopes de Almeida, na Sociedade de Cultura Artistica, leu seu lindo trabalho sobre o Padre José Mauricio Nunes Garcia—cujo talento peregrino se diz superior ao de Carlos Gomes, um estudante indagou de pormenores sobre a vida desse notavel musicista nacional. Pois bem, corridos todos os livros de biographias, jámais se pôde encontrar qualquer traço sobre o mestiço

fluminense, que, entretanto, não é uma figura apagada na nossa, aliás, pequenissima lista de artistas notaveis.

Assim, parece que o Governo deveria auxiliar os nossos escriptores didacticos, afim de que esse genero, talvez o mais difficil de todos, pois que requer, além de estudos especiaes, uma larga erudição, fosse cultivado com o carinho que merece. Lembramos, pois, o alvitre de se abrir concurso sobre tal assumpto, dando premio em dinheiro ou compromettendo-se o Governo a adquirir um certo numero de exemplares da obra premiada por uma commissão competente e imparcial.

#### **Escola Normal de Campinas**

Tanto quanto possivel, o ensino foi dado de accôrdo com os respectivos programas expedidos por essa Directoria, por occasião da installação das Escolas Normaes.

Para maior e mais proveitoso resultado do ensino normal, acho de conveniencia o desdobramento de algumas cadeiras, principalmente a de Português e Mathematicas, tornando assim o ensino dessas materias mais intenso.

Os trabalhos de modelagem e marcenaria não podem ser bem feitos no seu character puramente escolar por falta de uma installação apropriada; entretanto, com os recursos de que dispõe a escola o professor dos respectivos trabalhos procura dar-lhes a execução possivel.

A gymnastica sueca é adoptada.

A escola dispõe dos aparelhos mais necessarios para as aulas dessa disciplina e conta com um professor muito competente. Devo, entretanto, notar que a falta de espaço para determinados exercicios constitue um embaraço para o maior desenvolvimento do programma.

As aulas de desenho igualmente se resentem da falta de modelos de accôrdo com o respectivo programma, conforme allegações do professor.

Não me preocupo com o lado artistico do ensino do desenho; mas tenho em grande conta a sua importancia educativa, procurando sempre attender ás exigencias das aulas para alcançar esse objectivo.

O ensino da musica está confiado a um professor que acompanha a orientação moderna adoptada nas aulas dessa disciplina, tendo conseguido os melhores resultados.

**Escola Normal de Casa Branca** Com muita regularidade e bom aproveitamento, foi feita, durante o anno lectivo, no Grupo Escolar Modelo e escolas-modelo isoladas, pratica de ensino para os alumnos do 2.º anno, do 3.º e do 4.º de ambas as sessões desta escola.

Dirigiu os trabalhos de pratica naquelles dois estabelecimentos o respectivo professor da cadeira de pedagogia, sr. Pedro Deodato de Moraes, havendo tambem prestado valioso auxilio no Grupo Escolar Modelo, o director desse estabelecimento, sr. Euzebio de Paula Marcondes.

Acompanhando, com interesse, anno por anno, a marcha dos trabalhos nesse estabelecimento de ensino, convenci-me da necessidade que ha em serem feitas algumas modificações nos regulamentos das Escolas Normaes Primarias, afim de que possam ellas funccionar com melhor proveito para o ensino.

As alterações, que, ao meu ver, se tornam necessarias, são as seguintes:

a) Melhor distribuição de certas materias do programma e augmento de numero de aulas de outras;

b) Modificação do modo por que são feitas as promoções do curso.

Tomando por base a cadeira de mathematica, cujas aulas são em numero de quatro, diariamente, e todas a cargo de um só professor, encontra-se desde logo a difficuldade da organização de um horario que satisfaça ás prescrições pedagogicas. Dahi, o inconveniente de se distribuirem pelas ultimas horas do dia escolar algumas das aulas que fazem parte dessa cadeira, o que é de resultado contraproducente para o ensino.

Accresce ainda a este outro grande inconveniente: no 2.º anno, essa mesma cadeira sobrecarrega de trabalhos os alumnos, que são forçados a ter, em certos dias da semana, duas aulas de mathematica.

Com a criação do curso complementar parece-me que estes inconvenientes poderão ser removidos, porquanto, sendo o ensino de arithmetica e algebra feito no referido curso, bastará que estas disciplinas sejam ensinadas apenas no 1.º anno da Escola Normal, passando o de geometria a ser ensinado tão sómente no 2.º anno. Por essa forma, desapareceriam os inconvenientes acima apontados, havendo ainda a vantagem de diminuir o trabalho do professor dessa cadeira, o qual tem, presentemente, quatro horas de aula por dia.

Quanto ao ensino da lingua vernacula, é tambem bastante deficiente o numero de aulas destinadas a cada um dos annos do curso, muito principalmente no 2.º, em que essas aulas se limitam apenas a duas por semana.

O mesmo inconveniente apresenta o ensino de historia universal, cujo programma jámais poderá ser executado com proveito, se o ensino desta disciplina não for feito em um numero maior de aulas.

Havendo no curso complementar dois annos destinados ao ensino da lingua francêsa, poderia ser esta ensinada nas Escolas Normaes apenas nos tres primeiros annos do curso, podendo assim o ensino de historia universal ser ministrado no 5.º anno e com um numero maior de aulas.

O modo por que são feitas as promoções de alumnos do curso não é de resultados seguros para a boa efficacia do ensino.

De accôrdo com o que preceitua o artigo 506 da Consolidação das Leis do Ensino, a promoção de alumnos do curso fica subordinada ao conjunto de suas notas de exames e medias de applicação durante o anno lectivo.

Este systema, ao meu ver, apresenta alguns inconvenientes, como passo a demonstrar.

Em geral, as medias de applicação não são medias e sim notas, pela difficuldade que ha, em certos meses do anno, como por exemplo Junho e Julho, de poucos dias lectivos, em se darem notas de chamadas oraes, figurando apenas a nota de sabbatina como as medias daquelles meses.

Ora, as sabbatinas escriptas apresentam o grande inconveniente de não poderem ser bem fiscalizadas, principalmente nas classes muito numerosas, dando ensejo a que os alumnos façam uso das chamadas *collas*, uso este que se vae tornando muito commum nos estabelecimentos de ensino, e que precisa, para decoro dos mesmos, ser severamente combatido.

Tornando-se mais facil ao alumno conseguir as notas de applicação por meio das sabbatinas escriptas, bastam muitas vezes apenas estas notas para garantirem a sua promoção, invalidando completamente os exames escriptos, a ponto de certos alumnos, que deixam de o fazer, tendo, portanto, a nota *zero*, serem promovidos.

Para obviar a esses inconvenientes, acho que seria mais proveitoso para o ensino que se suprimissem as sabbatinas mensaes, dependendo a promoção apenas das notas de exames

que se fazem em cada um dos semestres, e das medias das notas de applicação dadas em todo o primeiro trimestre e bem assim no segundo.

Por essa forma, ficariam os professores isentos do penoso trabalho de corrigir centenas de provas, mensalmente, trabalho este duplicado nos meses em que ha exames.

Lucraria ainda o ensino com o augmento de mais uma aula, destinada, mensalmente, a realização das sabbatinas escriptas.

Como meio de banir dos estabelecimentos de ensino o indecoroso uso das chamadas *collas*, a que acima me referi, lembro a conveniencia de se comminar uma pena disciplinar, além da nota *zero*, ao alumno que haja sido surprehendido a fazer uso das referidas *collas*. A esse alumno poderia ser reduzida a metade do numero de faltas estabelecido para a perda do anno.

**Escola Normal de Piracicaba** Por solicitação dos alumnos do curso normal, foi nomeado o Tte. Mario Wanderley para ministrar-lhes a instrucção militar, que se realiza uma vez por semana. Por parte dos alumnos, não tem faltado entusiasmo e interesse por esses exercicios, de tanta importancia na educação da mocidade, mormente no momento actual, em que se torna necessario que todos concorram, de boa vontade, em prol dos destinos da Patria, ameaçada até no que diz respeito á integridade de seu solo.

A PRATICA DE ENSINO TEM OBEDECIDO A'S  
SEGUINTES INSTRUCÇÕES:

**Numero de aulas praticas** O numero de aulas praticas, de accôrdo com a circular n.º 1650, de 6 de Maio de 1911, da Directoria Geral da Instrucção Publica, é o seguinte:

- No 2.º anno—uma aula por semana;
- No 3.º anno—uma aula por semana;
- No 4.º anno—quatro aulas por semana.

MODO DE SE FAZER A PRATICA

As aulas praticas constituem a applicação das noções theoricas ministradas aos alumnos na cadeira de Pedagogia, e são dadas pela seguinte forma:

- No 2.º anno—por turmas;
- No 3.º anno—por classes;
- No 4.º anno—em aulas figuradas.

**Pratica por turmas.**  
**(2.º anno)**

Obedecendo ao preceito pedagogico de que em qualquer transmissão de conhecimento se deve partir do geral para o particular, a pratica no 2.º anno consistirá na observação feita pelos alumnos, sob um ponto de vista geral, em todas as classes do Grupo Modelo e escolas isoladas. Assim, o praticante terá o ensejo de, lançando suas vistas sobre os methodos de ensino em todos graus do curso preliminar, fazer uma idéa geral do conjunto sobre a processuação dos mesmos, para, em annos superiores, poder levar a effeito, de modo mais proveitoso, um estudo pratico mais particularizado.

Para esse fim, na primeira aula do mês em que começar a pratica, serão os doze primeiros alumnos (ou mais, a juizo do director) na ordem da inscripção na caderneta de chamadas, divididos pelas seis classes que constituem o Grupo Modelo e a escola isolada, para cada secção, ou sejam dois para cada classe (ou mais, como acima ficou dito).

Quando se tornar necessario, far-se ha, excepcionalmente, nos horarios, a conveniente transposição de materias, caso a disciplina que mais convenha ser destinada á observação do praticante não coincida com a hora da aula pratica.

O professor, dos 50 minutos de aula pratica, occupará os 25 primeiros com a aula consignada no horario ou com a que mais convier, a juizo do director ou do professor de Pedagogia. Nos 25 minutos seguintes, passará a classe a um dos praticantes, fazendo-o repetir a mesma aula e guiando-o, sendo necessario, auxiliando-o em caso de duvida ou nesses embaraços muito communs nos primeiros tempos da iniciação no magisterio.

Na segunda aula, praticarão os doze alumnos seguintes (ou mais, caso não haja inconveniente para a disciplina e or-

dem que devem reinar nas aulas praticas) e assim por diante e da mesma forma, até esgotar-se o numero de alumnos da classe praticante.

Após cada turma ter feito a sua pratica, procurará, em casa, resumir, por escripto, cada alumno, de per si, o assumpto de sua observação, apenas sobre o modo de ensinar esta ou aquella disciplina do curso preliminar, e sem referencia aos professores das diversas classes.

Esses resumos deverão ser entregues ao lente de Pedagogia, afim de que este os apresente á apreciação do director da Escola, com quaesquer considerações que julgue necessarias, tendentes ao melhor aproveitamento dos alumnos.

Sempre que seja possível, o professor de Pedagogia, o director e o auxiliar do Grupo Modelo percorrerão as salas de aula, por occasião da pratica do 2.º anno.

Os praticantes nunca deverão afastar-se da linha de attenciosidade que é preciso manter em relação aos professores que lhes ministram o ensino pratico. Em caso de qualquer duvida, em assumpto referente á pratica, poderão dirigir-se a estes, delicadamente, pedindo-lhes as instrucções de que por accaso necessitem, que lhes serão dadas de boa vontade.

**Pratica por classes.** No 3.º anno, a pratica será particularizada a certas disciplinas de importancia capital no ensino primario, e será feita no amphitheatro, com a presença do lente de Pedagogia, do auxiliar do Grupo Modelo e do director, sempre que possível.

Na primeira aula do mês em que começar a pratica, determinar-se ha para dirigi-la um professor ou professora do primeiro anno do Grupo Modelo, indicando-se-lhe, com antecedencia, qual a disciplina de que deva tratar. A classe primaria será levada para o amphitheatro, com todo o material de ensino necessario, e o respectivo professor ou professora, perante a classe masculina ou feminina do 3.º anno normal, dará uma aula de 25 minutos. Terminada esta, será chamado, por sorte, um praticante para repetir a mesma aula, no que poderá ser auxiliado pelo professor, em caso de necessidade. O praticante obterá uma nota de applicação, consoante o maior ou menor esforço que manifeste no desempenho de sua incumbencia. Ninguem deve recusar-se a esse trabalho, necessario a todo aquelle que pretende iniciar-se com exito na carreira

do magisterio. Em caso de recusa formal, sem motivo que a justifique, o praticante só poderá obter a nota zero.

Para a segunda aula pratica, será determinado professor ou professora do 2.º anno do Grupo Modelo, seguindo-se em tudo o mesmo processo estabelecido para a primeira, e constando a aula ainda da mesma disciplina.

A terceira e a quarta aula pratica constarão ainda da mesma disciplina, e serão dadas, respectivamente, por professor ou professora do 3.º e do 4.º anno, do mesmo modo que para a primeira e segunda.

Após a ultima aula pratica do mês, todos os praticantes do 3.º anno apresentarão ao professor de Pedagogia, para ser transmittido ao director da Escola, um resumo de suas observações, em relação tão sómente ao modo de se processar o ensino de uma mesma materia nos quatro annos do curso primario, e sem referencia alguma a professores.

No mês seguinte, repetir-se ha o mesmo cyclo, em relação a outra materia, começando por uma aula da Escola Modelo Isolada, em vez do 1.º anno do Grupo Modelo. O professor dará uma aula da disciplina determinada ao 1.º anno e, ao mesmo tempo, fará a distribuição do trabalho pelas secções que não tomam parte na lição com que se occupa.

**Pratica em aulas figuradas.**  
**(4.º anno)**

No 4.º anno, ha quatro aulas praticas por semana. Na primeira, o lente de Pedagogia levará para a sala de aula uma pequena turma de alumnos do Grupo Modelo, — cinco ou seis alumnos no maximo — e figurará, perante a classe, uma aula sobre determinada disciplina, de accôrdo com a orientação do seu ensino e dos pincipios pedagogicos estabelecidos em aulas theoricas.

Na segunda aula, caso esteja terminada a processuação iniciada na primeira, serão chamados alguns alumnos, pela sorte, para repetir a aula do professor, obtendo por isso as notas correspondentes ao seu trabalho. Caso o professor julgue necessario empregar esta segunda aula, e mesmo até a terceira, na exposição pratica que vae pondo em execução, poderá fazê-lo.

Na terceira aula pratica, haverá ainda chamada de alumnos, para se dar nota. Depois desta aula, os praticantes re-

sumirão, em casa, o que puderam apprehender dos methodos expostos, apresentando os seus trabalhos escriptos para que sejam examinados e commentados pelo professor na quarta aula pratica da semana.

**Escola Normal de Pirassununga** As escolas francêsas, tanto as normaes como as preliminares, maternas e frœbelianas, exige no seu programma a moral alliada á educação civica, ou então distinctamente.

M. Paul Jannet, em 21 de Julho de 1882, lia á sessão permanente do Conselho Superior do Ensino o seu relatorio sobre o *Plano de Instrucção Moral nas Escolas Primarias* e bem assim nas Escolas Normaes, no qual insistia pela necessidade de ser tal ensino ministrado separadamente, nas horas especiaes, como materia distincta. O illustre philosopho protestava contra tal ensino sob uma forma accidental, isto é, alliada ás outras materias, em occasião propicia para certos incidentes, pois, dessa forma, a moral era ensinada de maneira *diffusa e quasi inconsciente*.

Transcrevo aqui o programma do 2.<sup>a</sup> anno das normaes francêsas:

- 1.<sup>o</sup> Objecto da moral, sua utilidade;
- 2.<sup>o</sup> A consciencia moral. Noção do dever;
- 3.<sup>o</sup> A investigação do bem moral; diversidade e valor relativo dos bens;
- 4.<sup>o</sup> Poder do homem sobre si mesmo; valor da pessoa humana; sentimento de concordancia entre a consciencia e a ordem das cousas; possibilidade da felicidade e do progresso;
- 5.<sup>o</sup> Papel do ideal na concepção e na pratica do bem moral;
- 6.<sup>o</sup> A virtude e a felicidade;
- 7.<sup>o</sup> A vida individual e seus deveres; dignidade individual; sentimento de honra; rectidão de espirito; equilibrio do temperamento; justeza de character; energia moral;
- 8.<sup>o</sup> A vida da familia e seus deveres; função da familia na ordem social; seu fundamento moral; sua constituição; seus mem-

bros; solidariedade e obrigações inherentes; o espirito e as virtudes da familia;

9.<sup>o</sup> A vida social e seus deveres; idéa da organização das sociedades; relação dos homens entre si; a solidariedade;

10.<sup>o</sup> Os deveres profissionaes; sua importancia especial;

11.<sup>o</sup> Efeitos sociaes das virtudes privadas e domesticas;

12.<sup>o</sup> Idéa do direito correlativo do dever. Os diversos direitos dos homens na familia e na sociedade. A Justiça. Respeito da personalidade humana; respeito da honra alheia; respeito dos productos do trabalho; Princípio da propriedade. O capital e o trabalho;

13.<sup>o</sup> Respeito dos contratos e da palavra dada. Respeito ás crenças e ás opiniões alheias;

14.<sup>o</sup> Liberdade religiosa e philosophica. A tolerancia;

15.<sup>o</sup> Insufficiencia moral e social da extincta justiça; os acasos de nascimento; as desigualdades physicas e intellectuaes; os acasos da educação; os accidentes da vida; A paternidade social inspiradora do progresso da idéa de justiça. A caridade privada; as obras sociaes da assistencia;

16.<sup>o</sup> A vida nacional e seus deveres. Como a sociedade é ao mesmo tempo uma nação. A idéa de nação e de Patria. Seu fundamento moral;

17.<sup>o</sup> Solidariedade das gerações. O espirito nacional;

18.<sup>o</sup> A defesa da Patria; a armada; o serviço militar obrigatorio; disciplina militar, a coragem;

19.<sup>o</sup> O estado; sua origem, seu papel; fundamento da autoridade publica.

20.º Formas diversas de autoridade publica. A forma republicana: seu principio, sua superioridade;

21.º A soberania nacional. A democracia. O escol na democracia;

22.º As leis: seu fundamento moral, social e nacional;

23.º Deveres do cidadão: obediencia ás leis, ao imposto, ao voto;

24.º Necessidade social da penalidade;

25.º Os direitos do cidadão: liberdade individual, liberdade de consciencia, liberdade de cultos, liberdade de trabalho, liberdade de associação;

26.º Os direitos políticos;

27.º Perigos do arbitrario; perigos da ausencia de governo;

28.º A noção de humanidade. Deveres e direitos das nações.

As escolas allemãs teem um programma de moral ligado á religião official, que é o christianismo.

O mesmo se dá em relação ás escolas da Belgica e de quasi todos os paises da Europa.

Entendemos, portanto, que, estabelecida a cadeira de moral nas nossas escolas destinadas ao preparo dos professores do Estado, preenchemos uma grande lacuna e daremos um passo no caminho do nosso aperfeiçoamento.

Não basta, porém, o ensino da Moral para que o joven e futuro professor possa, cabalmente, desempenhar-se de sua missão.

Sendo o magisterio preliminar uma profissão humilde perante a sociedade, com recompensas pecuniarias muito limitadas, requer, como condição basica de pleno exito, vocação. O professor é como o verdadeiro sacerdote que, desprezando os bens materiaes, sem desalento por amor do proximo, amor que lhe é innato, que constitue a maior porção do seu eu voltado exclusivamente para a felicidade dos outros, soffre e trabalha deante dos desenganos e das mais duras injustiças. Desprovido de recompensas materiaes, seguro de não ascender aos grandes degraus da escada social e politica, consola-o, entretanto, a certeza de que é um bemfeitor, porque vive, trabalha e soffre por amor de seu proximo.

Assim, o professor paciente e abnegado, humilde e obscuro no cantinho de sua escola, desabrochando almas em botão, instruindo e educando pelo trabalho e pelo exemplo, não deve pensar em outra recompensa que não seja a de ter a sua consciencia tranquilla por desempenhar no mundo um dos papeis mais uteis.

Não serão, portanto, medidas de ordem economica, tendentes a melhorar a vida material do educador para o qual constantemente se pede um augmento de vencimentos, que concorrerão para o bom exito do apparelho escolar. A educação nacional, incumbida de nos garantir uma Patria grande, unida e forte, depende da unidade de vistas dos senhores professores primarios em empregar o maximo esforço para um unico fim, sem medir sacrificios nem esperar recompensas materiaes.

E esse esforço sem treguas deve ser natural, sem outro estimulo senão o de comprehender cabalmente a responsabilidade que lhe cabe e o bem comum para o qual trabalha.

Taes requisitos, porém, distinctos, por todos os titulos só podem brotar vocação, propriedade natural de cada um para esse ou aquelle fim.

E' á vocação que a humanidade deve o grande numero de homens notaveis pelo seu saber ou pelas suas virtudes, e sendo assim claro é que necessitamos escolher, dentre os alumnos que frequentam as escolas normaes, aquelles que visivelmente são arrastados para a carreira do magisterio preliminar, isto é, os que, pelas suas tendencias de coração e de espirito, nasceram para educar.

Somos de parecer que as escolas normaes devem proporcionar, pela observação, um noviciado aos seus frequentadores, seleccionando os que, durante esse tempo, mostrarem evidentemente vocação pelo ensino preliminar.

Além do curso geral que garante ao alumno habilitação para a vida pratica, neste ou naquelle mister, é indispensavel um curso especial pratico destinado a escolher os que, pela vocação, podem, na carreira do professor, seguir os passos de Pestalozzi.

O diploma, portanto, fornecidos por taes escolas, não pode ser igual para todos os seus frequentadores.

As turmas que se formam annualmente apresentam caracteres bem diversos entre si. Separá-los, classificá-los e

encaminhá-los segundo a aptidão particular de cada um, tal deve ser a acção dessas casas de ensino.

Os verdadeiros dictames da Pedagogia assim aconselham; e dessa forma, relativamente aos senhores professores, poderemos dizer com o Evangelho: Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.

**Escola Normal de Guaratinguetá** *Exames de sufficiencia.* Tendo sido aprovado e convertido em lei o projecto da reforma parcial da instrucção publica, do qual faz parte a criação do curso complementar annexo ás escolas normaes, curso esse que extingue os exames de admissão ás referidas escolas deixo de reiterar as idéas expendidas em meu ultimo relatorio, sobre os referidos exames, cujo actual processo devia, salvo melhor juízo, ser, em grande parte modificado.

Como, porém, a excellente medida, ha muito reclamada pelos interesses do nosso aparelho escolar, da criação do curso complementar, servindo de transição entre o curso preliminar e o secundario, dando accesso a este, mediante a simples concorrência de notas, quando o numero de vagas seja inferior ao de candidatos habilitados, ainda não venha, de todo, abolir os exames de admissão, que serão effectuados na proporção de 50 % do numero de vagas, peço venia para lembrar a V. Exa. algumas idéas salutaes, referentes aos exames de sufficiencia para o curso complementar, cujo regulamento deverá ser elaborado:

a) apenas provas escriptas, unicas que deixam documento e offerecem base segura para o justo criterio que deve presidir o julgamento, a exemplo do que foi adoptado por accasião da reforma das escolas normaes secundarias.

b) limite minimo da idade de 12 e maximo de 16 para a matricula, de modo que não sejam matriculados alumnos em idade avançada nem tão pouco diplomados professores com menos de 18 annos de idade.

c) quanto á selecção de ordem moral, conviria que os attestados de identidade, concedidos, as mais das vezes, graciosamente, dada a impossibilidade de as autoridades policiaes e judicarias conhecerem a todos os candidatos, fossem substituidos por certificados do professor ou director do estabelecimento em que o candidato faz o curso preliminar, pois que, uma vez oficialmente autorizados e diante do interesse em

prestigiar a classe do professorado, teriam o escrupulo necessario no sentido de afastar da inscripção os candidatos que não reunissem as condições exigidas.

O ideal seria que, chegado ao termo do curso normal, depois de 4 annos de convivencia com os professores, recebesse cada professorando, registada no respectivo diploma de habilitação para o magisterio, uma nota forte de aptidão para a vida profissional, conferida pelo corpo docente, em congregação. Tal nota, além de habilitar o Governo do Estado a fazer uma rigorosa selecção entre os concorrentes ao provimento das escolas publicas, não só redundaria no prestigio da classe, como provocaria uma reacção salutar entre os alumnos das escolas normaes, cuja maioria não tem outra preocupação além da de alcançar a simples approvação.

*Exames de 2.<sup>a</sup> epoca*—Parece-me susceptivel de urgente modificação o processo actual dos exames de segunda epoca, sómente favoravel aos interesses dos alumnos.

Dar-se o direito de fazer tal exame, cuja approvação corresponde á nota 6 a um alumno que, em nove meses de estudos, não alcançou approvação em uma ou duas cadeiras, muitas vezes com falta de 20, 30 e mais pontos, é, a meu ver, uma concessão demasiado elastica, que redunda em prejuizo do ensino.

Embora admittindo que, mediante a media geral, um alumno, depois de 9 meses lectivos, sendo reprovado em uma ou duas materias de cada grupo, possa, em 40 dias, apenas, preparar-se, convenientemente, para prestar um exame regular e ser approvado com a simples nota 6, parece-me, mesmo assim, que seria mais logico e consentaneo com os interesses do ensino, que se lhe desse o direito ao exame de segunda epoca, sómente no caso de ter sido reprovado por 12 pontos ou menos, nunca, porém, quando a falta de pontos fosse superior áquelle numero, que corresponde á nota maxima regulamentar.

Assim, teriam direito ao exame de segunda epoca tão sómente os alumnos que houvessem alcançado o total de 60 pontos ou mais, ficando obrigados a fazer prova equivalente ao numero de pontos necesarios para completar o total minimo de pontos para a approvação correspondentemente a 72.

Neste caso, julgo, dever-se-ia prescindir, por desnecessaria, da exigencia da media geral para alcançar direito ao referido exame. Não menos razoavel seria tambem que os

alumnos reprovados nos exames de segunda epoca fossem obrigados a repetir sómente o curso das materias a cujo exame se sujeitassem, sendo dispensados daquellas em que estivessem approvedos, de modo a evitar que, por circumstancias imprevistas, possam ser reprovados nas mesmas, durante a repetição, casos já, por vezes, verificado nesta como nas demais escolas congeneres.

No p. passado anno lectivo, por negligencia ou picardia ao professor, um professorando desprezou por completo os estudos da cadeira de H. Natural, vindo a depender do exame de segunda epoca por 42 pontos, quando, nas demais cadeiras do 4.º anno, foi approvedo plenamente.

Pergunto, para justificar as inconveniencias por mim apontadas, será justo, equitativo, com relação aos alumnos que não dependem de segunda epoca, que mediante uma prova regular, equivalente a nota 6, possa o referido alumno ser approvedo, quando ao cabo de 9 meses de estudo, sob a direcção do professor da cadeira, foi alcançado pela enorme differença de 42 pontos, menos 50 % do total minimo de pontos exigidos para a approvação durante o anno lectivo?

Não resultam de tão ampla concessão regulamentar vantagens sem conta em o alumno deixar-se ficar para o exame de segunda epoca?

Dahi o nenhum receio dos alumnos pela prova da segunda quinzena de Janeiro e a preferéncia que lhe vem dando, como se vê pelo resultado final deste anno, em que ficaram nada menos de 90 alumnos na dependencia da segunda epoca.

Demais, quando, em casos raros, succede haver alguma reprovção em taes exames, repetem os alumnos quasi sempre uma só cadeira, o que constitue um entrave á boa disciplina do estabelecimento, pela necessidade da abertura dos portões em horas extraordinarias, especialmente para entradas e saídas de taes alumnos.

*Jubilações.*— Mais uma vez, zelando pelo estabelecimento, peço venia para lembrar a V. Exa. a necessidade urgente de ser modificado o art. 482 da Consolidação das Leis do Ensino, referente á jubilação de alumnos, o qual, embora interpretado pela Directoria da Instrucção Publica, que procurou esclarecer o pensamento do legislador, offerece margem a abusos taes, que o tornam impraticavel.

Sabido que todo o alumno reprovado uma vez em qualquer classe, jamais chegará a ser reprovado pela segunda vez, incorrendo na jubilação, visto como se retira do estabelecimento antes de encerrados os trabalhos do anno lectivo, burrando, de tal modo, a referida disposição legal, lembraria a V. Exa. fosse aquelle artigo redigido nos seguintes termos, claros e precisos: «Nenhum alumno poderá permancer por mais de 2 annos na mesma classe, quer em virtude de reprovção, como de eliminação a pedido ou por faltas, no decurso do segundo semestre lectivo, verificando o director que o alumno se retirou com falta de media para approvação.»

Seria assim diminuido o abuso a que me refiro, actualmente generalizado por todas as escolas normaes primarias, expurgando-se do estabelecimento os alumnos inaptos para fazer o curso com regularidade; em summa, aquelles que, por incapacidade intellectual manifesta, tímbram em permancer durante quatro, cinco, seis e mais annos na mesma classe, como se a antiguidade pudesse dar direito a promoções ou a um diploma de habilitação.

Professores diplomados pelas Escolas Normaes do Estado, de 1881 a 1917

	E. N. da Capital		E. N. Annexa		E. N. Prud. de Moraes		E. N. de Guarating.		E. N. de Campinas		E. N. de Itapetim.		E. N. de Piracicaba		E. N. de S. Carlos		E. N. de Botucatu		E. N. de Pirassun.		E. N. do Braz		E. N. de C. Branca	
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.
1881	9	1																						
1882	11	9																						
1883	12	6																						
1884	14	4																						
1885	22	15																						
1886	13	13																						
1887	88	14																						
1888	32	32																						
1889	51	64																						
1890	27	31																						
1891	23	19																						
1892	11	20																						
1893	9	10																						
1894	19	21																						
1895	8	15																						
1896	4	5																						
1897	7	20																						
1898	2	22	10	31																				
1899	9	40	7	32																				
1900	11	29	21	20	7	33																		
1901	13	13	23	45	5	19																		
1902	13	63	18	24	13	28																		
1903	20	34	11	26	13	25																		
1904	16	51	35	34	23	48																		
1905	30	46	13	40	24	53																		
1906	16	34	29	38			21	26	9	37	12	26	10	18										
1907	10	34	17	25			12	27	8	27	10	26	9	13										
1908	13	52	16	32			11	21	8	18	8	24	6	16										
1909	11	69	12	37			7	16	6	18	9	21	14	16										
1910	17	107	40	49			11	30	1	28	10	12	13	36										
1911	25	133	27	32			7	18	11	32	10	32	19	29										
1912	24	120	30	73			16	34	5	29	25	38	23	27										
1913	37	123	50	44			13	29	22	31	33	14	33											
1914	33	205	26	110			15	22	11	46	14	20	21	45	7	27	4	24	13	22				
1915	43	250	57	236			20	52	12	93	23	20	17	40	9	31	17	42	19	44				
1916	32	96	41	112			25	24	23	76	18	39	24	59	10	27	25	37	23	44				
1917	20	51	29	106			27	39	22	46	20	24	28	43	5	26	11	18	25			67	13	31
	702	1871	512	1046	85	206	185	338	138	481	317	517	276	479	31	111	57	130	73	135		128	22	58

Total de diplomados 7.888.

Matricula nas Escolas Normaes Secundarias e Primarias

NUMEROS	ALUMNOS MATRICULADOS NA	Masculinos	Femininos	Total
		1	Escola Normal Secundaria da Capital . . . . .	117
2	» » Primaria Annexa á Sec. da Capital . . . . .	215	306	521
3	» » Secundaria de S. Carlos . . . . .	60	160	220
4	» » Secundaria de Itapetininga . . . . .	104	177	281
5	» » Primaria do Braz. . . . .	—	401	401
6	» » Primaria de Campinas . . . . .	127	235	362
7	» » Primaria de Piracicaba . . . . .	148	201	349
8	» » Primaria de Guaratinguetá . . . . .	147	185	332
9	» » Primaria de Pirassununga . . . . .	128	192	320
10	» » Primaria de Casa Branca . . . . .	105	174	279
11	» » Primaria de Botucatu . . . . .	88	172	260

RESUMO

Secção masculina . . . . .	1239
Secção feminina . . . . .	2487
Total . . . . .	3726

### Alunos diplomados em 1917

Números	ESCOLAS NORMAES		Homens	Mulheres	Total
1	Escola Normal	Secundaria da Capital . . . . .	20	51	71
2	»	» Primaria Annexa . . . . .	29	106	135
3	»	» Secundaria de Itapetininga . . . . .	20	24	44
4	»	» Secundaria de S. Carlos . . . . .	5	26	31
5	»	» Primaria do Braz . . . . .	61	—	61
6	»	» de Campinas . . . . .	22	46	68
7	»	» de Piracicaba . . . . .	28	43	71
8	»	» de Guaratinguetá . . . . .	27	29	56
9	»	» de Pirassununga . . . . .	18	25	43
10	»	» de Casa Branca . . . . .	9	27	36
11	»	» de Botucatú . . . . .	11	27	38
			250	404	654

### Estabelecimentos annexos ás Escolas Normaes do Estado

Números	ALUMNOS MATRICULADOS NA	SEXO		Total
		Masculino	Feminino	
1	Escola Modelo Annexa «Caetano de Campos» . . . . .	253	263	516
2	Escolas-Modelo Annexas á Secundaria da Capital . . . . .	51	51	103
3	Jardim da Infancia Annexo á Sec. da Capital . . . . .	91	101	192
4	Escola Modelo «Peixoto Gomide» de Itapetininga . . . . .	293	350	643
5	Escolas-Modelo Isoladas de Itapetininga . . . . .	20	18	38
6	Escola Modelo Annexa á Sec. de S. Carlos . . . . .	190	153	343
7	Escolas-Modelo Isoladas de S. Carlos . . . . .	37	39	76
8	Grupo Escolar Modelo do Braz . . . . .	407	325	732
9	Escolas-Modelo Isoladas do Braz . . . . .	45	46	91
10	Grupo Escolar Modelo de Campinas . . . . .	421	403	824
11	Escolas-Modelo Isoladas de Campinas . . . . .	54	34	88
12	Grupo Escolar Modelo de Guaratinguetá . . . . .	149	134	283
13	Escolas-Modelo Isoladas de Guaratinguetá . . . . .	35	42	77
14	Grupo Escolar Modelo de Pirassununga . . . . .	287	315	602
15	Escolas-Modelo Isoladas de Pirassununga . . . . .	48	46	94
16	Grupo Escolar Modelo de Casa Branca . . . . .	362	331	693
17	Escolas-Modelo Isoladas de Casa Branca . . . . .	55	39	94
18	Grupo Escolar Modelo de Botucatú . . . . .	158	172	330
19	Escolas-Modelo Isoladas de Botucatú . . . . .	50	50	100
20	Grupo Escolar Modelo de Piracicaba . . . . .	195	175	370
21	Escolas-Modelo Isoladas de Piracicaba . . . . .	55	39	94

#### RESUMO:

Curso masculino . . . . .	3.257
Curso feminino . . . . .	3.126
Total. . . . .	6.383

Escolas-modelo annexas e Jardim da Infancia . . . . .	1.694
Grupos escolares modelo . . . . .	3.834
Escolas-modelo isoladas . . . . .	855
Total. . . . .	6.383

**DOS GRUPOS ESCOLARES** Funcionaram no Estado 170 Grupos Escolares, dos quaes 30 na Capital e 140 no interior. A aceitação delles, como typo de escola, onde é dado aos alumnos ensino graduado e pratico, tem sido tal, que 113 municipios do Estado possuem um ou mais desses estabelecimentos, conforme a densidade da população, variando o numero de suas classes de 8 a 42.

Nos 74 municipios seguintes, ainda não foram organizados Grupos Escolares:

Anhemby, Annapolis, Apiahy, Araçariguama, Arêas, Assis, Barra Bonita, Bica de Pedra, Bom Sucesso, Buquira, Cabreuva, Campo Largo de Sorocaba, Cananéa, Cerqueira Cesar, Catanduva, Caraguatatuba, Gonçeição de Monte Alegre, Conchas, Cotia, Espirito Santo do Turvo, Guararema, Guarehy, Guarulhos, Guariba, Igaratá, Itanhaem, Itapecerica, Jambeyro, Jatahy, Juquery, Laranjal, Lagoinha, Mineiros, Monte Azul, Natividade, Nazareth, Novo Horizonte, Olympia, Oleo, Parnahyba, Patrocinio do Sapucahy, Pederneiras, Pennapolis, Piedade, Pilar, Pinheiros, Piquete, Pirajuhy, Piratininga, Platina, Redempção, Ribeira, Ribeirão Branco, Rio Bonito, Rio Preto, Sallesopolis, Salto Grande do Paranapanema, Santa Adelia, Santa Barbara do Rio Pardo, Santa Cruz da Conceição, Santa Isabel, Santo Antonio da Alegria, Santo Antonio da Boa Vista, S. José do Barreiro, S. Miguel Archanjo, S. Pedro do Turvo, S. Joaquim, Sarapuhy, Silveiras, Tremembé, Una, Viradouro, Xiririca e Yporanga.

Dos 30 Grupos da Capital, funcionaram em dois periodos 27, e em um periodo 3, com 615 classes e matricula de 27.514 alumnos.

A média de matricula, por classe, foi de 34,1, a porcentagem das promoções de 62,2 e concluíram o curso 1.519 alumnos. Os Grupos da Capital tiveram, em 1917, um augmento de matricula de 869 alumnos.

O seu corpo docente foi constituido de:

Normalistas . . . . .	375
Complementaristas . . . . .	227
Intermedios . . . . .	11
Adjuntos de concurso . . . . .	12
Normalistas primarios . . . . .	8
Total . . . . .	<u>633</u>

dos quaes do

Sexo masculino . . . . .	79
Sexo feminino . . . . .	554

O numero de substitutos effectivos, no anno findo, nos Grupos da Capital, foi de:

Normalistas . . . . .	143
Complementaristas . . . . .	8
Normalistas primarios . . . . .	146
Total . . . . .	<u>297</u>

No interior, funcionaram 140 Grupos, sendo que em um periodo 47 e em dois 93, com 1.724 classes e matricula de 71.553 alumnos.

A média de matricula, por classe, foi de 31,3, a porcentagem das promoções de 48,5 e concluíram o curso 2.668 alumnos.

Os Grupos do interior, tiveram em 1917, um augmento de matricula de 1.974 alumnos.

O seu corpo administrativo e docente foi constituido de:

Normalistas . . . . .	453
Complementaristas . . . . .	740
Intermedios . . . . .	25
Adjuntos de concurso . . . . .	28
Normalistas primarios . . . . .	163
Bachareis em sciencias e letras . . . . .	7
Total . . . . .	<u>1416</u>

dos quaes do

Sexo masculino . . . . .	385
Sexo feminino . . . . .	1031

O numero de substitutos effectivos, com regencia de classe, foi de 206, cujos titulos de habilitação eram de:

Normalistas . . . . .	55
Complementaristas . . . . .	10
Normalistas primarios . . . . .	130
Bachareis em sciencias e letras.	11
Total . . . . .	206

Dos quaes do

Sexo masculino . . . . .	33
Sexo feminino . . . . .	173

542 substitutos effectivos, sem regencia de classe, serviram nos Grupos do interior. Destes eram:

Normalistas . . . . .	178
Complementaristas . . . . .	28
Normalistas primarios . . . . .	326
Bachareis em sciencias e letras.	10
Total . . . . .	542

Dos quaes do

Sexo masculino . . . . .	66
Sexo feminino . . . . .	476

Houve, pois, nos Grupos Escolares do Estado, no anno findo, 1,024 substitutos effectivos, dos quaes, 206 com regencia de classe e 818 sem regencia de classe.

Já em 1910, se empenhou esta Directoria para introduzir nos Grupos Escolares a mesma organização, a mesma orientação da Escola Modelo Annexa á Escola Normal Secundaria da Capital. Para esse fim, além da propaganda que os srs. inspectores fizeram pelos Grupos sobre methodos e processos de ensino, adoptados naquella Escola, aos directores dos Grupos do interior proporcionou esta Directoria todos os meios ao seu alcance para que viessem á Capital observar os trabalhos da Escola Modelo. Iniciou, então, a reforma de methodos e processos de ensino sómente nalguns Grupos da Capital e do interior; mas, estimulados pelo exito obtido nesses poucos Grupos, os outros directores, espontaneamente, se apressaram em fazer as mesmas modificações nos seus methodos e processos, ao que esta Directoria se não oppôs. Aconteceu, porém, que, devido á falta de conhecimento da processologia dos modernos methodos, por parte de alguns

directores, a nova orientação, nalguns Grupos, não deu o resultado que era de esperar. Entretanto, a continuação do emprego dos novos methodos e o auxilio então prestado pelos srs. inspectores, esclarecendo duvidas que por acaso surgissem, implantaram, definitivamente, em todos os nossos Grupos, a orientação pedagogica da Escola Modelo. Com o correr dos annos, porém, introduziram-se certas modificações nos processos de ensino, que muito contribuíram para perturbar as linhas geraes dos novos methodos, resultando dahi uma tal ou qual morosidade na aprendizagem de certas materias. Por outro lado, professores que desconheciam esses methodos, collocados nos Grupos Escolares, não foram orientados a tempo, de maneira que os pudessem bem executar. Concorreu este facto, em muitos Grupos, para que diminuisse a porcentagem de promoções.

Outro factor que tem também conseguido baixar a porcentagem dessas promoções é a redução do horario de quatro horas, no periodo da manhã, como determina o art. 237, letra B da Consolidação das Leis do Ensino, para o de tres horas, o que contribue não só para a suppressão do ensino de algumas materias do curso primario e redução de tempo para o ensino de outras, como para o inconveniente hygienico de collocar em carteiras proprias os alumnos dos 3.º e 4.º annos—meninos e meninas de 7 annos—pois, no chamado periodo da manhã, passaram a funcionar, de 1915 em diante, sómente as classes masculinas e femininas do 1.º anno e algumas do 2.º; e á tarde, as do 3.º e 4.º.

Na Capital, os Grupos Escolares de S. Joaquim e «Campos Salles» mantiveram o antigo regimen, isto é, a secção masculina desses Grupos continuaram a funcionar no periodo da manhã, de 8 ás 12 horas, e a secção feminina, com o numero de classes correspondentes á primeira, de 12 e 30 ás 16 e 30. Ao installar-se, no dia 16 de Julho, o Grupo Escolar «Regente Feijó», consultado pelo director como deveria distribuir as suas classes, durante o dia, antes de lhe darmos uma solução definitiva, procuramos ouvir os directores dos outros Grupos da Capital e alguns do interior sobre as vantagens e desvantagens do antigo e novo horario, convencendo-nos, então, de que, sem prejuizo para a hygiene dos alumnos e com grandes vantagens para a disciplina escolar e para a execução do programma, deveríamos preferir, para o Grupo Escolar «Regente Feijó», que funcionasse ali, pela manhã, toda a secção masculina, de 8 ás 12, e pela tarde, de 12,30

toda a secção feminina. Não nos cansamos de pedir ao sr. director minuciosas informações acerca do funcionamento das aulas e do estado de saúde dos alumnos, obtendo sempre as melhores referencias, quanto ao funcionamento dos dois periodos, referencias essas corroboradas pelos proprios alumnos. A alguns directores dos Grupos do interior, esta Directoria permittiu que esses voltassem a funcionar como determina o Art. 237, letra B da Consolidação das Leis do Ensino.

Outras causas teem tambem influido para a depressão da porcentagem na promoção de alumnos, e, portanto, para o seu aproveitamento, como: licenças, das quaes 151 foram concedidas a adjuntos e 801 a adjuntas, falta de professores ás aulas, retiradas continuas depois do inicio dos trabalhos escolares, e, algumas vezes — o que é raro — o descaso de certos professores pelos progressos de seus alumnos. Ha, tambem, nalguns Grupos, professores com 30 e mais annos de exercicio, cujo ensino é lastimavel, apesar de terem sido optimos elementos, excellentes professores, nos seus primeiros 20 annos de magisterio. Procurar, pois, afastá-los desses estabelecimentos de ensino, sem que disso lhes venha desdoiro algum, é proporcionar um beneficio á nossa infancia.

Nem todos os Grupos Escolares apresentaram, no anno findo, os resultados esperados; alguns directores descuidaram-se, em extremo, da fiscalização das classes; outros tiveram sua attenção voltada para coisas estranhas ao magisterio: e outros, ainda, pela idade, já não estão em condições de enfrentar os multiplos e variados trabalhos da direcção de um Grupo Escolar. Apesar disso, os resultados obtidos pelos Grupos Escolares foi bom, pois dos 170 Grupos que possui o Estado poucos não corresponderam á expectativa desta Directoria. Estamos convencidos do que, ha tempos, affirmamos, isto é, que na escolha do director continua a estar a chave da abobada do Grupo Escolar, o segredo do seu bom funcionamento e o progresso dos seus alumnos. O director é quem, por seu traquejo e experiencia, transforma as classes que constituem o Grupo, communicando-lhes uma alma nova, dando-lhes vida e harmonia de acção e acompanhando-as de perto para lhes sentir, a cada instante, as menores pulsações.

Durante o anno foram installados os seguintes Grupos:

NA CAPITAL: — «Regente Feijó», em 16 de Julho de 1917.

NO INTERIOR:

*Em Santa Rosa*: — a 15 de Janeiro de 1917.

*Em Botucatu*: — Grupo Escolar Modelo Anexo á Escola Normal, 12 de Fevereiro de 1917.

*Em Guaratinguetá*: — Grupo Escolar Modelo Anexo á Escola Normal, em 12 de Março de 1917.

*Em Ipaussú* — Grupo Escolar «Amador Bueno», em 1 de Agosto de 1917.

*Em Piracicaba* — Grupo Escolar Modelo Anexo á Escola Normal, em 31 de Agosto de 1917.

Os quadros seguintes mostram o movimento dos Grupos da Capital e do interior, durante o anno de 1917:

Matricula e frequencia nos grupos esco-

Numero de ordem	MATICULA GERAL			Numero da classes	MATICULA EFFECTIVA			FREQUENCIA EFFECTIVA			
					SEXO		TOTAL	SEXO		TOTAL	
	Masculino	Feminino	Masculino		Feminino	Masculino		Feminino	TOTAL		
1 Arouche . . . . .	402	411	813	20	318	287	605	30,2	284	268	552
2 Avenida . . . . .	276	275	551	12	194	201	395	32,9	193	196	389
3 Barra Funda . . . . .	742	839	1.581	36	575	653	1.228	34,1	531	560	1.091
4 Belemzinho . . . . .	677	683	1.360	31	502	497	999	32,2	430	424	854
5 Bella Vista . . . . .	466	448	914	20	347	328	675	33,7	321	321	642
6 Bom Retiro . . . . .	233	269	502	10	160	192	352	35,2	155	171	326
7 Braz (1.º) . . . . .	1.038	989	2.027	42	768	787	1.555	37,0	744	700	1.444
8 Braz (2.º) . . . . .	447	435	882	18	341	347	688	38,2	340	337	677
9 Cambucy . . . . .	395	396	791	18	310	298	608	33,7	285	266	551
10 Campos Salles . . . . .	458	448	906	24	339	335	674	28,0	312	321	633
11 Carmo . . . . .	377	372	749	20	289	261	550	27,5	272	248	520
12 Consolação . . . . .	314	320	634	14	246	249	495	35,3	232	235	467
13 José Bonifacio . . . . .	246	255	501	10	174	190	364	36,4	153	151	304
14 Lapa . . . . .	590	562	1.152	24	506	478	984	41,0	399	385	784
15 Liberdade . . . . .	450	441	891	20	338	336	674	33,7	282	284	566
16 Maria José . . . . .	463	525	988	24	334	406	740	30,8	305	365	670
17 Mooca . . . . .	506	535	1.041	24	383	422	805	33,5	359	387	746
18 Oswaldo Cruz . . . . .	712	598	1.310	32	565	489	1.054	32,9	498	439	937
19 Pary . . . . .	596	576	1.172	22	456	478	934	42,4	427	421	848
20 Penha . . . . .	276	271	547	14	197	181	378	27,0	154	152	306
21 Prudente de Moraes . . . . .	565	589	1.154	24	444	456	900	37,5	417	432	849
22 Regente Feijó . . . . .	204	214	418	10	175	180	355	35,5	144	154	298
23 Sant'Anna . . . . .	634	603	1.237	24	471	472	943	39,2	416	411	827
24 Santo Antonio . . . . .	356	327	683	16	235	239	474	29,7	226	223	449
25 São João . . . . .	310	308	618	16	226	211	437	27,3	216	198	414
26 São Joaquim . . . . .	581	582	1.163	24	367	398	765	31,8	350	357	707
27 Triumpho . . . . .	516	564	1.080	26	338	427	765	29,4	297	378	675
28 Villa Mariana . . . . .	300	301	601	14	235	242	477	34,0	223	226	449
29 Braz (Modelo) . . . . .	407	325	732	16	346	281	627	39,1	278	245	523
Total . . . . .	13.527	13.461	26.988	605	10.179	10.321	20.500	33,8	9.243	9.255	18.498
Escola Medelo «C. de Campos» . . . . .	253	263	516	10	229	245	474	47,4	187	217	404
Total . . . . .	13.780	13.724	27.504	615	10.408	10.566	20.974	34,1	9.430	9.472	18.902

lares da Capital, no anno de 1917

MÉDIA DE FREQUENCIA COM RE- LAÇÃO AO NUMERO DE CLASSES	Porcentagem da frequencia sobre a matricula		PORCENTAGEM TOTAL DA FREQUENCIA SOBRE A MATRICULA	PROMOÇÕES						Total dos promovidos		Concluíram o curso		Porcentagem de pro- moção e de conclusão de curso
	SEXO			Para o 2.º anno		Para o 3.º anno		Para o 4.º anno		Secção Masculino	Secção Feminino	Masculino	Feminino	
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino					
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino			
27,6	39,3	95,8	91,2	60	59	67	56	49	58	176	173	14	17	62,8
32,4	99,4	97,5	98,4	40	42	39	39	9	22	88	103	20	20	58,5
30,3	92,3	85,7	88,8	260	267	66	116	77	66	403	449	52	64	78,8
27,5	85,6	85,3	85,4	124	151	76	70	57	35	257	256	16	16	54,5
38,6	92,5	97,8	95,1	80	91	59	68	41	44	180	203	22	27	64,0
32,6	96,8	89,0	92,6	69	42	23	25	9	26	101	93	—	15	59,3
34,3	96,8	88,9	92,8	180	170	110	153	83	37	373	424	50	49	57,6
37,5	99,7	97,1	98,4	112	115	73	75	54	37	239	227	29	29	76,1
30,6	91,9	89,2	90,6	90	98	66	53	19	53	175	204	28	16	69,5
26,3	92,0	95,8	93,9	61	85	53	59	44	45	158	189	26	39	61,1
26,0	94,1	95,0	94,4	46	43	55	47	29	31	130	121	30	45	59,2
33,3	94,3	94,3	94,3	43	46	52	59	43	42	158	147	35	38	74,3
30,4	87,9	79,4	83,5	53	45	22	13	12	7	87	65	—	—	41,7
32,6	78,8	80,5	79,8	221	226	76	67	54	48	351	341	29	44	77,7
28,3	83,4	84,5	83,9	76	103	56	75	44	53	176	231	16	24	66,3
27,9	91,3	89,8	90,5	91	95	52	61	31	41	174	197	19	20	55,1
31,1	93,7	91,7	92,6	137	123	71	70	42	37	250	230	25	33	66,8
29,2	88,1	89,9	88,8	128	100	48	56	28	23	204	179	12	10	38,4
38,5	93,6	88,0	90,7	130	134	71	90	50	55	251	279	39	39	65,0
26,3	78,1	83,9	80,9	41	45	32	26	20	15	93	86	10	17	54,4
35,2	93,9	94,7	94,3	106	106	66	68	58	77	230	251	48	51	64,4
29,8	82,2	85,5	84,4	35	38	35	48	—	—	70	86	—	—	43,9
34,6	88,3	87,0	87,6	106	113	67	76	42	51	215	240	28	32	54,6
28,0	96,1	93,3	94,7	82	68	38	36	25	21	145	125	9	13	61,5
25,8	95,5	93,8	94,7	55	44	36	30	27	31	118	105	19	17	59,2
29,4	95,3	89,6	92,4	75	114	50	86	40	34	165	234	12	18	56,0
25,9	87,8	88,5	88,4	69	112	67	86	42	66	178	264	19	26	63,6
32,0	94,8	93,3	94,1	50	54	51	58	44	48	145	160	28	26	75,2
32,6	80,3	87,1	83,4	69	60	57	55	42	30	168	145	25	32	59,0
30,5	90,8	89,6	90,0	2.709	2.789	1.634	1.821	1.115	1.197	5.458	5.807	660	771	89,0
40,4	81,6	88,5	85,2	40	41	42	46	84	87	166	174	37	45	62,2
30,7	90,6	89,6	90,0	2.749	2.830	1.676	1.867	1.199	1.284	5.624	5.981	697	822	89,0

RESUMO:

Matricula geral . . . . .	27.514	Média de frequencia por classe	30,7
Matricula efectiva . . . . .	20.974	Porcentagem de frequencia sobre a matricula . . . . .	90,0
Frequencia . . . . .	18.902	Porcentagem de promoções . . . . .	62,2
Numero de classes . . . . .	615	Concluíram o curso . . . . .	1.519
Média de matricula por classe	34,1		

(Não estão comprehendidos nestes numeros os 182 alumnos do Jardim da Infancia)

Matricula e frequencia nos grupos esco-

Numero de ordem	GRUPOS ESCOLARES	MATRICULA GERAL			Numero de classes	MATRICULA EFFECTIVA			MÉDIA DE MATRICULA COM RE- LAÇÃO AO NUMERO DE CLASSES	FREQUENCIA EFFECTIVA		
		SEXO		TOTAL		SEXO		TOTAL		SEXO		TOTAL
		Masculino	Feminino			Masculino	Feminino			Masculino	Feminino	
1	Agudos	210	129	339	8	156	94	250	31,2	139	84	223
2	Amparo «Luis Leite»	202	216	418	10	164	150	314	31,4	133	140	273
3	Amparo «R. Pestana»	384	413	797	19	288	327	615	32,3	234	285	519
4	Angatuba	145	121	266	8	106	89	195	34,3	831	682	151
5	Apparecida	160	198	358	8	131	162	293	36,0	105	127	232
6	Araraquara	419	486	905	16	271	328	599	37,4	264	315	579
7	Araras «Cel. J. W. Ol.»	400	250	650	15	321	195	516	34,4	259	170	429
8	Atibaia «José Alvim»	246	244	490	10	193	190	383	38,3	158	150	308
9	Avaré «Ed. Trench»	257	275	532	13	169	201	370	28,4	167	190	357
10	Bananal «Cel. N. Cobra»	176	131	307	9	131	105	236	26,2	99	86	185
11	Bariry	200	178	378	8	140	144	284	35,5	139	138	278
12	Barretos	462	384	846	16	239	230	469	29,3	270	264	534
13	Batataés «W. Luis»	281	219	500	14	216	177	403	28,7	109	89	198
14	Baurú	392	319	711	15	281	242	523	34,8	260	235	495
15	Bebedouro	313	364	677	15	209	283	492	32,8	206	234	440
16	Bôa Esperança	127	147	274	6	89	99	188	31,3	64	65	129
17	Botucatú «C. de Alm.»	367	247	614	14	280	190	470	33,5	250	178	428
18	Bragança «J. Tibiriçá»	401	462	863	19	312	368	680	36,7	264	330	594
19	Brodowsky	154	177	331	8	110	127	237	29,6	99	116	215
20	Brotas	197	169	366	8	160	136	296	37,0	145	128	273
21	Caçapava «Ruy Barb.»	236	195	431	10	182	140	322	32,2	169	139	308
22	Cachoeira	200	163	363	10	178	142	320	32,0	114	88	202
23	Caconde	174	140	314	7	113	95	208	29,7	85	74	159
24	Cajurú	195	293	418	15	145	160	305	20,3	151	172	323
25	Campinas 1.º «F. Gly.»	445	407	852	18	356	314	670	37,2	335	283	618
26	Campinas 3.º	237	233	470	10	191	166	357	35,7	194	159	353
27	Campos N. do Paran»	165	151	316	8	116	95	211	26,3	91	75	166
28	Capão Bonito	134	108	242	8	111	95	206	25,7	79	68	147
29	Capivary	421	341	762	20	336	275	611	30,5	268	236	504
30	Cravinhos «João Nog.»	314	307	621	14	237	248	485	34,6	227	237	464
31	Cruzeiro	266	401	667	17	247	285	532	29,5	200	244	444
32	Cunha «C. da Rocha»	159	129	288	8	108	93	201	25,1	93	77	170
33	Descalvado «C. Tobias»	267	253	520	14	226	195	421	30,0	187	168	355
34	Dourado	282	196	478	11	174	127	301	27,3	165	52	217
35	Dois Corregos	339	297	636	15	253	224	477	31,8	214	179	393
36	E. S. Pinhal «Dr. Al. Verg.»	266	338	600	16	206	281	488	30,5	180	243	423
37	Fartura	206	165	371	8	146	110	256	32,0	125	97	222
38	Faxina «Ac. Piedade»	206	204	410	10	145	146	291	29,1	121	123	244

lares da Capital, no anno de 1917

MÉDIA DE FREQUENCIA COM RE- LAÇÃO AO NUMERO DE CLASSES	Porcentagem da frequencia sobre a matricula		PORCENTAGEM TOTAL DA FREQUENCIA SOBRE A MATRICULA	PROMOÇÕES						Total dos promovidos		PORCENTAGEM DAS PROMOÇÕES SOBRE A MATRICULA EFFECTIVA	Concluíram o curso	
	SEXO			Para o 2.º anno		Para o 3.º anno		Para o 4.º anno		Secção masculina	Secção feminina		Masculino	Feminino
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino					
27,8	82,3	86,7	84,5	34	22	26	18	21	12	81	52	60,4	13	5
27,3	84,3	81,7	83,0	23	46	28	22	15	8	66	76	50,6	10	7
27,3	84,5	86,4	85,4	40	39	31	39	11	16	83	94	31,3	8	8
18,8	78,8	76,8	77,8	16	8	10	9	3	3	29	20	26,1	1	1
29,0	79,5	76,6	78,5	23	24	19	17	10	8	52	49	38,5	7	5
36,1	83,2	84,1	83,9	42	40	37	46	15	21	94	107	36,7	7	12
28,6	80,7	87,6	84,1	80	34	34	36	18	13	132	83	44,1	8	5
30,8	82,4	81,6	82,0	60	58	26	20	7	17	93	95	53,2	13	3
27,4	98,7	94,0	96,0	35	47	23	41	15	20	73	108	56,2	13	14
20,5	75,5	81,9	78,5	27	9	10	13	7	9	44	31	39,8	9	10
34,7	89,3	92,0	90,6	22	23	17	27	12	10	51	60	41,8	3	5
33,3	93,8	94,8	94,0	70	45	32	39	21	28	123	112	56,0	14	14
14,1	57,8	58,5	58,0	34	41	13	28	16	13	63	82	38,9	6	5
33,0	84,9	87,8	86,3	66	61	30	51	29	27	125	139	57,3	16	20
29,3	98,5	82,6	90,5	66	86	56	68	32	35	154	199	74,7	18	15
21,5	72,2	66,0	69,1	17	13	10	7	2	8	29	28	32,9	2	3
30,5	88,3	89,3	88,8	67	40	17	21	19	20	103	81	44,6	—	—
31,7	84,8	86,5	85,6	92	86	32	57	20	22	144	165	48,7	6	27
26,8	87,5	89,0	88,2	34	35	23	27	18	21	75	83	66,6	—	—
34,1	86,2	87,9	87,5	35	28	23	32	13	21	71	81	58,1	5	15
30,8	75,9	75,6	75,7	39	32	30	16	5	21	74	69	50,3	8	11
20,2	73,7	78,1	75,9	31	21	26	26	20	17	77	64	53,1	14	15
22,7	75,0	77,8	76,0	12	12	9	13	13	3	34	28	29,8	—	—
21,5	88,5	89,0	88,7	29	30	35	49	19	33	83	112	71,8	14	10
34,3	86,0	85,6	85,8	60	46	43	51	45	45	148	142	50,5	23	26
35,3	86,3	81,6	83,5	22	34	49	25	28	16	99	75	59,9	22	18
20,7	81,9	82,7	82,3	12	7	16	9	3	6	25	19	29,8	8	8
18,3	68,3	70,8	69,5	22	21	18	9	9	10	49	40	48,5	7	4
25,2	78,0	80,4	79,2	72	61	49	48	17	29	138	138	48,2	8	11
33,1	87,5	88,5	88,0	34	59	42	41	36	40	112	140	59,7	18	20
24,6	80,4	82,9	81,6	31	34	20	45	17	21	68	100	38,1	15	19
21,2	76,1	77,8	76,9	16	17	17	15	6	4	39	36	39,3	3	1
25,3	84,0	83,2	83,6	41	30	27	32	10	16	78	78	39,1	3	6
19,7	60,4	52,4	56,4	35	22	21	24	9	4	65	50	41,1	3	6
26,2	78,9	78,5	78,7	34	34	36	36	28	28	98	98	45,9	13	10
27,4	78,7	81,5	80,1	37	53	37	53	22	40	96	146	54,5	7	17
27,7	82,5	81,2	81,8	20	18	11	13	3	3	34	34	36,3	15	10
24,4	82,3	83,0	82,6	27	22	15	15	18	15	60	52	43,2	7	9

Numero de ordem	GRUPOS ESCOLARES			MATRICULA GERAL			Numero de classes	MATRICULA EFFECTIVA			FREQUENCIA EFFECTIVA		
				SEXO		TOTAL		SEXO		TOTAL	SEXO		TOTAL
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino			Feminino	Masculino		Feminino		
								MÉDIA DA MATRICULA COM RE- LAÇÃO AO NUMERO DE CLASSES					
39	Franca «C.el F. Mart.»	419	324	743	18	314	237	551	30,6	282	199	481	
40	Guaratinguetá . . . . .	270	336	606	16	221	276	497	31,0	180	228	408	
41	Ibitinga . . . . .	224	209	433	8	177	169	336	42,0	127	122	249	
42	Igarapava . . . . .	176	142	318	8	101	98	199	24,8	104	94	198	
43	Iguape . . . . .	255	218	473	11	169	165	332	30,1	134	130	264	
44	Indaítuba . . . . .	191	169	360	8	151	145	296	37,0	117	101	218	
45	Ipaussú «Am. Bueno»	149	129	278	8	135	123	258	32,2	90	79	169	
46	Itaberá . . . . .	107	92	199	6	65	60	125	20,8	—	—	—	
47	Itapira «Dr. J. Mesq.»	369	364	733	17	313	305	618	36,3	219	212	431	
48	Itapolis . . . . .	272	237	509	12	198	196	394	32,8	180	178	358	
49	Itaporanga . . . . .	137	107	244	6	113	91	204	34,0	71	60	131	
50	Itararé . . . . .	242	185	427	10	172	118	290	29,0	151	106	257	
51	Itatiba «C.el J. Cesar»	216	234	450	10	169	177	346	34,6	164	183	347	
52	Itatinga . . . . .	133	129	262	6	84	90	174	29,0	79	79	158	
53	Ituverava . . . . .	154	114	268	6	99	69	168	28,0	79	64	143	
54	Jaboticabal «C.el Vaz»	329	368	697	15	230	271	501	33,4	222	247	469	
55	Jacarehy «C.el Carlos Porto»	345	301	646	16	271	246	517	32,3	228	215	443	
56	Jahú «Padua Salles»	452	410	862	20	283	274	557	27,8	250	230	480	
57	Jahú «Major Prado»	507	481	988	24	272	261	533	22,2	261	260	521	
58	Jardinópolis . . . . .	279	237	516	14	213	193	406	29,0	209	183	392	
59	Joannópolis . . . . .	164	156	320	8	131	120	251	31,3	115	109	224	
60	Jundiacy «Conde Parnaíba»	364	386	750	19	296	304	600	31,5	246	247	493	
61	Jundiacy «C.el Siqu. Moraes»	366	330	696	18	297	263	560	31,1	228	219	447	
62	Leme «C.el Aug. Ces.»	285	235	520	15	238	187	425	28,3	208	168	376	
63	Lenções . . . . .	160	132	292	8	106	97	203	25,3	96	81	177	
64	Limeira «C.el Flaminio Fer.»	435	354	789	20	334	286	620	31,0	287	240	527	
65	Lorena «Gab. Prestes»	315	344	659	14	226	253	479	34,2	155	182	338	
66	Mattão . . . . .	215	152	367	9	148	104	252	28,0	139	103	242	
67	Mocóca «B. Monte Santo»	477	494	971	20	349	338	687	34,3	326	336	662	
68	Mogy das Cruzes . . . . .	264	252	516	13	195	184	379	29,1	146	157	303	
69	Mogy Guassú . . . . .	202	162	364	9	160	128	288	32,0	144	111	255	
70	Mogy Mirim «C.el Venanc.»	381	312	693	17	304	251	555	32,6	237	202	439	
71	Monte Alto . . . . .	201	198	399	10	155	146	301	30,1	143	136	279	
72	Monte Mór . . . . .	160	115	275	8	114	88	202	25,2	86	76	162	
73	Orlandia . . . . .	151	158	309	6	103	120	223	37,1	91	96	187	
74	Palmeiras . . . . .	260	216	476	12	203	179	382	31,8	189	157	346	
75	Parahybuna «Dr. C. Cesar»	181	132	313	9	159	125	284	31,5	113	83	196	
76	Pedreiras . . . . .	222	152	374	11	187	139	326	29,6	147	108	255	
77	Pereiras . . . . .	113	97	210	6	73	59	132	22,0	68	61	129	
78	Pindamonhangaba . . . . .	343	337	680	15	251	250	501	33,4	259	243	502	
79	Piracaia . . . . .	215	199	414	11	155	156	311	28,2	130	104	234	

MÉDIA DA FREQUENCIA COM RE- LAÇÃO AO NUMERO DE CLASSES	Porcentagem da frequencia sobre a matricula		PORCENTAGEM TOTAL DA FREQUENCIA SOBRE A MATRICULA	PROMOÇÕES						Total dos promovidos		PORCENTAGEM DAS PROMOÇÕES SOBRE A MATRICULA EFFECTIVA	Concluíram o curso	
	SEXO			Para o 2.º anno		Para o 3.º anno		Para o 4.º anno		Secção masculina	Secção feminina		Masculino	Feminino
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino					
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino			
26,7	90,3	83,9	87,1	66	38	37	40	29	31	132	109	48,8	18	10
25,5	78,3	79,2	78,8	27	35	8	34	23	28	58	97	34,8	9	9
31,1	89,5	91,6	90,6	40	52	32	32	21	23	93	107	66,0	9	13
24,7	84,8	84,2	84,5	13	15	13	17	10	14	36	46	52,7	8	10
24,0	66,1	65,0	65,5	31	32	22	22	6	10	59	64	39,7	3	6
27,2	77,9	79,7	78,7	29	24	22	18	11	13	62	55	42,2	7	1
21,1	70,2	67,4	68,8	24	23	23	20	16	15	63	58	49,1	3	3
—	69,5	56,2	62,8	24	22	12	13	10	4	46	39	60,0	5	5
25,3	69,1	67,8	68,4	31	30	40	56	30	33	101	119	39,3	15	8
29,8	83,8	89,0	86,4	49	52	19	37	26	22	94	111	55,3	6	7
21,8	68,0	62,0	65,0	23	14	9	9	13	11	45	34	43,6	4	6
25,7	84,1	82,6	83,3	46	22	28	18	18	9	94	49	54,4	13	4
34,7	92,5	93,3	92,9	30	30	25	25	20	24	75	79	49,4	7	10
26,3	84,6	75,7	80,1	6	9	14	6	2	—	22	15	21,2	—	—
23,8	70,3	78,2	74,2	29	14	—	3	4	5	33	22	39,7	7	4
31,2	82,0	85,2	83,6	56	64	47	50	15	32	118	146	55,6	5	10
27,6	93,9	95,9	94,9	48	55	36	20	15	27	99	102	43,5	15	9
24,0	76,8	77,4	77,1	32	55	27	33	18	21	77	109	37,1	13	8
21,7	85,9	89,8	87,8	46	40	50	47	22	25	118	112	45,7	7	7
28,0	87,9	88,1	88,0	60	48	42	34	26	33	128	115	66,5	8	19
28,0	84,9	86,0	85,4	33	29	17	15	7	10	57	54	47,4	7	1
25,9	84,4	76,6	78,5	57	60	50	55	29	30	136	145	49,1	6	10
24,8	73,5	78,0	75,7	43	51	28	25	12	20	83	96	36,0	13	10
25,0	85,2	83,3	84,2	39	26	60	43	22	16	121	85	56,7	20	15
22,1	77,9	78,5	78,2	10	13	10	18	8	12	28	43	38,9	4	4
26,3	86,1	84,2	85,2	78	56	72	46	21	36	171	138	55,4	15	20
24,1	78,2	81,5	79,8	27	31	29	33	27	20	83	84	41,5	10	20
26,8	83,5	85,4	84,4	17	14	25	26	18	15	58	55	47,2	8	—
33,1	82,8	86,0	84,4	67	13	62	55	42	38	171	196	57,9	16	15
23,3	75,9	80,4	78,1	42	41	37	38	20	24	99	103	58,3	6	13
28,3	83,6	84,3	83,9	37	33	27	19	14	12	78	64	51,3	4	2
25,8	78,9	79,4	79,1	51	40	46	33	33	33	130	106	50,6	21	24
27,9	92,5	93,6	93,5	36	31	28	22	18	16	82	69	53,1	6	3
20,2	72,0	77,0	74,0	16	15	10	16	12	10	38	41	44,0	6	4
31,1	78,0	80,0	79,0	18	22	16	15	7	17	41	48	44,3	3	7
28,8	81,4	84,5	82,9	38	35	29	26	15	17	82	78	42,9	3	1
21,7	76,3	71,3	73,8	19	10	17	8	10	5	46	23	27,8	7	3
23,1	82,4	84,4	83,4	37	31	29	23	21	18	87	72	53,3	8	7
21,5	78,0	78,3	78,1	12	16	11	14	8	2	31	32	50,0	1	2
33,4	73,0	74,1	73,5	61	50	36	39	28	20	125	109	51,6	13	12
21,2	74,9	71,4	73,1	47	48	23	24	15	12	85	84	59,8	5	12

Numero de ordem	GRUPOS ESCOLARES	MATRICULA GERAL			Numero de classes	MATRICULA EFFECTIVA			FREQUENCIA EFFECTIVA			
		SEXO		TOTAL		SEXO		TOTAL	SEXO		TOTAL	
		Masculino	Feminino			Masculino	Feminino		Masculino	Feminino		
		MÉDIA DE MATRICULA COM RE- LAÇÃO AO NÚMERO DE CLASSES										
80	Piracicaba . . . . .	480	429	909	10	186	182	368	36,8	156	144	300
81	Piracic. «Rio Branco» .	222	199	421	8	152	108	260	32,5	147	125	272
82	Pirajú . . . . .	244	209	453	11	168	162	330	30,0	171	148	319
83	Pitangueiras . . . . .	184	193	377	8	111	125	236	29,5	108	129	237
84	Porto Feliz . . . . .	193	172	365	10	146	123	269	26,9	99	89	188
85	Porto Ferreira . . . . .	159	138	297	8	116	108	224	28,0	87	83	170
86	Queluz . . . . .	172	127	299	9	129	104	233	25,8	88	71	159
87	Ribeirão Bonito . . . . .	274	234	508	13	210	192	402	30,9	157	148	305
88	Ribei. Preto «G. Jor.» .	499	492	991	20	325	372	697	34,8	320	340	660
89	Ribeirão Preto (2.) . . .	375	423	798	20	264	299	563	28,1	250	285	535
90	Rio Claro C.ª J. Salles .	289	283	572	12	263	233	496	41,3	238	214	452
91	Rio Claro (2.) . . . . .	338	348	686	14	256	279	535	38,2	240	253	493
92	Rio das Pedras . . . . .	164	141	305	8	126	122	248	31,0	113	108	221
93	Salto . . . . .	292	248	540	14	223	189	412	29,4	204	173	377
94	Santa Barbara . . . . .	259	186	445	9	159	121	280	31,1	124	99	221
95	Santa Branca . . . . .	172	168	340	8	124	115	239	29,8	88	82	170
96	S.ta Cruz do Rio Pardo .	285	276	561	15	202	205	407	27,1	173	177	350
97	S.ta Rita do Pas. Quatro	379	355	734	18	303	286	589	32,7	286	249	532
98	S.ta Rosa . . . . .	118	147	305	8	109	109	218	27,2	81	101	188
99	S.to Amaro . . . . .	181	232	413	11	145	167	312	28,3	94	163	257
100	Santos «Barnabé» . . . .	403	477	880	20	277	385	662	33,1	232	304	536
101	Santos «Dr. C. Bastos» .	449	544	993	22	356	433	789	35,8	274	344	618
102	Santos «Vilia Macuco» .	332	384	716	16	255	282	537	33,5	201	260	461
103	S. Bento do Sapucahy . .	208	149	357	9	153	115	268	29,7	117	106	223
104	São Bernardo . . . . .	295	316	611	14	248	281	529	37,7	197	199	396
105	S. Carlos C.ª Paulino Costa	499	431	930	20	347	285	632	31,6	326	303	629
106	S. João da Boa Vista . . .	335	290	625	17	269	221	490	28,8	247	205	452
107	S. João da Bocaina . . . .	262	230	492	11	186	176	362	32,9	158	153	311
108	S. José dos Campos . . . .	248	223	471	10	189	168	357	35,7	158	135	293
109	S. José do Rio Pardo . . .	359	354	713	18	264	257	521	28,9	248	249	497
110	S. Luiz do Parahytinga . .	148	126	274	6	96	83	179	29,8	77	76	153
111	S. Manoel . . . . .	312	309	621	16	221	245	466	29,1	194	202	396
112	S. Pedro . . . . .	198	159	357	8	141	144	285	35,6	124	96	220
113	S. Roque . . . . .	312	259	571	15	245	207	452	30,1	210	187	397
114	S. Sebastião . . . . .	138	111	249	7	120	97	217	31,0	85	73	158
115	S. Simão . . . . .	340	290	630	14	265	214	478	34,1	243	200	443
116	S. Vicente . . . . .	302	245	547	13	221	182	403	31,0	170	142	312
117	Serra Negra . . . . .	252	333	485	12	192	177	369	30,7	185	166	351
118	Sertãozinho . . . . .	305	270	575	14	204	212	416	39,7	183	189	372
119	Socorro . . . . .	233	194	427	9	153	130	283	31,4	136	117	253

MÉDIA DE FREQUENCIA COM RE- LAÇÃO AO NÚMERO DE CLASSES	Porcentagem da frequência sobre a matrícula		PORCENTAGEM TOTAL DA FREQUENCIA SOBRE A MATRICULA	PROMOÇÕES						Total dos promovidos		PORCENTAGEM DAS PROMOÇÕES SOBRE A MATRICULA EFFECTIVA	Concluíram o curso	
	SEXO			Para o 2.º ano		Para o 3.º ano		Para o 4.º ano		Secção masculina	Secção feminina		Masculino	Feminino
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino					
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino					
30,0	83,8	79,5	81,6	38	39	21	29	22	19	81	87	56,2	14	24
34,0	88,9	89,6	89,2	28	28	38	29	18	28	84	85	69,3	11	—
29,0	81,6	85,8	83,7	40	35	26	23	12	18	78	76	51,2	6	9
29,6	81,0	83,5	82,2	27	41	16	22	7	11	50	74	55,0	4	2
18,8	63,5	65,5	64,5	17	21	19	19	16	11	52	51	41,6	4	5
21,2	80,0	78,0	79,0	24	18	15	15	7	8	46	41	42,4	3	5
17,6	68,5	75,7	72,1	26	25	12	12	16	10	54	47	47,6	7	3
23,4	74,0	78,0	76,0	45	65	15	23	12	20	72	108	49,2	6	12
33,0	85,4	86,0	85,7	49	62	31	32	31	26	111	120	36,2	16	26
26,7	86,0	88,0	87,0	54	67	42	50	27	38	123	155	55,2	14	19
37,6	91,4	91,8	91,6	51	48	56	30	31	41	138	119	59,0	22	14
35,2	89,3	88,9	89,1	54	44	44	43	21	27	119	114	49,9	8	26
27,6	84,1	86,9	85,5	20	26	24	18	20	15	64	59	54,8	6	7
26,9	85,2	84,7	85,2	55	67	32	18	12	11	99	96	49,7	5	5
24,5	73,5	76,8	75,1	23	28	24	26	10	13	57	67	47,1	5	3
21,2	70,8	77,4	74,1	26	26	16	15	11	12	53	53	51,0	10	6
23,2	75,3	77,8	76,5	29	38	24	39	9	14	62	91	41,0	6	8
29,7	85,6	86,5	86,1	51	49	31	37	22	23	104	109	40,5	12	14
23,5	77,3	82,0	79,6	30	40	24	25	22	24	76	89	75,6	—	—
23,8	84,0	85,6	84,8	22	29	16	19	7	14	45	62	37,1	3	6
26,8	83,8	85,5	84,6	46	75	36	48	24	56	106	179	48,9	14	25
28,0	82,3	90,3	86,3	76	83	81	90	43	84	200	257	66,1	27	38
24,7	71,9	82,6	77,2	25	27	22	23	16	11	63	61	50,7	2	10
28,2	77,3	74,5	75,8	62	68	18	22	21	20	101	110	44,0	10	12
31,4	84,4	82,8	83,6	78	75	45	42	29	30	152	147	51,5	14	13
26,5	85,8	86,2	86,0	68	56	37	36	23	21	128	113	53,4	10	11
28,2	80,0	87,1	83,5	20	24	20	25	6	22	46	71	33,9	3	3
29,3	73,8	76,8	75,3	29	36	29	26	20	10	78	72	47,6	13	7
27,6	65,6	65,9	65,7	53	61	39	37	18	14	110	112	48,7	15	17
25,5	73,8	80,1	76,9	10	12	5	6	1	5	26	23	26,7	4	5
24,7	74,5	75,7	75,1	43	42	40	33	20	37	103	112	51,7	10	16
27,5	75,4	73,0	74,2	44	32	17	23	18	12	79	67	61,9	6	6
26,4	80,6	82,3	81,4	82	61	30	37	22	24	134	122	60,0	12	8
22,5	79,9	85,5	82,7	20	15	19	15	7	10	46	40	42,8	3	4
31,6	79,0	79,6	79,3	21	25	22	37	6	14	49	76	28,6	6	6
24,0	74,9	76,8	75,8	40	43	20	22	14	20	74	85	43,6	8	9
29,2	85,1	83,8	84,4	67	52	20	20	21	34	108	106	62,8	8	10
26,5	83,3	87,3	85,3	40	53	25	37	11	26	76	118	53,8	11	19
28,1	82,2	86,5	84,3	23	18	22	24	10	14	55	56	41,3	4	2

Numero de ordem	GRUPOS ESCOLARES	MATRICULA GERAL			Numero de classes	MATRICULA EFFECTIVA			MÉDIA DE MATRICULA COM RE- LAÇÃO AO NUMERO DE CLASSES	FREQUENCIA EFFECTIVA		
		SEXO		TOTAL		SEXO		TOTAL		SEXO		TOTAL
		Masculino	Feminino			Masculino	Feminino			Masculino	Feminino	
120	Sorocaba «A. Padilha»	374	320	694	20	286	241	527	26,3	277	244	521
121	Sorocaba «N. P. Seguro»	332	321	653	16	253	228	481	30,0	218	200	418
122	Tambahú	218	202	420	8	150	120	270	33,7	150	136	286
123	Taquaritinga	366	360	726	16	274	263	537	33,5	253	245	498
124	Tatuhy	296	304	600	15	250	266	516	34,4	187	222	409
125	Taubaté «L. Chaves»	276	196	472	12	235	165	400	33,3	188	141	329
126	Taubaté — 2.º	208	184	392	10	152	134	286	28,6	127	107	234
127	Taubaté — 3.º	171	207	372	9	132	164	296	32,8	94	110	204
128	Tieté	264	254	518	12	175	200	375	31,2	162	181	343
129	Ubatuba	140	80	220	7	127	80	207	29,5	55	37	92
130	Villa Bella	169	121	290	7	121	93	214	30,5	88	68	156
131	Ytú «Cesario Motta»	333	258	591	16	313	252	565	35,3	236	182	418
132	Ytú «Convenção»	291	216	507	14	238	166	404	28,8	136	100	236
Total		35.176	32.069	67.245	1622	25.974	24.568	50.542	29,7	22.260	21.043	43.303
1	Escola Modelo «Peizoto Gomide»	293	350	643	16	221	268	489	30,5	185,2	233,2	418,4
2	» de São Carlos	190	153	343	9	149	131	280	31,1	148,6	126,0	274,6
3	Grupo Modelo de Campinas	421	403	824	18	326	306	632	35,1	298,1	278,9	577,0
4	» » Piracicaba	195	175	370	10	174	161	335	41,8	154,8	144,5	299,3
5	» » Guaratinguetá	149	134	283	10	125	117	242	27,2	102,2	97,1	199,3
6	» » Pirassununga	287	315	602	14	227	248	475	33,9	193,2	222,0	415,2
7	» » Botucatu	158	172	330	8	115	130	245	30,6	107,2	117,2	224,4
8	» » Casa Branca	362	331	693	17	292	240	532	31,2	261,1	227,6	488,7
Total		37.371	34.182	71.553	1724	27.730	26.249	53.979	29,9	22.315	21.080	43.395

MÉDIA DE FREQUENCIA COM RE- LAÇÃO AO NUMERO DE CLASSES	Porcentagem da frequencia sobre a matricula		PORCENTAGEM TOTAL DA FREQUENCIA SOBRE A MATRICULA	PROMOÇÕES						Total des promovidos		PORCENTAGEM DAS PROMOÇÕES SOBRE A MATRICULA EFFECTIVA		Concluíram o curso	
	SEXO			Para o 2.º anno		Para o 3.º anno		Para o 4.º anno		Secção masculina	Secção feminina	Masculino	Feminino		
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino						
26,0	74,0	76,0	75,0	48	52	43	62	50	43	181	157	72,4	25	19	
26,1	79,8	75,5	77,2	52	32	49	37	29	28	130	97	51,9	12	11	
35,7	88,9	89,4	89,1	35	25	14	23	18	17	67	65	54,0	10	4	
31,1	74,8	74,5	74,6	56	62	48	39	37	41	141	142	57,1	10	14	
27,2	84,0	82,9	83,4	51	42	40	51	19	26	110	119	48,0	13	6	
27,4	80,8	83,3	82,5	48	26	34	18	32	22	114	66	55,7	23	20	
23,4	76,0	80,0	78,0	38	30	18	25	7	14	63	69	52,0	5	12	
22,6	71,3	74,2	72,7	18	32	16	22	18	22	52	76	43,2	—	—	
28,5	79,0	82,7	80,8	42	43	46	31	18	20	86	94	51,4	3	10	
13,1	43,3	46,2	44,4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
22,2	62,8	68,8	65,8	25	28	18	15	12	9	55	52	51,8	4	—	
26,1	72,8	71,2	72,0	47	21	32	31	32	14	111	66	36,9	16	16	
16,8	71,4	65,9	68,6	46	51	19	12	—	8	65	71	33,6	—	—	
21,9	85,7	89,8	87,7	5.038	4.905	36.38	3.796	2.790	3.050	11.755	11.830	1054,5	1.160	1.237	
26,1	63,2	65,7	64,4	41	36	35	40	40	40	116	116	57,4	20	29	
30,4	91,9	90,8	91	26	23	16	26	13	16	55	65	56,1	15	25	
32,0	83,9	80,1	82	72	44	58	59	37	34	167	137	54,7	22	20	
37,4	86,9	87,7	87,8	9	10	17	17	18	20	44	47	35,8	15	14	
19,9	83,1	84,5	83,8	19	31	11	14	19	13	49	58	52,4	4	16	
29,6	85,1	89,5	87,3	32	36	45	46	29	42	106	124	54,3	13	15	
28,0	67,8	62,3	65,0	10	12	20	26	14	20	44	58	53,4	13	17	
28,7	83,6	82,8	83,2	57	38	44	34	23	34	124	106	49,4	11	22	
24,0	89,3	94,5	91,7	5.304	5.135	3884	4.058	2.983	3.269	12.460	12.541	413,5	1.273	1.395	

RESUMO:

Matricula geral . . . . .	71.553	Média de frequencia por classe	24,0
» efectiva . . . . .	53.979	Porcentagens de frequencia sobre a matricula . . . . .	80,3
Frequencia . . . . .	43.395	Porcentagens das promoções	48,5
Numero de classes . . . . .	1.724	Concluíram o curso . . . . .	2.668
Média de matricula por classe	31,3		

**DAS ESCOLAS REUNIDAS**

As escolas reunidas não constituem, no nosso aparelho educativo, um verdadeiro typo de escolas: — vivem vida transitoria, até que, elementos bastantes, possam fundir-se num Grupo Escolar.

Para facilitar o ensino e a sua fiscalização, em certas localidades, de população pouco densa, reúnem-se, na mesma casa, quatro ou mais escolas, que funcionam, então, sob a direcção de um dos professores. Essas escolas mantem os alumnos distribuidos segundo seu adeantamento a cargo de um professor, aproximando-se, assim, do Grupo Escolar. Seu director é tirado do seu proprio corpo docente ou é nomeado em comissão para esse cargo professor de outra localidade. Este facto traz o grande inconveniente de ficar a sua antiga escola a cargo de um substituto, que nem sempre exerce bem a sua missão.

Felizmente, a lei n.º 1579, de 19 de Dezembro de 1917 criou o cargo de director de escolas reunidas com os vencimentos de adjunto de Grupo Escolar.

Durante o anno, funcionaram 15 escolas reunidas, com a matricula de 3.068 alumnos, em 82 classes. Houve um aumento na matricula de 708 alumnos. A média de matricula, por classe, foi de 29,8, a porcentagem das promoções de 39,5 e concluíram o curso 52 alumnos.

Dos directores e professores das escolas reunidas, eram: normalistas, 26; complementaristas, 39; intermedios, 2; adjuntos de concurso, 2; normalistas primarios, 25.

O total foi de 94, dos quaes eram; homens, 45; mulheres, 49.

**Matricula e frequencia nas escolas reunidas do interior, 40 anno de 1917**

ESCOLAS REUNIDAS	MATRICULA GERAL		MATRICULA EFFECTIVA		FREQUENCIA EFFECTIVA		MÉDIA DE FREQUENCIA COM RELAÇÃO AO NÚMERO DE CLASSES		MÉDIA DE FREQUENCIA COM RELAÇÃO AO NÚMERO DE CLASSES		PORCENTAGEM DA FREQUENCIA SOBRE A MATRICULA		PROMOÇÕES		TOTAL DOS PROMOTIDOS		PORCENTAGEM DAS PROMOCÕES SOBRE A MATRICULA EFFECTIVA		CONCLUIRAM O CURSO			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino		
1 Arcias . . . . .	139	89	125	82	95	56	147	21	20,7	72	68,3	70,0	20	13	9	7	40	25	32	31,7	4	4
2 Barra Mansa . . . . .	75	78	55	58	41	42	63	20,7	17,0	74,5	72,4	73,4	13	12	8	5	25	18	24	48,7	3	2
3 Bury . . . . .	72	66	57	53	36	31	67	17,0	16,3	63,1	58	69,5	12	8	8	5	24	17	31,6	30,3	1	1
4 Cerqueira Cesar . . . . .	96	74	67	63	54	49	103	25,7	23,0	86,5	84,8	85,6	12	8	7	5	21	21	32,8	40,3	1	1
5 Jambiro (*) . . . . .	181	177	143	146	119	123	242	30,6	30,6	88,8	84,3	86,5	27	21	17	9	58	48	40,7	32,8	2	2
6 Laranjal . . . . .	101	91	68	66	57	51	103	27	27	83,9	77,3	80,6	21	15	11	6	35	31	53	47	4	3
7 Monte Alegre . . . . .	54	44	48	38	33	22	55	13,7	11,5	66	55	60	10	9	6	3	19	12	88	40	2	2
8 Nazareth . . . . .	101	91	133	101	107	69	176	25,1	23,4	82,3	71,1	72,5	12	10	11	5	28	35	31,1	31,8	4	4
9 Piquete . . . . .	180	142	137	88	175	66	34	18,7	18,7	77,3	82	80,1	10	9	6	3	52	39	40	40	3	3
10 Redempção . . . . .	117	114	87	88	66	65	131	21,8	23,3	73,3	71,1	71,5	12	11	13	5	22	28	35	31,1	4	4
11 Ribeirão Branco . . . . .	49	42	50	42	41	34	75	18,7	18,7	82	80,1	81,5	23	21	13	13	51	99	62,9	54,7	5	5
12 Rio Preto . . . . .	100	236	83	189	272	64	156	27,5	27,5	77,3	82,1	79,7	23	15	26	13	51	55	69	55	1	1
13 Vargem Grande . . . . .	128	110	102	89	101	86	73	159	26,5	86,1	97,9	92	27	27	15	16	34	41	35	78	4	4
14 Sallesopolis . . . . .	100	70	97	70	75	58	133	26,6	26,6	75	82,8	78,9	34	41	27	13	34	13	11,1	25	1	1
15 Salto Grande . . . . .	80	87	65	56	44	37	81	16,2	16,2	67,8	63,8	63,8	7	13	1	7	7	13	11,1	25	1	1
	1568	1500	1255	1196	976	911	1887	23	29,8	77,7	76,1	76,9	246	143	62	70	443	475	35,2	39,7	24	28

**R E S U M O :**

Matricula geral . . . . .	3.068	Porcentagem da frequencia sobre a matricula . . . . .	76,9
Média de matricula por classe . . . . .	2,451	Total de promovidos . . . . .	918
Frequencia effectiva . . . . .	298	Porcentagem de promoções sobre a matricula . . . . .	39,5
Média de frequencia por classe . . . . .	1,887	Concluíram o curso . . . . .	52

(\*) As aulas estiveram suspensas

**DAS ESCOLAS ISOLADAS** Desde a nossa primeira gestão na Directoria da Instrucção Publica que nos preocupamos com remediar os inconvenientes e desacertos das escolas isoladas, principalmente da Capital.

O confronto entre o Grupo Escolar e a escola isolada colloca esta em dolorosa inferioridade. Já não fallamos do ensino que, nos Grupos, pela divisão do trabalho, uniformidade de classes, fiscalização constante, em muito, a sobrepuja; a propria formação do character infantil periclita nas escolas isoladas pela impontualidade do mestre. O exemplo que este dá, em menosprezo do horario, já ao começar, já ao terminar as suas aulas; as suas constantes faltas ás aulas, geram, na criança, a crença de que nada vale a pontualidade e consequentemente que pouco importa o cumprimento do dever. Dahi o descaso, o abandono em que caíram taes escolas e o abatimento de que só poderão resurgir com a sua reorganização, com o seu aperfeiçoamento technico.

Em 1909, funcionavam na Capital 101 escolas; em Dezembro de 1910, conseguimos reduzi-las a 74 (excluidas as 12 nocturnas).

De 1910 a 1917, conforme documenta o quadro abaixo, as escolas diurnas e nocturnas cresceram em seu numero a matricula de alumnos até o anno de 1913. De 1915 em deante, a matricula foi caindo de 10.756 a 9.937, em 1917.

ESCOLAS DIURNAS E NOCTURNAS

ANNOS	NUMERO DE ESCOLAS			Matricula geral	Frequencia geral	Média de frequencia por escola	Porcentagem de frequencia
	Diurnas	Nocturnas	Total				
1910	74	12	86	2.893	2.158	25	74
1911	91	25	116	5.976	4.289	36	71
1912	122	22	144	8.072	5.636	39	69
1913	158	29	187	11.268	7.487	40	66
1914	140	33	173	10.187	7.538	43	73
1915	137	45	182	10.756	8.354	45	77
1916	146	47	193	10.740	* 5.525	28	51
1917	** 136	47	183	9.937	6.074	33	61

(\*) Effectiva. (\*\*) Inclusive as escolas-modelo isoladas.

Houve, este anno, nas escolas isoladas, uma redução na matricula de 8.004 alumnos, sendo 803 na Capital e 7.201 no interior. Diversas causas contribuíram para isso: a annexação de escolas aos Grupos, o exodo da população das cidades e das velhas zonas agricolas para as novas, em exploração, e a «malaria», que grassou em varios municipios, ficando assim muitas escolas com a matricula reduzida e a falta de dados completos sobre a matricula geral de alguns municipios, no correr do anno. A matricula das escolas em muitos municipios foi levantada tomando por base sómente a relação dos alumnos que as frequentaram no ultimo mês escolar e não durante todo o anno, como devia ser feita, pois muitas comarcas não remetem, com regularidade, os dados necessarios.

O afastamento dos professores da regencia dessas escolas, é outra causa, a nosso ver, importante. Basta lembrar que, no corrente anno, foram concedidas 130 licenças a professores e 372 a professoras.

O confronto entre os dados obtidos pelos inspectores, em suas visitas, e os dados do quadro referido, mostra a inferioridade daquelles em relação a estes: os mappas e boletins accusam sempre numeros muito superiores aos registados pelos inspectores.

Demais, bom numero de escolas se acham installadas fóra do perimetro para que foram criadas, sob allegação de falta de salas em condições exigidas.

E não é só. Por falta de fiscalização assidua e em occasiões não esperadas, ha pouco assiduidade do mestre, e, consequentemente, irregular e pequena frequencia da parte dos alumnos.

A falta de assiduidade de um e de outros tem como corollario, nos exames finaes, resultados que estão longe de satisfazer aos menos exigentes, aos mais benevolos no julgamento do trabalho do anno lectivo. Ha excepções a esta regra, tanto mais honrosas quanto o seu numero é muito reduzido.

Em Junho deste anno, desejando conhecer o estado de adeantamento em que se achavam os alumnos das escolas diurnas desta Capital, determinamos aos srs. inspectores, sem que o soubessem os professores, que realizassem, em dias por nós marcados, um exame nessas escolas. Escolhemos para esses exames exercicios sobre leitura, arithmetica e linguagem. Dessas escolas, 21 apresentaram maus resultados.

A's escolas isoladas não poderá o Governo fornecer, tão cedo, casa para o seu funcionamento; precisa, pois, encará-las como são e tirar dellas o maximo proveito, dentro de sua acção, sem cuidar de sua installação propria.

Uma vez que o professor se convença da sua responsabilidade, da sua acção pedagogica, pouco se lhe deve dar que esteja mal installado na sua tenda, pois saberá supprir, com dedicação e trabalho, todas as lacunas materiaes. Bom ensino, bôa disciplina, tanto se accomodam num palacio como numa saleta, que tudo, para nós, em prol do problema educativo, depende, exclusivamente, das qualidades profissionaes e technicas dos individuos que se lhe votam com vontade e alma de o resolver. Ha professores de escolas isoladas, na Capital, superiores a de alguns Grupos Escolares, o que demonstra, irrecusavelmente, que ao ambiente material se sobrepõe a dedicação e a vontade de trabalhar. O que é preciso é não consentir que os professores mudem, mensalmente, a séde de sua escola, embora localizada no mesmo districto, pois essa mudança occasiona sempre a substituição de alumnos, o que vale dizer que, no correr do mesmo anno lectivo, é o professor forçado a novos trabalhos e novos esforços para ensinar a principiantes. Por isso, as escolas isoladas da Capital devem ser localizadas na periphéria do municipio, onde a população em idade escolar com difficuldade alcança os nossos Grupos, e não como actualmente, em que muitas dellas ou funcionam ao lado dos Grupos ou na parte central da cidade. Dahi, tambem, a causa de os alumnos dessas escolas se retirarem para os Grupos Escolares, após a aprendizagem da leitura, da escripta e da arithmetica. Assim-como-assim, entendemos que as escolas isoladas devem ser reduzidas em seu numero, já pela sua annexação aos Grupos existentes, já pela constituição de novos Grupos nas Perdizes, Hygienopolis, Villa Cerqueira Cesar, Pinheiros e Agua Branca. As escolas restantes, localizadas em melhores pontos e materialmente melhoradas, estariam, então, em condições de prestar bons serviços ao Estado.

Por mais que estudemos as causas do pouco resultado que apresentam as escolas isoladas da Capital, não só no tocante ao numero de alumnos como no que diz com o seu aproveitamento, não podemos precisar, definitivamente, qual a que mais pesa, qual a em que se baseiam as nossas duvidas. Citemos um exemplo, á guisa de comparação.

A Loja Maçonica «7 de Setembro» mantem, nesta Capital, sob a direcção do sr. Nelson Teixeira 5 Grupos Escolares e 20 escolas isoladas, calcadas nos nossos programmas e nos nossos regulamentos. Essas escolas estão repletas de alumnos. Onde quer que as abra, logo se lhes preenche a lotação. No entanto, a referida Loja fornece casa e material didactico ao professor e lhe paga apenas 2\$000 mensaes por alumno frequente. Esses professores não ganham, por mês, mais de 100\$000; as suas salas de aulas não são superiores ás de nossas escolas isoladas e o seu material didactico usado, as mais das vezes, é fornecido pelo Estado. Indagando do sr. Nelson Teixeira as causas do exito dos seus institutos de ensino, respondeu-nos elle, a sorrir, que seus professores não são vitalicios; que a fiscalização das escolas é uma realidade, e que, diariamente, os fiscaes dessas escolas levam ao seu conhecimento as ausencias dos professores e a suspensão de aulas, o que combina perfeitamente com as communicações que os proprios professores lhe trazem. Quando os professores não ensinam bem, vão praticar nos Grupos Escolares, e, se apesar disso, continuam a ensinar mal, são despedidos, assim como tambem o são quando pecam pela falta de assiduidade á escola.

No interior do Estado, as escolas isoladas apresentam melhores resultados. Teem casa mais barata e mais ampla, sua permanencia no mesmo local é mais longa e o meio social facilita a sua acção. E' mister, porém, proceder-se, no proximo anno, a uma revisão do quadro das escolas isoladas, pois ha municipios em que o numero dellas precisa ser augmentado e em outros reduzido.

Seis municipios do Estado—Brodowski, Boa Esperança, Ipaussú, Santa Rosa, Ubatuba e Sallesopolis—não tiveram escolas isoladas, providas mas, destes, os cinco primeiros são dotados de Grupos Escolares e o ultimo de escolas reunidas.

O Estado, ao terminar o anno de 1917, contava as seguintes escolas isoladas providas:

	Capital	Interior	Total
Escolas diurnas de séde	136	370	506
Escolas nocturnas de séde	45	85	130
Escolas diurnas de bairro	—	937	937
Escolas nocturnas de bairro	—	6	6
Cursos nocturnos de séde	2	5	7
Cursos diurnos de bairro	—	2	2
Escolas-Modelo do Interior	—	16	16
	183	1.421	1.604

Ao Grupo Escolar «Regente Feijó», desta Capital, foram, a 16 de Julho, annexadas as escolas femininas do 11.º districto, duas femininas do Bom Retiro, uma feminina de Santa Ephi- genia, tres mixtas do Bom Retiro e Santa Ephi- genia e uma masculina, tambem do Bom Retiro.

Ao Grupo Escolar do Braz e ao «Prudente de Moraes», foram, respectivamente, annexadas a 2.ª escola masculina do Braz e a masculina do Bom Retiro.

Ao Grupo Escolar de Ipaussú, foram annexadas as oito escolas de séde do municipio; ao de Santa Rosa, quatro; ao Grupo «Cardoso de Almeida», de Botucatu, a mixta do Ro- sario; ao Grupo «Flaminio Lessa», de Guaratinguetá, as es- colas masculinas do Bomfim, de Bella Vista e de S. Bento; as femininas de Pedreira e do Campo do Galvão; as mixtas de Santa Rosa e do Campo do Galvão.

Tambem, durante o anno de 1917, foram, por falta de casa para a installação de escolas ou frequencia legal, como se vê da relação abaixo, suspenso o funcionamento de 44 es- colas, cujos professores foram aproveitados na regencia de outras que se achavam vagas.

SUSPENSÃO DE ESCOLAS

N.	MUNICIPIOS	ESCOLAS	DATA
1	Porto Feliz . . . . .	Feminina de Boituva . . . . .	8-1-1917
2	São Roque . . . . .	Masculina de Sebandilha . . . . .	8-1-1917
3	Sorocaba . . . . .	Mixta do bairro Indaiat. . . . .	10-1-1917
4	Parahybuna . . . . .	Mixta de Espirito Santo . . . . .	10-1-1917
5	Itapetininga . . . . .	Masc Bairro Currução . . . . .	31-1-1917
6	Sorocaba . . . . .	Mixta de Jucurupáya . . . . .	7-3-1917
7	Mogy das Cruzes . . . . .	Masculina de Arujá . . . . .	14-3-1917
8	Rio das Pedras . . . . .	Feminina da Lagôa . . . . .	21-3-1917
9	Itapetininga . . . . .	Campo Grande . . . . .	11-4-1917
10	Capital . . . . .	1.ª Mixta do Ó . . . . .	1-5-1917
11	Queluz . . . . .	1.ª Masc. de Lavrinhas . . . . .	1-5-1917
12	São Roque . . . . .	1.ª Mixta de Setubal . . . . .	9-5-1917
13	Pindamonhangaba . . . . .	Mixta de Taipas . . . . .	2-7-1917
14	» . . . . .	2.ª Mixta de Piraquama . . . . .	2-7-1917
15	Sorocaba . . . . .	Mixta de Vassoróca . . . . .	4-7-1917
16	Mogy das Cruzes . . . . .	Masc. de Campo Grande . . . . .	4-7-1917
17	Jacarehy . . . . .	Masc de Itapéva . . . . .	4-7-1917
18	Santo Amaro . . . . .	Mixta de Rio Bonito . . . . .	4-7-1917
19	Guarulhos . . . . .	Mixta Baqueruvú-mirim . . . . .	4-7-1917
20	» . . . . .	Fem. de Bom Successo . . . . .	4-7-1917
21	Mogy das Cruzes . . . . .	1.ª Feminina de Arujá . . . . .	11-7-1917
22	Piracicaba . . . . .	Masculina de Guamium . . . . .	11-7-1917

N.	MUNICIPIOS	ESCOLAS	DATA
23	Ubatuba . . . . .	Feminina de Tabatinga . . . . .	25-7-1917
24	Mogy Guassú . . . . .	Mixta de Matto Secco . . . . .	14-8-1917
25	Jambeiro . . . . .	Mixta de Patizal . . . . .	14-8-1917
26	S. Rita do P. Quatro . . . . .	Mixta de Corrego Rico . . . . .	14-8-1917
27	Itatiba . . . . .	Mixta Bromado . . . . .	19-9-1917
28	Angatuba . . . . .	Mixta de Coqueiros . . . . .	26-9-1917
29	Botucatu . . . . .	Mixta do Prata . . . . .	26-9-1917
30	Ytú . . . . .	Mixta de Olhos d'Agua . . . . .	26-9-1917
31	Faxina . . . . .	Mixta de Aracassú . . . . .	26-9-1917
32	Itapetininga . . . . .	Mixta de Cabaçoesinhos . . . . .	26-9-1917
33	São Simão . . . . .	Masc. de Santos Dumont . . . . .	26-9-1917
34	Currallinho . . . . .	Masc. de Sert. dos Pretos . . . . .	26-9-1-17
35	Parahybuna . . . . .	Masc. do bairro C. Maneco . . . . .	31-10-1917
36	Monte Mór. . . . .	Mixta de Chapadão . . . . .	31-10-1917
37	Annapolis . . . . .	Masc. de N. America . . . . .	31-10-1917
38	Taubaté . . . . .	Mixta de Andrade Pinto . . . . .	31-10-1917
39	» . . . . .	Mixta de Pouso Frio . . . . .	31-10-1917
40	Jacarehy . . . . .	Masc. do bairro Angola . . . . .	12-11-1917
41	Rio das Pedras . . . . .	Fem. de Agua Branca . . . . .	12-11-1917
42	Itapetininga . . . . .	Fem. de Chapadinha . . . . .	15-12-1917
43	Jacarehy . . . . .	Masc. de C. Grande . . . . .	15-12-1917
44	» . . . . .	Mixta de Pau Grande . . . . .	15-12-1917

### Escolas isoladas diurnas, nocturnas

Zonas	N.º de escolas	MATRICULA GERAL NO ANNO			ALUMNOS EXISTENTES NO FIM DO ANNO			NACIONALIDADES	
		Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total	Filhos de paes brasileiros	Filhos de paes estrangeiros
1.a	9	276	178	454	174	120	294	88	206
2.a	8	174	206	380	100	147	247	34	213
3.a	10	214	261	475	148	191	339	98	241
4.a	9	256	199	455	158	145	303	158	145
5.a	10	372	166	538	213	138	351	184	167
6.a	8	295	168	463	165	111	276	149	127
7.a	10	119	295	414	74	187	261	89	172
8.a	7	115	171	286	89	118	207	68	139
9.a	9	186	246	432	104	174	278	85	193
10.a	12	315	311	626	188	146	334	187	147
11.a	10	235	292	527	133	151	284	98	186
12.a	10	361	135	496	164	109	273	115	158
13.a	17	205	154	359	121	100	221	133	88
14.a	10	219	228	447	133	147	280	98	182
15.a	13	273	350	623	179	223	402	156	246
16.a	23	1890	—	1890	721	—	721	380	341
17.a	14	878	—	878	438	—	438	138	300
	179 (1)	6383	3360	9743	3302	2207	5509	2258	3251

(1) No numero acima não estão compreendidas as escolas-modelo isoladas que são em numero de 4, com 194 alumnos.

(2) Escolas nocturnas agrupadas.

### e nocturnas agrupadas da Capital - 1917

Alphabetos admitidos durante o anno	ALUMNOS PRESENTES AOS EXAMES			ALUMNOS PROMOVIDOS			Concluíram o curso
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total	
214	173	101	274	65	50	115	10
265	92	116	208	37	22	59	7
274	112	168	280	66	48	114	15
213	132	128	260	65	35	100	5
278	178	91	269	92	50	142	14
247	107	89	196	35	38	73	—
271	57	139	196	34	11	45	4
161	71	102	173	13	6	19	—
293	85	158	243	52	20	72	8
365	148	134	282	48	34	82	5
348	104	115	219	28	22	50	3
327	128	90	218	52	18	70	3
187	95	88	183	35	25	60	13
266	144	111	255	49	47	96	12
347	138	179	317	87	51	138	19
529	438	—	438	216	—	216	50
266	281	—	281	143	—	143	18
4781	2483	1839	4292	1117	477	1594	186

#### RESUMO:

##### Matricula geral:

Nas escolas isoladas:	
Sexo masculino . . . . .	3615
» feminino . . . . .	3360
Nas escolas nocturnas agrupadas . . . . .	2768
Total . . . . .	9743

##### Matricula efectiva:

Nas escolas isoladas:	
Sexo masculino . . . . .	2143
» feminino . . . . .	2207
Nas escolas agrupadas . . . . .	1150
Total . . . . .	5509

Matricula efectiva por escola . . . . . 30,7

Relação dos municípios do Estado com a matrícula, fre-

N. de ordem	MUNICIPIOS	MATRICULA		
		Masculino	Feminino	TOTAL
1	Capital (Escolas diurnas)	2830	3406	6236
2	(Escolas nocturnas)	3507	—	3507
3	Agudos	116	—	116
4	Amparo	150	58	208
5	Angatuba	219	69	288
6	Anhemby	29	17	46
7	Annapolis	63	76	139
8	Apiahy	113	70	183
9	Araçariguama	81	94	175
10	Araraquara	206	126	332
11	Araras	14	13	27
12	Arêas	20	41	61
13	Atibaia	202	133	335
14	Avaré	66	—	66
15	Bananal	134	61	195
16	Bariry	33	55	88
17	Barrá Bonita	62	100	162
18	Barretos	31	39	70
19	Bataias	107	98	205
20	Baurú	68	142	210
21	Bebedouro	49	11	60
22	Bica de Pedra	111	98	209
23	Bôa Esperança	—	—	—
24	Bom Successo	52	44	96
25	Botucatú	239	176	415
26	Bragança	414	253	667
27	Brodowsky	—	—	—
28	Brotas	72	76	148
29	Buquira	73	61	134
30	Cabrêuva	122	100	222
31	Caçapava	282	236	518
32	Caconde	46	—	46
33	Cachoeira	106	60	166
34	Cajurú	—	25	25
35	Campinas	1223	1374	2597
36	Campo Largo de Sorocaba	153	96	249
37	Campos Novos do Paranapanema	—	—	—
38	Cananéa	90	120	210
39	Capão Bonito de Paranapanema	45	15	60
40	Capivary	137	75	212
41	Caraguatatuba	95	44	139
42	Casa Branca	148	117	265

quencia e outros dados sobre as escolas isoladas, em 1917.

FREQUENCIA			BRASILEIROS		ESTRANGEIROS		ELIMINADOS		N. DE ESCOLAS
Masculino	Feminino	TOTAL	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
2179	2464	4643	—	—	—	—	1144	1149	136
1283	—	1283	—	—	—	—	1945	—	47
49	—	49	49	—	67	—	—	—	2
119	48	167	139	54	11	4	2	3	7
119	51	170	219	69	—	—	35	10	7
26	13	39	29	17	—	—	3	—	2
53	63	116	63	76	—	—	1	—	6
81	61	142	113	70	—	—	—	2	7
47	53	100	81	94	—	—	—	—	5
182	109	291	191	115	15	11	10	3	11
13	12	25	14	13	—	—	—	—	1
13	28	41	20	41	—	—	—	—	2
148	108	256	202	133	—	—	—	—	2
49	—	49	65	—	1	—	16	1	9
90	49	139	134	61	—	—	—	—	2
30	47	77	32	52	1	3	2	1	6
56	75	131	62	97	—	3	2	17	3
95	20	45	31	39	—	—	6	7	4
83	81	164	107	98	—	—	7	1	2
54	107	161	68	142	—	—	—	—	7
41	11	52	49	11	—	—	—	—	6
43	49	42	62	48	49	50	52	33	2
—	—	—	—	—	—	—	—	—	4
32	32	64	52	44	—	—	—	—	—
160	130	290	239	176	—	—	—	5	4
340	193	533	414	253	—	—	14	9	15
—	—	—	—	—	—	—	17	5	18
67	66	133	71	76	—	—	—	—	—
52	51	103	73	61	1	—	3	7	7
86	75	161	122	100	—	—	—	—	6
201	164	365	282	236	—	—	—	—	8
32	—	32	19	—	—	—	9	10	14
68	44	112	106	60	27	—	—	—	1
—	19	19	—	25	—	—	1	2	5
949	1074	2023	1223	1374	—	—	—	—	1
108	68	176	153	96	—	—	—	—	78
—	—	—	—	—	—	—	—	—	9
63	81	144	90	120	—	—	—	—	—
30	10	40	45	15	—	—	1	2	7
67	46	113	137	75	—	—	—	—	2
59	32	91	95	44	—	—	3	3	5
86	98	184	148	117	—	—	2	8	5
—	—	—	—	—	—	—	—	—	7

N. de ordem	MUNICIPIOS	MATRICULA		
		Masculino	Feminino	TOTAL
42	Conceição de Monte Alegre	30	23	53
43	Conchas	114	102	216
44	Cotia	135	145	280
45	Cravinhos	29	27	56
46	Cruzeiro	222	139	361
47	Cunha	70	33	103
48	Currálinho (São João do)	56	—	56
49	Descalvado	40	—	40
50	Dourado	—	—	—
51	Dous Corregos	70	—	70
52	Espirito Santo do Pinhal	174	68	242
53	Espirito Santo do Turvo	29	20	49
54	Fartura	—	—	—
55	Faxina	133	130	263
56	Franca	213	122	335
57	Guararema	61	30	91
58	Guaratinguetá	500	351	851
59	Guarehy	182	119	301
60	Guarulhos	174	127	301
61	Ibitinga	39	—	39
62	Igarapava	26	98	124
63	Igaratá	31	20	51
64	Iguape	183	66	249
65	Indaiatuba	33	50	83
66	Ipaussú	—	—	—
67	Itaberá	44	—	44
68	Itanhaem	45	50	95
69	Itapecerica	69	50	119
70	Itapetininga	522	398	920
71	Itapira	130	100	230
72	Itapolis	4	23	27
73	Itaporanga	69	28	97
74	Itararé	—	35	35
75	Itatiba	121	118	239
76	Itatinga	71	58	129
77	Ituverava	12	38	50
78	Jaboticabal	429	396	825
79	Jacarehy	286	176	462
80	Jahú	107	92	199
81	Jambeiro	46	—	46
82	Jardinópolis	55	25	80
83	Jatahy	69	41	110
84	Jundiahy	700	462	1162
85	Juquery	187	133	320
86	Lagoinha	62	62	124

FREQUENCIA			BRASILEIROS		ESTRANGEIROS		ELIMINADOS		N. DE ESCOLAS
Masculino	Feminino	TOTAL	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
23	20	43	30	23	—	—	3	3	2
57	60	117	53	40	61	62	—	—	4
85	106	191	99	109	36	33	21	23	9
20	23	43	29	27	—	—	9	10	2
145	106	251	252	139	—	—	—	—	14
48	25	73	70	33	—	—	—	—	4
33	—	33	46	—	10	—	6	—	2
36	—	36	40	—	—	—	4	—	1
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
42	—	42	70	—	—	—	7	—	2
144	45	189	174	68	—	—	—	—	8
25	18	43	29	20	—	—	—	—	2
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
115	108	223	133	130	—	—	—	—	9
167	111	278	204	122	9	—	8	1	7
37	23	60	61	30	—	—	—	—	4
387	275	662	500	351	—	—	—	—	27
123	85	208	182	115	—	4	—	—	9
128	117	245	166	116	8	11	7	5	8
33	—	33	37	2	—	—	—	—	1
20	52	72	16	61	10	37	—	36	3
19	15	34	31	20	—	—	—	—	2
132	50	182	183	66	—	—	—	1	8
12	26	38	13	22	20	28	7	12	2
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
40	—	40	44	—	—	—	2	—	1
32	32	64	45	50	—	—	—	8	4
54	38	92	69	50	—	—	2	—	5
339	281	620	522	398	—	—	2	2	34
97	58	155	130	100	—	—	—	—	6
3	18	21	4	23	—	—	—	—	1
56	22	78	68	27	1	1	3	2	3
—	22	22	—	35	—	—	—	—	1
100	96	196	121	118	—	—	6	6	8
51	32	83	71	58	—	—	—	—	2
11	13	24	12	38	—	—	2	3	2
363	370	732	404	386	25	10	19	20	22
139	121	260	283	176	—	—	—	—	18
66	49	115	107	92	—	—	—	—	5
34	—	34	46	—	—	—	20	—	1
46	21	67	55	25	—	—	3	2	2
43	32	75	69	41	—	—	—	—	4
389	278	667	356	168	344	284	226	141	26
141	102	243	187	133	—	—	1	2	10
46	52	98	62	62	—	—	2	—	5



N. de ordem	MUNICIPIOS	MATRICULA		
		Masculino	Feminino	TOTAL
132	Ribeirão Preto . . . . .	95	139	234
133	Rio Bonito . . . . .	98	49	147
134	Rio Claro . . . . .	480	397	877
135	Rio das Pedras . . . . .	169	119	288
136	Rio Preto . . . . .	—	—	—
137	Sallesopolis . . . . .	—	—	—
138	Salto de Itú . . . . .	61	25	86
139	Salto Grande de Paranapanema . . . . .	36	45	81
140	Santa Adelia . . . . .	36	—	36
141	Santa Barbara . . . . .	36	26	62
142	Santa Barbara do Rio Pardo . . . . .	114	80	194
143	Santa Branca . . . . .	9	18	27
144	Santa Cruz da Conceição . . . . .	74	70	144
145	Santa Cruz do Rio Pardo . . . . .	202	180	382
146	Santa Isabel . . . . .	127	76	203
147	Santa Rita do Passa Quatro . . . . .	75	68	143
148	Santa Rosa . . . . .	20	22	42
149	Santo Amaro . . . . .	197	101	298
150	Santo Antonio d'Alegria . . . . .	33	48	81
151	Santo Antonio da Boa Vista . . . . .	47	45	92
152	Santos . . . . .	316	298	614
153	São Bento do Sapucahy . . . . .	50	81	131
154	São Bernardo . . . . .	909	745	1654
155	São Carlos . . . . .	157	109	266
156	São João da Boa Vista . . . . .	119	141	260
157	São João da Bocaina . . . . .	74	12	86
158	São José do Barreiro . . . . .	135	132	267
159	São José dos Campos . . . . .	318	164	482
160	São José do Rio Pardo . . . . .	189	159	348
161	São Luiz do Parahytinga . . . . .	88	12	100
162	São Manuel . . . . .	114	64	178
163	São Miguel Archanjo . . . . .	99	80	179
164	São Pedro . . . . .	95	61	156
165	São Pedro do Turvo . . . . .	37	31	68
166	São Roque . . . . .	436	245	681
167	São Sebastião . . . . .	84	58	142
168	São Simão . . . . .	30	170	200
169	São Vicente . . . . .	—	34	34
170	Sarapuhý . . . . .	48	44	92
171	Serra Negra . . . . .	109	77	186
172	Sertãozinho . . . . .	111	73	184
173	Silveiras . . . . .	123	140	263
174	Socorro . . . . .	40	42	82
175	Sorocaba . . . . .	386	331	717
176	Tambahú . . . . .	13	16	29

FREQUENCIA			BRASILEIROS		ESTRANGEIROS		ELIMINADOS		N. DE ESCOLAS
Masculino	Feminino	TOTAL	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
75	114	189	93	138	2	1	5	10	8
67	34	101	96	49	2	—	—	—	6
407	321	728	480	397	—	—	32	14	27
124	94	218	169	119	—	—	21	15	8
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
31	21	52	56	22	5	3	4	—	4
27	36	63	36	45	—	—	13	3	2
30	—	30	33	—	3	—	—	—	1
29	26	55	36	26	—	—	1	—	2
49	47	96	114	80	—	—	—	—	3
7	13	20	9	18	—	—	1	5	1
57	59	116	74	70	—	—	—	—	6
170	140	310	202	180	—	—	10	17	13
84	54	138	127	76	—	—	—	—	8
37	29	66	27	37	48	31	1	6	3
15	17	32	20	22	—	—	—	1	1
151	67	218	197	101	—	—	—	—	10
27	42	69	33	48	—	—	—	—	2
32	33	65	47	45	—	—	—	2	4
236	244	480	316	298	—	—	243	178	17
34	57	91	48	75	2	6	—	—	5
530	508	1038	909	745	—	—	201	155	38
95	75	170	157	109	—	—	7	10	6
94	102	196	119	141	—	—	5	8	9
44	10	54	74	12	—	—	—	—	2
95	93	188	135	132	—	—	5	—	10
231	132	366	318	164	—	—	6	2	17
133	129	262	189	159	—	—	11	—	11
70	8	78	88	12	—	—	—	—	4
97	40	137	114	64	—	—	47	26	6
76	62	138	95	80	4	—	3	—	7
75	47	122	95	61	—	—	1	2	5
28	19	47	37	30	—	—	2	1	2
287	183	470	420	241	16	4	13	10	22
63	41	104	84	58	—	—	4	—	5
20	143	163	30	170	—	—	—	—	7
—	24	24	—	34	—	—	—	—	1
33	31	64	48	44	—	—	8	5	3
88	59	147	109	77	—	—	7	6	5
75	49	124	56	51	55	22	5	3	2
70	117	187	123	140	—	—	—	—	10
30	31	61	40	42	—	—	—	—	3
327	217	544	386	331	—	—	19	5	29
11	14	25	13	16	—	—	—	—	1

N. de ordem	MUNICIPIOS	MATRICULA		
		Masculino	Feminino	TOTAL
177	Taquaritinga . . . . .	—	26	26
178	Tatuby . . . . .	351	227	578
179	Taubaté . . . . .	1021	545	1566
180	Tieté . . . . .	284	176	460
181	Tremembé . . . . .	205	176	381
182	Ubatuba . . . . .	54	—	54
183	Una . . . . .	81	89	170
184	Villa Bella . . . . .	31	—	31
185	Viradouro . . . . .	—	—	—
186	Xiririca . . . . .	144	120	264
187	Yporanga . . . . .	55	26	81
188	Ytú . . . . .	187	40	227
		32382	22530	54912

FREQUENCIA			BRASILEIROS		ESTRANGEIROS		ELIMINADOS		N. DE ESCOLAS
Masculino	Feminino	TOTAL	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
—	21	21	—	26	—	—	—	3	1
264	192	456	348	227	3	—	19	5	19
772	415	1187	852	381	169	164	50	17	47
217	142	359	284	176	—	—	6	2	14
180	160	340	205	176	—	—	—	—	13
39	—	39	50	—	—	—	—	—	2
50	58	108	81	89	—	—	—	—	5
19	—	19	31	—	—	—	—	—	1
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
101	79	180	144	120	—	—	—	—	8
38	24	62	55	26	—	—	14	13	3
152	40	192	178	38	9	2	11	9	7
22328	17167	39496	24702	18599	1042	804	4753	2524	1604

RESUMO :

Matricula nas escolas isoladas da Capital . . . . .	9.743	
Idem nas escolas isoladas do interior . . . . .	45.169	54.912
Idem nas escolas-modelo isoladas da Capital . . . . .	194	
Idem nas escolas-modelo isoladas do interior . . . . .	661	
Idem no Instituto Disciplinar . . . . .	184	
Patronato Agricola . . . . .	3.647	4.686
Total . . . . .		<u>59.598</u>

**DAS ESCOLAS E CURSOS NOCTURNOS**

Os cursos nocturnos foram criados, como é sabido, pela Lei n.º 88, de 8 de Setembro de 1892, destinados ao sexo masculino, e teem por fim ministrar conhecimentos indispensaveis aos menores de 16 annos, que, por seus afazeres, durante o dia, não possam frequentar outras escolas (Art. 69, do Regimento Interno, de 26 de Julho, de 1894).

Os professores desses cursos eram os mesmos das escolas diurnas, que recebiam, pelo trabalho á noite, uma gratificação de 100\$000 mensaes. Suppondo-se que havia vantagens para o ensino nesses cursos em os confiar a professores que não tivessem trabalho durante o dia, a Lei n.º 1195, de 24 de Dezembro, de 1909, instituiu as chamadas escolas nocturnas, cujos professores, com os vencimentos de 250\$000 por mês, sem as preocupações da escola diurna, poderiam cuidar melhor da sua missão, e, portanto, ministrar, nessas escolas, melhor ensino do que nos cursos nocturnos. Infelizmente, a experiencia de alguns annos veio demonstrar que não foi acertada essa medida, pois os actuaes professores nas escolas nocturnas, tendo o dia inteiramente livre, se entregam, sem que por isso incorram em censura, a outras preocupações, e, na sua grande maioria, se matriculam nas nossas academias. Como academicos, cuidam mais dos seus novos estudos do que, propriamente, das suas escolas, de modo que, procurando uma lei corrigir esse defeito dos antigos cursos nocturnos, abriu, nas escolas nocturnas, uma valvula para abusos maiores, pois as licenças, a falta de assiduidade e de interesse de muitos professores, preocupados—repetimos—com cousas estranhas ao magisterio, estão produzindo uma certa decadencia na missão confiada ás escolas nocturnas.

Ainda a Lei n.º 1.184, de 3 de Dezembro, de 1909, criou 50 escolas nocturnas para menores empregados nas fabricas. Foram providas de accôrdo com essa Lei oito escolas na Capital e uma no interior.

As oito da Capital estão a cargo dos seguintes professores:

- 1.<sup>a</sup> João Procopio. Funciona no Grupo Escolar «Maria José».
- 2.<sup>a</sup> João Rolim Brissola. Funciona no Grupo Escolar Belemzinho.
- 3.<sup>a</sup> Eduardo Prestes Merbach. Funciona na Villa Prudente.
- 4.<sup>a</sup> Ernesto A. Moreira. Funciona na Fabrica Santa Maria.
- 5.<sup>a</sup> Joaquim Diniz. Funciona no Grupo Escolar «Maria José».
- 6.<sup>a</sup> Antonio P. Wolf. » » » » » »

- 7.<sup>a</sup> Jacome Stavale. Funciona no Grupo Escolar. «Maria José».
- 8.<sup>a</sup> Antonio F. A. Junior. Funciona no Instituto Disciplinar.

As do interior, em S. João da Bocaina, em Mogy das Cruzes, em S. José dos Campos, e a mixta de Carioba, (Campinas) estão, respectivamente, sob a regencia dos professores Decio Paes de Barros, Alvaro Arouche de Toledo, José Martins de Toledo e Leontina Isabel Ribas d'Avila.

Comprehende-se, facilmente, que menores de 12 annos, após um trabalho exhaustivo, durante o dia, não podem, em absoluto, frequentar essas escolas. Ha até fabricas em S. Paulo que no intuito de tirar do trabalho dos menores o maior proveito possivel, sómente os dispensam do serviço das 19 ás 21 horas para que elles recommecem, dahi em deante, o chamado *serão*.

Só ha uma solução para caso tão grave: — o fechamento dessas escolas e a prohibição de admittirem as fabricas menores nas suas officinas. Cursos e escolas nocturnas não podem ter, como desejam muitos professores, um ensino methodico e graduado, identico ao dos Grupos Escolares. Operarios adultos e menores ali vão aprender sómente aquillo de que necessitam para lhes facilitar o exercicio de um emprego. Assim, uns procuram aprender a falar apenas a lingua portuguesa; outros, a passar recibos; outros, a ler as placas das ruas, etc.; e poucos, muito poucos, permanecem, por dois ou tres annos, nessas escolas. Mas não está niço o mal dessas escolas; pelo contrario, porque, para cada um desses alumnos, preencheram ellas, perfeitamente, o seu fim, pois lhe ensinou o de que elle mais precisava, para melhorar a sua posição na fabrica e no emprego.

Ha no Estado escolas nocturnas agrupadas, isto é, tres ou quatro escolas que funcionam no Grupo Escolar, sob a direcção dos directores dos mesmos Grupos, e, na falta destes, sob a de um professor do referido estabelecimento, e escolas tambem isoladas nocturnas nos lugares em que a população operaria não é densa.

### Escolas e cursos nocturnos

ESCOLAS	N. de escolas	MATRICULA GERAL NO ANNO			ALUMNOS EXISTENTES NO FIM DO ANNO		
		Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
		Nocturnas isoladas . . . . .	10	739	—	739	421
agrupadas . . . . .	37	2768	—	2768	1159	—	1159
Total . . . . .	47	3507	—	3507	1580	—	1580

### da Capital, em 1917

NACIONALIDADES		Analfabetos admitidos durante o anno	ALUMNOS PRESENTES AOS EXAMES			ALUMNOS PROMOVIDOS			Concluíram o curso
Filhos de paes brasileiros	Filhos de paes estrangeiros		Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total	
283	456	228	302	—	302	124	—	124	11
518	2250	795	719	—	719	359	—	359	68
801	2706	1023	1021	—	1021	483	—	483	79

*Matricula geral:*

Nas escolas isoladas (nocturnas):

Sexo masculino . . . . .	739
Nas escolas nocturnas agrupadas . . . . .	2768
Total . . . . .	3507

*Matricula efectiva:*

Nas escolas isoladas:

Sexo masculino . . . . .	421
Nas escolas agrupadas . . . . .	1159
Total . . . . .	1580

Matricula efectiva por escola . . . . . 33,6

### Escolas e cursos nocturnos do interior

N. de ordem	MUNICIPIOS	Escolas para menores (Séde)			Escolas e cursos para adultos				Matricula geral		
		Masculino	Feminino	Mixta	Séde		Bairro		Masculino	Feminino	Total
					Masculino	Feminino	Masculino	Feminino			
1	Agudos . . . . .				1				89		89
2	Amparo . . . . .				2				65		65
3	Angatuba . . . . .				1				75		75
4	Araraquara . . . . .				1				41		41
5	Atibaia . . . . .	1			1				64		64
6	Avaré . . . . .				1				37		37
7	Bananal . . . . .				1				30		30
8	Batataes . . . . .				1				28		28
9	Botucatu . . . . .				2				31		31
10	Caçapava . . . . .				1				37		37
11	Cachoeira . . . . .				1				54		54
12	Campinas . . . . .			1	4				173	34	207
13	Casa Branca . . . . .				1				66		66
14	Cruzeiro . . . . .				1				55		55
15	Franca . . . . .				1				57		57
16	Guaratinguetá . . . . .				1				115		115
17	Guarulhos . . . . .				1		2		39		39
18	Itapetininga . . . . .				1				50		50
19	Itatiba . . . . .				1				58		58
20	Jaboticabal . . . . .				1				46		46
21	Jacarehy . . . . .				2				73		73
22	Jahú . . . . .	1							52		52
23	Joannopolis . . . . .				1				48		48
24	Jundiahy . . . . .				3				213		213
25	Limeira . . . . .				2				62		62
26	Lorena . . . . .				1				50		50
27	Mogy das Cruzes . . . . .	1			1				79		79
28	Mogy-Mirim . . . . .				1				47		47
29	Palmeiras . . . . .				1				21		21
30	Pereiras . . . . .				1				40		40
31	Pindamonhangaba . . . . .				2				65		65
32	Piracaia . . . . .				1				32		32
33	Piracicaba . . . . .	1			3				204		204
34	Pirajú . . . . .				2				56		56
35	Pirassununga . . . . .				1				43		43
36	Porto Feliz . . . . .				1				47		47
37	Queluz . . . . .				1				61		61
38	Redempção . . . . .				1				31		31
39	Ribeirão Bonito . . . . .				1				69		69
40	Rio Claro . . . . .				2				94		94
41	Salto . . . . .	1			3				56	23	79

N. de ordem	MUNICIPIOS	Escolas para menores (Séde)			Escolas e cursos para adultos				Matricula geral		
		Masculino	Feminino	Mixta	Séde		Bairro		Masculino	Feminino	Total
					Masculino	Feminino	Masculino	Feminino			
42	Santo Amaro . . . . .				1				44		44
43	Santos . . . . .				2				113		113
44	São Bernardo . . . . .				1		3		400		400
45	São Carlos . . . . .				1				75		75
46	São João da Bocaina . . . . .				1				48		48
47	São José dos Campos . . . . .	1							31		31
48	São Manuel . . . . .				1				67		67
49	São Roque . . . . .		1		4				131		131
50	Sorocaba . . . . .				2	2	2		151	71	222
51	Tatuhy . . . . .				2				79		79
52	Taubaté . . . . .				4		1		201		201
53	Tieté . . . . .				1				37		37
54	Tremembé . . . . .				1				31		31
55	Ytú . . . . .	1			2				202		202
	Total . . . . .	6	2	1	79	2	8		4263	128	4391

#### RESUMO:

Escolas de séde para menores . . . . .	9
Escolas e cursos nocturnos de séde para menores . . . . .	81
Escolas e cursos nocturnos de bairro para maiores . . . . .	8
	98

**DAS ESCOLAS MUNICIPAES** Ainda não conseguimos, apesar dos nossos esforços, organizar a estatística completa das escolas municipaes.

Este anno, pelo quadro aedeante publicado, verifica-se que dos 188 municipios do Estado, só existem dados referentes a 57, cujas escolas foram em numero de 343, ao passo que, em 1916, eram em numero de 175.

As municipalidades despenderam, em 1916, com a sua manutenção 222:849\$000, ao passo que, em 1917, essa despeza attingiu a cifra de 612:299\$000.

As municipalidades podem e devem exercer grande influencia na dessiminação do ensino rural, assim como devem localizar as suas escolas nos bairros em que não haja escola official. A acção combinada do Estado e das municipalidades, já com relação ao programma de ensino, já com a escolha de professores e já com a localização das escolas municipaes, seria uma medida de alto alcance educativo.

No proximo Anuario, este assumpto será melhor estudado e talvez resolvido si as Camaras Municipaes se dispuzerem a prestar-lhe decidido apoio.

**Estatística das escolas municipaes do Estado, referente ao anno de 1917.**

N. de ordem	MUNICIPIOS	Masculinas	Femininas	Mixtas	TOTAL	MATRICULA			URBANAS	SUBURBANAS	Vencimentos dos Professores	Verba municipal para a instrução publica
						Masculino	Feminino	TOTAL				
1	Agudos (1)	1	..	..	1	25	..	25	..	1	720\$	1:920\$
2	Amparo	2	..	8	10	165	127	292	..	10	1:200\$	12:000\$
3	Avaré	1	..	..	1	51	15	66	..	1	..	2:400\$
4	Araraquara	6	1	5	12	311	167	478	..	12	1:200\$	20:400\$
5	Bebedouro	3	..	5	8	149	53	202	2	6	1:200\$	9:600\$
6	Brotas (2)	..	..	1	1	30	6	36	..	1	800\$	1:800\$
7	Botucatu	1	1	3	5	84	66	150	..	5	600\$ e 1:800\$	10:000\$
8	Bica de Pedra (3)	..	1	3	4	61	83	144	2	2	1:200\$	5:000\$
9	Bragança	5	..	2	7	191	43	234	..	7	900\$	7:200\$
10	Brodowski	1	..	..	1	25	..	25	..	1	2:400\$	2:400\$
11	Batataes (4)	5	..	..	5	105	..	105	..	5	1:200\$	6:000\$
12	Bôa Esperança (4)	1	1	..	2	32	29	61	..	2	1:200\$	2:400\$
13	Bariry	3	1	9	13	206	106	312	3	9	1:200\$	15:600\$
14	Barretos	11	4	1	16	306	143	449	..	16	..	35:000\$
15	Caconde	1	..	4	5	112	33	145	..	5	840\$	3:360\$
16	Cravinhos	..	..	1	1	16	20	36	..	1	1:440\$	1:440\$
17	Campinas	6	2	9	17	417	332	749	..	17	2:400\$	41:400\$
18	Campos N. de Paranap	1	..	..	1	58	..	58	..	1	720\$	..
19	Cajuru	2	1	1	4	64	45	109	..	4	960\$	3:840\$
20	Dous Corregos (5)	..	..	1	1	35	25	60	..	1	1:200\$	1:200\$
21	Descalvado	1	..	1	2	36	8	44	..	2	1:440\$	2:070\$
22	Itú	7	..	..	7	175	..	175	..	4	..	..
23	Itapolis	3	1	2	6	182	73	255	..	6	1:000\$	6:000\$
24	Jardinopolis	..	..	4	4	55	43	98	..	4	1:200\$	4:237\$
25	Lençoes	..	..	1	1	28	13	41	..	1	900\$	900\$
26	Lagoinha	1	..	..	1	13	..	13	..	1	200\$	200\$
27	Lorena	1	..	..	1	27	..	27	..	1	800\$	800\$
28	Mogy-Mirim	2	..	4	6	151	67	218	..	6	1:440\$	..
29	Monte Azul	1	1	2	4	102	116	218	..	4	2:400\$	9:600\$
30	Mocóca. (6)	..	..	2	2	46	22	68	..	2	1:200\$	2:440\$
31	Orlandia	7	3	1	11	265	125	390	..	11	1:200\$	19:530\$
32	Pitangueiras	1	3	2	6	90	158	248	..	6	1:440\$	8:640\$
33	Pindamonhangaba	..	..	3	3	48	31	79	..	3	1:000\$	3:000\$
34	Iguape	4	..	..	4	116	..	116	..	4	600\$	2:400\$
35	Ibitinga	1	..	2	3	75	22	97	..	3	1:200\$	3:600\$
36	Patr. de Sapucahy	1	1	..	2	25	25	50	..	2	1:100\$	2:200\$
37	Pirajuhy	2	..	1	3	103	2	105	..	3	1:200\$	3:600\$
38	Piracicaba	7	..	5	12	279	72	351	..	12	Diversos	22:200\$
39	Ribeirão Preto (7)	12	4	5	21	1000	510	1510	..	21	1:440\$	50:200\$
40	Rio Preto	..	..	1	1	15	14	29	..	1	720\$	720\$
41	Ribeirão Bonito	..	..	1	1	14	18	32	..	1	1:200\$	1:200\$

N. de ordem	MUNICIPIOS	Masculinas	Femininas	Mixtas	TOTAL	MATRICULA			URBANAS	SUBURBANAS	Vencimentos dos Professores	Verba municipal para a instrução publica
						Masculino	Feminino	TOTAL				
						42	Rio Claro (8)	2				
43	Santa Adelia	3	..	2	5	154	34	188	..	5	Diversos	6:200\$
44	Sertãozinho	..	..	8	8	80	70	150	..	8	Diversos	11:672\$
45	Silveiras	..	..	1	1	14	10	24	..	1	480\$	480\$
46	São Vicente	..	..	1	1	15	15	30	..	1	1:260\$	1:260\$
47	S. João da Bocaina (9)	1	..	3	4	91	55	146	..	4	1:200\$	4:800\$
48	S. Antonio da Alegria	1	..	..	1	32	..	37	..	1	1:200\$	1:200\$
49	S. Manuel	2	1	4	7	165	119	284	..	7	960\$	7:980\$
50	S. Simão	5	1	1	7	152	37	189	1	6	1:500\$	10:500\$
51	Sorocaba	7	1	3	11	244	228	472	..	11	1:200\$	13:200\$
52	S. João da Boa Vista	6	1	8	15	311	152	463	2	13	1:440\$	21:000\$
53	Santos	10	5	20	35	951	601	1552	3	37	2:360\$	165:040\$
54	Taubaté	10	..	2	12	248	34	282	..	12	840\$	10:080\$
55	Tieté	..	..	1	1	18	14	32	..	1	480\$	480\$
56	Taquaritinga	3	..	5	8	150	49	199	..	8	Diversos	10:140\$
57	Tambahú	..	..	1	1	14	8	22	..	1	1:200\$	1:200\$
		153	34	156	345	8258	4275	12533	..	328	..	612:299\$

RESUMO:

Alunos matriculados . . . . .	12.533
Numero de escolas . . . . .	343
Média de alumnos por escola . . . . .	33,6
Despezas dos municipios com a instrução publica . . . . .	612:299\$000

NOTA. — Dos 188 municipios só existem dados referentes a 57 municipios. 33 municipios officiarão informando que não mantem escolas municipaes.

- (1) Agudos mantem ainda uma escola de musica, vencendo o professor 1:200\$ por annó.
- (2) Brotas auxilia com 600\$ por anno a Creche D. Analia Franco.
- (3) Bica de Pedra subsidia com 600\$ por anno 4 professores com exercicio em escolas do Estado.
- (4) Batataes auxilia com 600\$ por anno 4 professores do Estado.
- (5) Dous Corregos auxilia com 1:200\$ a Creche D. Analia Franco.
- (6) Mocóca subvenciona 2 professores do Estado com 600\$ por anno.
- (7) Ribeirão Preto auxilia com 600\$ annuaes 5 professores do Estado.
- (8) Rio Claro está incluida aqui a estatistica das 4 classes do grupo escolar municipal.
- (9) S. João da Bocaina subvenciona diversos professores do Estado com 1:200\$ annuaes.

DAS ESCOLAS PARTICULARES

O ensino preliminar é tambem ministrado em escolas e collegios particulares, nacionaes e estrangeiros, subvencionados ou não pelo Governo.

O crescente desenvolvimento do ensino primario publico, assim como o preparo tecnico dos seus professores, tem obrigado os estabelecimentos particulares a melhorar as condições do seu ensino, não só em relação ás installações materiaes, como no tocante ao corpo docente; ha, porém, muitos desses estabelecimentos, tanto na Capital como no interior, cujas condições materiaes e pedagogicas não satisfazem, em absoluto, e que passo nenhum tem dado para se collocarem á altura de seus credits.

Já era tempo, em vista do progresso material do Estado, de que as suas escolas particulares, não só pelo numero, se não tambem pela qualidade, fizessem uma seria concorrência ás escolas publicas, com o que muito lucraria o povo paulista. Infelizmente, tal se não tem verificado, pois, com excepção de poucos estabelecimentos religiosos e algumas escolas estrangeiras, o ensino privado ainda está por organizar. Em 1916, foram registados na Directoria Geral 234 escolas particulares, e esse numero subiu a 557, devido aos esforços dos srs. inspectores.

Acreditamos que, dentro em breve, se fundarão associações propagadoras da instrucção, que terão o cuidado de organizar o ensino privado, em todos os seus diversos ramos, para satisfazerem assim ás necessidades das classes abastadas, e outras mais para a disseminação do ensino ás classes menos favorecidas da fortuna.

Toda e qualquer iniciativa, nesse sentido, deverá ser bem acolhida pelo Estado e amparada sob todos os pontos de vista, pois que constitue um estimulo para os nossos estabelecimentos publicos e um factor poderoso da diminuição do coefficiente de analphabetos.

E' verdade que o Estado não tem desamparado os institutos de ensino particular: — antes, os tem animado e protegido, já por meio de subvenções, concedidas pelo Congresso, já fornecendo-lhes material didactico, já fazendo funcionar dentro delles uma escola publica, cujos professores tem se encarregado de ministrar instrucção primaria aos alumnos.

Em 1910, no Anuario então publicado por esta Directoria, diziamos, á pag. 119, «que nos paise de regimen de-

mocratico, como o nosso, em que a estabilidade da ordem e a marcha do progresso dependem do espirito conscienciosamente esclarecido do povo; em que qualquer cidadão pode ser chamado a dirigir os destinos da União ou de uma unidade politica ou administrativa, não é licito ao Estado abandonar a direcção do ensino primario e deixar a missão difficilima de formar os seus cidadãos entregue ás incertezas do ensino particular remunerado. Eis por que nos parece um mal a ampla liberdade que se tem dado a qualquer individuo, nacional ou estrangeiro, de estabelecer escolas preliminares no Estado, sem que demonstre, por qualquer forma, possuir as qualidades e aptidões que todo o mestre deve ter. Se a qualquer individuo não é permittido o livre exercicio de certas profissões liberaes, como se pode permittir o livre exercicio do ensino? Não será um mal entregar-se uma geração de crianças a um professor inhabil, sem aptidão, sem competencia, sem qualidades de mestre? Dirão que, antigamente, se não exigiam do professor primario requisitos e aptidões espezias e que, entretanto, de suas modestissimas escolas saiam homens verdadeiramente notaveis pela virtude e pelo saber. Mas, enquanto era limitado o numero de intellectualidades que se elevava acima da mediocridade, quantas e quantas intelligencias não foram sacrificadas pelos absurdos processos de mestres atrasados ou rotineiros?».

A recente Lei n.º 1579, de 19 de Dezembro de 1917, virá, estamos certos, concorrer, efficazmente, para que o Estado possa tirar do ensino particular todo o proveito, todas as vantagens, afim de que se dissemine, o mais possivel, a instrucção. Melhorará, extraordinariamente, as condições das escolas particulares e garantirá a intervenção benefica da Directoria Geral da Instrucção Publica para que essas escolas, de braço dado com os estabelecimentos officiaes, possam attingir o mesmo fim, que é a nacionalização do ensino, a formação, em todas ellas, do cidadão brasileiro.

São em grande numero as escolas estrangeiras, principalmente italianas, que funcçionam no Estado. O seu corpo docente é estrangeiro; os seus livros e cadernos de exercicios escolares tratam de assumptos estranhos ao nosso meio; a decoraçào de suas paredes de aula, assim como os quadros que ornãm os seus corredores e salões de recepção, são todos calcados em motivos estrangeiros:— nada ali se vê de brasileiro. A lingua que se fala em aula e no recreio é a estrangeira, e — o que sempre acontece — o ensino da

lingua portugueza é entregue á direcção de um professor estrangeiro, que muito mal a fala e quasi sempre procura explicá-la na lingua da sua nacionalidade. Ha muitas dessas escolas que não possuem uma bandeira brasileira, um quadro de um vulto brasileiro notavel, nem motivos nacionaes que lembrem á infancia que ali se educa que ella se prepara para viver no Brasil e collaborar com os brasileiros na luta pela vida. A athmosphera que ali se respira é estrangeira; a criança que ali entra, embora nascida no Brasil, dali sae estrangeira no coração e no espirito. Houve em S. Paulo duas associações italianas, é certo — «La Federazione Delle Scuole Italiane» e «Unione Magistrale Italiana» — que conhecemos em 1910, e com cujos directores e professores fizemos boa camaradagem, associações essas que relevantes serviços prestaram ao ensino e ao Estado. Essas associações desappareceram.

No anno proximo, esta Directoria pretende visitar todos os estabelecimentos de ensino e pôr-se em relação directa com os seus directores e professores, dos quaes já tem recebido as mais inequivocas provas de apreço; e, confiante no desejo, já manifestado, de que todos elles estão dispostos a trabalhar de accôrdo com os interesses do Estado, prestar-lhes o mais decidido apoio, a mais franca collaboraçào, afim de que, das escolas estrangeiras, actualmente existentes, possa o Governo tirar todo o proveito.

Após a declaraçào de guerra do Brasil á Allemanha, em obediencia ás ordens do sr. Presidente da Republica, que mandou fechar as escolas estrangeiras que não ministrassem o ensino do portuguez, esta Directoria, em virtude de vossas determinações, e por intermedio dos srs. inspectores escolares verificou que das 37 escolas allemãs existentes no Estado, não ensinavam o portuguez a Escola de Flue, na colonia de Itaicy, municipio de Indayatuba, posto que subvencionada pelo Governo com 1:500\$000; a Escola Germania, no municipio de Monte-Mór; a Escola Allemã de Mato-Dentro, municipio de Indayatuba; a escola «Nova Berlim», no Campo de Experiencia, municipio de Campinas; a escola «Friburgo», na colonia Nova Friburgo, do mesmo municipio.

A Escola Allemã de Instrucção e Leitura, de Campinas, contava, para o ensino de portuguez, com o auxilio do professor publico da segunda escola masculina de séde no Bairro do Fundão, e a Escola Allemã do bairro dos Pires, em Limeira, tinha como professor de portuguez, geographia e historia do Brasil, o professor publico desse bairro. Era um

accôrdo que esta Directoria já tinha encontrado entre ellas e os professores dessas escolas para que não fosse installada a escola publica estadual nessas localidades e que seus professores ficassem encarregados do ensino do Português, da Geographia e da Historia do Brasil, em horas previamente determinadas.

Allegava-se para isto a falta de casas nesses lugares e a opposição que allemães ahi residentes faziam á criação da escola brasileira.

Não só determinámos a immediata abertura e installação definitiva da escola publica do bairro do Fundão, em Campinas, e da dos Pires, em Limeira, como o fechamento das outras.

O collegio S. Benedicto, do Amparo, dirigido por frades allemães, já o encontrou fechado o sr. inspector escolar, pelo inspector municipal, mas, examinando os cadernos escolares, verificou que os exercícos de ditado, em português, para os alumnos, eram sobre questões de guerra, de critica ao Brasil e aos actos dos nossos maiores estadistas, que faziam campanha contra a Allemanha e a favor dos aliados. Algumas escolas allemãs, em Santos, em S. Paulo e em Campinas, fecharam-se, espontaneamente. Sobre a escola allemã subvencionada da colonia de Itaicy, no municipio de Indayatuba, verificou o sr. Aristides Macedo, inspector escolar, examinando os alumnos, o seguinte:

a) que o ensino da lingua não é ministrado com pro-veito e efficiencia, por serem estrangeiras as duas professoras, Irmãs Ildefonsa Pfeiffer, allemã, e Leocadia Diethelm, suissa-allemã, da Congregação de Santa Catharina, que falam muito mal a lingua portuguesa, e por ser o ensino das disciplinas do programma feito em allemão;

b) que o ensino do allemão é obrigatorio como se deprehe de do horario, que é observado na escola;

c) que o ensino inicial da leitura é feito com intelli-gente esforço e methodo em lingua allemã, sendo absoluta e evidentemente simulado esse ensino da leitura em lingua portuguesa;

d) que são adoptados compendios, livros e mappas em lingua allemã;

e) que a leitura de um livrinho em português, editado em Petropolis, pelos professores da Escola S. José, que esta escola allemã adopta, é descurada;

f) que não ha trabalhos escriptos de linguagem, não lhe sendo apresentados trabalhos nesse sentido;

g) que os alumnos não sabem cantar os nossos princi-paes hymnos patrioticos — o nacional, o da bandeira e o da proclamação da Republica e—bem assim que, effectivamente, a educação civica e patriotica é tambem descurada;

h) que apenas quatro alumnos recebem ensino gratuito, sendo a escola dirigida por uma sociedade de suissos-allemães e de allemães.

Em vista do exposto e considerando que, no momento actual, novas condições se impõem ao ensino privado, maxime ao ensino privado subvencionado, cumprí o meu dever, man-dando fechar a referida escola allemã da Colonia de Itaicy, onde se ensina e se educa como na Allemanha ou na Suissa Allemã, de sorte que, como bem o disse o Exm.<sup>o</sup> Sr. Dr. Se-cretario do Interior, em seu notavel relatorio. «se tornam es-trangeiras as crianças genuinamente brasileiras, conservando-se estrangeiras as que de origem o são».

Assim, pois, sob o ponto de vista legal e patriotico, foi uma providencia essencial, necessaria, indispensavel, o fecha-mento dessa escola allemã.

Das escolas particulares que funcionaram no Estado, em 1917, 465 são brasileiras, com a matricula de 35.101 alumnos; 49 italianas, com a matricula de 6.882 alumnos; 37 allemãs com a matricula de 3.387 alumnos, 2 suissas, com 62 alu-mnos; 4 portuguesas com 304 alumnos; 3 francesas com 399 alumnos; 6 norte-americanas com 1.676 alumnos; 1 in-glesa com 185 alumnos. Funcionam, pois, no Estado, 567 escolas particulares com 47.987 alumnos. Dessas escolas 102 são estrangeiras.

Rematando esta exposição sobre estabelecimentos parti-culares, é de justiça destacar, dentre elles, as escolas «7 de Setembro», mantidas pela Loja Maçonica do mesmo nome, sob a intelligente e patrioca direcção do sr. Nelson Teixeira. Funcionam ellas com 1967 alumnos; são modeladas pelas escolas publicas do Estado e estão prestando um enorme serviço ás crianças paulistas, menos favorecidas da fortuna.

Do seu esforçado director, recebemos o relatorio se-guinte:

Illm.º Sr. Dr. Oscar Thompson,

M. D. Director Geral da Instrucção Publica do Estado de São Paulo. — S. Paulo.

Em obediencia a vossa determinação, venho expor a situação real das escolas «Sete de Setembro», com todos os seus detalhes.

Permitta-me que justifique, primeiramente, a demora em vos apresentar esta exposição, a qual foi motivada pela absoluta falta de tempo e aguardar a remessa dos mappas das escolas relativos ao mês de Dezembro, afim de poder fechar a estatistica correspondente ao anno de 1917.

Antes de me referir ao funcionamento das escolas, peço permissão para informar a origem de sua fundação e o desenvolvimento que tem tido nas duas phases que atravessam.

São ellas mantidas pela Grande e Benemerita Loj.: «Sete de Setembro», fundada no anno de 1862, por iniciativa de frei Vicente Ferreira Alves do Rosario, Vicente Mamede de Freitas, Francisco Rangel Pestana, Manuel Ferraz de Campos Salles, Francisco Quirino dos Santos, Lins de Vasconcellos, Pereira Coutinho e outros illustrados cidadãos.

Desde essa época, a Loj.: sempre collaborou nos factos que trouxeram a abolição e o novo advento politico de nossa Patria.

Refazendo-se da luta, muito influiu para o destaque politico de vultos como Campos Salles, Bernardino de Campos, Glycerio, etc., até que se collocou na reserva, cuidando sempre de soccorrer e amparar aos que lhe batem á porta.

Disposta sempre ao trabalho e ao sacrificio, criou em 1900 um pequeno externato, para o preparo de alumnos ás escolas superiores.

Mais tarde, remodelou a organização desse instituto de ensino, o qual recebeu o nome de «Escola Eduardo Vautier». Nessa escola leccionaram professores de reconhecida competencia, muito collaborando para a sua organização os drs. Carlos Reis, João Chrisostomo, Ramon Rocca e outros.

Por uma fatalidade inexplicavel, essa escola foi fechada, tendo sido antes confiada á direcção de um professor que não conseguiu corresponder ao limite da confiança de que era depositario.

Em 1909, liquidando-se uma pendencia sobre um pequeno terreno que possuia a Loj.:, cogitou-se do emprego desse capital, no valor de 8:000\$000, resolvendo-se, então, empregá-lo na diffusão do ensino, pelo que confiamos á d. Analia Franco, da Associação Beneficente e Instructiva, a direcção das primeiras escolas, as quaes foram installadas em diferentes bairros desta Capital.

Esgotada a verba de custeio e tornando-se dispendiosissima a manutenção dessas escolas, pela forma combinada com d. Analia—auxilio mensal de 100\$000 por aula, entenderam os membros dirigentes da Loj.: confiar-me a direcção das mesmas, dando-me absoluta autonomia, como já vinha tendo aquella illustre preceptora, e completa liberdade de acção e programma.

Com um esforço inaudito, após tremenda luta, não só pela escassez de recursos como por difficuldades mil que se apresentavam a todo o instante, consegui circunscrever a má situação e ir normalizando as finanças de modo que, em 1913, já obtinha um pequeno auxilio na Camara Estadual e Municipal e assim fui desenvolvendo o programma e o nosso objectivo até que, em 31 de Dezembro de 1917, frequentavam essas escolas, em numero de 20, com 66 aulas, 1.967 alumnos, conforme o quadro seguinte:

Diurnos, 1.693. Nocturnos, 274.  
 Maiores de 12 annos — 402.  
 Menores de 12 annos — 1.565.  
 Sexo Masculino — 1.061.  
 Sexo feminino — 906.

Os 1.967 alumnos eram naturaes do:

Brasil . . . . .	1.710	87 ½ %
Italia . . . . .	101	5 %
Portugal . . . . .	95	5 %
Hespanha . . . . .	51	2 ½ %
Argentina . . . . .	6	
Japão . . . . .	2	
Allemanha . . . . .	2	

Naturalidade dos pae:

Italia . . . . .	1057	53 ½ %
Portugal . . . . .	330	16 ½ %
Brasil . . . . .	315	16 %
Hespanha . . . . .	198	10 %
Syria . . . . .	40	2 ½ %
Allemanha. . . . .	10	½ %
Belgica. . . . .	4	
Argentina. . . . .	6	
Austria . . . . .	3	
França . . . . .	2	
Japão . . . . .	2	

Profissão dos paes:

Operarios . . . . .	953	48 ½ %
Empregados . . . . .	461	23 ½ %
Pequenos negociantes	315	18 ½ %
Militares . . . . .	105	5 ½ %
Outros. . . . .	133	

O movimento escolar, desde o inicio—1910 até 1917—foi o seguinte:

Anno	N. de escolas	N. de alumnos em 31 de Dezembro	Matriculados durante o anno
1910	5	240	398
1911	8	230	385
1912	6	220	390
1913	5	398	660
1914	7	645	846
1915	8	752	1212
1916	10	980	1840
1917	20	1967	2220

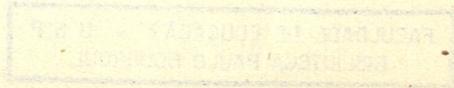
Pelo quadro seguinte se verifica a localização que tem tido as escolas:

BAIRROS	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917
Braz . . . . .	1	1	1	1	2	1	1	2
Consolação . . . . .	1	1	1	—	—	1	—	1
Bom Retiro . . . . .	3	2	1	2	2	2	2	2
Liberdade . . . . .	4	3	2	—	—	—	—	—
Barra Funda . . . . .	1	1	1	—	—	—	—	1
Moóca . . . . .	—	—	—	1	1	1	1	1
Bella Vista . . . . .	—	—	—	1	1	1	1	1
Cambucy. . . . .	—	—	—	—	—	—	1	1
Gloria. . . . .	—	—	—	—	—	—	1	1
Belemsinho . . . . .	—	—	—	—	1	2	1	1
Luz . . . . .	—	—	—	—	—	—	1	2
Sé . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	1
Belem. . . . .	—	—	—	—	—	—	1	1
Agua Raza . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	1
Carandirú . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	1
Canindé . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	2
Ponte Grande . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	1
Total . . . . .	10	8	6	5	7	8	10	20

Pela demonstração seguinte, se vê o numero de aulas, relativas a essas escolas, correspondendo a cada aula uma professora:

1910	aulas 10	10 professoras e 2 inspectoras
1911	» 8	8 » 1 »
1912	» 6	6 » 1 »
1913	» 5	5 » 1 »
1914	» 12	12 » 2 »
1915	» 20	20 » 1 »
1916	» 40	40 » Nihil
1917	» 66	66 » Nihil

Tendo em 1913 instituido o ensino de educação phisica e militar para os alumnos de todas as classes, o Sr. General Inspector da Região Militar mandou fornecer 1 instructor, que muito bom serviço prestou, fazendo despertar nas crianças um indescriptivel enthusiasmo, pelo quê organizamos um batalhão escolar. Em 1915, tendo augmentado o trabalho de instrucção, foram destacados 2 sargentos do Exercito para esse fim. Em fins de 1915, a instrucção militar passou a ser ministrada por instructores especiaes da Força Publica do Estado, elevando-se o numero de monitores a 3 e 1 official



em 1916, e a 6 munitores e 1 sargento em 1917, o que patenteia, sufficientemente, a acceitação, por parte dos alumnos e a vontade soffrega de conhecer a arte de defesa da Patria, nesses primeiros passos.

Tendo demonstrado a localização das escolas, preciso se torna que indique a rua e numero onde se acham as mesmas installadas, bem assim o periodo em que funcçionam, com a indicação do nome da professora directora.

ESCOLAS

- 1.<sup>a</sup> Escola Mixta Reunida — R. Bueno de Andrade, 134 — 8 ás 12—12 1/2 ás 16 1/2 e 19 ás 21. D. Ada Roca.
- 2.<sup>a</sup> Escola Mixta — Rua dos Estudantes, 98 — 11 ás 16 1/2 e 19 ás 21 horas. D. Antonia dos Santos.
- 3.<sup>a</sup> Escola Mixta-Reunida—Moóca, 218—8 ás 12, 12 1/2 ás 16 1/2, 19 ás 21 horas. D. Elisabeth Costa.
- 4.<sup>a</sup> Escola Mixta-Reunida—Rua Graça, 89—8 ás 12, 12 1/2 ás 16 1/2, 19 ás 21 horas. D. Maria M. Oliveira.
- 5.<sup>a</sup> Escola Mixta-Reunida — Av. Tamanduatehy, 183 — 8 ás 12, 12 1/2 ás 16 1/2, 19 ás 21 horas. D. Laura Machado.
- 6.<sup>a</sup> Escola Mixta—R. D. Antonio Mello. 47 — 11 ás 16. D. Martha Couto.
- 7.<sup>a</sup> Escola Mixta-Reunida—Rua Mamoré, 55—8 ás 12, 12 1/2 ás 16 1/2, 19 ás 21 horas. D. Isaura Claro.
- 8.<sup>a</sup> Escola Mixta-Reunida—Rua Cantareira, 59—8 ás 12, 12 1/2 ás 16 1/2. D. Cesarina Materan.
- 14.<sup>a</sup> Escola Mixta-Reunida—Av. Tiradentes, 204—8 ás 12, 12 1/2 ás 16 1/2, 19 ás 21 horas. D. Dulce M. Campos.
- 15.<sup>a</sup> Escola Mixta—Rua Dr. Albuquerque Lins, 52—11 ás 16 horas. D. Alice Assumpção.
- 16.<sup>a</sup> Escola Mixta — Agua Raza — 11 ás 16 horas, 19 ás 21 horas. D. America Belfort.
- 17.<sup>a</sup> Escola Mixta-Reunida — R. Odette Sá Barboza, 9 — 8 ás 12, 12 1/2 ás 16 1/2, 19 ás 21 horas. D. Mariana Sousa.
- 18.<sup>a</sup> Escola Mixta — Caminho do Carandirú—11 ás 16 horas. D. Noemia Carvalho.

- 19.<sup>a</sup> Escola Mixta—Rua Maria Marcolina, 39—11 ás 16, 19 ás 21 horas. D. Olga Azevedo.
- 20.<sup>a</sup> Escola Mixta—Rua Augusta, 401—11 ás 16, 19 ás 21 horas. D. Maria E. Farinas.

GRUPOS

- 1.<sup>o</sup> Grupo Escolar — Rua Gazometro, 130—8 ás 12, 11 ás 16, 12 1/2 ás 16 1/2, 19 ás 21 horas. D. Etelvina Marcondes de Mattos.
- 2.<sup>o</sup> Grupo Escolar—Rua Vicente de Carvalho, 15 — 11 ás 16, 19 ás 21 horas. D. Maria José de Barros.
- 3.<sup>o</sup> Grupo Escolar — Avenida Celso Garcia, 131— 11 ás 16, 19 ás 21 horas. D. Antonieta Penteado Borba.
- 4.<sup>o</sup> Grupo Escolar—Rua Santo Antonio, 152—11 ás 16, 19 ás 21 horas. D. Floripes Ferreira.
- 5.<sup>o</sup> Grupo Escolar—Rua Dr. Clementino, 87—11 ás 16, 19 ás 21 horas. D. Braulia Belfort.

Em todas essas escolas funcçionam 47 aulas diurnas e 19 nocturnas, sendo 10 aulas diurnas no 1.<sup>o</sup> periodo e 37 no 2.<sup>o</sup> periodo.

O numero de analphabetos regula de 75 a 80 %<sub>o</sub>, na matricula.

A lotação de alumnos, em cada uma dessas escolas, era a seguinte:

Escola	Diurnos e	Noct.	Total	alumnos
1. <sup>a</sup> Escola	86	22	108	108 alumnos
2. <sup>a</sup> »	44	10	54	»
3. <sup>a</sup> »	88	45	133	»
4. <sup>a</sup> »	115	17	132	»
5. <sup>a</sup> »	82	8	90	»
6. <sup>a</sup> »	48	—	48	»
7. <sup>a</sup> »	89	23	112	»
8. <sup>a</sup> »	69	—	69	»
14. <sup>a</sup> »	73	21	94	»
15. <sup>a</sup> »	42	—	42	»
16. <sup>a</sup> »	15	5	20	»
17. <sup>a</sup> »	60	6	66	»
18. <sup>a</sup> »	33	—	33	»
19. <sup>a</sup> »	40	—	40	»

20. <sup>a</sup> Escola	35	Diurnas e	5	Noct.	—	Total	40	alunos
1. <sup>o</sup> Grupo	314	»	49	»	»	»	363	»
2. <sup>o</sup> »	124	»	22	»	»	»	146	»
3. <sup>o</sup> »	160	»	32	»	»	»	192	»
4. <sup>o</sup> »	90	»	8	»	»	»	98	»
5. <sup>o</sup> »	75	»	12	»	»	»	107	»
Total 1693		274		1967				

Os recursos em auxilios orçamentarios teem sido o seguinte:

Anno	SUBVENÇÃO MUNICIPAL	SUBVENÇÃO ESTADUAL	TOTAL
1910	Nihil	Nihil	—
1911	—	1:500\$000	1:500\$000
1912	—	3:000\$000	3:000\$000
1913	1:500\$000	5:000\$000	6:500\$000
1914	3:000\$000	7:000\$000	10:000\$000
1915	5:000\$000	Nihil	5:000\$000
1916	8:000\$000	6:000\$000	14:000\$000
1917	15:000\$000	6:000\$000	21:000\$000

Como se vê, em 1915, ficamos privados da subvenção ESTADUAL que nos vinha sendo concedida, a qual foi restabelecida no anno de 1916, porém, de 7:000\$000 para 6:000\$000, cuja reducção se mantem até o proximo exercicio de 1918, pois, continúa a ser essa a verba votada pela Camara Estadual. Cumpre ainda notar que, da subvenção de 7:000\$000 do anno de 1914 só conseguimos receber a metade, isto é, 3:500\$000.

A verba que nos onera é a de alugueis de casa. Toda nossa economia e sacrificio são consumidos nos alugueis de casas, como se avaliará pela demonstração a seguir:

1910	4:400\$000
1911	6:000\$000
1912	8:000\$000
1913	7:500\$000
1914	8:200\$000

1915	9:200\$000
1916	14:500\$000
1917	20:460\$000

Os alugueis correspondem aos seguintes pagamentos:

1. <sup>a</sup> Escola	45\$000	—	Auxilio para a casa
2. <sup>a</sup> »	30\$000	—	» » » »
3. <sup>a</sup> »	80\$000	—	Aluguel
4. <sup>a</sup> »	80\$000	—	»
5. <sup>a</sup> »	30\$000	—	Auxilio para a casa
6. <sup>a</sup> »	30\$000	—	» » » »
7. <sup>a</sup> »	70\$000	—	Aluguel
8. <sup>a</sup> »	50\$000	—	Auxilio para a casa
14. <sup>a</sup> »	30\$000	—	» » » »
15. <sup>a</sup> »	30\$000	—	» » » »
16. <sup>a</sup> »	20\$000	—	» » » »
17. <sup>a</sup> »	30\$000	—	» » » »
18. <sup>a</sup> »	20\$000	—	» » » »
19. <sup>a</sup> »	25\$000	—	» » » »
20. <sup>a</sup> »	25\$000	—	» » » »
1. <sup>o</sup> Grupo	300\$000	—	Aluguel
2. <sup>o</sup> »	150\$000	—	»
3. <sup>o</sup> »	250\$000	—	»
4. <sup>o</sup> »	220\$000	—	»
5. <sup>o</sup> »	180\$000	—	»

Total dos alugueis mensaes, Rs. 1:705\$000.

Total dos alugueis annuaes, Rs. 20:460\$000.

Com o pagamento de agua e luz, concertos e reparos, conservação dos edificios, etc., fica a verba que recebemos de subvenção completamente absorvida.

Gozamos de grande reducção nos preços de material de consumo, porém, mesmo assim, é grande a nossa despesa com livros, lapis, cadernos e outros artigos de consumo diario, pois, fornecemos aos alumnos todo o material necessario ao ensino, nunca é inferior a 1:500\$000 mensaes.

Cumpre ponderar que não computamos na despesa do abastecimento das escolas, material que recebemos como offertas.

Para melhor apreciação da organização mantida nessas escolas, peço licença para juntar um exemplar de cada impresso e formulas adoptadas.

Junto tambem alguns exemplares de photographias, pelas quaes se poderá conhecer do vulto das festividades publicas que são promovidas pelas escolas, para commemoração das datas Nacionaes.

Como já referi, em 1913 foi iniciado o ensino de educação physica e militar por instructores do exercito, passando para a Força Publica em 1916, o que muito tem concorrido para o desenvolvimento physico dos alumnos, visto como elles se exercitam na gymnastica suecca, observando a escala gradativa do desenvolvimento muscular.

Para formação do conjuncto entre as escolas, se effectuam exercicios geraes e parciaes. Os exercicios geraes teem lugar — o 1.º, no 2.º Domingo de cada mês, na varzea do Carmo, para as escolas de uma zona e, o 2.º exercicio, no 4.º Domingo de cada mês, no Campo de exercicios da Força Publica, situado no Canindé.

Tambem os meninos se exercitam na Escola de Educação Physica da Força, nas manhãs dos 1.º e 3.º Domingos, onde adquirem notavel proveito.

Attendendo á pobreza dos alumnos, a escola fornece botões, perneiras, divisas, distinctivos, alamares, etc., gratuitamente, sendo que bom numero de fardamentos são confeccionados pelas proprias professoras e pessoas de casa, comprando o alumno, apenas, a fazenda, não dispendendo mais que uns 5\$ ou 6\$000, conforme a qualidade do panno.

O uniforme adoptado é o collegial, branco.

Além dos exercicios militares, instituimos o foot-ball, constituindo um ou mais «teams» em cada escola.

Por falta de recursos não conseguimos ainda organização perfeita nesse desporto de salutar effeito; entretanto, no proximo anno contamos poder concorrer á liga infantil.

Cada escola tem as suas côres, para o uniforme desportivo, de modo que uma se distingue perfeitamente da outra.

Relatada com minuciosidade e franqueza toda a nossa vida nesse labutar pela instrucção, passo a vos informar os meios que emprego para a fiscalização das escolas, uma vez que sou só e tambem tenho horas para o meu trabalho, visto que, como director geral que sou dessas escolas, *nenhuma remuneração* percebo, nem pretendo perceber.

Cada escola tem uma professora responsavel que recebe o titulo de Directora, a qual fiscaliza as demais auxiliares, tornando-se responsavel por qualquer consequencia de falta que não seja trazida ao meu conhecimento, no devido tempo.

Além da Directora, mantenho um circulo de fiscalização toda pessoal, que me habilite a saber da menor occorrença ou anomalia que se der na escola ou que com ella se relacione.

Quasi sempre, antes da Directora telephonar-me ou fallar-me pessoalmente, para communicar-me qualquer factó, já estou inteirado, mais ou menos, pelos meus agentes informantes.

Assim, pois, nenhum factó me poderá ser occultado.

Felizmente, até aqui, nenhum acontecimento de importancia tem havido.

Cumpra ponderar que nunca agi deante de informações anonymas, quasi sempre todas maldosas e que visam deslocar espiritos; entretanto, qualquer que ella seja, investigo e syndico primeiramente de um modo indirecto e sem provocar susceptibilidades ou demonstrar suspeitas.

Quanto ao programma do ensino que ministramos, é o mesmo adoptado nas escolas do Estado, com regras mais intuitivas e praticas.

A affluencia de alumnos nos primeiros e segundos annos demonstra que os paes, em sua maioria homens de trabalho e que tambem necessitam do concurso dos filhos para sustento da casa, mandam o filho á escola apenas para aprender ligeiramente a ler e contar, retirando-o logo que possam ajudá-lo no commercio ou nas fabricas. Esse factó, força quasi sempre a professora a desprezar as regras theoricas para empregar a pratica e a intuição. As aulas nocturnas são frequentadas por moças e rapazes de fabricas e officinas, que entram para a escola completamente analphabetos. Conforme a vontade e o esforço de cada um, dentro de 5 ou 6 meses,

não existe da primeira turma 1/3 dos alumnos que atravessem na escola esse tempo. Aprendem o necessario e abandonam logo a escola, do modo mais ingrato possivel.

Depois de uma longa observação e experiencia, conclui por adoptar nas aulas nocturnas o trabalho manual, para as moças, de preferencia confecções brancas, bordados, etc. Com isso, tenho conseguido prendê-los por mais tempo e obter outro desenvolvimento nos estudos.

---

Relativamente ás condições exigidas para a acceitação de professoras, tenho por norma o seguinte: 1.º—ser professora diplomada, por qualquer escola. 2.º—ter provado sua competencia em substituições de escolas do Governo. 3.º—fazer a necessaria pratica em Grupo Escolar do Estado, de modo a compreender e poder interpretar o programma de ensino. 4.º—trazer apresentação de pessoa idonea.

Tem preferencia—as solteiras, e orphans e as mais necessitadas.

---

O fornecimento de material para o abastecimento da escola é feito por meu intermedio e mediante pedido feito mensalmente pela professora, nos ultimos dias do mês.

Como medida economica, não formo «stock»: adquiero o sufficiente e em partidas necessarias, pelos preços mais em conta, em forma de concorrência. Compramos em quasi todas as casas desta praça onde o credito nos é facilitado, pagando as facturas mensalmente.

---

Com os elementos que venho offerecer á vossa apreciação e estudo, em relação as escolas «SETE DE SETEMBRO», penso ter satisfeito aos intuitos de vossas ordens, restando poder merecer a vossa attenção para esses estabelecimentos de ensino que, conforme acima parece demonstrado, prestam, algum serviço á população pobre desta capital, sem grande incommodo ao benemerito Governo do Estado.

Se da vossa bondade e patriotismo nascer o desejo de auxiliá-las e desenvolvê-las, comprometto-me a corresponder ás vossas ordens, abrindo e augmentando tantas escolas quantas sejam necessarias para exterminar o alphabetismo, neste cir-

culo em que gravitamos, bastando vossa determinação para o fornecimento do material preciso para a installação das mesmas.

Com o vosso programma de annexação das escolas isoladas aos Grupos, poderia installar no mesmo local uma das nossas escolas, aproveitando o material recolhido, uma vez convenientemente reparado. Assim, o Estado e a Instrucção lucrariam pela parte economica e pratica, aproveitando tambem a população e livrando-a da especulação estrangeira que muito tem explorado e mercantilizado o ensino primario, com grave prejuizo para nossa Patria, deturpando o nosso idioma.

E, com os protestos de meu respeito, estima e consideração, aguardo vossas ordens, certo de haver cumprido o meu dever.

Saudações

NELSON TEIXEIRA,

*Director-Geral.*

## ENSINO PARTICULAR

N. de ordem	ESTABELECEMENTOS	LOCALIZAÇÃO
2	Instituto D. Anna Rosa	» Vergueiro, 341
3	Instituto Livre de Commercio	» 15 de Novembro, 27
4	Escola Parochial	» Frei Caneca, 172
5	» Part. Mixta S. José	» Salette, 34
6	Externato S. Geraldo	» das Palmeiras, 201
7	Escola Particular Mixta	» Joaquim Carlos, 150
8	Collegio S. Vicente de Paulo	Largo da Matriz (Penha)
9	Escola Particular Masculina	Rua Cesario Alvim, 45
10	» de Cont. de Carv.º	» Carlos Gomes, 54
11	Externato Santa Maria	» » 6
12	Escola Particular Masculina	» Mendes Gonçalves, 4
13	» » Mixta	» Barão de Jaguará, 9
14	» » »	» João Boemer, 162
15	» » »	» 21 de Abril, 77
16	» » »	» General Flores, 30
17	» » »	» Real, 2
18	Curso de Preparatorios do Oriente	» Mendes Junior, 24
19	Escola Nocturna do Oriente	» » »
20	» Mixta Helena Cairolli	» S. João, 401
21	» » » (C. not.)	» » »
22	Instituto Italo-Brasileiro	Lad. de Sta. Ephigenia, 29
23	Escola Masc. Particular	Rua Carlos de Campos, 22
24	» Mixta	» Almirante Barroso, 49
25	» Nocturna	» Silva Bueno, 50
26	Instituto Livre de Commercio	Largo do Carmo, 1
27	Escola Particular Mixta	Rua João Boemer, 300
28	» » »	» 21 de Abril, 262
29	» » Masc. Noct.	» da Alegria, 21
30	» » Mixta	» D. Anna Nery, 86
31	» » Nocturna	» Sorocabanos, 150
32	» Mixta Sta. Lidia	» Cel. Seabra, 42
33	» » »	» Nova de S. José, 67
34	Escola Particular	Rua Müller, 203
35	» » »	» Marcial, 12
36	» » Mixta	» 21 de Abril, 195
37	Aula de Preparatorios	» S. Joaquim, 82
38	Collegio Evangelico	» V. de Ouro Preto, 32
39	Externato São Lazaro	Estação do Guapira
40	Escola Particular Mixta	Rua Silva Telles, 122
41	» Mixta Prosperidade	» Canindé, 130

## DA CAPITAL

Alumnos matriculados					N. de professores	SUBVENÇÃO	
Curso Primario	Curso Secundário	Curso Profissional	Curso Superior	TOTAL		Municipal	Estadual
125	5	20	..	150	7		
84	..	84	..	168	10		
..	..	293	..	293	7		
75	..	..	..	75	3	1:000\$000	
74	..	..	..	74	3		
33	..	1	..	34	3		
29	..	..	..	29	1		
133	..	..	..	133	4		
22	..	..	..	22	1		
..	..	93	..	73	5		
40	..	..	..	40	1		
70	8	..	..	78	2		
34	..	..	..	34	1		
50	..	..	..	50	2		
82	..	..	..	82	2		
45	..	..	..	45	1		
10	..	..	..	10	1		
8	..	..	..	8	1		
22	..	..	..	22	2		
38	21	..	32	91	3		
..	..	19	..	19	1		
100	..	..	..	100	3		
30	..	..	..	30	1		
34	..	..	..	34	1		
35	..	..	..	35	2		
35	..	..	..	35	5		
31	..	..	..	31	1		
15	..	..	..	15	1		
20	..	..	..	20	1		
39	..	..	..	39	1		
61	..	..	..	61	2		
25	..	..	..	25	1		
60	..	..	..	60	1		
108	..	..	..	108	1		
46	39	..	..	85	2		
19	..	..	..	19	1		
..	14	..	..	14	1		
31	34	..	3	68	7		
77	..	..	..	77	..		
12	..	..	..	12	1		
40	..	..	..	40	1		

N. de ordem	ESTABELECIMENTOS	LOCALIZAÇÃO
43	»	» 21 de Abril, 277.
44	» (Nocturna)	» » »
45	Externato Ivancko	Largo da Liberdade
46	Escola Mixta S. João Baptista	Avenida Celso Garcia, 153.
47	» Rainha Margarida	Rua Solon, 50.
48	Externato Patrocinio de S. José.	Alameda dos Andradas, 45 e 47.
49	Escola Mixta Italia	Rua da Alfandega, 52
50	» Particular	» Gabriel Dias, 18
51	» Diurna Italiana.	» Carlos Vicari, 62
52	» Mixta Particular	» Almirante Barroso, 152
53	» »	» Ipanema
54	» » (Nocturna)	» » 18
55	» Santo Alberto	Largo do Carmo, 1
56	» » (Nocturna)	» » »
57	» Mixta Particular	Rua João Boemer, 114.
58	» Feminina Particular	» Cajuru.
59	Collegio Sant'Anna.	» Voluntarios da Patria, 418.
60	Escola Mixta Particular	» Visc. de Parnahyba, 587.
61	» »	» Dr. Eduardo Chaves, 44.
62	» » Rainha Margarida	» Umberto Primo, 107
63	» » Particular	» Barão da Laguna, 47 A.
64	» »	» Maria Marcolina 61
65	» » (Nocturna)	» » »
66	» Masculina Italiana	Trav. da Intendencia, 5.
67	Externato São José.	Rua da Gloria, 41
68	Associação Escola Allemã	» Olinda, 46
69	Sagrado Coração de Jesus	» Consolação, 30
70	Collegio das Agostinianas	» Caio Prado
71	Externato Normal	» Amaral Gurgel, 22.
72	Escola Civica Infantil	» S. Antonio, 45
73	» Luis Setembrino	» » 206.
74	» 1.º de Maio	» Major Diogo, 88.
75	Instituto Brasil	» Consolação, 73
76	Gymnasio de S. Bento.	Largo de S. Bento
77	» Lusitano.	Rua 13 de Maio, 162.
78	Collegio Santo Adalberto	» Cons. Chrispiniano, 11
79	Jardim da Infancia (Annexo).	» » »
80	Gymnasio Oswaldo Cruz	Praça da Republica
81	Collegio Italo-Brasileiro	Rua Marquez de Itú, 45
82	Collegio Mackenzie.	» Maria Antonia
83	Instituto S. Miguel	» Florencio de Abreu, 22
84	» Eduardo Prado	» » »
85	Collegio Americano	» S. João, 187

Alunos matriculados					N. de professores	SUBVENÇÃO	
Curso Primario	Curso Secundario	Curso Profissional	Curso Superior	TOTAL		Municipal	Estadual
45	..	..	..	45	2		
45	..	..	..	45	1		
25	..	..	..	25	1		
25	12	..	..	37	6		
183	..	..	..	183	3		
42	..	..	..	42	1		
400	..	..	..	400	8		
65	..	..	..	65	1		
35	..	..	..	35	1		
110	..	..	..	110	3		
68	..	..	..	68	1		
72	..	..	..	72	2		
18	..	..	..	18	2		
151	..	..	..	151	4		
133	..	..	..	133	4		
20	..	..	..	20	1		
30	30	..	..	60	1		
130	30	..	..	160	17		
25	..	..	..	25	1		
24	..	..	..	24	1		
30	..	..	..	30	2		
39	7	..	..	46	1		
52	..	..	..	52	1		
15	..	..	..	15	1		
15	..	..	..	15	1		
791	66	23	38	918	32		
173	120	..	..	293	11		
120	70	..	..	190	12		
95	25	..	..	120	12		
..	36	..	..	36	3		
33	..	..	..	37	2		
47	..	..	..	47	2		
63	..	..	..	63	3		
10	15	10	..	35	6		
200	375	..	..	575	29		
38	112	..	..	150	12		
475	..	..	..	475	9		
53	..	..	..	53	..		
..	..	108	..	108	11		
40	..	..	..	40	1		
..	243	128	85	456	32		
205	..	..	..	205	4		
75	..	..	..	75	3		
158	363	..	456	977	57		